

b

louisa e. rhine

***canais ocultos
do espirito***



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Louisa Ella Rhine

Canais Ocultos do Espírito

Prefácio

Joseph Banks Rhine

Título do original ingles

Hidden Channels of The Mind

Conteúdo resumido

O ilustre casal de biólogos Dra. Louisa Ella Rhine e seu marido Dr. Joseph Banks Rhine realizaram uma coleta de casos espontâneos (PES) Percepção Extra Sensorial nas quais incluem a percepção de eventos que ocorrem em outros lugares (clarividência, clariaudiência, etc.) a capacidade de sentir e se comunicar com pessoas que estão em lugares distantes (telepatia), a regressão de memória ou regressão a vidas passadas (retrocognição), a sobrevivência do espírito e sua inter-relação com os vivos (mediunidade).

Sumário

Prefácio por J.B.Rhine

1. Além dos sentidos / **07**
2. Tipos de percepção extra-sensorial / **18**
 - De outros espíritos
 - De objetos sem espírito
 - Do futuro
3. Formas da experiência de PES / **43**
 - Realista
 - Não-realista
 - Alucinatórias
 - Intuitiva
4. Dificuldade de reconhecimento / **72**
5. Espaço e tempo em experiência de PES / **94**
 - Espaço
 - Tempo
6. Alcance do tema / **119**
7. Homens, mulheres e PES / **135**
 - Homens em comparação a mulheres em experiências de laboratório
8. PES na infância e na velhice / **152**
 - Na criança
 - Na velhice
9. PES e paz de espírito / **170**
10. O cunho da personalidade / **182**
11. Será possível evitar perigo pré-conhecido? / **200**
 - Calamidades previstas evitadas
 - Perigos previstos, não evitados

- Variações sobre o tema
12. O problema do controle / 218
 13. O impasse da telepatia / 234
 14. Efeitos físicos enigmáticos / 247
 - Dos moribundos
 - Por parte dos mortos
 - Por parte dos vivos
 15. Comunicações do além? / 265
 16. A perspectiva mais ampla / 292

Prefácio por J. B. Rhine

Este livro é oportuno. Precisa dele o novo estudo do homem que se chama parapsicologia - e neste momento mesmo. A parapsicologia é um ramo da ciência que trata de uma série de aptidões mentais, chamadas comumente “psíquicas”, mais bem conhecidas pela preocupação com a percepção extra-sensorial, ou PES. A pesquisa em PES tem prosseguido firmemente, especialmente durante os últimos vinte e cinco anos, e, apesar das inúmeras dificuldades e do pequeno número de pesquisadores, realizaram-se certas descobertas revolucionárias.

Por que revolucionárias? Porque mostram que o homem não é tão simples como dizem os manuais. Para possuir uma faculdade como PES deve ser muito mais complicado, vivendo em universo muito mais complexo do que a ciência convencional tem afirmado. Tal complexidade indica que ainda resta a descobrir muito mais a respeito dele. Alargou-se enormemente a brecha entre o homem e o "cérebro eletrônico".

As descobertas, quando verdadeiramente novas, não têm pronta aceitação; derrubam número enorme de velhos hábitos e teorias. E o que faz a prova a favor de PES. Conforme explica Arthur Koestler em *The Sleepwalkers* contraria teorias científicas correntes relativas

ao homem; teorias essas que o interpretam em termos de processos puramente físicos ou químicos (ou mecanicistas). Os fatos relativos a PES não se ajustam à teoria física do homem e os que se apegam a ela rejeitam provavelmente a princípio os fatos perturbadores. Com o tempo, fatalmente, os fatos triunfarão sendo rejeitada qualquer teoria em conflito; mas será necessário tempo, muito tempo.

Qual o papel deste livro? Deve encurtar esse tempo. Torna claro ao leitor o assunto inteiro apresentando-o em termos de experiência humana real. Verdade é que, conforme se afirma repetidamente aqui, tais experiências não proporcionam prova final a favor da ocorrência de PES - essa provém da pesquisa de laboratório a que conduziram. As experiências constantes deste livro tornam os dados do laboratório mais compreensíveis, demonstrando-os, por assim dizer, em ação e em vida. Para muitos, tal demonstração torna mais convincente a prova científica. O conhecimento deste material espontâneo contribuirá para atribuir significação mais vasta e mais rica às descobertas que aí se descrevem.

Este livro é oportuno por outro motivo. No campo da pesquisa a necessidade de novos vislumbres, novas inspirações é constante. A observação renovada dessas ocorrências naturais sugerirá talvez novas diretrizes para a atividade pesquisadora e melhores maneiras de utilizá-las. Embora já esteja bem familiarizado com o campo de pesquisa, o espírito investigador é capaz de descobrir-lhe novos aspectos examinando a atuação espontânea das aptidões que deram origem a tais casos. A parapsicologia precisa particularmente dessas sugestões nos dias de hoje, para atacar o estudo das fases mais difíceis que agora alcançou.

Não foi escrito, porém, originariamente, para pesquisadores. Destina-se, ao invés, aos milhares incontáveis de pessoas que passaram por experiências parapsíquicas (ou psíquicas). Há muito formularam perguntas para as quais não encontraram respostas. Aqui se responde a muitas perguntas dessa natureza até o ponto em que o

progresso do conhecimento o permite, visto ninguém se ter dedicado aos estudos dessas experiências com mais afincamento que a autora.

Esta questão de oportunidade tem ainda outro aspecto. A própria conveniência dos estudos de casos neste campo dependeu dos resultados do trabalho experimental. Dificilmente algum cientista poderia ter apresentado um livro destes muito antes desta ocasião. Conforme a autora assinala, teve de aguardar certo estágio de desenvolvimento da pesquisa de PES. Conforme sabem os que estão familiarizados com a natureza, extensão e processos de pesquisa utilizados por toda parte no mundo, realizou-se real progresso. Agora que se demonstrou ser um fato a ocorrência de PES, não é somente acertado mas altamente conveniente voltar a essas ocorrências espontâneas para novos indícios orientadores quanto à natureza da aptidão e à maneira por que atua.

Desperdiçou-se durante os séculos o acúmulo rico e pouco explorado de fenômenos naturais visto não se encontrar na ciência lugar em que se os guardasse, processasse e utilizasse. É preciso não deixá-lo mais entregue aos registros inacessíveis da memória individual, aos arquivos de família e seleções literárias ocasionais. A espécie de coleção que a autora realizou no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke contribuirá para assegurar renovado respeito por experiências dessa natureza, estimulando o registro de matéria-prima ainda mais preciosa para estudo científico.

Como observação final, direi que quase nenhuma outra pessoa poderia ter escrito este livro. Estou certo que poucas pessoas estariam dispostas a dedicar longos anos de labor paciente como a autora ao estudo originário e às classificações que resultaram de milhares de relatórios de casos que formam a pesquisa indispensável a esta apresentação. Além disso, a tarefa de converter as descobertas da pesquisa em forma suficientemente legível para o público em geral teria feito desanimar pesca menos resoluta.

Penso também, com toda a sinceridade, que devo dizer ter sido o programa inteiro de pesquisa de casos a que se entregou durante mais

de dez anos, desvio do interesse originário dela pelo lado experimental da parapsicologia. Tendo primeiramente adquirido experiência nos laboratórios de microquímica e fisiologia vegetal (na Universidade de Chicago, onde recebeu o grau de doutora) suas inclinações foram experimentadas, forte e realisticamente. Somente a urgente necessidade de reexame dos materiais de casos levou-a a aceitar o projeto - a princípio contra a vontade e depois entusiasticamente. Os relatórios da última década na "Revista de Parapsicologia", por ela elaborados, sendo, aliás, um dos redatores, versaram os estudos realizados no material espontâneo acumulado no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke.

Na qualidade de marido da autora acho-me autorizado a juntar ainda mais uma palavra. E para apresentar mais um motivo por que este livro é oportuno. À semelhança dos "canais" de que escreve, a autora tem ficado um pouco "oculta" por assim dizer, em relação à participação em pesquisa parapsicológica no Laboratório e às contribuições que tem trazido a tudo quanto se associa ao nome da família. Este livro não representará convenientemente esta grande participação não reconhecida, mas pelo menos representa contribuição definitiva e apropriada dela mesma; diremos que é um passo a que outros agora se seguirão.

T. B. RHINE

1

Além dos sentidos

Este livro trata de experiência humana muito real, mas que em geral se deixa de lado ou se ridiculariza, negando-lhe ou discutindo-lhe a significação. É a ocorrência em que o conhecimento parece dar-se sem a utilização dos sentidos. As pessoas conservam-se em contacto com o mundo pela vista, ouvido, tato, olfato e gosto. Mas, vez por outra, alguém diz que percebeu algo, quando nenhum desses canais funcionou, e aí começa a discussão. Como soube ou como realmente soube? Essas ocorrências discutíveis serão talvez exemplos de percepção extra-sensorial ou PES. Tal o tema deste livro.

Para a maior parte das pessoas estas experiências não constituem ocorrências familiares quotidianas. Se o fossem não fariam surgir perguntas ou dar início a discussões. Acontecimentos diários familiares aceitam-se em geral sem discussão, sejam ou não explicáveis. A familiaridade, contudo, é enganadora. Pode cegar o gume do maravilhoso, passando por compreensão. Por exemplo, todos conhecem o tamanho, forma e cor de uma laranja porque os sentidos lhes trazem estas informações. Mas como? Qual o processo que transforma a impressão de moléculas químicas em conceito psicológico? Ninguém, exceto alguns pesquisadores especializados, se incomoda em preocupar-se com processo tão familiar ou o considera notável.

Em contraste, suponhamos que um indivíduo sonha com uma cena complicada e, no dia seguinte, verifica esta mesma cena exatamente reproduzida por alguém que encontra; ou suponhamos que uma mãe "vê" o filho soldado exatamente quando lhe acontece um acidente ou sabe, sem que alguém lhe diga, o dia em que o filho errante chegará em casa. Quase todos dão de ombros a tais

afirmações como simples adivinhação, coincidência que qualquer pequeno fato ordinário explicaria satisfatoriamente. Acham incrível que a pessoa tenha realmente conhecido. E tal ceticismo provém das mesmas pessoas que não põem nunca em dúvida muitos fenômenos desconcertantes e igualmente inexplicáveis da vida quotidiana, simplesmente porque são familiares.

Portanto, a simples falta de familiaridade explica em grande parte o ceticismo do vulgo. As suspeitas dos cientistas, porém, têm longos antecedentes históricos. Na Grécia antiga formulou-se e encarou-se como lei natural à idéia que nada existe no espírito senão por meio dos sentidos. Esta idéia e muitas outras a respeito do mundo e do homem, naquela época, estavam longe de representar conclusões científicas experimentadas e provadas que hoje aceitamos e de que dependemos. Não haviam sido provadas de qualquer maneira, mas representavam simples afirmações de opinião, opinião que se baseava no que acontece o grande número de pessoas na maior parte do tempo. Mais tarde, séculos depois, à proporção que se desenvolvia o método científico moderno, sentiu-se a necessidade de fechar a porta a todos os tipos de opiniões e alegações não provadas. Ninguém experimentou a idéia que o espírito tivesse canais ocultos, capazes de alcançar além dos sentidos. A porta já estava fechada a esta possibilidade. A idéia que o conhecimento do mundo exterior deve provir somente dos sentidos era tão firme que ninguém tentou jamais prová-la, tampouco. Mas, algumas pessoas, então e agora, pensaram nisso. Mesmo hoje esta suposição parece verdade evidente, por igual àquela, em outros tempos que afirmava ser a Terra chata. Esta caiu quando se fez a circunavegação do globo terrestre. Seria de perguntar, esta também não é exata?

Em todas as épocas têm-se assinalado acontecimentos que se poderiam afirmar exemplos de conhecimento sem os sentidos. Deu-se por vezes a tais ocorrências significado religioso, mas em geral o mundo não os levou em conta. E, apesar da importância de que se revestem como indícios da natureza mais vasta do homem, ficaram

quase inteiramente desprezados pela ciência, quase completamente ignorados em todos os setores do conhecimento exceto o das poucas e relativamente pequenas sociedades de pesquisa psíquica. Nestas sociedades, durante o século último, observaram-se tais acontecimentos, procedendo-se a estudos segundo duas direções distintas.

Uma destas preocupava-se diretamente com as próprias experiências, a outra com experimentação por elas sugerida. Durante a década de 1880 a Sociedade Inglesa de Pesquisa Psíquica coligiu grande número de descrições de casos com o fito de provar a existência da telepatia; que um indivíduo é capaz de adquirir o pensamento ou o conteúdo mental de outro sem utilizar os sentidos. A fim de realizar experiências que se relacionassem com a questão de maneira absolutamente fidedigna, levaram-se em conta tão só os relatos que se baseassem em provas concretas de autenticidade, quase tão rigorosas como em um tribunal. Naturalmente, às vezes era impossível obter provas dessa natureza. Em conseqüência, muitas experiências e, conforme a natureza do caso, muitas espécies de experiências, tiveram de ser excluídas. As coleções resultantes compuseram-se, portanto, inadvertidamente, de material escolhido, fato que então escapou à observação. No período que então decorreu até hoje se realizaram outras tentativas destinadas a provar uma questão por meio de experiências pessoais rigorosamente verificadas e autenticadas, sejam relativas à ocorrência de telepatia, sejam em relação à sobrevivência do espírito depois da morte.

Nunca se conseguiu atingir o objetivo de tais tentativas. Em nenhuma delas a prova mostrou-se suficientemente convincente para chegar-se à decisão final. Foi impossível justificar e verificar esta espécie de material de tal maneira que proporcionasse prova final seja lá do que for. Muito embora, porém, o estudo de experiências reais dos nossos dias apresente valor para o estudioso de PES, devido à outra diretriz para os estudos, conforme mencionamos, a da experimentação. O início dessa orientação data da década de 1870,

antes mesmo de ter-se organizado a Sociedade de Pesquisa Psíquica. Ocorrências inexplicáveis sugerindo transferência de pensamento provocaram a atenção de muitos homens de reflexão - levando alguns a pensar se não era possível induzi-las. Seria possível registrar tais ocorrências sob condições mais precisas do que aquelas em que a natureza as produzia espontaneamente?

As primeiras experiências dessa ordem, tanto na França como na Inglaterra, começaram em relação à hipnose. Os investigadores que exploravam as possibilidades da hipnose depararam com ocasiões em que o hipnotizado revelava certos conhecimentos que parecia ter colhido do espírito do hipnotizador. Talvez este se interrompesse para tomar uma pitada de rapé e o hipnotizado espirrasse, ou aquele acusava certa dor localizada que o sujeito também parecia sentir. Era natural acompanhar tais efeitos por meio de experiências apropriadas. As tentativas para realizá-las, por meio de processo de ensaios, conduziram a melhores planos de experimentação e a controles e precauções mais cuidadosos.

A longa história do desenvolvimento do aspecto experimental do movimento que constitui a jovem ciência da parapsicologia, conforme agora se denomina, não é o tema desta obra. Consumiria muito tempo passá-lo aqui em revista. Além dos relatórios originários de pesquisas (que em grande parte constam da "Revista de Parapsicologia" dos últimos vinte e cinco anos) encontram-se numerosos livros que descrevem os trabalhos experimentais nesse setor. No fim deste volume encontra-se uma relação de algumas dessas obras. Digamos, porém, para resumir: em virtude das atividades estimuladoras das sociedades para pesquisa psíquica, manteve-se o assunto em pauta durante muitos anos até que nas décadas de 20 e 30 deste século, a pesquisa experimental penetrou gradualmente em um ou outro departamento norte-americano de psicologia e em muitos outros países. Nos princípios da década de 30, J. B. RHINE pôde iniciar, na Universidade de Duke, sob o patrocínio do Professor William McDougall, programa de pesquisa neste

campo, que conduziu à criação do Laboratório de Parapsicologia de Duke.

Neste e em outros laboratórios, no país e no estrangeiro, principalmente em Faculdades, acumulou-se uma provisão de dados experimentais que demonstram claramente a possibilidade de se introduzirem informações no espírito em certas ocasiões por meio de canais menos evidentes que os sentidos, isto é, canais extra-sensoriais. Não estava, portanto, certo o antigo dogma em contrário.

À aptidão de conhecer sem ser por intermédio dos sentidos considerou-se como sendo certa espécie de aptidão psi. A letra grega psi, à semelhança do x da álgebra, não tem significado que se revele errôneo mais tarde, depois da realização de maiores pesquisas. A abreviação curta e conveniente da sensação extra-sensorial. PES, é quase inteiramente sinônima, conforme mais tarde mostraremos.

A investigação do campo da parapsicologia ainda está começando, e a aptidão psi ainda está longe de compreender-se inteiramente. Será necessário realizar pesquisas muito mais prolongadas para chegar a explicá-la. Alguns supuseram fosse resquício de herança primitiva da raça, aptidão a nós legada por antepassados pré-humanos. Numa época em que o perigo espreitava por trás de cada moita ou curva do caminho, maneira extra-sensorial de conhecer teria sido, presumivelmente, dote precioso para qualquer animal ou para o homem que pudesse utilizá-lo. Embora esta conjectura se revele conveniente e mesmo plausível, não está provada. Outros fatos, porém, relativos a PES estão firmados. Distinguiram-se os tipos principais - telepatia, clarividência e precognição (que definiremos em seguida) e adquirimos muitos conhecimentos quanto à natureza do processo de percepção extra-sensorial e em relação às condições mais favoráveis à sua ocorrência. Apesar da tendência da maior parte do mundo científico para acoimar os resultados dessa pesquisa de "incríveis e não merecedores de atenção", os resultados existem de fato.

Desta excursão destinada a discutir o trabalho experimental em PES resulta que é somente devido a essa pesquisa, agora encarado seriamente por estudiosos bem informados, que se tornou conveniente voltar novamente a considerar experiências pessoais como as que se seguem. Devido aos resultados dessa experimentação, deu-se início ao projeto de estudá-las, apesar da fraqueza que lhe é inerente, no Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke em 1948.

Contudo, não servia de base a esse estudo a idéia anterior de provar por esse meio fosse o que fosse. Porque se criava em laboratório de pesquisa tipo tão primitivo e laborioso de estudo? Em parte para procurar indícios, novas perspectivas que orientassem a estruturação de experimentações, foram que as atenções se voltaram para experiências pessoais. Seria talvez a própria maneira de que a natureza se prevalecia para apresentar os fenômenos. Mas, além disto, outro motivo para o estudo era chegar a umas concepções mais completas, globais, dos efeitos tão laboriosamente captados no laboratório. Afinal de contas, é muito pouco o que se pode ver em processo natural cujas condições devem ser necessariamente limitadas e artificiais. A experiência tem de ser, de certa maneira, distorção da natureza, visto como todos os aspectos da situação devem ser controlados de modo tal que somente uma explicação seja possível para o efeito produzido. Impõe-se assim observar a maneira da natureza, mesmo quando experimentando. Assemelha-se quase ao artista observando a cena com olhares intermitentes, mesmo quando aplica a tinta à tela.

Também é verdade que se impõe à observação dos dados experimentais brutos contra o fundo de situações naturais em que ocorrem. Embora na parapsicologia, como em qualquer outra ciência, nada se possa provar pelo estudo de casos sem experiências controladas, consegue-se certo resultado observando a maneira pela qual a lei estabelecida ou o fato se ajusta ao processo do mundo natural. Se descobrisse no laboratório um efeito desprovido de

contrapartida na natureza, seria anomalia, difícil de justificar-se realmente.

Neste campo especial da parapsicologia depara-se com outro motivo a favor do estudo de casos pessoais. As pessoas que têm experimentado PES precisam compreender o que se passou. Essa necessidade, embora nem sempre expressa, ficou evidenciada no Laboratório de Parapsicologia logo que se publicaram os resultados das pesquisas. Dentro em pouco chegavam cartas ao laboratório comunicando experiências pessoais enigmáticas. Precisavam de conselhos ou informações; perguntavam como e porque "aquilo" acontecia - relacionava-se acaso aos efeitos mentais estudados no laboratório?

Já em 1948 tinham-se acumulado inúmeros relatos e perguntas. Era coleção inteiramente amorfa e desorganizada, provindo às cartas, conforme parecia, de pessoas de alta e baixa classe, de ricos e pobres, de pessoas evidentemente bem instruídas e dos que, muita vez por conta própria, pouca instrução possuíam. Mas, fossem quais fossem os antecedentes, era evidente que todos se esforçavam em relatar cuidadosamente os acontecimentos que os tinham intrigado, tão clara e concretamente como o doente, conta ao médico os sintomas da moléstia. Os motivos e intenções pareciam, de fato, curiosamente uniformes, quando se leva em conta a diversidade dos antecedentes individuais e das experiências.

Embora muitos parecessem hesitantes e até mesmo um tanto apologético por escrever a respeito de assuntos pessoais e confessar que tal fato inexplicável tivesse se passado com eles (muitos, com efeito, diziam: "Se alguém me contasse não teria acreditado") o motivo mais freqüentemente citado para escrever, em muitos milhares de cartas, era: "Espero que contribua para as suas pesquisas."

Este sentimento de contribuir para a pesquisa merece comentário especial. Mostra que muitas pessoas vencem a reticência que lhes é peculiar, preocupam-se e esforça-se por contribuir para descobrir a

verdade - impulso generalizado para fazer recuar os limites do desconhecido, que tem contribuído sem dúvida alguma para o progresso realizado pela ciência em todos os campos. Talvez seja particularmente acentuado em pessoas cuja própria experiência lhes proporcionou interesse pessoal em pesquisas de parapsicologia, visto como têm motivos que as levam a perceber como tal assunto tem sido desprezado, estando convencidas da importância de encontrar a explicação.

Ao proceder ao estudo do material acumulado, e que, felizmente, ainda continua a acumular-se, o primeiro passo era separar as experiências que compreendiam PES das que não a compreendiam. Provavelmente consideravam-se experiências de PES as que proporcionavam informações concretas não fornecidas direta ou indiretamente pelos sentidos. Os relatos devem, portanto, declarar explicitamente qual a espécie da experiência bem como, com igual clareza, o acontecimento real e as circunstâncias que o acompanharam. Devendo avaliar estes itens, tinha-se base para decidir se adquirira informação nova bem como se algum canal sensorial havia funcionado. Contudo, a informação podia ser uma idéia completa ou apenas um fragmento. Não era necessário que a pessoa a reconhecesse como verdadeira na ocasião. Era necessário que a impressão por ele recebida - a "mensagem" poderia dizer-se convenientemente - estivesse de acordo com a realidade.

Se preenchessem estas condições, era possível aceitar conjuntamente a experiência pelo seu valor nominal, dispensando-se o esforço laborioso de autenticação ou confirmação que se considerava indispensável anteriormente. Conforme observamos anteriormente, tinha-se em vista obter confirmação. Agora reconhecíamos que, de qualquer maneira, a prova não poderia jamais se basear nessa espécie de material. A atitude não era mais a de deixar de acreditar que tal conhecimento ocorresse. Tinha-se em mira conseguir sugestões sobre a maneira por que ocorria. Para isso seria preciso não uma coleção de experiências limitadas aos tipos para os

quais fosse possível conseguir documentação, mas a que representasse completamente tudo quanto se passa nesse setor do espírito humano.

Sem dúvida, estava presente o problema dos erros do testemunho humano mas era possível manuseá-lo suficientemente bem para o objetivo atual sem declaração juramentada. O processo de manuseamento dependia de princípio um tanto parecido com o das fitas cinematográficas. Por meio da sucessão de números de itens suficientemente semelhantes, salientavam-se significações que os fotogramas isolados por si só eram incapazes de mostrar. Era possível proceder aqui se baseando na suposição que se PES ocorre na natureza, deve fazê-lo mais de uma vez. Se for aptidão humana, mesmo rara, observando-se cuidadosamente as ocasiões em que entrou em ação com certa probabilidade, acumular-se-iam os seus aspectos verdadeiros, enquanto se cancelavam os erros devidos à memória individual, observação, etc. Por essa maneira seria possível atribuir valor ao material baseado em números.

Segundo aconteceu, perto de metade das cartas que citavam experiências pessoais recebidas pelo Laboratório de Parapsicologia relatavam uma ou mais ocorrências que preenchiam as condições.

Eram casos em que se recebia informação verdadeira a que não era possível atribuir qualquer origem sensorial. Seriam, talvez, e em tais circunstâncias pareciam, resultado de psi. (Quando futuramente a elas nos referirmos, suprimiremos o "talvez". Contudo, deve estar sempre subentendido, porque, afinal de contas, não é possível a ninguém provar realmente se PES representou ou não certo papel em qualquer caso individual.).

É, portanto, para esta espécie de experiência que temos de nos voltar quando desejarmos estudara maneira por que psi atua na natureza. Atualmente a coleção da Universidade de Duke compreende milhares de relatos, que constituem o material no qual se baseia a pesquisa fundamental deste livro, fornecendo-lhe também os exemplos.

Revelam-se muitas semelhanças entre essas experiências embora provenham de indivíduos tão amplamente diferentes e sem qualquer ligação. Ainda mais, por meio dos tipos de semelhanças, é possível vislumbrar no fundo certa base lógica, que resultaria dificilmente tão só de uma série de enganos de testemunhas, interpretações exageradas, imaginação, coincidência e outras circunstâncias. Ao invés, poderia ser o indício visível de realidade ainda quase não reconhecida pela ciência; resultado de canais de informação há muito não suspeitados e ainda grandemente ocultos à observação, mas transparecendo suficientemente para que a pessoa atenta os perceba e avalie.

Com o fito de transmitir esses indícios e vislumbres tão aproximadamente em primeira mão quanto possível, as próprias experiências deveriam contar a história. Mas, conforme dissemos anteriormente, a impressão de validez que esses relatos fornecem resulta de números de itens semelhantes. Uma única experiência de certa espécie provavelmente não chegará a convencer. Uma centena ou um milhar de experiências semelhantes, contudo, não se afasta com a mesma facilidade. Infelizmente, não é possível reproduzir aqui inteiramente o efeito criado pelos números senão por exemplos isolados, nem é possível utilizar dúzias ou centenas para esclarecer certa questão. Ver-se-á, porém, em breve, que muitos exemplos esclarecem mais de uma questão. E de tal maneira, talvez, algo do efeito cumulativo sobre o leitor, que números maiores dariam, produzir-se-á finalmente quando dispostos segundo padrões e classificações.

Os exemplos que citarmos serão reproduzidos nas próprias palavras dos indivíduos, a fim de transmitir da melhor maneira possível à impressão de serem reais as experiências. Foram escolhidos segundo brevidade, simplicidade e valor de exemplificação, mas não são necessariamente os "melhores" de muitos outros semelhantes. Por vezes o exemplo escolhido era

somente o mais conveniente. Quando centenas de exemplos apresentam a mesma característica, seria difícil decidir qual o melhor.

À proporção que se vão tornando familiares essas experiências, sugerem-se certas idéias a respeito do espírito humano. É preciso, porém, lembrar que são apenas sugeridas, não provadas por esse material. Será preciso não considerar tais idéias como conclusões. É necessário prová-las, de preferência sob as condições controladas de pesquisa em laboratório antes de ser possível distinguir concludentemente o verdadeiro do falso. Mais tarde chegaremos a este ponto.

Este estágio observação de casos individuais independentemente do número, em que surgem as idéias além da terra firme do fato estabelecido experimentalmente - assemelha-se a expedição de reconhecimento em território novo. Proporciona esboço do terreno, mostrando-lhe os aspectos e as características importantes, mas será preciso deixar a verificação a outros processos mais cuidadosos e minuciosos, visto como expedições de reconhecimento tanto podem trazer impressões falsas como certas. O grande valor que possuem reside na circunstância de fornecerem perspectivas e impressões de longo alcance impossíveis de se obterem nesta ocasião por outra qualquer maneira. Algumas que vislumbramos até agora são dessa natureza.

2

Tipos de percepção extra-sensorial

Uma das primeiras observações a fazer com relação às experiências de PES consiste em que a informação que fornecem pode provir de espécies muito diferentes de fontes. Em certos casos, parece que o indivíduo recebe informações do pensamento de outro; em outros, de objeto distante ou oculto; em um terceiro, de acontecimento que ainda não se realizou. Estas três espécies diferentes de fontes distinguem os diversos tipos de PES que desde há muito tempo se classificam em parapsicologia como telepatia, clarividência e precognição.

Milhares de experiências classificam-se nestas três categorias, sendo possível observar toda espécie de condições e efeitos variados. A adivinhação de símbolos de cartas (que tem sido técnica predominante de laboratório) é situação de uma dimensão; experiências tiradas da vida são multidimensionais, somente as sugerindo os exemplos de cada categoria ou tipo que vêm a seguir.

De outros espíritos

Em uma noite do ano de 1924 a esposa de oficial subalterno na Marinha Americana passou por experiência não comum. O marido fora ultimamente transferido para servir em um navio que tinha missão especial, a qual dificultava as comunicações com a família, tornando-as pouco freqüentes. Ela estava vivendo na base da Flórida, em companhia da sogra e de um filho de dois anos. Há várias semanas tinha recebido uma comunicação do marido e agora não sabia do paradeiro dele. Então, conforme conta.

"Nas primeiras horas da madrugada de 15 de maio acordei repentinamente de sono pesado sentindo estranhamente que o marido estava no quarto; e, embora estivesse mergulhado quase em escuridão, pareceu-me que fosse dia claro e vi meu marido entrar pela porta, chegar perto do leito, sorrir, passar ao quarto próximo onde o nosso filho estava no berço, depois voltar para junto da cama. Em seguida desapareceu e o quarto ficou às escuras.

"Imaginei ter tido simplesmente uma "visão" mas fiquei um tanto confortada por parecer que me trazia a mensagem de não haver novidade com o marido e sem dúvida estava pensando em nós, de sorte que dentro em pouco voltei a adormecer. Acordei um pouco mais cedo do que costumava, ainda sentindo-me enlevada com a experiência que tivera e passei para o quarto ao lado para contar à sogra.

"Nesse momento, o marido, em carne e osso, entrou no quarto envergando o uniforme exatamente como o havia visto. Comparando os dados, cheguei à conclusão que no momento exato em que o vira por telepatia ele estava no trem que vinha de New Orleans, onde o navio estava atracado. Como pensava que chegaria em casa antes que eu acordasse, repassava no espírito um plano para fazer exatamente o que eu tinha visto. Ficamos ambos grandemente satisfeitos verificando que os pensamentos dele me haviam sido transmitidos tão exatamente que a experiência me pareceu real."

A telepatia, ou para ser redundante, a telepatia mental, constitui expressão familiar a quase todas as pessoas. Definem-se nos dicionários como sendo "a comunicação aparente do pensamento de uma pessoa para outra de maneira diversa da que recebia pelos canais dos sentidos".

As experiências que implicam em o pensamento de outra pessoa não são necessariamente as mais impressionantes de PES. Não são as que se referem mais freqüentemente. Mas há muito tempo captaram a imaginação popular, provavelmente devido à relação íntima que parece indicar entre os indivíduos. Científica tanto quanto

popularmente, a telepatia foi o primeiro tipo de psi a chamar a atenção, em grande parte porque parece revelar encontro de espíritos que ultrapassa as leis da matéria, sugerindo aspecto espiritual na humanidade. Mas, popularmente, também se a usa imprecisamente. Qualquer experiência que sugira PES é provável que se chame de telepatia, embora sendo na realidade qualquer dos outros tipos, porquanto os termos clarividência e precognição ainda são de certo modo termos técnicos, sendo empregados mais raramente fora dos círculos da parapsicologia.

A expressão da telepatia nem sempre se visualiza como no sonho ou na experiência parecida com o sonho acima referido. Inteiramente diferente foi a experiência de uma senhora em New Jersey. Agitava-se, sem sono e inquieta na cama em uma noite de 1947. "Durante várias noites não tinha dormido e isto se deu no meio de outra noite de insônia. Devido a uma série de fatos infeliz com relação à família e a mim, e ao estado precário de minha saúde, não via significação na vida nem em continuar a viver. Com os pensamentos agitados em círculos intermináveis, comecei a pensar na maneira de acabar com tudo, quando de repente, ouvi a voz de uma excelente amiga, tão clara como se estivesse no quarto, dizer:

"Não faça isso, Marion!"

"Fiquei tão completamente assombrada que me vi sacudida do estado insensível de espírito em que me achava. Ela vivia na Flórida e eu estava em New Jersey. Era senhora de certa idade, que me estimava muito, por me achar parecida com a filha única falecida algum tempo antes.

"Constituiu para mim experiência bastante perturbadora ouvi-la falar-me, quando sabia que estava a mais de mil milhas de distância. Entretanto, comecei a pensar que tudo era devido aos meus nervos superexcitados, quando no dia seguinte recebi uma carta aérea, de entrega rápida, dizendo que acordara no meio da noite sentindo que eu precisava de socorro urgente. Disse que se levantara e rezara por mim até amanhecer.

"Esta carta provava-me que de certo modo a acordara a minha grande necessidade, tendo-me alcançado através daquela distância enorme para confortar-me e proteger-me. Foi uma das experiências mais belas e misteriosas que algum dia tive."

As duas experiências acima se deram entre duas pessoas intimamente unidas, separadas por distância apreciável. Ambas foram dramáticas e altamente significativas para cada pessoa. No extremo oposto encontram-se muitas outras experiências mais ou menos parecidas com a seguinte de um professor de Nova York que escreve:

"Tinha acabado de restabelecer-me depois de uma operação. Minha nova enfermeira apareceu na porta e se apresentou. Tagarelado um pouco, disse-me que tinha uma filhinha, Maureen, de 16 meses.

"Fiz então alguma observação que agora me escapa referindo-me a Seu filho, Pedro! a que ela respondeu: Que é que o faz dizer isso? Ora, falou-me agora mesmo dele. Respondeu-me: Não. Falei-lhe da minha filha, Maureen; não podia falar de outro modo, não tenho filho por nome Pedro ou outro qualquer.

Depois, aproximou-se do leito e disse: Mas estou esperando um filho para outubro (estávamos em maio) e, se for menino, já decidimos, meu marido e eu, chamá-lo Pedro; terei notícia curiosa a dar-lhe à noite!

"Não tive qualquer notícia a respeito do nascimento, mas para mim isto não tem importância. A questão é que pude ler-lhe o espírito."

Neste caso os dois eram estranhos que por acaso se achavam no mesmo cômodo, e o tema não tinha importância, pelo menos para a pessoa que passava pela experiência.

Por vezes parece também que se transfere quase pura emoção ao invés de idéias. Certo episódio da minha própria experiência servirá para exemplificá-lo.

Uma noite acordou-me um grito alto da minha filha de três anos que dormia em um quarto junto, de um sonho quase pesadelo.

Acordara a tremer e coberta de suor, porque estava sendo perseguida no caminho para casa por uma criatura gigantesca, indescritível, tendo eu feito um último esforço desesperado para entrar em casa antes que ele me alcançasse, quando o grito de minha filha fêz-me voltar à realidade.

"Estou assustada, mamãe, estou assustada", dizia a soluçar.

"Por que? Que foi que te assustou?"

Hesitou e depois disse: "Acho que foi um urso."

Neste caso, o medo era o item relevante: o dela parecia contágio do meu. A criatura sem nome, "urso" era somente invenção para explicar o temor, uma racionalização.

Destes poucos exemplos pode-se ter pelo menos um indicio de algumas variações das experiências de telepatia. Qualquer pessoa não pode deixar de observar como têm poucas características em comum. Às vezes as pessoas interessadas estão muito longe uma da outra, outras vezes perto: em muitos casos estão ligadas emotivamente, em outros são praticamente estranhas. Em algumas experiências o tema é de grande significação para o indivíduo, em outros quase nada. O reflexo do pensamento da outra pessoa é quase que o único aspecto observável.

Em cada uma dessas experiências, é possível descrever a situação da maneira mais simples como sugerindo a ocorrência de simples contacto mental. Ou então poder-se-ia chamá-lo de contacto de "espírito para espírito" pedindo desculpas aos psicólogos, que hesitam em fazer uso da palavra "espírito" porque ainda não é possível defini-la com precisão. Mas que se chame de "contacto" ou que se descreva em termos quaisquer, aparentemente ocorrem estes curtos vislumbres de comunicação direta para certos indivíduos, sob certas condições.

Que espécie de fenômeno é este, que ocorre na vida ordinária e entretanto ficou tanto tempo discutido e negado? Por que foi preciso que decorram séculos para que alguém encarasse tal fenômeno com bastante seriedade para dar início à investigação sistemática, mesmo

entre os que estavam procurando conceber a natureza do homem e seu lugar no universo?

Estas perguntas não têm resposta ou neste ponto, em que estamos simplesmente apresentando as experiências de telepatia, ou mais adiante, quando tivermos de encarar-lhes o aspecto enigmático mais detidamente. Outros tipos de PES fazem surgir perguntas semelhantes: a clarividência, que vamos passar a considerar, e a precognição, que se seguirá a esta.

De objetos sem espírito

Nas experiências que se classificam no segundo tipo de PES, a informação provém de ordem de realidade inteiramente diferente da do pensamento. Na percepção clarividente, o conhecimento recebido diz respeito a objetos impessoais ou a acontecimentos desconhecidos a todos.

Considere-se, por exemplo, a experiência de jovem casal na cidade de Nova York. Tinham ido a um teatro em que, na ocasião, almofadas redondas ou ovais destinavam-se a receber os chapéus dos homens debaixo de cada cadeira. Depois do espetáculo o casal parou em uma confeitaria para tomar um sorvete. De repente, soltando um grito de consternação, a moça viu que uma opala azul celeste estava faltando no anel.

"Era uma pedra com ganga, preta por baixo", dizia. Meu marido não examinara nunca o anel. Nunca faláramos a respeito, e tenho certeza que ignorava ser preto pelo lado de baixo. A pedra é bastante grande, de formato oval. Uma moedinha cobriria a parte de menor diâmetro mas deixaria segmentos em forma de meia lua nas extremidades. Estava extremamente aflita com a perda, e meu marido ficou preocupado por ver que me importava tanto.

“Na manhã seguinte, antes do almoço, ele disse que ia sair por pouco tempo. Quando lhe perguntei para que, respondeu que me diria quando voltasse. Em cerca de três quartos de hora voltou e colocou a opala na minha frente em cima da mesa”.

"Contou-me que tinha tido um sonho: Vi dois objetos, redondos e pretos, um grande e outro pequeno, o que me fez lembrar das almofadas para chapéus no teatro. Parecia que me diziam Vá lá e assim o fiz. Tinha os canchotos das entradas; uma mulher encarregada da limpeza fêz-me entrar; e lá, conforme o sonho, estavam lado a lado os dois objetos pretos. Apanhei o menor e fiquei grandemente surpreendido quando verifiquei que era azul por cima e preto por baixo. Não sabia desta particularidade."

A palavra clarividência, que se emprega quando parece que se conhecem os objetos diretamente é ainda mais antiga do que o termo telepatia. O seu emprego, pelo menos nos Estados Unidos, nunca foi tão generalizado como a de telepatia. A diferença resulta em parte, sem dúvida, da circunstância de não parecer que a palavra clarividência tenha o mesmo significado de longo alcance que telepatia. Não trazia ao espírito tão evidentemente a aptidão mental de transcender a matéria e a lei física. De fato, historicamente, os que se interessavam pela telepatia por sugerir natureza extrafísica para o homem opunham-se mesmo à idéia de clarividência porque sentiam (erradamente, aliás) sugerisse afinidade, ao invés, com objetos materiais. Todavia, a clarividência, diferentemente da telepatia, serviu de base à prática antiga ou série de práticas, entre as quais as mais conhecidas são a buena-dicha, a adivinhação e a vidência.

Um dos videntes mais famosos entre os modernos foi o cientista sueco e líder religioso do século XVIII, Emmanuel SWEDENBORG, que interpretou a sua aptidão de conformidade com o fundo religioso e crença que professava. Pensava que espíritos amigos lhe relatavam acontecimentos que se passavam além do alcance dos sentidos. Guardaram-se descrições de algumas das suas impressões de clarividente. Quando uma vez estava jantando com o dono de uma

fábrica distante, voltou-se para este e disse que o edifício da fábrica estava pegando fogo.

Mandou-se logo um mensageiro investigar, o qual voltou dizendo que a afirmação de SWEDSNBORG era verdadeira.

Atualmente, embora não seja ainda possível explicar o mecanismo da clarividência, sabe-se que é dote natural do espírito humano. Sabe-se também que não se limita a certos indivíduos especiais. Pessoas comuns, que não revelam qualquer particularidade distinta, também revelam essa aptidão. Certa vez, no Oregon, uma senhora, quando lavava pratos, tirou dos dedos os anéis, conforme costumava fazer, colocando-os em uma prateleira perto da pia.

"O dia estava quente e continuou quente toda à tarde", contou, "de sorte que resolvemos comer um assado ao ar livre. Passei a ocupar-me em prepará-lo e esqueci inteiramente os anéis. Mais tarde, depois de acomodar as crianças, pensei nos anéis e fui buscá-los. Tinham desaparecido. Fiquei tonta. Meu marido ajudou-me a procurar. Revolvemos a lata de lixo. Tirei tudo quanto estava na prateleira onde os tinha posto. Chegamos até a procurá-los debaixo dos tapetes da sala de estar e de jantar. Vasculhei minuciosamente a cozinha e nada achei. Estava ficando tarde e meu marido sentia-se cansado, de sorte que foi deitar-se. Queria que eu deixasse de procurar e descansasse um pouco mas disse-lhe que não poderia dormir enquanto não os achasse".

"Parece impossível, mas aconteceu! Eu estava em pé em frente a pia, procurando conter as lágrimas, quando de repente me pareceu que me diziam para procurar na geladeira. Fui correndo, abri-a, puxei para fora a bandeja de gelo e lá estavam os meus anéis, congelados em um cubo de gelo. Senti-me tão feliz que fui dizer a meu marido. Passamos a recapitular e ele se lembrou que, tendo chegado em casa à noite, abriu a geladeira, sem acender as luzes, tirou a bandeja de gelo para usar um pouco e procurou um copo na prateleira onde estavam os anéis. Depois encheu novamente a bandeja de água e colocou-a dentro da geladeira. Até então não havia colocado nunca

uma bandeja na geladeira. Somente nessa ocasião fez essa operação. Não sabia que os anéis estavam na prateleira. Lembro-me que, no momento em que recebia mensagem experimentei uma sensação esquisita. Que foi que me fez ir mexer naquela bandeja de pêlo?"

A distância entre a pessoa e o objeto é outra circunstância que varia nas experiências. A pessoa e o objeto podem estar separados e entretanto, mesmo em pequenos detalhes, o objeto revela-se com clareza que sugere a presença real muito próxima. Chega mesmo a revelar um objeto que a pessoa nunca viu.

Certo geólogo amador de um estado do Oeste sonhou "com um belo e grande geodo, encrustado de ágatas num lugar raso, a pouca distância da praia do rio W... que passa a uns 24 km a sudeste da cidade. A posição exata, a praia, a coroa alongada, tudo perfeitamente tão claro como se estivesse vendo. Quando nos levantamos no dia seguinte, domingo, contei à mulher o sonho que tinha tido e sugeri que depois da refeição matutina fossemos de carro até a cena do sonho. Morávamos nesta cidade aproximadamente há seis meses e não conhecia exatamente o local que me apareceu no sonho de sorte que tive de indagar várias vezes descrevendo detalhadamente certos pontos de referência; e dentro de meia hora depois de termos deixado o carro, descobrimos o belo geodo colocado exatamente no lugar em que o tinha visto em sonho. Mais tarde ofereceram-me 300 dólares por ele mas não aceitei."

Se procurássemos descrever experiências semelhantes a estas como o fizemos em relação à telepatia, teríamos de classificá-las como contactos de "espírito a objeto" ou, no caso do geólogo, relação "do espírito para o panorama inteiro". Mas é difícil fazer com que tal idéia pareça real. Até mesmo a expressão "espírito para espírito" em telepatia não proporciona conceito claro do que se passa em experiências dessa natureza. Contudo, é pelo menos possível imaginar que dois espíritos possam de certo modo "entrar em contacto". Por mais forçada que seja realmente essa suposição, tem pelo menos a aparência de explicação. Em casos de telepatia é

possível argumentar que interesses e emoções humanas devem até certo ponto representar algum papel, criando-se um estado de relação entre pessoas. Mas não se fala de relação com um objeto. Distância enorme separa pensamentos de objetos. Os pensamentos não são materiais. Não é possível perceber os de outra pessoa por meio dos sentidos senão quando aquela os converte em palavras, escritos ou gestos claros de alguma espécie. Objetos, por outro lado, são materiais, e podemos facilmente conhecê-los pelos sentidos, contanto que não existam obstáculos ou que a distância não seja grande demais.

Todavia, apreendem-se em PES tanto os pensamentos como os objetos, e provavelmente com igual facilidade. Verdade é que os casos de telepatia citam-se mais freqüentemente que os de clarividência. Embora tal circunstância significasse provavelmente que esta última é mais difícil, talvez queira dizer que as pessoas se interessam mais pelos pensamentos de outrem do que por objetos. Talvez esta maneira de ver seja mais exata, porque as experiências de laboratório não indicaram qualquer diferença em "facilidade" entre telepatia e clarividência, e também porque muitas experiências de PES parecem combinações das duas.

Dois exemplos de clarividência acima expostos e dois de telepatia da seção precedente foram escolhidos por serem exemplos nítidos de cada tipo. Contudo, talvez na maioria dos casos, tanto os pensamentos de outras pessoas quanto objetos inanimados estejam em causa. Não é possível ter certeza que qualquer um somente serviu de base à experiência. Considere-se, por exemplo, a experiência de uma avó californiana, que certa noite acordou de sonho bastante aterrador, realista e vívido. "Vi no sonho o neto mais novo a debater-se sufocado no leito. Os movimento da criança iam diminuindo gradativamente. Parecia o fim." Acordou: eram 3 e 45 da madrugada. Os netos moravam do outro lado da cidade. Devia chamá-los?

Conforme disse, "Afinal era somente um sonho. Se os chamasse, pensei, e os acordasse, haviam de pensar que estava doida. Mas se

não os chamar e acontecer alguma coisa..." De sorte que telefonou e um neto surpreso veio atender.

"Por que está telefonando há esta hora?" exclamou.

"Vão ver imediatamente o pequeno. Está sufocado."

"Sim, estava. Já nos levantamos. Nós o ouvimos." Além do desafoço para todos com relação à criança, disse terem todos ficado admirados por ter ela, do outro lado da cidade e em um sonho, tido conhecimento do perigo. Sem ver ou ouvir, havia recebido exata impressão não só da pessoa em causa, mas da espécie do perigo em que estava. Teria, porém, o sonho provindo da situação como acontecimento impessoal, do espírito dos pais da criança ou desta mesma?

Casos como este, em que a pessoa "vê" aparentemente a cena ou acontecimento quando tem lugar podem muito bem ser inteiramente experiências de clarividência, exatamente como aqueles em que se visualiza um objeto quando não existe qualquer pensamento a respeito que complique a situação. Mas, quando as pessoas estão presentes pensando a respeito do acontecimento, não se pode ter certeza. Poderia também acontecer que a impressão PES se baseasse em combinação de pensamento e objeto.

Talvez a distinção não se revista de importância para as pessoas que passam pela experiência. As da experiência acima descrita estavam preocupadas principalmente com a segurança da criança. Mas, quando se procura compreender o processo mental que entra em PES, não é possível dizer, se a fonte de experiência é indeterminada dessa forma, se trata de um caso de telepatia "pura" ou de clarividência "pura".

Se a maior parte das experiências de PES é assim indeterminada, tem-se de reconhecer, também, que a maioria das situações da vida são igualmente indeterminadas. Os temas que nos interessam e dizem respeito a todos são principalmente questões de combinações. Compõem-se de objetos, acontecimentos e pensamentos de pessoas. As experiências de PES por eles moldadas teriam de ser

indeterminadas, em sentido restrito, exatamente como acontece com esta. A natureza não é obrigada a estabelecer separação nítida entre pensamento e objeto que nos esforçamos por fazer para separar de tal maneira a telepatia da clarividência. Embora estas experiências sejam indeterminadas, são, contudo, exemplos de PES, podendo-se chamá-las de PES geral ou PESG.

Do futuro

A Ciência galgou muitas barreiras aparentemente intransponíveis. Todavia, a que separa o presente do futuro afigura-se tão obviamente impenetrável que desanima quase inteiramente as tentativas. Apesar disso, neste terceiro tipo de experiências PES - o precognitivo - parece não existir tal limite.

Diz uma senhora da Geórgia: "Vivemos em uma casa de madeira em um pequeno bosque a uns 200 metros da Rua Principal, enquanto se remodela a nossa casa. Longa alameda conduz à entrada da casa, mas da entrada pode verse perfeitamente a rua.

"Há pouco tempo, estava sozinha em casa numa sexta feira de tarde. Estava de pé junto a uma mesa em frente de uma janela aberta, quando olhei para fora ao ouvir o ruído de um carro que se aproximava. Vi um sedan preto brilhante no alto de uma pequena elevação da qual se descia e depois subia novamente para chegar a casa. Estava bastante perto. Vi que estava sentada ao lado do chofer uma senhora com blusa branca. Enxerguei perfeitamente as mangas compridas e os punhos justos da blusa. Pela posição dos braços dela concluí que estava sentada de costas para o chofer, olhando atentamente para a casa, mas não me foi possível ver-lhe o rosto. Não reconheci o carro, não podendo dizer quem nele estava. Atravessei depressa o cômodo em que estava e fui ao banheiro, cujas janelas davam para a estrada. Olhei-me ao espelho e vi que era tarde demais

para compor o cabelo ou pôr um pouco de pó de arroz. Corri para a entrada da frente - e não vi carro algum”.

"Era possível ver toda a extensão da alameda: não se via nem carro nem poeira, sendo que nessa época havia muito pó. Lembrei-me imediatamente que depois de ter ouvido o ruído das rodas que me obrigou a erguer a cabeça, não ouvi qualquer outro barulho, nem mesmo dos freios. Não era possível que o carro tivesse ido embora enquanto estive no banheiro sem fazer muito barulho. Seria também necessário contornar uns pinheiros e meu carro se encontrava no caminho. Acreditem-me: fiquei preocupada com o sedan perto todo o fim da semana e contei a história a todos que quisessem ouvi-la e mesmo aos que não quisessem.

"Domingo à tarde estava novamente só em casa. A mesma cena, na mesma hora, dois dias mais tarde, o mesmo caráter, embora um tanto nervoso. A qualquer ruído, pulava e olhava por cima do ombro. Finalmente ouvi: o carro se aproximava pela alameda. Olhei e o mesmo carro que vira antes lá estava no mesmo ponto. Lá estavam as mesmas mangas brancas para fora da janela do carro. Saí na disparada balbuciando: “Você é algum fantasma?” para grande admiração dos meus verdadeiros amigos da cidade, que há vários meses projetavam vir ver-nos num domingo de tarde. Nunca antes tinham estado em nossa casa e daí examiná-la tão atentamente a mulher. Trazia a mesma blusa da visão”.

Seria possível que experiência desta ordem resultasse de pensamento ou objeto existente? Talvez a idéia da visita estivesse na mente das minhas visitas, mas ninguém saberia de antemão qual a posição das pessoas no carro ou a maneira de olhar a mulher para a casa. Essa situação não existia quando ela a viu. A experiência deve ter sido reprodução de acontecimento que ainda não se realizara.

Nenhum tipo de experiência de PES talvez pareça mais incrível do que este que implica no futuro. Se houvesse como escolher na incredibilidade, provavelmente a precognição pareceria mais estranhamente improvável do que saber de algum objeto à distância,

como em clarividência ou do pensamento oculto de pessoa presente, como em telepatia. Contudo, experiências que compreendem o futuro não só ocorrem mas, por mais inesperadas que sejam, citam-se mais freqüentemente do que qualquer outro tipo de PES.

De certo modo, esta espécie de PES é semelhante à clarividência, que também diz respeito a objetos ou acontecimentos, muito embora somente presentes. A denominação de precognição, empregada para esse tipo de PES em parapsicologia, significa praticamente o mesmo que o vocábulo mais antigo e mais familiar - profecia.

E bastante antiga a idéia da profecia, provavelmente tão antiga como a civilização. Mas, como a clarividência, pensava-se no passado que somente a exerciam indivíduos especialmente dotados, não se supondo que qualquer indivíduo tivesse aptidões proféticas.

Via de regra, os profetas têm estado associados a pensamentos e escritos religiosos, bem como a ritos religiosos. Mas, em escritos leigos igualmente têm-se transmitido através dos séculos pronunciamentos proféticos. Entre estes, provavelmente os que se mencionam mais freqüentemente são os de NOSTRADAMUS e mesmo hoje em dia há quem pense que as profecias dele são importantes em relação a acontecimentos atuais. Se for possível ou não lhes atribuir tal significação ou se resultam de interpretações, não é possível provavelmente decidir. Até agora, pelo menos, não se imaginou qualquer verificação seguramente objetiva. O estado de profecias mais antigas, de NOSTRADAMUS ou de outro qualquer, não se elevou ao nível de certeza exigido pelos padrões científicos atuais.

Em 1927 publicou-se na Inglaterra, sobre a questão de precognição, um volume sob o título *Experiência com o tempo*, de autoria de J. W. Dunne. Expunha certo número de sonhos do próprio autor que se verificaram verdadeiros. Durante certo período registrara todos os sonhos de que podia lembrar-se, tomando igualmente nota dos principais acontecimentos da própria vida. Comparando os relatos dos sonhos com as notas, verificou, conforme diz, serem

muitos deles imprestáveis, mas alguns entremeados eram tão aproximadamente semelhantes a acontecimentos ocorridos posteriormente que se afiguravam profecias.

Desta experiência pessoal o autor procurou formular uma teoria demasiado complicada para que a exponhamos, mas altamente especulativa e inteiramente diferente das idéias religiosas de SWENDENBORG quando explicava as próprias experiências. A teoria de DUNNE, que é, antes de tudo, reconsideração filosófica da natureza do tempo, estimulou o pensamento em relação a precognição; o relato desses sonhos despertou a atenção de muitas pessoas para os seus, contribuindo assim para apressar o dia em que o fenômeno da precognição recebeu afinal o estudo necessário.

Na realidade, tem-se relegado inteiramente às idades passadas a idéia de profecia. Afigura-se tão completamente improvável como ocorrência atual que, como a própria idéia de PES, passou a parecer incrível. Além disso, para muitos constitui idéia indesejável, devido às indagações que suscita. Por exemplo: se alguém tiver um sonho precognitivo, estará condenado a pô-lo em execução? Neste caso, não possuiria livre arbítrio? Será o destino dele irrevogavelmente "fixado"? A idéia de precognição faz surgir estas e outras perguntas. Quando, porém, se procura estudar qualquer idéia nova e revolucionária, impõe-se examinar primeiramente os fatos, antes de tropeçar-lhe nas implicações possíveis.

Muitas pessoas, como aquela senhora da Geórgia, que não são líderes consagrados pelo céu mas simples mortais, passam por experiências que só por si sugerem a previsão de acontecimento futuro. Que espécie de acontecimento? Variam amplamente, mas os mais impressionantes, como o que apontamos acima, reportam-se mais a questões pessoais do que gerais e, como nesse caso, assinala-os a inclusão de pequenos detalhes.

Charles DICKENS, conforme contam na sua biografia, sonhou com uma senhora que devia encontrar no dia seguinte na hora do chá, ouviu quando a apresentou, inclusive o nome, que lhe era estranho.

No dia seguinte encontrou-a conforme havia sonhado. A história não registra qualquer significação para o encontro. E desse modo DICKENS e com ele centenas de outros indivíduos, tem "vivido de antemão" experiências inteiramente triviais que se realizaram horas depois na vida real.

A impressão da mulher que mencionamos acima, realizou-se poucos dias depois. O intervalo pode ser mais ou menos longo. Uma senhora de Massachusetts teve um sonho que se realizou três meses depois. Conforme conta, não previa morte ou acidente, "mas um fato tão absurdo que não parecia possível".

"Nesse sonho lúcido, eu estava dormindo em companhia de minha mãe (o que nunca fazíamos. Nossas casas distavam mais de oito quilômetros). Minha mãe despertou durante a noite devido ao choro do netinho e acendeu um cigarro. Enquanto segurava o fósforo inflamado viu um percevejo subindo pela parede. Exclamou: "Nossa Senhora, olha ali," e levou automaticamente o fósforo sob o inseto. Acendeu outro fósforo e viu mais percevejos nos lençóis de nossa cama. Acendendo uma lâmpada de bolso para não acordar o netinho, nós duas apanhamos os percevejos que estavam no lençol e os jogamos em um cinzeiro onde havia restos de fósforos acesos. Aproximamo-nos do berço e vimos um correndo-lhe pela face. Horrorizadas acendemos a luz e passamos o resto da noite a dar caça aos percevejos.

"Cerca de três meses depois, meu marido foi passar fora o fim de semana. Meu pai tinha passado a trabalhar à noite, de sorte que a convidei para passar comigo à tarde ficando para dormir, o que nunca fizera antes. Durante a noite o choro da criança nos acordou. Enquanto procurava acalentá-la, minha mãe acendeu um cigarro e o resto já sabemos".

"Não posso explicar o sonho, mas sim os percevejos.

"Eu e meu marido tínhamos sido convidados para passar uma semana em uma velha fazenda de New Hampshire. Havia uma cama de casal para nós mas fomos forçados a levar o berço para a filhinha.

Verifiquei, depois de vasculhar toda a minha casa, que a fazenda estivera infestada de percevejos durante anos, tendo eles vindo naturalmente no berço sem que tivéssemos a menor idéia. Depois de termos achado esses bichinhos (ainda estremeço) passamos um dia inteiro a tirar os colchões das camas e a fumigar por toda parte. Perdemos bastante tempo mas conseguimos expulsá-los de casa e nunca mais tivemos qualquer inseto semelhante.

"Mas como explicar o sonho, antes de tudo? Ainda rimos quando pensamos."

Como explicar o sonho é, "antes de tudo", embaraçoso. Mas, sem dúvida, o primeiro passo é reconhecer a possibilidade da ocorrência de tal precognição. Os que se satisfazem em pensar milagrosas às profecias em grande escala do Antigo Testamento, não suscetíveis de explicação científica, dificilmente seriam de opinião que se devesse exigir explicação miraculosa ao invés de científica no caso da profecia de uma invasão de percevejos.

Entretanto, esta ocorrência, sob esse caráter pessoal comparativamente destituído de importância, é típica de experiências de PES que se classificam no terceiro grupo, as precognitivas. Conforme dissemos anteriormente, tais experiências reportam-se principalmente ao destino dos povos, dos governos, guerras ou boatos de guerras, mas, aqui, ao invés, temos de cogitar de fatos comuns, de pessoas comuns. Nem são crípticos ou simbólicos. Não exigem interpretação laboriosa. São, ao contrário, predominantemente realistas, verdadeiros nos menores detalhes. Na realidade, são principalmente pessoais, terrenos, de sorte que as antigas explicações sobrenaturais se tornam incongruentes. Exigem explicações em termos deste mundo.

As experiências precognitivas de PES não compreendem grandes extensões de tempo - décadas, séculos - conforme se dá com a profecia tradicional. Muitas se cumprem dentro de minutos, horas ou dias. Contudo, o elemento tempo, associado ao que parece mais à vida quotidiana do que ao destino humano, é elástico, variando de

caso em caso. Por vezes o intervalo entre a experiência e a realização vai a anos. Um senhor de Nova York sonhou que estava dirigindo um carro (na ocasião não possuía automóvel) pela rua em que o pai morava. Era de noite e via-se neve pelo chão, embora não fosse inverno quando teve o sonho. Chegou à casa dos pais e quando estava saindo do carro viu o pai chegar à janela e sentar-se perto. Conforme se lembra, entrei na casa e vi várias pessoas sentadas na sala de estar. Não reconheci nenhuma. Meu pai disse para mim Olá e fez-me sinal para entrar no quarto. Quando entrei deparei com a minha mãe morta. E aí acabou o sonho.

"Dez anos mais tarde recebi uma noite a comunicação de que minha mãe havia morrido repentinamente. Tomei o carro que então possuía e dirigi-me para a casa dos meus pais à noite, quando nevava. Ao sair do carro vi meu pai sentar-se perto da janela. Entrei na casa e vi vários parentes e amigos, a quem reconheci. Meu pai disse "Olá" e fez sinal para que entrasse no quarto. Lá estava minha mãe morta."

Quando se consideram casos de precognição, surge sempre a questão de saber se a própria pessoa passará mais tarde pela experiência. Às vezes tal não se dá.

Uma senhora, cuja carta não assinada é o único documento que aqui pode figurar, diz que quando cursava a escola telefonou em um fim de semana à mãe comunicando que em vez de ir para casa teria de ficar para acabar uma experiência sábado à tarde.

"Depois", diz ela, "no sábado à tarde, quando voltava para o dormitório, um senhor que chamarei Bill perguntou-me se queria ir com ele a um piquenique que a associação a que pertencia realizaria no dia seguinte, perto de um lago a uns 90 km de distância. Tinha-me encontrado anteriormente com Bill algumas vezes e prometi que iria. Não pensei mais no assunto quando às dez horas da manhã seguinte minha mãe me telefonou. Estava perturbada, eu o percebia, e pediu-me que não deixasse o dormitório naquele dia mas aí ficasse no meu próprio quarto, dizendo que me explicaria à razão quando voltasse para casa no fim da semana seguinte. Tranqüilizei-a dizendo que

assim faria e logo desliguei o telefone, comecei a reunir o que precisava para o piquenique, inclusive a minha roupa de banho. Estava, porém, um pouco preocupada com o telefonema, porque minha mãe não é nervosa e não se preocupava muito comigo”.

"Bill chegou de automóvel mais ou menos nessa ocasião e dirigimo-nos para o lago. Fomos o único par que nadou e, como o dia estava quente, não fomos imediatamente mudar de roupa, mesmo porque os cômodos estavam na outra extremidade do parque, a uns cinco quilômetros de distância. Já de tardinha dirigimo-nos para lá e mudamos de roupa. O caminho de volta atravessava dois trechos de floresta em que não se via ninguém e foi aí que aconteceu. Enfim, para encurtar a história - não tenho meio de dizer de outro modo - fui violentada. Devo lembrar que Bill não era tipo de badernas. Pertencia à família abastada, era presidente da associação e todos gostavam dele no terreno de esportes. Fiquei tão chocada e envergonhada que não mencionei o fato a ninguém e até hoje ninguém o soube embora circulasse em nosso grupo que eu e Bill tínhamos tido uma divergência e não saíamos mais juntos.

"No fim de semana seguinte fui para casa e logo que ficamos a sós, minha mãe perguntou se eu havia ficado no dormitório no sábado anterior. Lembrando-me do telefonema, garanti-lhe que assim tinha feito, não desejando recordar-me do que acontecera. Perguntei-lhe porque havia pedido e ela riu dizendo que desejava somente ter a certeza de ter ficado estudando, mas depois de alguma insistência disse-me a verdade. Tivera um sonho sábado à noite em que me viu no lago com um rapaz que correspondia exatamente ao tipo de Bill e contou-me o resto do sonho que era, praticamente a reprodução palavra por palavra do que acontecera quando voltávamos depois de ter mudado de roupa. Minha mãe disse que era uma tolice, mas o sonho fora tão claro que a havia perturbado. Conseguí ocultar a minha confusão e tranqüilizei-a o melhor que pude, assegurando-lhe que tal não havia acontecido.

"Estou agora muito bem casada e tenho um filhinho, de sorte que não desejo, forçosamente, que meu nome apareça. Espero que o que aí fica lhe seja de algum modo útil, visto não me ser fácil recordar este incidente."

Quem sonhou, neste caso a progenitora, não descobriu nunca que o sonho se confirmara. Mas se não é necessário que a pessoa fique finalmente sabendo da realização do que sonhou, poder-se-á perguntar o que acontece se morrer antes. Em outras palavras, a precognição se estende além da vida do indivíduo?

Às vezes parece que assim se dá. Embora raros, há casos em que uma experiência de PES se baseia na própria morte ou enterro da pessoa. Contudo as circunstâncias são em geral de tal ordem que não se pode ter certeza absoluta.

Na Nova Zelândia, uma mulher estava sentada ao lado do leito em que se achava o marido desenganado. Na véspera de morrer perguntou-lhe porque estava chorando. Respondeu que não estava chorando e ia preparar-lhe uma bebida ele a olhou surpreso e viu que era verdade. Disse não poder compreender porque "aquelas pessoas" estavam andando de um lado para o outro e perguntou quem tinha morrido.

Garantiu-lhe que ninguém tinha morrido. ele não se mostrou convencido e disse que seria melhor que se comunicassem com S ... Ela não pôde distinguir o nome, mas pensou que soava como Sims. Ele continuou dizendo que a pessoa tinha um negócio em New Market, subúrbio próximo. Nada mais disse e logo depois morreu.

A mulher chamou o médico, que veio acompanhado de duas enfermeiras. Depois chegou uma senhora conhecida, de sorte que quatro mulheres e o médico estavam andando no quarto, onde tão pouco tempo antes o marido tinha pensado ter visto gente andando.

O empresário que chamaram tinha o nome de SIBUNS e vinha de New Market. Foi então que a mulher se lembrou das palavras do marido, que era melhor entrar em contacto com S...

Ainda mais raras do que as experiências que se relacionam com a própria morte ou enterro do indivíduo são as que ultrapassam de muito a própria vida da pessoa para se realizarem. Uma destas provém da neta de quem sonhou, atualmente vivendo no Iowa. Mandou uma carta dizendo que, em 1918, quando tinha 13 anos, a avó mostrou-se muito transtornada de manhã por causa de um sonho que tivera durante a noite. A avó em geral não acreditava em sonhos mas este não era confuso e indistinto como a maior parte dos que costumava ter.

"Nele", lembra a neta, a avó tinha visto um cavalo preto de cara branca atacar-me, jogando-me ao chão. Eu estava no pomar do lado norte da casa da fazenda. Mas não tínhamos cavalos soltos nem tão pouco um preto de cara branca.

"A avó morreu em 1934. Mudamo-nos, voltamos e em 1947 recebi animais para pastar durante o verão e entre eles vieram duas éguas pretas, sendo uma de cara branca. Pertenciam a um solteirão e não davam montaria para senhoras. Geralmente resfolegavam e corriam quando me aproximava. Mas nunca tive medo de cavalos e o sonho da avó estava completamente esquecido.

"Certa manhã, quando fui ao pomar, a égua de cara branca resfolegou depois começou a dar voltas em torno a mim, com os olhos arregalados. Gritei, agitei os braços, agarrei um galho quebrado. Ela relinchou e lançou-se. Tirei uma galocha que lhe joguei na cara. Parou por uns momentos. Surrei-a com o galho que se quebrou em vários pedaços, mas deteve-a por algum tempo. Consegui chegar até o portão, passei e voltei para casa.

"Foi então que me lembrei. Nesta mesma cozinha a avó tinha estado sentada, agitada, quase doente, descrevendo-nos o sonho que tivera que somente não se realizou depois de tanto tempo por causa de uma galocha e um galho quebrado. Talvez fosse simples coincidência, mas..."

Talvez fosse apenas uma coincidência. Se for mais, importava em experiência precognitiva. O sonho não se realizou inteiramente. A

moça escapou. A égua de cara branca não a apisoou. Esta experiência podia relacionar-se com a questão, mencionada anteriormente, se um acontecimento pré-conhecido é evitável. Aqui é bastante mostrar que qualquer pessoa passa por experiências que indicam a possibilidade de receber informações a respeito de acontecimentos ainda não realizados, talvez até mesmo depois de terem morrido.

À guisa de adendo à discussão de experiências que implicam no futuro, perguntar-se-á talvez: Volta a chamado de PES? É bastante esquisito que seja difícil responder, embora à primeira vista se afigure fácil. Como sabemos perfeitamente, o passado volta a qualquer de nós como lembranças ou sonhos. Pretende-se saber se qualquer dessas ocorrências é devida a PES do passado.

Certa senhora que agora vive na Geórgia teve um sonho quando era primeiranista da faculdade, tão lúcido que não foi capaz de esquecê-lo, mesmo que não fosse particularmente impressionante. Não tomou parte no sonho, parecendo mais observá-lo a pouca distância.

"O sonho", diz ela, "girava em torno de uma grande casa, muito bonita, de cor clara, mas não de madeira. Estava muito perto do passeio e cercava-a uma grade alta de ferro batido. Realizava-se uma reunião ao ar livre, estando de um lado grupados os adultos e de outro os adolescentes. Entre os jovens encontrava-se meu namorado e com ele um rapaz de cabelos pretos, cujo rosto não podia ver. A festa realizava-se à noite, contudo estava tão claro como se fosse dia. Durante todo o tempo um homem de roupa preta e chapéu marrom andava de um lado para o outro no passeio, observando a festa. Acordei de repente e sentei-me na cama dizendo: "Sei que esta casa deve estar em W- (cidade próxima) - é mesmo em W- sei que é." No dia seguinte contei o sonho ao meu namorado que ficou muito admirado. Quando acabei, disse-me que essa reunião tinha-se realizado há três anos, tendo-a ele esquecido quase completamente.

"Levou-me a ver a casa em W - que era como havia visto no sonho, podendo eu ver agora que externamente era acabado em cor

amarelo creme. Explicou-me que o amigo era John, que eu também conhecia e o gramado tinha sido iluminado por refletores na noite da festa. Contudo, não podia lembrar-se de ter visto homem algum, como em meu sonho, na frente da casa. Um ano depois encontrei a moça que lá morava, a qual me confirmou o sonho e um ano mais tarde encontrei o homem que andava de um para o outro lado - agora meu marido. Por ocasião da festa e do meu sonho, vivia em outra cidade, mas quando nos encontramos morava na casa em frente à da festa."

Embora todas essas experiências (são, contudo, comparativamente pouco frequentes) se relacionem diretamente com ocorrência passada, talvez não tenham, afinal de contas, essa origem. A PES em causa talvez fosse do presente. Neste caso poderia tratar-se de telepatia, em outros de clarividência ou de PES geral e indeterminada, PESG. Os detalhes suscetíveis de verificação existiriam nas recordações dos que tinham tomado parte na ocorrência.

Assim sendo, como a verificação deve sempre depender de lembranças ou de registro objetivo de certa espécie, não é possível ter certeza da ocorrência de PES do passado. É muito mais fácil mostrar que PES se estende ao futuro. Devido a esta dificuldade, a retrocognição, como se deveria denominar PES do passado, não faz parte falando rigorosamente, da definição deste terceiro tipo de PES, precognição. Se for possível algum dia estabelecê-la como realidade, ter-se-á de arranjar um nome que compreenda não só PES do futuro como do passado.

Da mesma forma que a linha de separação entre telepatia e clarividência não é nítida, a que separa precognição e clarividência também não o é. Acontecimento futuro previsto pode incluir moléstia, gravidez, lugar ou pessoa existente mas ainda desconhecidos à pessoa que passa pela experiência. Em casos tais não é possível dizer se trata de clarividência ou precognição ou de uma combinação de ambas.

Certa senhora residente em Chicago recebeu comunicação do filho que trabalhava em Louisiana, que se apaixonara e casaria em novembro. A carta era curta e não descrevia a noiva. Dizia somente que viriam visitá-la no Natal e tinha a certeza de que a mãe gostaria dela.

Diz a mãe: "Sem dúvida estava curiosa a respeito dela, visto como ele não me dava qualquer informação da aparência ou da personalidade da noiva".

"Umas três semanas antes do Natal tive um sonho muito claro. Ouvei bater à porta e, ao abri-la, vi o filho abraçando bela jovem, rechonchuda, de olhos grandes azuis e cabelo louro comprido em tranças em volta da cabeça. O filho disse: "Bem, mamãe, aqui está ela."

"Esperei ansiosamente que chegassem e quando vieram o sonho se realizou. Era exatamente como a tinha visto em sonho."

Nesse entrelaçamento de elementos presentes e futuros em muitas experiências de PES observa-se novamente, como se dá nas combinações de elementos de telepatia e clarividência, que a natureza não é tão rigorosa quanto aos seus limites como procuram ser as classificações feitas pelo homem. Nestas combinações de tipos de PES afigura-se muita vez que a dificuldade da classificação provém não só da insuficiência de informações obtidas na experiência, mas também da própria realidade que não é tão divisível como pensamos, compondo-se do presente e do futuro ou de elementos de telepatia e de clarividência.

Quase todas as experiências abarcadas pela definição de psi classificam-se em qualquer dos três grupos seguintes: telepático, clarividente e precognitivo. Tais as divisões de PES que se encontram no laboratório que devem ser os principais tipos de PES conforme expressos na natureza. Por este motivo pode dizer-se que as duas orientações de provas, espontânea e experimental, entrelaçam-se e sustentam-se mutuamente.

É possível mesmo levar essa idéia um pouco mais avante. Quando se classificam as experiências nestes tipos de PES, poucos casos restam e mesmo estes têm possível protótipo na pesquisa. Estes casos que sobram não se ajustam à categoria de PES porque a informação que proporcionam não se apresenta primariamente como idéia, mas como efeito físico de certa espécie. Este tem, então de transladar-se à idéia. Classificam-se tais ocorrências como efeitos psi possíveis, embora não como exemplos de PES, e devido a elas os termos PES e psi não são inteiramente sinônimos. O ultimo é mais vasto, compreendendo esta espécie física de efeito, bem como ideacional ou PES cognitivo.

A discussão destas experiências físicas que sobram e da pesquisa destinada a apoiá-las somente se realizará muito para diante neste volume, quando se alcançar o lugar que lhes é particularmente apropriado.

3

Formas da experiência de PES

Não é possível ler ou ouvir falar de muitas experiências de PES sem compreender que aparecem em consciência sob muitas formas. Sem dúvida, algumas são sonhos e outras não, mas mesmo além dessa distinção um tanto óbvia, os sonhos apresentam diferenças, e assim também as várias experiências quando o indivíduo está acordado. O fundo de trabalho experimental em parapsicologia não é de grande auxílio quando se procura compreender tal mixórdia. Praticamente, têm-se conduzido todas as experiências no ambiente um tanto limitado do laboratório, no qual evidentemente não ocorrem sonhos. Mas, nas ocorrências da vida, o alcance das condições fica menos limitado, sendo de esperar certa variedade de maneiras ou formas de experiências. Contudo, conforme se verifica, o número de formas realmente diferentes não é ilimitado. Desde que se comece a procurar semelhanças fundamentais, não é difícil descobrir, por baixo das variações superficiais, certa semelhança ou ordem. Entre estas, é possível analisar as diversas formas em somente quatro que se revelam significativamente diferentes: realista, não-realista, alucinatória e intuitiva.

Realista

Quase que a primeira observação que se faz quanto à maneira pela qual as experiências de PES vêm à consciência consiste em que muitas assumem forma decisivamente pictórica. Dão-se detalhes tão verdadeiros e realistas que o relato assemelha-se à descrição de fotografia - fotografia do acontecimento. Esta forma realista salienta-

se acima das outras, não só porque a referem mais freqüentemente, como também por ser impressionante a semelhança entre a experiência e o acontecimento.

Há alguns anos, certa senhora da Virginia Ocidental passou por uma experiência destas. O pai resolvera mudar-se para Utah, onde adquirira um terreno que ninguém ainda havia visto. Ela e o marido tinham também resolvido ir para o oeste.

No sonho, enquanto ainda se encontrava na Virginia Ocidental, ela se encontrava em Utah olhando a certa distância para a cidade mais próxima das terras do pai. Via-a ao clarão do sol poente derramado sobre a terra plana, refletindo-se a luz nos telhados das casas. Mas em torno, até onde a vista alcançava, só se via desolação cor de cinza. O deserto dilatava-se por milhas e milhas, árido e solitário, vazio por todos os lados. Contemplando-o invadiu-a um sentimento de desolação que a levou a compreender que era "tão só sonho", embora fosse notavelmente lúcido.

Foram para Utah. Ela e o marido, porém, ficaram terrivelmente desapontados. Não estavam preparados para a mudança. Conforme diz, não eram do "estofado de pioneiros" e dentro em pouco passaram a sentir saudades das montanhas cobertas de matas da Virginia Ocidental. De sorte que, dentro de pouco tempo colocaram as malas no carroção e o pai levou-a com o marido para a cidade, onde poderiam tomar uma diligência. Quando se aproximavam da cidade atravessando platô elevado, chegaram repentinamente à escarpa onde a estrada descia.

E lá estava o sonho! Era exatamente a cena. A cidade à distância espalhada sobre a terra plana; o sol iluminando os telhados das casas e o deserto em torno. Sentiu que a tinha visto antes; o sonho e a realidade eram idênticos.

A maior parte das experiências de PES são sonhos, mas ocorrem exceções. O caso da mulher que viu um carro cheio de pessoas chegando poucos dias antes de terem realmente vindo visitá-la é um exemplo, como o da mulher do lavrador que, enquanto lavava os

pratos em um dia frio, viu "no olho do espírito" o filho mais moço cair em um lago que estava a uns 450m atrás da casa e fora da vista devido ao pomar. Não era possível que visse realmente o lugar, mas era como se estivesse vendo o marido entrar na água para tirar o menino, levando-o para a casa com a água a gotejar das roupas e depois trazê-lo para perto do fogão da cozinha e esfregá-lo com toalhas para enxugá-lo.

Acabou de lavar os pratos e pôs-se a amassar o pão, ainda preocupada com a "visão". Nesse momento olhou pela janela e viu o marido entrando no terreiro, com o rapaz a gotejar nos braços. Como estava com as mãos cobertas de massa, o marido despiu o rapaz e esfregou-lhe o corpo. Disse que a "visão" lhe passou ante os olhos como uma fita no cinema.

Compreendendo assim todos os detalhes, uma experiência com a pessoa acordada, como esta, não parece diferente das experiências semelhantes em sonho. Há quem tenha sonhos de dia que pouco diferem dos sonhos noturnos, que talvez justifiquem as experiências de despertar que tomam a forma característica de sonho.

É bastante característico dessa espécie de experiência pictórica, verdadeira e detalhada, aparecer à cena ou quadro como se observada de certo ponto de vista. A mulher de Utah, por exemplo, somente reconheceu a cena do sonho quando chegou a ver, na realidade, a terra de certo ponto de vista.

E interessante observar que às vezes a margem ou limite desse ponto de vista suprime parte do quadro, chegando mesmo a excluir elemento importante de informação. Certo verão diverso industriais foi em excursão de pesca nas matas do Canadá. Entre eles estava o gerente de distrito de uma companhia de folhas de Flandres. Ficaram duas semanas no fundo das matas, isolados de qualquer fonte de informações.

Na véspera da viagem de volta, o gerente distrital teve um sonho tão claro, tão lúcido que não pôde mais conciliar o sono. Neste sonho, escreveu, "um dos guindastes de locomotivas que descarregava um

vagão de sucata de ferro, juntamente com o carro, estava na linha perto da margem de um rio, ao lado da torre de abastecimento de água às locomotivas. Por um motivo qualquer, quando o enorme ímã girou com pesada carga de sucata, virou de repente sobre a margem do rio. O operador, que chamei pelo nome, pulou do guindaste e caiu por baixo dele quando desceu aos trambolhões a margem do rio, desaparecendo finalmente de vista quando o guindaste parou afinal seis metros abaixo do nível da água. Observei especialmente o número do guindaste e o número e a posição dos vagões, e sou capaz de dizer como o operador estava vestido. Além disso, observei aproximadamente o estrago causado ao guindaste. Não sabia, contudo, o que afinal acontecera ao operador. Desaparecerá sob ou por trás do guindaste depois que este parou. Em outras palavras, eu observava o acidente de algum ponto no rio ou do outro lado”.

Quando cheguei à fábrica no dia seguinte, a primeira pessoa que encontrei foi o chefe das oficinas. Pediu-me que o acompanhasse até a oficina mecânica para examinar o guindaste do meu sonho, e falar com o operador que saíra do acidente sem um arranhão. Explicou porque escapara: o guindaste tombara-lhe pela frente quando dava o último pulo. O relato coincidia em tudo com o meu sonho, com uma única exceção. O acidente acontecera duas horas depois do sonho."

Ainda é cedo demais para formular qualquer conjectura quanto ao motivo por. que certas experiências são tão fielmente pictóricas. Pelo menos se observa que essa forma realista não se rege inteiramente pelo interesse consciente da pessoa, porque, se assim fosse, em um caso como este, a pessoa "saberia" o que acontecera ao operador, tão exatamente como "sabia o número do guindaste".

A forma pictórica ou realista não só é comum nas experiências de PES, mas é fácil de reconhecer devido aos detalhes precisos. Estes tornam pouco provável que se ponham de lado experiências dessa ordem como simples coincidência.

Não-realista

Da mesma sorte que é possível transmitir a verdade tanto pela ficção quanto por descrições concretas, exprimem-se muitas mensagens de PES mais por meio de não-realismo do que realismo. "Em janeiro de 1945", escreve certa senhora de San Francisco, sonhei que meu filho único, então prestando serviço militar no Pacífico, aproximou-se quando eu estava ocupada na cozinha entregando-me o uniforme encharcado de água, gotejando. O rosto revelava expressão magoada, e sentindo-me confusa e perturbada, mas nada dizendo, comecei a torcer o uniforme para retirar a água, enquanto a cor azul do pano toldava a água e me aumentava o sentimento perturbado, confuso e perplexo.

"Billie, que estava de pé perto de mim, recebeu das minhas mãos o uniforme e, jogando-o no tanque, fêz-me voltar para ele e tomou-me nos braços dizendo: Não é terrível, mãe - não é terrível!

"Embora em ocasião alguma tivesse dado qualquer motivo de preocupação quando se metia em vadiações um tanto sérias até os dezenove anos, pensei, no sonho, que talvez estivesse envolvido em alguma dificuldade que julgava fosse aflitiva para mim, porque dizia: É exatamente, mãe, o que esperava não tivesse de ouvir nunca! De sorte que lhe disse como costumava dizer anteriormente: Querido Billie, lembra-se? Nada há tão terrível que não se possa resolver com calma.

"Fomos para a sala de estar e quando me sentei ele veio sentar-se no meu colo, pôs os braços em volta do meu pescoço e encostou a cabeça ao meu ombro, soluçando, sem dizer palavra. Abracei e repentinamente passou a ser novamente criancinha e me via niná-lo como fazia antigamente! Quando deixou de soluçar acordei mas o sonho me ficou presente ao espírito nitidamente.

"Isto se deu segunda-feira de noite. No domingo seguinte, à tarde, veio visitar-me um capelão da 13^o base naval de Long Beach, na

Califórnia (nessa ocasião morava na Califórnia do Sul) comunicando-me que tinha havido um acidente qualquer com o navio em que Billie estava, mostrando-me uma longa lista dos que faltavam, constando dela o nome do meu filho. Verificou-se mais tarde que todos quantos figuravam na lista - 250 rapazes - haviam morrido, reduzidos a pedaços impossíveis de identificar, quando o navio, carregado de toneladas de munições, cargas de profundidade e bombas, tinha sido torpedeado pelo inimigo em Lunga Beach, Guadalcanal, naquela mesma noite de 20 de janeiro em que eu sonhara tão lucidamente com Billie."

Dizia este sonho à verdade? Quase nenhum detalhe era real, desde a primeira cena em que a mãe torceu o uniforme até o momento em que se transformou nos braços dela na criança que fora antes. Entretanto, o sonho, em seu significado mais profundo, era perfeitamente verdadeiro. Embora inteiramente diferente pela forma dos sonhos realisticamente verdadeiros que analisamos anteriormente, este transmitia o sentimento de tragédia indiretamente e por meio de fantasia e dramatização sonhadora. Nele pode ver-se a combinação da informação PES com as lembranças do filho quando ainda pequeno. Em conjunto, a fantasia era bastante complicada, mas quando a memória não entra em cena, a tendência do espírito que sonha em dramatizar a situação salienta-se ainda mais nitidamente.

Em 1943, na Carolina do Norte, a garçonete de um café tinha por patrão belo rapaz que começou a prestar-lhe atenção. Disse que era vendedor em Boston, solteiro e convidou-a a ir ao cinema.

Depois de vários encontros, ela começou a gostar dele e dentro em pouco falavam de casamento. Uma tarde ele disse que tinha de fazer uma viagem rápida a Boston, mas voltaria em uma semana para então marcarem a data do enlace. Na noite seguinte ela teve um sonho. Uma mulher débil, triste, de cabelos castanhos e prestes a dar a luz apareceu-lhe e disse que era esposa dele.

No dia seguinte a garçonete soube por alguém que tinha ouvido a conversa pelo telefone, que não era viagem de negócios a Boston que

o chamara a esta cidade, mas sim a mulher que estava preste a dar a luz.

O rapaz voltou dentro de uma semana e quando a moça lhe contou o que sabia da conversa pelo telefone, confessou a duplicidade, confirmando a coincidência da descrição do sonho com a figura da esposa.

Embora quase todas as experiências não-realistas sejam sonhos, vez por outra se revela a tendência não-realista quando a pessoa está acordada. Toda a questão está na diferença entre sonhos noturnos e diurnos. Por exemplo, em Cincinnati há alguns anos jovem senhora estava lavando, à tarde, os pratos do almoço. O marido ausentara-se a negócios.

De repente, olhando pela janela, viu, como que aturdida, a figura da morte atravessando a correr o gramado. Desapareceu em um momento, deixando-a fria, agitada e horrorizada. Sabia que ocorrera algum acontecimento terrível.

Esperava o marido mais ou menos às 3 horas da tarde, mas não apareceu. Por volta das sete estava andando na sala presa de grande agitação, quando o telefone tocou. Era um chamado do hospital, dizendo que o marido estava machucado e inconsciente. Verificou-se que, ao tempo da extraordinária experiência que ela tivera, o carro dele tinha-se chocado com outro que vinha à disparada em sentido contrário, tendo ele ficado comprimido contra o pára-brisa. Ficou bastante machucado mas escapou.

Nos que têm inclinação religiosa, as fantasias desta espécie reportam-se freqüentemente a concepções religiosas. Certa senhora submeteu-se a operação séria em um hospital de Minnesota. Quando recuperou os sentidos, percebeu que havia alguém em um quarto vizinho que gemia e chorava constantemente. A enfermeira disse que estavam fazendo tudo quanto era possível para o doente que dentro em pouco ficaria melhor. Todavia, a mulher ficou muito preocupada e pôs-se a rezar pelo doente.

"Muito depois da meia-noite", escreveu ela, a enfermeira foi buscar um sedativo para que eu dormisse. Saiu fechando a porta sem fazer barulho."

Sem dúvida não é possível confiar demasiadamente na distinção que uma pessoa fraca ou doente de cama faça entre estar dormindo e acordado; mas neste caso a doente não percebeu que ia adormecer. Estava olhando para a porta. Dentro em pouco viu que se abria. Primeiro pensou que fosse a enfermeira mas "enquanto olhava vi a figura de Cristo. Envolvia-o a túnica branca flutuante, conforme o representam nas imagens. Adiantou-se devagar e tranqüilamente até o leito. Pensei que tinha vindo por minha causa, mas, pondo a mão no travesseiro sorriu e disse: Vim por causa dele. Está tudo bem."

"Depois, tão tranqüilamente como tinha vindo, saiu, fechando a porta. De certo modo tudo parecia muito esquisito. Olhei para o relógio e vi que eram duas horas e 40 minutos da madrugada".

Na manhã seguinte, a doente disse à enfermeira: "O homem do outro quarto morreu de madrugada, não é?"

"Morreu, mas como sabe?"

Contou-lhe a experiência noturna e afinal, vencendo a relutância da enfermeira em dar qualquer informação a respeito de outro doente, soube ter ele morrido exatamente àquela hora.

A idéia de vir Cristo em busca do morto é naturalmente simbólica, e os sonhos que incluem tais conceitos podem chamar-se simbólicos; entretanto, o sentido do sonho é bastante claro para dispensar interpretação.

Contudo, sonhos inteiramente crípticos ou simbólicos são comuns, até mesmo lendários. Abundam em todas as épocas da história narrativas que os compreendem. O aspecto velado e misterioso dá-lhes atração e interesse que em muito excedem os do sonho realista mais singelo. Aos olhos da ciência, contudo, a correlação com a realidade que se supõe simbolizem deixa muitas vezes de convencer, como deixa de ficar provada. Em geral é bastante fácil ler simplesmente a significação.

Em inúmeras experiências dessa espécie, não se dá qualquer indicação precisa da pessoa, do tempo ou do lugar, que estão presumivelmente em causa. Naturalmente, o acontecimento apropriado que se segue considera-se como o cumprimento da experiência, sem qualquer prova de correlação entre o mesmo e o sonho. Um senhor idoso do Texas conta que durante perto de vinte anos tem-se repetido o mesmo sonho: "Perdi um dente. Desapareceu. Sinto com a língua que está faltando. Contudo, unho todos os dentes, perfeitos. Uma ou duas semanas depois de um destes sonhos, sei da morte de um amigo íntimo ou parente."

Evidentemente, um sonho destes tem de "verificar-se" porquanto, infelizmente, mais cedo ou mais tarde, é quase certo receber-se a notícia da morte de um amigo ou parente. Para classificar-se como experiência de PES, com segurança razoável, um sonho destes teria de compreender algum elemento específico que o relacionasse a acontecimento definido.

Talvez devido à atitude atual mais crítica em relação a tais assuntos assinalam-se muito menos freqüentemente sonhos realmente simbólicos, pelo menos como experiências de PES, do que os tipos realistas mais prosaicos nos quais a multiplicidade de detalhes concordantes torna menos possível a coincidência.

Contudo, em certos casos, é possível vislumbrar nos sonhos de PES de uma pessoa o desenvolvimento do que se viesse a chamar de simbolismo "personificado." Por vezes torna-se possível registrar a maneira pela qual certo símbolo, água barrenta, digamos, ou cavalo branco ou uma alameda passam a presságio de crise, em geral de morte. Não é necessário que o primeiro sonho da série se baseie em PES. Pode ser sonho ordinário de fantasia; mas se der em um momento crítico e significativo, seria provável que ficasse "estampado" inconscientemente de sorte que mais tarde, quando ocorrer crise comparável, mesmo somente suscetível de se conhecer por meio de impressão de PES, a mesma fantasia venha a repetir-se, dando assim origem a sonho simbólico de PES.

Na Carolina do Sul, em certa tarde quente de julho, a ama de uma menina de uns 12 anos de idade, mandou-a brincar fora de casa, porque a mãe estava muito doente. A ama foi para o pátio e adormeceu na rede.

"Sonhei que via minha mãe," disse ela. Andava em bela alameda, afastando-se. Corri o mais depressa possível mas compreendi que não seria capaz de alcançá-la: então chamei-a. Voltou-se, fez um gesto com a mão, e disse: Volta, minha filha, teu pai está precisando de ti.

"Voltei imediatamente e entrei em casa. Meu pai veio ao meu encontro no vestíbulo, abraçou-me e disse: Filha, preciso de ti. Tua mãe nos deixou. Quando lhe disse que a tinha visto andando rapidamente pela alameda que nunca antes conhecera, ele respondeu: Deve ter-te dado o último adeus. Este sonho ficou comigo durante muitos anos até hoje, porque tenho continuado a ver em sonhos essa mesma alameda.

"No primeiro, meu irmão mais moço estava doente em um hospital em outro estado. Eu estava doente e não podia ir fazer-lhe companhia, mas meu pai com os outros irmãos estava com ele quando morreu. Na noite em que tal se deu, sonhei com a mesma avenida que tinha visto em sonho doze ou treze anos antes; tentei aproximar-me, mas ele me disse que não o acompanhasse e voltasse para trás. Quando meu pai trouxe o cadáver para o enterro, contei-lhe o sonho e referi-me à hora. Respondeu que meu irmão havia falecido poucos minutos antes da hora em que acordei".

"Depois, em janeiro de 1947, tínhamos recebido amigos para um jogo de bridge. Quando se retiraram, fomos ambos dormir. Tive o mesmo sonho - desta vez era meu marido que andava pela alameda. Corri e pedi-lhe que parasse - também ele, neste sonho, ergueu a mão e disse: Volta, que os nossos filhos precisam de ti. Estava assustada e agitada enquanto dormia e passei-lhe um braço em volta, o que o acordou. Foi logo dizendo: Estou me sentindo mal, chama um médico. Morreu dentro de poucos minutos.

"Mais uma vez, na sexta-feira Santa de 1934, minhas filhas acompanhadas por uma amiga foram a um baile. Antes de voltarem, sonhei que a filha mais velha e a amiga tinham sofrido um acidente fatal em frente à nossa casa, e a mesma alameda apareceu-me novamente em sonho. Quando as filhas voltaram para casa à uma hora da madrugada, contei-lhes o sonho e senti-me aliviada quando vi que tinham voltado sãs e salvas. Na noite seguinte, sábado antes da Páscoa, as filhas deram um baile em casa. A amiga encontrou a morte a um quarteirão de nossa casa quando voltava e o acidente foi exatamente como havia sonhado."

Às vezes um símbolo pessoal se desenvolve por essa maneira. Mesmo assim, contudo, é evidente o perigo de supor uma correlação inexistente. O desenvolvimento de verdadeiro símbolo de sonho de significação PES ocorre provavelmente muito raramente. Muitos sonhos que se supõem significativos resultam provavelmente apenas de sonho não PES repetido, associado pela pessoa que sonha à próxima morte que lhe anunciam. O motivo da repetição é em geral de aspecto psicológico, nada tendo a ver com PES.

Porque exatamente certas experiências são simbólicas importem ou não em PES? Tem-se procurado responder a esta pergunta, mas não se pode considerar qualquer resposta como estabelecida ou mesmo aplicável a todos os casos. Supõe-se comumente que um sonho não-realista, tendo significado mais oculto, é maneira mais suave de comunicação de más notícias, mas pelo menos em PES o número de sonhos que traz más notícias sob a forma realista não-disfarçada, é muitas vezes maior do que os sonhos simbólicos ou mesmo só ligeiramente não-realistas. Seja qual for a explicação cabal, a questão é que os sonhos que revelam tendência à fantasia mais do que à representação literal podem considerar-se como forma distinta de experiência de PES, em contraste direto com experiências realistas.

Na maioria dos casos as formas realistas e não-realista são perfeitamente distintas, de sorte que o sonho pertence a uma ou outra

espécie. Acidentalmente, contudo, observa-se a combinação das duas. Serviria de exemplo se quem sonha tivesse impressão não-realista de fazer uma visita ou viagem durante a qual "visse" certa cena em detalhe verdadeiro e realista.

Uma senhora da Califórnia sonhou que tinha ido visitar uma amiga da mãe dela que vivia em Austin, no Texas. Não fora nunca ao Texas e não recebera ultimamente qualquer comunicação dela. Disse que no sonho "entrei em uma grande casa quadrada, antiga, do Sul, que tinha um pátio central com a escadaria e quartos de cada lado. Ninguém veio ao meu encontro, de sorte que subi as escadas. A obra em madeira era escura e brilhante e era capaz de jurar que não havia a menor partícula de pó na casa. Olhei de relance para os quartos ao passar e tive a impressão de espaço e graciosidade, bem como de alguns móveis antigos. Não se viam cortinas. Tudo se encontrava na maior ordem possível. Ao subir as escadas começou a penetrar-me o espírito um sentimento de sossego e felicidade. Cheguei a uma porta fechada, abri e entrei. O cômodo encontrava-se num estado de desordem de emergência. Viam-se roupas jogadas em uma cadeira. Uma cama de lona, de aspecto esquisito, que não condizia com os outros móveis, estava aberta no meio do quarto. Nela estava deitada a minha amiga. Cumprimentou cordialmente e sentei-me perto dela. Conversamos agradavelmente por muito tempo. Afinal tive de retirar-me.

"Durante o sonho tinha apreciado tudo bastante, mas quando acordei pela manhã e recapitulei o que vira, fiquei preocupada com a minha amiga. A cama baixa de lona, de aspecto esquisito parecia um caixão e lembrei-me que ela não havia levantado a cabeça do travesseiro. Sabia que nem tudo estava certo. Sentei-me e escrevi-lhe contando o sonho com todos os detalhes, conforme me lembrava inclusive as minhas impressões da casa e perguntei-lhe se estava doente.

"Passaram-se semanas até que chegou a resposta. Adoecera violentamente na noite em que sonhei. O casal tinha o costume de

dormir na varanda em camas de vento mas tinham na trazido para dentro. Tinha sofrido forte crise mas estava passando melhor. Achou muito estranha a descrição que dei da casa. Descrevi-a exatamente, e muitas amigas dela tinham-se referido à atmosfera tranqüila. Quanto às cortinas, dizia: Odeio-as. Nunca tive uma sequer em minha casa. Casara-se um pouco tarde tendo sido antes professora em um internato, de sorte que eu nunca estivera em qualquer casa dela nem tinha qualquer idéia da sua maneira de viver."

São, contudo, excepcionais as combinações de elementos realistas e não-realistas no mesmo sonho. Aparentemente o "fazedor inconsciente de sonhos" não mistura as maneiras de expressão como também os escritores não costumam misturar prosa e poesia.

Alucinatórias

Inúmeras experiências de PES ocorrem quando a pessoa está acordando. Em algumas não é fácil dizer com certeza se está mesmo acordada, entretanto, a experiência não se assemelha a sonho típico. É mais viva, mais parecida com a experiência dos sentidos que ocorre quando se está acordado. Quem não teve, quanto a isso, um sonho de não-PES tão lúcido que se prolongou até estar desperto, parecendo mais real do que a realidade? Para algumas pessoas essa impressão de realidade permanece durante tempo apreciável, de sorte que se afigura pelo menos temporariamente que se ouvem e vêem realmente as figuras do sonho. Certas experiências de PES são dessa espécie. Como a pessoa pensa que está fazendo uso dos sentidos é mais do que simples sonhos.

Um dos pára-quedistas da Segunda Guerra Mundial que saltou no dia D era um rapaz de Pensilvânia chamado Jack. Em duas noites sucessivas depois da invasão a mãe teve sonhos vívidos a respeito dele, mas no terceiro passou por experiência diferente, dessas

fronteiriças. No primeiro viu o rapaz deitado com outros soldados em um longo valo e embora se esforçasse o mais possível para sair não o conseguia. Na segunda noite o sonho foi semelhante mas os rapazes menos Jack pareciam cobertos de sangue. Jack estava protegido pelos outros.

Na terceira noite, pensou que acordava, sentava-se no leito e via Jack sorrindo para ela, dizendo que não se aborrecesse porque estava bem.

Relatou ao marido cada uma dessas experiências e ele registrou as datas respectivas. Comunicaram que Jack estava preso num campo alemão, mas durante muito tempo não receberam qualquer notícia direta. Nove meses depois chegou em casa. O pai perguntou-lhe o que tinha acontecido nas noites em que a mãe tinha tido os sonhos. O rapaz respondeu que se escondera em um fosso profundo, procurando evitar os tiros de aviões alemães que os metralhavam. Contou que experimentara sair quando os aviões se afastaram ou se retiravam. Na segunda noite, enquanto estavam no valo, muitos rapazes morreram ou ficaram gravemente feridos, e outros se tinham refugiado no valo, sendo que ele procurou ficar o mais possível no fundo. Na terceira noite, conseguiu sair do valo e foi aprisionado com os outros.

Experiências que, pelo menos momentaneamente, dão a impressão de estar-se vendo ou ouvindo repetem-se às vezes na noite seguinte, e quando tal ocorre, o sentimento de realidade desaparece e torna-se menos convincente quando o indivíduo chega a compreender o efeito alucinatório. Durante a guerra, uma senhora de New Jersey cujo marido estava no estrangeiro, passou por uma série dessas experiências fronteiriças. Sonhou que o marido a estava chamando, batendo à porta e dizendo: "Vem, Ronnie, estou bem, veja só!"

Ela pulou, pensando que o estava vendo, mas não havia ninguém. Era tudo sonho. Mas assim continuou todas as manhãs. De cada vez, disse ela, esforçava-me por alcançá-lo, mas a imagem desaparecia. Não tinha recebido qualquer carta porque ele se achava na frente, mas continuei a rezar para que nada lhe acontecesse.

"Finalmente, quando o ouvia chamar, recusava levantar-me. Punha um travesseiro por cima da cabeça. Depois bateram à porta. Era um telegrama do Departamento da Guerra. Meu marido tinha sido encontrado seriamente ferido.

"Quando voltou, soube que tinha estado inconsciente na maior parte do tempo em que o havia ouvido; e ele tinha chamado repetidamente: Ronnie, vem para junto de mim. Estou bem. Veja só!"

Na maior parte das vezes, contudo, esta espécie de experiência não ocorre segunda vez. Assim sendo, permanece a novidade do efeito, tornando-se menos evidente para a pessoa a relação que tem para com o sonho. Freqüentemente, não se lembrando do sonho precedente ou mesmo nenhum tendo tido, a pessoa encara a experiência como "visão" e, em conseqüência, afigura-se-lhe mais clara e significativa do que qualquer sonho. Naturalmente tais experiências são mais do que sonhos, visto como a pessoa está convencida, momentaneamente, que os sentidos estão funcionando.

Uma senhora do Wisconsin foi deitar-se cedo, depois de um dia fatigante e tinha dormido talvez umas duas horas quando, conforme disse: Acordei de terrível pesadelo. Vi meu marido de pé na porta do quarto com o rosto machucado a sangrar e as roupas manchadas de sangue, dizendo: Não se assuste, querida. Foi pequeno acidente. Pulei da cama, acendi a luz e não vi ninguém. Olhei para o relógio e eram dez e trinta da noite. Voltei para a cama; por volta da meia noite acordei de novo e lá estava na porta do quarto meu marido, exatamente como o tinha visto anteriormente e dizendo as mesmas palavras. Perguntei-lhe A que horas se deu o acidente? E ele respondeu: Mais ou menos às dez e meia.

"Dois irmãos tinham-lhe dado uma surra devido à questão antiga entre eles."

Embora tal experiência dê a impressão de ser muito diversa de sonho e o ausente pareça estar ao alcance da percepção sensorial, a diferença real para o sonho está na convicção do indivíduo com relação ao funcionamento dos próprios sentidos. Tal convicção

importa na diferença real entre estas experiências e os sonhos de pessoas acordadas relatados na seção anterior. A mulher acordada que viu a "Morte" e outras pessoas semelhantes, sabiam tratar-se de sonhos durante o dia em que não utilizavam os olhos. Mas os que mencionamos acima eram de pessoas completamente despertas, que pensaram estar, por alguns instantes, vendo realmente, e não sonhando com o que lá não estava.

Quando PES não está em causa e alguém pensa ter visto qualquer pessoa ou objeto inexistente, os psicólogos dizem tratar-se de alucinação. Nos primeiros tempos, pensava-se que os sonhos eram uma espécie de alucinação, visto representarem o que não existe realmente. Atualmente só se emprega o termo alucinação se a pessoa está acordada e pensa, pelo menos momentaneamente, que os órgãos dos sentidos estão realmente em causa. Esta palavra, conforme agora usada, compreende qualquer espécie de experiência com a pessoa acordada em que os sentidos tomam parte quando nada há presente a impressioná-los. As alucinações ordinárias ocorrem geralmente em pessoas doentes, dopadas ou delirantes. Qualquer alucinação, proveniente de estado mental anormal ou de forte emoção, como em certas experiências religiosas, caracteriza-se pela impressão (errônea) de estar presente aos sentidos o objeto percebido.

Ocorrem igualmente experiências alucinatórias como os casos acima citados, diferentes, contudo, das alucinações ordinárias. Resultam evidentemente da aptidão psi, podendo-se denominá-las de experiências psi ou alucinações PES. Seria preferível que tivessem nome próprio, por serem também diferentes de todas as outras. Entretanto, até que se inventem novas denominações, teremos de aproveitar da melhor maneira possível à antiga terminologia.

As alucinações psi são diferentes das alucinações ordinárias por vários motivos. A mais importante é que o que se supõe ver tem certa realidade, quando menos seja como pensamento no espírito de alguém. É real no significado lato do termo, e embora os sentidos não possam alcançá-lo, a percepção extra-sensorial pode. Assim sendo,

em contraste com, todas as outras alucinações, esta espécie - a alucinação psi - é de certo modo verdadeira, e não simples experiência sem base concreta. Mas, a fim de ter certeza quanto à espécie de que se trata, torna-se necessário que o alvo ou base seja suscetível de verificação e de prova de realidade. No caso anteriormente relatado, a mulher que pensou ter Cristo entrado no quarto onde ela estava não tinha qualquer prova, além da própria opinião, dessa identidade, ou mesmo que qualquer pessoa estivesse presente. Essa fantasia poderia resultar tão só da dramatização do sonho.

As alucinações psi são diferentes de outras alucinações porque em geral as experimentam pessoas inteiramente normais, que não estão em estado mental anormal provocado por drogas ou moléstia. Conforme indicamos, contudo, ocorrem a pessoas que acabaram de despertar e, portanto, torna-se de difícil solução saber se trata de sonho ou de alucinação. Mas nem sempre. Às vezes tem-se plena certeza que a pessoa, ao experimentar a alucinação PES está inteiramente acordada. A experiência poderá ser ou visual, como as que descrevemos acima, ou auditiva se a pessoa ouve algo a respeito de alguém que está longe. Durante a guerra da Coréia, mãe e filho tiveram experiências "conjuntas", alucinatórias ambas, a dela ocorrendo logo depois de despertar, a do filho quando inteiramente desperto. Ela conta como na ocasião pensava que o filho estava a caminho da Coréia. Na realidade, conforme se verificou, estava em Manilha. Explicou que anteriormente, quando ainda se estava exercitando, costumava vir para casa algumas vezes, sem qualquer comunicação, para passar o fim de semana. Chegava tarde da noite, vinha até a porta do quarto dela e dizia baixinho: "Já cheguei, mamãe." Ela continua a contar: "Na noite a respeito da qual estou escrevendo, estávamos dormindo, quando acordei de repente e o vi de pé, na porta, olhando-me. Levantei-me depressa e disse: Esplêndido, Dick! Pensávamos que estivesse do outro lado do mundo! Ao ouvir-me, voltou-se e andou na minha frente em direção à sala de estar,

onde se desvaneceu! O marido seguiu-me e disse: Que é que há? Não está ninguém aí. Foi sonho.

"Era-me impossível acreditar. Senti-me deprimida e acabrunhada. Quase não dormi o resto da noite."

Quando o filho voltou alguns meses mais tarde e comparou detalhes com ela, disse: "Quase morri quando patrulhava a praia em Manilha." Contou então como o companheiro havia sido esfaqueado e como ele mesmo escapou por um triz. Disse: Quando isto se passava eu a vi dizendo: Esplêndido, Dick! Tanto quanto puderam calcular, a ocasião das duas experiências foi à mesma.

Experiências alucinatórias em que alguém "ouve" a voz humana são as que se citam mais freqüentemente, para a alucinação psi, mas não as que se conheçam melhor. Vulgarmente, o tipo visual de experiência alucinatória conhece-se muito melhor do que o auditivo, porque inúmeras alucinações visuais implicam na figura humana.

Outras espécies de experiências pseudo-sensoriais, além das visuais e auditivas apresentam-se nas alucinações psi. Às vezes são olfativas; outros certos efeitos fisiológicos generalizados, até mesmo o de dor ou falta generalizada de conforto físico. Estas experiências são quase sempre do tipo telepático. E como se a pessoa projetasse no próprio organismo ou a reprodução das sensações de pessoa distante ou a própria interpretação do que são tais sensações.

"Em 1951 minha mãe estava gravemente doente de câncer", escreve uma senhora de Filadélfia. "Esperava-se morresse de um momento para o outro. Em certa manhã de agosto tinha acabado de tomar café quando senti dor insuportável no peito, na região do coração. Não sentira nunca qualquer dor ou perturbação dessa espécie anteriormente, mas tinha a certeza que ia morrer de um ataque do coração.

"Pus-me a fazer massagens no peito, procurando diminuir a dor, preocupada com o sofrimento dos meus dois filhos se morresse. Depois de alguns minutos torturantes a dor diminuiu, vindo a desaparecer talvez nuns quinze minutos.

"Pouco depois o telefone tocou. Minha irmã pediu-me que tomasse um táxi e fosse imediatamente para a casa de nossa mãe, a uns 20 minutos de distância. Pensei que minha progenitora estivesse morrendo, e saí às pressas, imediatamente. Mas, quando cheguei lá, minha irmã disse que nosso pai tinha falecido a pouco de um ataque cardíaco, que procuravam ocultar de mamãe.

Voltando atrás, verifiquei que a dor que sentira no peito coincidia muito aproximadamente com o momento em que meu pai sofreu o ataque cardíaco. E até mesmo as circunstâncias eram idênticas. Ambos estavam acabando de tomar café e sentimos a dor na mesma hora pelo relógio. Eu não tinha qualquer idéia que meu pai não estivesse de perfeita saúde.

Característica que indica a experiência alucinatória não-psi é a sua particularidade. Ninguém participa das alucinações dos doentes ou dos dopados, como, de igual maneira, ninguém lhe participa dos sonhos. As alucinações PES são também particulares, mesmo quando estão presentes outras pessoas capazes de partilhar delas. Excepcionalmente, porém, têm-se visto várias pessoas participar da experiência. Certa senhora do Ohio afirma que no verão de 1912 o marido, que chamaremos Martin Jones, deu-lhe três entradas para o teatro. Diz ela: Levei a filha, de 12 anos na ocasião e o filho de uma vizinha, mais ou menos da mesma idade.

Quando voltamos mais ou menos à meia-noite, subimos longo lance de degraus que dava passagem de uma rua para a outra, demos com uma lâmpada elétrica forte no alto da escadaria, que a iluminava perfeitamente bem. Era uma noite de luar e não nos apressávamos. Quando chegamos ao último trecho, olhei e vi meu marido andando no último degrau e olhando para nós. Não disse nem uma palavra às crianças, mas o menino disse: Lá está o sr. Jones. Estava-me sentindo um pouco cansada de subir os degraus e não respondi, de sorte que minha filha falou (pensando que eu não tinha ouvido o menino):

Mamãe, lá está papai. Respondi: Estou vendo. Acho que o pequenino está fazendo manha e temos de andar depressa. Mas

quando chegamos ao último degrau e estávamos olhando para ele, já não estava mais lá!

"Nenhum de nós deu uma palavra, sentimo-nos repentinamente assustados e percorremos a rua em silêncio. Eu e a filha esperamos que o menino vizinho entrasse em casa e apressamo-nos a entrar na nossa. Minha mãe veio ao nosso encontro na porta e eu disse: Onde está Mart? e ela respondeu que estava dormindo no divã. Entrei e vi, deitado no divã, profundamente adormecido, o meu marido. Acordei-o e perguntei se tivera algum sonho. Disse que não. Estava vestido exatamente como o tínhamos visto na escada. Usava sempre suspensórios, mas neste momento não os trazia. Também quando o vimos no alto da escadaria não os tinha."

Serão experiências como esta simples ilusões causadas por sombras naturais ou efeitos de luz; serão exemplos de erro de identificação; ou simplesmente casos em que várias pessoas partilham de uma alucinação idêntica? Neste último caso, resultariam de telepatia entre várias pessoas ou haverá de fato algo a ver? É impossível, por enquanto, responder. Antes de tudo, tais experiências são muito raras. Sem dispor de provas mais concludentes só se pode deixar a questão em aberto, dizendo que, se tais efeitos são o que parecem, será necessário acrescentar outra diferença entre psi e as alucinações ordinárias. Ninguém vê as serpentes que atormentam os que sofrem de delirium tremens, nem as figuras celestiais que um místico religioso nutre. Se for possível partilhar de alucinações psi, elas serão de espécie diferente e não as experiências inteiramente particulares alucinatórias não-psi.

Tem-se discutido muito se as pessoas que se vêem em tais experiências poderiam estar lá presentes de certa maneira extraordinária mas real, parecendo ter importância especial devido a certos casos em que não estão vivas. É o caso das experiências partilhadas e, muito mais comumente, não partilhadas.

Em 1944, Norman, soldado americano, encontrava-se na ilha de Guam. Mantinha muito boas relações com outro soldado de nome

Pete. Depois Pete morreu e Norman o sabia. Umas três semanas depois, Norman estava dirigindo o automóvel que levava algum oficial do estado-maior em excursão de observação por trás das linhas da frente. Enquanto esperava por eles, um marinheiro dos postos avançados indicou-lhe um atalho no caminho de volta.

Já estava escurecendo quando chegou ao ponto indicado. Mas, quando tinha percorrido pequena distância, viu Pete a uns 15 metros à frente no meio da estrada, com o braço erguido como que fazendo sinal para parar. Achou que Pete lhe dizia: "Será melhor voltar pelo caminho por onde veio."

Norman deu marcha à ré, tomando cuidado para não esbarrar em um caminhão cheio de marinheiros que estava à espera para entrar no atalho. Nenhum dos oficiais notou a manobra, de sorte que Norman não deu qualquer explicação. Somente quando estava de volta na outra estrada é que lhe veio à idéia ter Pete morrido já há algumas semanas (compreensão que uma pessoa inteiramente desperta deveria ter instantaneamente).

Na manhã seguinte, quando chegou o relatório das perdas em ação, Norman soube que o caminhão de marinheiros fora destruído pela explosão de uma mina há um pouco mais de 3km da entrada do atalho. Todos morreram.

A dedução a tirar de tais experiências dá-lhes evidentemente importância especial - sendo ela, naturalmente, que os mortos ainda existem de certa maneira, sabem dos perigos e dão aviso. Entretanto, indagar do que os mortos têm a ver com semelhantes alucinações, ou com qualquer experiência PES, em que aparecem, cabe a capítulo próprio. Mais adiante passaremos a considerar se é possível receber comunicação dos mortos. Neste ponto só nos interessa procurar saber como e porque tal fenômeno ocorre.

Felizmente há assentamentos de casos em que a pessoa vista não está morta ou adormecida na ocasião, mas viva e perfeitamente acordada e em condições de prestar testemunho.

Em 1947 uma jovem americana que havia estado anteriormente na Alemanha e percorrera freqüentemente certa estrada com um conhecido do exército de ocupação, visitava a mãe dele na Inglaterra. Era uma quarta-feira de tarde e ela diz:

"Estive impaciente a tarde inteira, contando à mãe de Allen qualquer ocorrência que lhe interessava. Um ou dois dias depois recebi uma carta dele, perguntando se havia estado na Alemanha e que vestido tinha usado na quarta-feira.

"Ele e mais dois outros soldados estavam levando naquele dia um prisioneiro para a prisão a uns 25km de distância. Tinham de passar pela estrada que anteriormente havíamos percorrido. De um lado havia uma floresta, cortada de caminhos, que não se viam da estrada. Repentinamente uma jovem apresentou-se à frente do carro, agitando as mãos para que parassem.

"Exatamente nessa ocasião um carro de reboque separou-se do caminhão e rebentou desgovernado pela estrada. Se tivéssemos prosseguido, teríamos nos chocado com ele, morrendo todos. Sei que parece fantástico mas a jovem era eu. E o vestido que trazia na quarta-feira era o mesmo que a jovem usava. Allen dizia-me que fiquei diante do cano agitando desesperadamente os braços. O chofer alemão, que não me conhecia, parou o carro. Resmungava contra as mulheres imprudentes. Os dois companheiros, que me conheciam pessoalmente, reconheceram-me e Gerry exclamou Olha Pat e Allen disse Pensei que ela estivesse na Inglaterra.

A moça desapareceu tão repentinamente como havia aparecido. Gerry e Allen saíram do carro para ver onde tinha ido. Disseram que eu era tão verdadeira que deram minuciosa busca na floresta.

"Compareci ao casamento de Gerry alguns meses depois e ele confirmou a história de Allen palavra por palavra."

Em tais casos é evidente que a pessoa vista tinha muito pouco a ver, se é que tinha, com a experiência. Mesmo que a moça, então na Inglaterra, estivesse preocupada com o rapaz na Alemanha, não

poderia perceber o perigo que ele corria e não tinha qualquer idéia de estar realmente nas vizinhanças.

Conforme sabemos, os que passam por estas experiências poderiam ter recebido a informação por meio de PES. Fosse a informação simplesmente acidental, como a falta de suspensórios, ou perigo iminente como uma mina à frente na estrada, a informação seria acessível por meio de clarividência. A visão aparente das figuras poderia ter sido a projeção delas por meio de processo inconsciente de dramatização.

Por que às vezes a impressão PES toma essa forma alucinatória? E a forma de PES que se apresenta menos freqüentemente, o que sugere serem somente poucos os indivíduos constituídos de tal forma que adquiram o estado mental necessário; estado que parece, como o de Norman, ter certas características do sonho, apesar de estar a pessoa ostensivamente acordada. A psicologia das diferenças individuais desta espécie exige maiores estudos antes que seja possível resolver satisfatoriamente o assunto.

Intuitiva

Todas as experiências PES que não são sonhos ou alucinações apresentam certa forma fundamental, mais parecida com a que se conhece comumente por intuição. Mui caracteristicamente, é repentino conhecimento, como no caso da mulher que encontrou a aliança no bloco de gelo. Às vezes, porém, a pessoa, em lugar de ter a idéia, somente sente a emoção apropriada. Ou, nos casos em que se exigisse ação, pode realizar compulsivamente alguma ação sem saber porque.

Sem dúvida praticamente qualquer pessoa é capaz de ter intuições algumas vezes ou suposição ou palpite de algo que aconteceu ou vai acontecer, muito embora não saiba exatamente porque ou como assim

pensa. Na maior parte, é possível remontar à origem de tais impressões como inferência inconsciente de fatos conhecidos, de observações, memória, etc. Observam-se, contudo, outras, de envolta com palpites ou intuições ordinárias em que não existe qualquer fonte sensorial, mesmo indireta, capaz de fornecer a informação. As experiências PES, em sua maioria, que ocorrem a pessoas despertas, são dessa espécie. Não são casos em que o indivíduo infira, suponha ou tema ter-se dado algum acontecimento distante além do alcance dos sentidos. Afigura-se-lhe ter conhecimento direto do acontecimento.

Em 1907, um estudante (hoje homem feito residente em Seattle) estava passando as férias em casa no Iowa quando presenciou uma experiência da progenitora, tão inesquecível, conforme diz, que desde então lhe está claramente presente ao espírito. Explica:

"Meus pais divorciaram-se em 1905. Para minha mãe era questão de vergonha e tristeza - pois se julgava-se derrotada o divórcio. Embora meus pais me escrevessem freqüentemente para a escola, não se correspondiam. Quando estava com um deles tinha o cuidado de não mencionar o outro, - aprendi desde cedo a proceder assim.

"Sentado com minha mãe a conversar certo dia, vi-lhe no rosto repentina expressão de espanto - quase agonia. Exclamei, Mãe, o que está sentindo?

"Respondeu: Seu pai está-se casando.

"Ri: Impossível. Ter-me-ia dito. Recebi uma carta dele poucos dias antes de vir para cá".

"Mas, por mais que dissesse, não me foi possível alterar a convicção em que ela estava de que meu pai tornava a casar-se naquele momento. Eu continuava, ao contrário, convencido de que ele me comunicaria antecipadamente, visto as nossas relações serem muito boas e as cartas muito íntimas.

"Contudo, com o correr dos dias recebi uma carta de meu pai dizendo que tornara a casar. O casamento se realizara em Nova York na tarde daquele mesmo dia em que estávamos em Iowa."

Constitui aspecto distintivo desta forma o que se poderia chamar falta de contorno. Contrastando com as outras, não compreende fantasia. Os sonhos, realistas ou não, deixam certo quadro mental na memória. As alucinações têm a lucidez de experiência dos sentidos. Mas as intuições de PES nada têm de semelhante. A experiência fornece idéia ou impressão de que a pessoa se apercebe simplesmente, sem que haja qualquer motivo óbvio para que saiba ou sem qualquer ligação racional com os pensamentos que tenha interrompido.

Há grande dificuldade em fazer com que outras pessoas se convençam dessa forma de experiência PES. Ocorrendo sem qualquer indício que se possa reconhecer e sem qualquer detalhe ou contorno em confirmação, é muito pouco provável que impressione qualquer outra pessoa quando se refere. Até mesmo a pessoa que a sofre, quando reflete mais tarde, muitas vezes perde a convicção e põe em dúvida a validade da intuição.

Durante a Segunda Guerra Mundial uma viúva da Califórnia tinha dois filhos no exército, e em 1944, o terceiro, de nome Harold, logo que completou 17 anos, foi servir na marinha mercante. Terminada a guerra, continuou em serviço "para ver o mundo". Mas, como rapaz, não tinha o cuidado de escrever e afinal as cartas deixaram de vir. A mãe preocupada telefonou à companhia de navegação e soube que ainda estava em serviço.

Certo dia de maio, os outros dois filhos acompanhados das famílias estavam para ir passar o fim de semana na casa que tinham no Rio Sacramento. Queriam que ela também fosse. Ela sentia, porém, uma impressão estranha que não devia deixar a casa.

"Sabia que Harold devia chegar no domingo e era necessário que alguém ficasse para dar-lhe as boas vindas. Os filhos sabiam que eu não tinha notícias dele. Procederam como se pensassem que eu estava perdendo o juízo. E foram embora.

"No sábado procurei ficar ocupada. Domingo de manhã arrumei a casa e sentei-me para esperar Harold. Afinal já eram quatro e meia da

tarde e estava começando a ficar desanimada, quando ouvi que alguém subia as escadas na disparada. E Harold entrou!”.

"Disse-lhe, Chegou a tempo. Esperei-o toda a tarde.

"Ele pareceu intrigado. Como sabia que eu ia chegar? Não escrevi. Disse-lhe: Oh, sabia, simplesmente.

"Senti-me muito satisfeita em dizer-lhes, quando chegaram: Não disse que ele vinha? Acredito, porém, até hoje que supunham soubesse de alguma notícia que não queria comunicar-lhes."

Em muitos casos a experiência intuitiva diz respeito não a acontecimento futuro mas ao que está acontecendo no próprio momento, como no caso acima, quando a mulher sabia que seu ex-marido estava casando novamente. Mesmo o caso em que a mãe se apercebeu da volta iminente do filho pode ter sido idêntico ao anterior, porque o filho sabia naturalmente que ia chegar em casa, podendo, portanto, a experiência da mãe ter sido caso de telepatia. Mas algumas vezes as circunstâncias são tais que a intuição importa definitivamente em acontecimento futuro.

Um senhor de Nova York lembra-se de uma experiência por que passou durante a Primeira Guerra Mundial. Diz ele: "Estava na França em 1918 com o Sexto Regimento de Marinheiros, mais exatamente com a 74ª Companhia. Durante os meses de junho, julho e agosto os combates tinham sido particularmente sangrentos e ouvira muitos companheiros dizer que tinha um palpite de ter-lhes chegado à vez. Infelizmente em cada caso saiu certo o palpite. Senti-me inclinado a encarar os tais palpites seriamente.

"A 12 de setembro de 1918 eu era um dos poucos na companhia que a constituíam no início. Achava-me completamente exausto e febril. Anteriormente tinha sofrido um ataque de gases mas estava resolvido a perseverar. Em tal estado pouco útil poderia ser, e para sair das dificuldades “sabia” que, se não fossemos dispensados na manhã seguinte estava destinado a golpe certo. Esforcei-me por afastar da idéia mas não o conseguia. Quando na noite seguinte deram ordem para avançar, não estava resignado ao meu destino, mas

como um rato encurralado, procurei afastá-lo com o maior esforço possível. Afinal, não podendo fugir ao presságio, comecei a alimentar a esperança que não ficaria aleijado tornando-me inútil (não me ocorreu que poderia morrer). Rejeitei no espírito ferimentos nesta ou naquela parte do corpo até que resolvi-me por um nas costas, perto do ombro esquerdo.

"Em meio à névoa da manhã de 4 de setembro de 1918, verificamos que a companhia tinha ido para um ponto saliente que oferecia pouca proteção natural. Os alemães não estavam em melhor situação, mas dispunham de trincheiras, de sorte que podiam infringir danos, protegidos que estavam. Estávamos praticamente bem em frente deles. Eu comandava uma Seção Suicida e recebi instruções para ir ocupar pequeno cômodo. Quando olhei para o lugar soube que ali seria ferido! Tomamos posição. Uma metralhadora alemã começou a varrer a minha posição até que ouvia as ondas de ar ressoar-me no capacete. Enquanto me estava colando ao chão, uma granada resvalou-me por cima do corpo, pouco faltando para atingirme diretamente. Rebentou pouco além dos meus pés no rosto de diversos companheiros. Senti uma dor cortante no ombro esquerdo. Arrastei-me para fora do outeiro e notei que tinha um ferimento superficial nas costas, na altura do ombro esquerdo! Um estilhaço de shrapnell causara o ferimento e não qualquer fragmento da granada, mas nada sofrera das metralhadoras. Estou convencido que o meu ferimento estava nas cartas, e que não poderia tê-lo evitado. Talvez fosse um meio de conseguir algum repouso quando o corpo e o espírito já estavam atingindo o limite de resistência."

Tem-se a impressão que nas situações em que é impossível o funcionamento de qualquer dos processos sensoriais em que o indivíduo geralmente confia, quando não é possível a observação normal, a memória ou qualquer espécie de raciocínio arguto, ou quando nem mesmo a ansiedade ou a expectativa serviria de orientação, ocorre a PES intuitiva como último recurso. Sem dúvida também pode ocorrer em outras ocasiões, quando ninguém a percebe.

Possivelmente reforça a memória, inferência, julgamento, dando-lhes maior precisão e validade. Mas se assim acontece, quem saberia? Somente quando a situação dá relevo de certo modo à natureza estranha do material é provável se venha a suspeitar que a ocorrência implica em PES.

As experiências PES intuitivas, embora citadas freqüentemente, são menos comuns que os sonhos. Talvez tal seja devido à dificuldade que as pessoas experimentam em se convencer que mais do que coincidência está em causa. Sonhos PES realistas, acompanhados da riqueza de detalhes corroboradores, afiguram-se naturalmente devidos à coincidência aos que ouvem contar tais experiências ou aos que por elas passam.

Fica completa a relação das formas de PES fundamentalmente diferentes com as duas espécies de sonhos (realistas e não-realistas), alucinações e intuição. Neles se encontra toda a escala dos estados mentais, desde o sono até a vigília completa.

Inicialmente afigura-se que as formas dos casos são muito diferentes porque a linha do sono face à vigília zigzagueia entre eles, com experiências semelhantes a sonhos, realistas ou não, ocorrendo às vezes no estado de vigília. Outro motivo é que por vezes ocorrem combinações de duas formas em uma única experiência. Igualmente, em cada um dos três tipos - telepatia, clarividência ou precognição - qualquer das formas, desde o sonho realista até a intuição podem utilizar-se, em variações sem número, conforme as circunstâncias e a reação individual.

Logo que se reconhece a natureza dessa variação, o aspecto inicial confuso e desconcertante das experiências PES desaparece e torna-se possível ver que ocorrem por maneiras inteiramente naturais e até mesmo familiares. Afinal de contas, todos têm sonhos e intuições, seja que PES forneça ou não o teor de qualquer delas. E todos têm pelo menos ouvido falar de experiências alucinatórias, seja que as tenha conhecido pessoalmente, ou compreendido que poderia ser igualmente veículo de expressão para informações transmitidas

por meio de canais ocultos. São formas normais, ordinárias e familiares da vida mental. Logo se aceite este fato, surge rapidamente outro: PES não possui qualquer forma distintiva que lhe seja peculiar.

4

Dificuldade de reconhecimento

Não ter PES forma distintiva própria dá origem a um problema. De que maneira pode o indivíduo distinguir o sonho ou intuição PES do sonho ou intuição comuns? Pelo menos, antes de ter corroboração objetiva com relação à informação que proporciona, como poderá dizer que este é "diferente"?

Tem-se de responder que não pode. O problema da identificação da experiência PES no momento em que ocorre é real, não só para o indivíduo, mas também para o cientista. Contudo, embora não exista maneira fidedigna de fazer a distinção, não é inteiramente desesperançada a busca. Antes de tudo, é favorável e, ao mesmo tempo, prejudicial que as formas das experiências PES não são desconhecidas, mas sim conhecidas antigas. Os psicólogos têm acumulado grande conhecimento com relação aos processos mentais dos sonhos e intuições.

O único elemento que torna as experiências PES diferentes é, afinal de contas, a maneira pela qual se obtém a informação. São singulares somente porque ocorrem mediante canais que não os sentidos. Admitindo-se, contudo que ocorra de certo modo, o resto do processo não é tão pouco familiar assim. É possível acompanhá-lo, em termos, e, portanto, ter idéia não só da dificuldade como da esperança de chegar a identificar uma experiência PES mesmo antes que os acontecimentos a tenham corroborado.

É possível começar a acompanhá-la com casos incompletos, os que trazem mensagens limitadas ou fragmentárias no significado. Nestes, quando mais extremamente incompletos, o indivíduo realiza ação específica por ocasião de alguma crise distante sem qualquer desculpa racional possível. Vai, faz, por assim dizer, devido à

compulsão interior. E depois a ação se torna a que ele deveria ter executado se tivesse conhecimento dos motivos.

Um vendedor que residia em St. Louis, quando no Arkansas, foi deitar-se cansado na expectativa de repousar perfeitamente. Tal não se deu, contudo. Em lugar de dormir, sentia cada vez mais dificuldade de conciliar o sono. Afinal, conforme diz, às três horas da madrugada, começou a sentir um impulso peculiar para voltar a St. Louis, como nunca anteriormente experimentara. Afigurava-se-lhe que tinha de voltar para St. Louis, independentemente de qualquer plano ou motivo. Quanto mais pensava, esforçando-se por achar que era tolice, tanto mais forte se tornava o impulso. "Foi quando me lembrei que às quatro horas da manhã passava o trem para St. Louis. Diante disso, não pude mais resistir e pouco depois tomava o trem. Fui diretamente para a casa em St. Louis, vindo-me ao encontro o irmão dizendo: Estou satisfeito que você tivesse recebido meu telegrama. Que telegrama? perguntei. Não recebi nenhum. Que é que aconteceu? Ora, disse ele, papai morreu não faz uma hora. "

No passado, experiências semelhantes a esta não tinham explicação. Chamam-se simplesmente de "coincidência esquisita". Agora, contudo, é justificável considerá-las em termos de PES como processos psicológicos já familiares. Para começar com alguns aspectos familiares da vida mental ordinária, todos nós estamos familiarizados com uma corrente de impressões conscientes que se desenvolve constantemente durante as horas em que estamos despertos, bem como quando dormimos, embora de maneira mais ou menos interrompida. Sabemos que o conhecimento do mundo proveniente de qualquer ou de todos os sentidos, esteja ou não o indivíduo acordado, flutua, por assim dizer, nesta corrente ou, seria melhor dizer, forma a corrente. Quando o indivíduo está acordado, mesmo os pensamentos fortuitos são mais limitados, guiados ou organizados do que quando dorme, o que significa que os materiais dos níveis inconscientes mais profundos do espírito, seja que compreendam ou não PES, têm de organizar-se e restringir-se, para

cruzar o limiar da consciência quando o indivíduo está acordado. Como seria de esperar, os materiais da experiência PES intuitiva (experiência quando desperto o indivíduo) são caracteristicamente menos livres, menos volumosos ou detalhados do que os dos sonhos, por isso que, afinal de contas, a transição para o estado consciente é, na realidade, obstáculo ou barreira a vencer.

O grau de dificuldade em que a transição implica varia, sem dúvida, com as pessoas, as ocasiões e situações. E assim às vezes para alguns indivíduos, um vê emergir maior volume de informações do que outro. Em alguns casos intuitivos citados anteriormente, as pessoas recebem mensagens desprovidas de detalhes mas que transmitiam idéias completas e racionais: "Meu ex-marido está casando novamente"; "Meu filho aqui estará domingo"; "Receberei um ferimento no ombro". Por outro lado, nos casos semelhantes ao do vendedor de St. Louis, embora nenhuma idéia da crise passasse o limiar da consciência, o impulso para a ação passou.

Em outros casos, introduz-se no estado consciente um pouco mais de informação; o indivíduo age como se soubesse de quem se trata. Uma senhora de Brooklyn sentia, conforme lhe parecia, impulso inexplicável para telefonar a uma amiga. Embora se sentisse cansada, e, conforme disse, não estivesse disposta a falar com pessoa alguma, e já fossem mais de 10 horas da noite, quando normalmente não telefonava nunca depois das nove, finalmente o impulso prevaleceu. O telefone chamou durante bastante tempo e quando ela veio atender tinha a voz grossa, como se estivesse sufocada e longe.

"Gritei, Está-se sentindo mal? Respondeu que assim lhe parecia, mas estava muito cansada e tinha-se deitado e com certeza adormecera. Arrependi-me de tê-la incomodado - mas apesar de tudo - senti-me impelida a continuar a falar. Fiz-lhe uma pergunta a respeito de certos dados antropológicos em que ambas estávamos interessadas. Pedi-lhe respondesse tão só a esta pergunta antes de desligar, embora na realidade não tivesse necessidade imediata da informação. Ela hesitou, depois disse que teria de ir a outro cômodo

para verificar em um livro. Demorou um pouco e ao voltar disse com a voz dominada pela emoção: Não imagina, Ruthie, sua telefonada salvou-me a vida.

"A tarde tinha sido fria, e minha amiga tinha fechado as janelas e as portas e acendido o forno para aquecer a casa. O marido tinha saído e só voltaria tarde. Ela se deitara, esquecendo de apagar o gás. Os queimadores estavam defeituosos, deixando escapar o gás que consumia o oxigênio do ambiente.

"A campainha insistente do telefone fez efeito, afinal; tinha, porém, a certeza de ter respondido logo que tocou. De tal maneira, se não me sentisse compelida a telefonar, formulando a pergunta que a obrigou a ir ao outro cômodo, não teria nunca observado o forno - não teria dormido somente durante pouco tempo - mas sim para sempre."

Os casos em que não se adquire qualquer idéia real são exemplos mais razoáveis de PES devido a muitos outros em que se recebe a idéia somente em parte. Uma senhora do Texas estava à espera da mãe e dois filhos que haviam ido a Indiana. A viagem era longa, mas na noite anterior a mãe tinha telefonado para avisar que chegariam por volta do meio-dia no dia seguinte. "Não estava preocupada com eles" diz ela. Sentia-me tranqüila e satisfeita sabendo que em breve estariam de volta. Na manhã seguinte, por volta das 11 horas, estava sentada em uma espreguiçadeira, com os pés em um banquinho quando me levantei repentinamente como se tivesse levado uma pancada; ergui os braços e gritei para meu marido que alguma coisa devia ter acontecido de terrível à minha mãe e aos rapazes. Fiquei muito agitada durante os 20 minutos seguintes até que o telefone chamou. Disse: É agora.

"Era um homem avisando que tinha havido um acidente, mas que minha mãe e os rapazes nada tinham sofrido. Outro carro rebentara uma câmara de ar e atingira de raspão o carro de minha mãe, que desenvolvia a velocidade de 120km. Arrancou todo o lado do carro, mas mamãe não fez uso dos freios, desviando-se para o lado,

evitando dessa maneira virar. O chofer de um caminhão que vinha atrás deu parabéns a ela pela manobra, pois teve a impressão que várias pessoas iriam morrer. Os passageiros do outro carro também nada sofreram. Acho que pulei e tive aquele terrível sentimento exatamente no momento do desastre. Jamais me senti tão feliz como no dia em que minha mãe e meus dois filhos chegaram sãos e salvos."

"Algo de terrível aconteceu". Esta primeira impressão, incompleta quanto a quem ou o que estava em causa neste caso particular, transmitia contudo a informação de uma crise, base suficiente para o seguinte raciocínio: "Devem ser minha mãe e meus filhos."

Será interessante observar aqui, mais ou menos acidentalmente, que nem sempre ocorre no presente a crise que é, pelo menos aparentemente, o motivo da experiência intuitiva. Vez por outra crises futuras também se registram incompletamente. A 5 de junho de 1936, em uma cidade do Wisconsin, uma moça voltava do trabalho para casa. Reagindo ao resplendor do lindo dia, mudou o itinerário usual, absorvida pela beleza de certa rua em que o sol tremeluzia por entre as árvores formando abóbada. Passou em frente da casa da Senhora D. Mas, exatamente quando assim fazia, lembra-se, o sol ficou repentinamente como se fosse um disco opaco, parecendo que um pálio cor de cinza cobria tudo. Meu corpo tornou-se pesado como chumbo. Tive um sentimento terrível. A Senhora D. disse do alpendre: Como, Rosemary, por que parece tão triste em um dia tão bonito?

"Respondi meio atordoada: Não sei dizer. Ainda há pouco me sentia tão feliz".

"Este sentimento cinéreo persistiu toda à tarde. Dava-se uma festa em casa para comemorar o aniversário de casamento de meus pais. Além disso, chegavam da escola o irmão, a irmã e amigos que vinham assistir ao baile dos alunos que se realizava à noite na cidade.

Eu, que gostava de dançar, recusei estranhamente vários convites para o baile, preferindo ficar em casa.

"Minha irmã, Francês, de 17 anos, estava saindo para o baile e parecia um anjo. Gritei-lhe assustada: Não vá nesse carro, Frances. Tome este! Era um Buick novo que não fazia mais que 60 km por hora.

"Às duas e trinta da manhã seguinte Francês morreu, no primeiro carro. O grupo se transferira do Buick por ser vagaroso."

Fornece outra indicação de dificuldade no limiar o caso accidental em que efeitos emocionais interferem ou parecem extraordinários. Em geral, como tivemos ocasião de observar anteriormente, a emoção que a pessoa sente como parte da experiência PES é adequada à situação. Mas nem sempre. Referimo-nos anteriormente à espécie de experiência exemplificada pelo temor da minha filhinha, que não parecia acompanhado de qualquer idéia. Em muitos casos a emoção que se sente é somente ansiedade, desacompanhada de qualquer informação quanto ao motivo. Há alguns anos, uma família de Nova York estava passando o verão na casa que tinha perto da praia. Costumavam andar pouco mais de um quilômetro até a praia para passar a manhã.

Certo dia, aproximando-se a hora da senhora preparar o almoço, ela partiu à frente com o filho mais novo e o pai seguiu atrás com o outro filho, mais velho. Tinham-se adiantado pouco quando a senhora, que antes estivera satisfeita e alegre, mostrou-se triste e oprimida, a tal ponto que a criança lhe perguntou o que era.

Não sabia. Disse que não se sentia feliz e começou a chorar. Insistindo o menino pelo motivo, cada vez mais a mãe chorava, até que afinal disse pensar ter-se dado algum acontecimento terrível na casa em que residiam em Evanston.

Quando os outros chegaram, ainda a encontraram chorando. O marido esforçou-se por dissuadi-la; era ridículo que soubesse do que estava acontecendo a quase dois mil quilômetros de distância. Nada

conseguiu. Foi para o quarto e a família preocupada podia ainda ouvi-la a soluçar.

De tarde chegou um telegrama. Era da mãe dela que morava em Evanston, informando que o irmão tinha-se afogado naquela manhã, quando passeava de barco. Tinham encontrado o corpo flutuando no lago Michigan. Devido a uma contusão na cabeça, supôs-se que tivesse batido com a cabeça no barco, caindo inconsciente no lago. A hora em que a senhora de Nova York começara a sentir-se triste coincidia com a em que a mãe recebera a notícia. As duas eram muito íntimas.

O efeito oposto - que também dificulta o reconhecimento da experiência PES - consiste na repressão do elemento emocional, embora haja detalhes concretos. Ocorre mais provavelmente quando a experiência é sonho do que na forma intuitiva.

Certa senhora de Montam sonhou que estava na plataforma de uma estação ferroviária olhando para uma caixa grande - como as que servem para transportar caixões de defunto - que estava sendo desembarcada de um carro fechado. Era escuro, evidentemente de noite, refletiu, quando no dia seguinte lembrou-se do sonho, pensando como era esquisito e sem significação. Mas, poucos dias depois, recebeu um telegrama de uma irmã que morava em San Francisco dizendo: "Dan morreu. Estou trazendo o corpo para casa." Diz a senhora: "Mesmo então não relacionei o sonho com esta notícia chocante da morte do meu cunhado. Na noite em que minha irmã devia chegar às oito horas, estávamos todos na plataforma da estação na noite escura e fria esperando a chegada do trem. Quando parou, fiquei olhando enquanto os empregados do trem e o ajudante do empresário retiravam o caixão de Dan. Foi então que percebi - tinha visto toda essa cena no sonho."

Seja qual for o motivo por que a idéia PES e a emoção por ela provocada se separam dessa maneira, a ocorrência de semelhante separação sugere que estes dois elementos estão separados no

inconsciente e quando cada um passa ao consciente depara com dificuldade distinta.

Assim sendo, devido à própria imperfeição destas experiências intuitivas, compreendendo idéias ou componentes emocionais, é de deduzir que as impressões PES, provindo de níveis inconscientes do espírito, podem ou não cruzar perfeitamente o limiar da consciência.

Em porção reduzida de experiências PES em vigília, conforme vimos, o indivíduo tem alucinação ao invés de intuição. Significa talvez que a pessoa se inclina especialmente ao emprego da fantasia sensorial, de sorte que para ela, mais do que para outras pessoas comuns, a idéia que se apresenta tende a projetar-se como experiência dos sentidos.

Considere-se, por exemplo, a experiência auditiva de certa senhora de Montam. Diz: Morávamos fora da cidade. Meu marido trabalha em uma mina, e certo dia, quando estava trabalhando, fui à cidade como de costume buscar a correspondência. Tinha o costume de ir pela linha dos trens, por ser mais curto o caminho. Nesse dia eu estava sozinha em certo trecho em que não se via nem uma casa nem qualquer pessoa. A estrada passava aí por terreno plano sem qualquer fosso ou moita em que alguém pudesse esconder-se. De repente ouvi meu nome Lucillia.

"Parei e olhei em torno, esperando ver alguém. Chamei. Ninguém respondeu. Fiquei naturalmente impressionada. Fui apressadamente para a cidade e voltei igualmente depressa. Como o terreno era plano, podia ver a nossa casa de grande distância. Vi um carro diante da casa e comecei a correr, sempre debaixo da mesma impressão.

"Verifiquei que tinham trazido meu marido para a casa com uma perna quebrada. Ao perguntar-lhe quando ocorrera o acidente, a hora coincidia com a em que ouvira chamar-me. Disse-me que pensava ter-me chamado quando a madeira caiu sobre a perna dentro da mina, mas não tinha certeza.

Contudo, mesmo que o homem tivesse chamado realmente, e em muitos casos semelhantes em que o chamado que se "ouve" foi

pronunciado, não era possível que a senhora o tivesse ouvido. O efeito foi representado fora por meio de impressão auditiva. Também poderia ter sido usada impressão visual, o que de fato às vezes acontece. Mas, na realidade, seja qual for à maneira sensorial, este modo de expressão é talvez o menos eficiente de todos, porquanto todas as experiências alucinatórias transmitem praticamente apenas idéias incompletas. No caso acima mencionado, ouvir o chamado não indicou à pessoa a natureza da crise, nem a teria necessariamente conhecido se tivesse tido uma visão do marido. Contudo, a idéia incompleta assim proporcionada pela impressão sensorial não resulta tão diretamente da dificuldade no limiar, como nas experiências intuitivas. Deverá resultar da inclinação pessoal para a expressão de idéias por impressões sensoriais, forma inerentemente limitada para transmissão de informações exatas.

Se nos voltarmos agora para sonhos PES, a imperfeição mais comum é um tanto diferente. Admitindo também neste caso que a informação PES é até certo ponto acessível em níveis inconscientes, mistura-se evidentemente com a corrente de impressões provenientes de várias outras fontes, e, como qualquer delas, é suscetível de incorporar-se ao sonho. Todavia, a informação ou o teor do sonho não entra diretamente no consciente. É preciso lembrá-la. Uns dos maiores riscos e, em consequência, uma das imperfeições mais freqüentes dos sonhos PES, é a questão da recordação. Embora se observe a lembrança de número surpreendente de sonhos em detalhe, o mesmo não se dá com inúmeros outros. Uma senhora de Chicago acordou certa manhã porque lhe parecia que alguém lhe falasse muito insistentemente. Contudo, só podia lembrar quando acordou que alguém lhe dizia: "É assim. Foi-se." Terrível sensação de aflição e agouro fê-la saltar do leito chorando histericamente. O marido acordou com a saída precipitada dela. Seguiu-a, procurando compreender do que se tratava.

"Só podia falar-lhe do que me lembrava e que não sabia do que se tratava," dizia ela. "Às oito horas pedi-lhe telefonasse aos irmãos

para saber como estavam. Estavam todos bem e ficaram curiosos com o telefonema matutino. Em geral não visitamos pelo telefone”.

"Ainda estava aflita quando mais tarde telefonei à minha mãe devido a certa incumbência que me dera para aquele dia. Disse-me que não seria mais necessária, de sorte que tive idéia de ir vê-la à noite. Senti alívio por ver que não precisava afligi-la com a minha situação. Com certeza desapareceria.

"Depois do jantar ela me telefonou dizendo estar cansada e desejar deitar-se cedo, preferindo que a visitasse em outra ocasião, quando a demora pudesse ser mais longa. Contudo não me foi possível desembaraçar-me do sentimento de apreensão nem tão pouco dominá-lo. Prolongou-se pela noite adentro. Não podia dormir, de sorte que às quatro da madrugada tomei um comprimido e meio de tranqüilizante.

"Quando o telefone tocou cedo pela manhã do dia seguinte, era minha irmã que morando mais perto de nossa mãe, tinha sido chamada quando esta teve o ataque cardíaco que a vitimou alguns dias depois."

Contudo, mesmo quando é possível lembrar-se bem do sonho, a mensagem que traz pode ser imperfeita. Sonhos realistas, forma que mais freqüentemente se encontra, e a que proporciona o maior volume de informações devido aos detalhes, omitem às vezes pelo próprio mecanismo, certas informações de real importância.

Um homem do Estado de Washington sonhou que entrava em uma capela conhecida em Seattle na qual estavam reunidos, em torno de um caixão fechado, membros das famílias dele e da mulher. Não sabia quem tinha falecido, mas olhando em torno para o grupo viu que o sogro não estava presente. Pensando que este tinha morrido, dirigiu-se para a esposa a fim de consolá-la, quando o sogro entrou, aproximou-se dele e passou-lhe um braço pelos ombros. Neste ponto o homem acordou, tão perturbado que o contou a várias pessoas.

Algumas semanas depois recebeu comunicação que o irmão que trabalhava na polícia marítima tinha caído ao mar e se afogara.

Mandaram o corpo para Seattle e, no funeral, a família entrou para a capela. Representou-se a cena do sonho, exatamente, excetuando-se que desta vez ele sabia quem tinha morrido.

Contudo, nem sempre a cena que se apresenta é a decisiva. Ao invés, em muitos casos de sonhos realistas, a cena única que se apresenta não conta à história inteira. Um senhor casado, que trabalhava em uma mina de cobre em um estado ocidental, morreu em um acidente na mina a 27 de fevereiro de 1919. Na noite anterior ao acidente, a mulher sonhou que estavam batendo à porta. Quando a abriu, deu com o proprietário da casa com um grande buquê de flores envolvido em papel de seda verde. Nada disse, apresentou-lhe simplesmente as flores. Ela estendeu os braços, ele depositou as flores, ela virou-se sem dizer palavra e foi levá-las para a mesa da cozinha - quando acordou.

Durante todo o dia seguinte o sonho perseguiu-a, sem que se lembrasse de flores para enterro. No sonho não tinha ficado admirada, parecendo compreender.

O marido morreu na mina naquela tarde. Depois do enterro o dono da casa disse-lhe que tinha encomendado um buquê de flores que não lhe fora entregue em tempo para o enterro. Ele se mostrava tão pesaroso que ela manifestava desejo de ver as flores quando chegassem.

Mais tarde, naquele mesmo dia alguém bateu à porta. Ela foi abrir. Lá estava o proprietário com o buquê nos braços. Ficou muda de espanto. Era o sonho novamente!

Estendeu as mãos, recebeu as flores sem dar uma palavra e levou-as para a mesa da cozinha.

Considerando a forma de expressão do sonho do ponto de vista das suas imperfeições, vê-se que mesmo os realistas não são veículos perfeitos para a transmissão de informações.

Às vezes também a limitam. Não era possível ao homem da capela ver para dentro do caixão, tanto no sonho quanto na realidade. A hora do recebimento das flores para o enterro era, em si mesmo,

unidade perfeita, embora surpreenda porque se apresentou esta cena, em lugar de outra mais reveladora.

Tais casos sugerem que o fator inconsciente dos sonhos obedece a leis definidas de procedimento sem que leve em conta os interesses e motivos diretos do indivíduo. Se certo elemento desejado de informação se incorpora ao sonho será somente tão claro quanto o permita a impressão do sonho. De igual maneira, a forma intuitiva da experiência pode ser ou não eficaz, conforme chegue ou não informação suficiente à consciência para fornecer idéia correta ou base para inferência ou suposição certa.

Assim sendo, especialmente por meio das imperfeições, é possível vislumbrar a espécie de processo por meio da qual a informação PES aparece na consciência. Exatamente como sonhos e intuições ordinárias traem algo da matriz inconsciente do qual se originam, estas expressões psi assim também o fazem. Indicam amplo campo de informação no inconsciente, e se somente fragmentos passam à consciência, talvez seja por outros motivos que falta de informações no nível do inconsciente.

Outro indício de que o caminho da informação PES para a consciência é arriscado dá-nos a reação da pessoa à própria experiência, nela acredite ou não, ou a reconheça como verdadeira. Se não o reconhecer, talvez assim seja por uma espécie de deficiência.

Citamos exemplos em que a pessoa que recebe a informação PES estava convencida da exatidão da impressão. Contudo, tal reação não é, de modo algum, geral; é, na realidade, antes excepcional. Quando se revela crença ou forte convicção, contradiz-se a impossibilidade de reconhecer PES pela sua forma. Fica-se a pensar como tais pessoas podem revelar tanta certeza.

Naturalmente, a experiência não implica necessariamente em PES somente porque a pessoa o crê firmemente. O bom senso diz que convicção apenas não é critério. Sabe-se por observação comum que quase não é possível depositar confiança na opinião que é verdadeira

uma experiência, seja sonho mau ou palpite em vigília. Muitas pessoas têm tido tal convicção em certa situação, somente para verificar em seguida que não tem fundamento: o naufrágio "previsto" não ocorreu; o membro da família que não compareceu tinha muitas boas razões para isso; o palpite que alguma calamidade lhe tivesse ocorrido era simples expressão de aborrecimento ou ansiedade e nada tinha a ver com o psi. É igualmente conhecimento comum que as ilusões de certas moléstias mentais são acariciadas pelos que as nutrem com certeza além de qualquer dúvida ou questão. Entretanto, são ilusões. O sentimento de certeza não garante, portanto, que a experiência seja mesmo de PES.

Por outro lado, as impressões de PES que as pessoas têm, que "sabem simplesmente", e que não se podem convencer em contrário, são casos de convicção da verdade. Quando se estudam a maneira e as ocasiões em que alguém sente tal convicção, vislumbra-se um pouco da causa provável.

Conforme observamos anteriormente, o volume de informações transmitidas em sonhos é geralmente muito mais profuso do que o das experiências intuitivas. Como os sonhos dão maior volume de informações, é de esperar sejam mais convincentes. O contrário é verdadeiro. As experiências de sonhos só raramente trazem consigo forte convicção. Por que será assim? Vamos examinar alguns para ver quais é a situação.

Sem dúvida, pode dizer-se que somente o bom senso não atribui credenciais a um sonho de assuntos triviais. Por exemplo, ninguém levaria a sério o sonho seguinte: um senhor de Colorado, tendo ido convalescer de uma operação em casa da avó no interior, sonhou uma noite que ela voltava de apanhar ovos e mostrou-lhe um três vezes maior do que de costume. Contou durante o almoço e todos riram das esquisitices dos sonhos. Naquele mesmo dia, porém, diz ele, "Lá veio ela com o ovo extraordinário!"

Às vezes, contudo, não se acredita em sonhos mesmo importantes mas esquecem-se. Jovem cadete do ar em Kelly Field, em 1941,

realizara, várias semanas, vôos de prática, decolando para o norte na pista correspondente. Uma noite teve um sonho claro e lúcido que o vento passava para nordeste de sorte que era preciso decolar nessa direção por uma pista em cuja extremidade havia enorme oficina de manutenção.

Viu no sonho um avião de dois motores decolar. Quando estava a uns 20 metros de altura por cima da pista, bem em frente ao grande hangar, virou e caiu, matando os dois pilotos. Embora todos os detalhes fossem claros, não lhe foi possível reconhecer os pilotos.

Não se lembrou do sonho no dia seguinte até o momento em que, em companhia de outros aviadores, dirigiu-se em um caminhão das barracas para o campo. Quando olhou para o indicador dos ventos, como sempre faziam nesse ponto, viu que tinham passado a soprar do nordeste. Lembrou-se então do sonho e contou-o aos companheiros.

A seção de vôo da tarde dividiu-se em duas partes, uma para decolar as 12,30 e a outra à uma hora. ele ficou nesta. Enquanto mudava de roupa, ouviu um barulho, correu para fora e viu um avião caído diante do hangar, como havia sonhado. Os dois pilotos morreram. Conhecia-os.

Apesar do detalhe ou da importância das mensagens, esquecem-se muitos sonhos desta espécie, que somente se relembram quando acontecimentos posteriores os confirmam. Tal a verdade, seja que o acontecimento em causa interesse diretamente ou não a pessoa, seja o sonho realista ou não. Durante a Segunda Guerra Mundial, um homem da Pensilvânia, casado, era piloto de um B-17. Na noite de 8 de fevereiro a mulher sonhou que estava na praia em companhia dos dois filhos pequenos. Depois, no sonho, diz ela: "Um soldado estranho com uniforme da Aeronáutica, chegou-se a mim na praia e disse: Aqui está uma carta de seu marido. Disse-me que deveria dar-lhe se algo acontecesse. Perguntei-lhe quando se dera, referindo-me à morte dele, e respondeu: Anteontem à noite? De manhã contei à minha mãe o sonho na hora do café e fui ver as datas na folhinha, observando que o dia mencionado no sonho devia ter sido o sexto.

Depois de relatá-lo a uma amiga, não mais pensei no sonho até duas semanas mais tarde, quando recebi o telegrama. Dizia-me que o marido morrera num desastre de avião a seis de fevereiro."

Só raramente os sonhos impressionam de fato a pessoa com a possibilidade de serem verdadeiros. Mesmo assim, resultam em geral dúvida e indecisão e não convicção.

Uma senhora do Texas sonhou com um homem que era tão só conhecimento casual. Pensava pedir-lhe que não se suicidasse, mas, conforme diz, "encarasse a vida com realidade. Deixou-me, porém, de pé na sala de estar (que eu não tinha visto nunca), correu para o banheiro, tomou um pó branco e caiu sobre a banheira".

"Contei o sonho a meu marido, e telefonei ao pastor e a minhas duas irmãs. Estava muito preocupada. Meu marido insistia em que chamasse o homem, mas achei que havia de julgar-me amalucada e recusei. Ainda estava preocupada quando recebi um telefonema de uma amiga. Disse-me: Helena, ouviu o que aconteceu a Jim? Encontraram-no morto há poucos minutos no banheiro. Fiquei abalada. O legista declarou morte por ataque cardíaco. Estivera tomando certo pó, talvez bicabornato de sódio.

"Não pude até hoje esquecer o sonho e ele está sempre presente em minha consciência. Possivelmente teria evitado a morte."

Em conjunto, portanto, nota-se a tendência para não levar em conta ou não acreditar em sonhos, sejam ou não importantes os assuntos, e mesmo que proporcionem informações relativamente completas. Dificilmente pode-se fugir à conclusão que, seja qual for à base da crença em experiências de PES, esta não se relaciona diretamente ao volume de informação que chega à consciência.

Reforça-se essa impressão quando se passa dos sonhos para experiências em vigília. Raramente qualquer experiência que ocorra a pessoas acordadas proporciona grande conhecimento de detalhe; entretanto, entre estes se contam quase todos os casos que merecem crédito, seja a experiência alucinatória ou intuitiva.

Quase sempre se acredita que as experiências alucinatórias de PES são significativas. Talvez fosse de esperar, eis que em geral se confia nas impressões dos sentidos. Praticamente todas as alucinações visuais se encaram convictamente com representando a verdade, mesmo quando as circunstâncias demonstram não poderem ser "reais".

Antes da Primeira Guerra Mundial um homem de Seattle tinha um amigo íntimo. Conforme explica: "Tínhamos cursado a mesma escola superior e depois trabalhado juntos durante alguns anos, de sorte que nos tornamos muito íntimos. Durante a guerra fomos servir juntos no Exército. O amigo disse-me que tinha a certeza de morrer em combate. Pouco depois, mandaram-no para a linha de frente germano-francesa. Um dia, quando estava fazendo a barba, vi Earl à minha frente de uniforme, olhando-me por alguns minutos e depois desaparecendo. Informei aos meus pais na ocasião em que o vi e que estava certo ter ele morrido e voltado para mim. Várias semanas depois verifiquei que morrera em combate na hora em que me aparecera."

Acredita-se também quase sempre em experiências auditivas, conforme mostramos em casos descritos anteriormente; o mesmo acontece com os casos olfativos. Em uma noite de 1944, uma senhora da Califórnia acordou sentindo o cheiro de tinta queimada. Reconheceu-o imediatamente como sendo do aquecedor antigo que possuía, quando esquecia de fechar o registro de gás. Mas o aparelho estava em uma casa distante seis quarteirões, da qual se mudara alguns meses antes.

O cheiro era tão forte e a incomodava tanto que se levantou, vestiu-se, andou até a casa e acordou o morador. No instante em que a porta se abriu reconheceu que tinha razão. O cheiro a saudou. "Esqueceu-se de fechar o registro do aquecedor?" O morador também sentiu o cheiro. Foram juntos ao banheiro e encontraram o aparelho aquecido ao rubro, e a pintura da parede chamuscada e rebentada.

Em todas as maneiras de experiências alucinatórias, vê-se que o hábito de acreditar nos olhos, ouvidos e mesmo nariz é tão forte que as impressões dessa espécie - mesmo contra o bom senso - consideram-se prontamente como tendo significado verdadeiro.

O tipo intuitivo de experiência, conforme sabemos, não só proporciona pouco ou nenhum detalhe, mas, mais do que qualquer outro, interrompe a corrente do pensamento e chega sem qualquer introdução racional. Poder-se-ia pensar, por tanto, que o recebessem um tanto conjuntamente, afastando-o facilmente o bom senso. Ao invés, conforme afirmamos anteriormente, o número de pessoas convencidas da verdade das mensagens intuitivas é muito maior do que o das que se convencem com os sonhos realistas. A convicção "isto é verdade" pode sobrevir sem qualquer motivo racional para acreditar-se; e por vezes, especialmente se a verdade não for satisfatória, a pessoa tentará deixá-la de lado ou não acreditar nela.

Certa manhã, uma senhora que vivia na Flórida aproveitava alguns momentos de folga no jardim um pouco desprezado enquanto o filho de colo dormia e o maiorzinho, Stephen, saíra com o pai por uma hora, para visitar a negócios o dono de um caminhão, a alguns quilômetros de distância.

De repente, com uma punhalada de dor, soube que "Stephen morreu. Felizmente não o obriguei a tomar o remédio que tanto odeia antes de ir." E depois: "Isso não! Em que estou pensando?" e para livrar-se do horrível pensamento foi à casa vizinha conversar com o pai. Ele ficou admirado com a palidez dela - estaria trabalhando demais depois de ter dado à luz? Admitiu que talvez estivessem tornando-se presa de pensamentos mórbidos.

Mas - dentro em pouco soube que a intuição era demasiado verdadeira. Enquanto o pai estava de costas, o menino tinha caído num valo de irrigação. Todas as tentativas para fazê-lo reviver tinham falhado.

Sim, sabia. Apesar de todas as tentativas em contrário, tinha sabido. Pôs-se depois a torturar-se com a pergunta: "Gritou por mim

quando se afogava - e nem mesmo respondi? Podia ou devia ter acreditado na intuição?"

Acidentalmente, a resposta é que acreditava. O pensamento era, porém, demasiado terrível, demasiado desagradável para enfrentar, de sorte que se esforçou por negá-lo, da melhor maneira que podia. Ter-lhe-ia servido de consolo para os pensamentos torturantes que a afligiam, se tivesse sabido que a parte significativa da experiência não consistia em responder quando o menino por ela chamasse, mas estava, mesmo subconscientemente, acompanhando-o tão de perto que não lhe escapou à vigilância embora lhe estivesse fora do alcance físico. Em lugar de sentir tê-lo desamparado, tinha estado, em certo sentido, diretamente com ele.

Por vezes, quando a informação intuitiva é incompleta ou praticamente inexistente, o indivíduo sentirá exatamente como certo que algum acontecimento significativo ocorreu afigurando-se-lhe conhecer que ocorrência foi. Parecerá mesmo que alguma mensagem intuitiva incompleta dê origem a maior sentimento de convicção do que as mais completas.

Numa tarde uma mulher que residia em uma aldeia da Nova Inglaterra passou por uma experiência destas. Foi exatamente antes do ensaio de um coro de cem vozes. Era uma das seis primeiras sopranos e estava se penteando, aprontando-se para ir à igreja. De repente conheceu que não poderia ir. Era-lhe impossível cantar naquela noite. Em algum lugar havia algo terrivelmente errado, embora não tivesse qualquer idéia do que fosse. Disse ao marido: "John, não posso ir. É impossível cantar hoje de noite. Não posso, simplesmente."

Ele se esforçou para convencê-la, mas era certa disposição de espírito e não podia ir. Telefonou à mulher do pastor, que disse talvez ela se tivesse resfriado e que seria melhor ficar em casa e repousar.

"Não, não é resfriado. Não se parece com isso. Não sei o que seja, mas algo está errado." Estava ainda sentada perto do telefone, com o pente na mão, procurando pensar, quando a campainha tocou. Era o

irmão que morava em Boston a 16 quilômetros de distância, perguntando se a mãe estava em casa da irmã. Tinha-a esperado o dia inteiro mas agora já era demais e estava preocupado e indagava se a irmã podia dar qualquer informação.

Um pouco mais tarde encontrou-se a mãe deles morta na cama, na casa onde vivia sozinha, tendo as malas prontas para ir visitar o filho.

"Como poderia ter cantado naquela noite?" perguntou a filha.

Pelas diversas descrições da espécie de convicção que estas pessoas sentiram, que, conforme o resultado, parece terem tido impressão de PES, é evidente que não se adquiriu a certeza por meio de raciocínio lógico ou consciente de qualquer espécie. Ao invés, identificam-se com um julgamento proveniente de alguma fonte profunda, inconsciente. Em algum nível inconsciente o julgamento "isto é significativo" foi formulado.

Pessoas como a soprano ou a mulher que voltava da praia quando ocorreu a tragédia em Evanston, sabem, por meio dessa fonte interior, que "algo" de significativo ocorreu. A intuição, introduzindo-se no consciente sem qualquer componente racional, consiste deste julgamento. Nos casos em que há maiores informações, como no da mãe de Stephen, uma idéia tanto quanto o julgamento "isto é verdade" cruzam-se na consciência. Mas quando alcança a realização, e a racionalização começa, as dúvidas tornam-se mais fortes do que a certeza. Aparentemente tal acontece com maior facilidade quando a experiência é sonho.

Mas o que dizer da experiência do ovo disforme? Será o pensamento consciente da frivolidade do tema que faz com que quem sonha diga não ser o assunto digno de encarar-se seriamente? Dificilmente. É mais provável que a avaliação, em assuntos sem importância, ocorra abaixo do limiar da consciência, ficando então o tema assinalado como desprovido de importância, de sorte que, em consciência, a questão de encará-lo seriamente nunca se apresenta.

Mas então, que dizer de casos como o do cadete que esqueceu o sonho do desastre de avião que matou dois companheiros; ou de

peessoas que nem mesmo os sonhos despertam? Aparentemente a etiqueta de "significação" não alcança nunca, em relação a eles, nível suficientemente próximo da consciência para deixar recordações.

Se ocorrer tal julgamento em nível profundo, e se aí se classificam os vários itens conforme a respectiva importância, seria de presumir que os acompanhasse a emoção adequada. Contudo, talvez aconteça que a classificação e a emoção, como a própria idéia, não cruzem necessariamente juntas o limiar da consciência, sendo separáveis e cada um tendo risco próprio no limiar.

Pelos tipos de insuficiência que se observam, seria de concluir que nos sonhos o aspecto concreto se represente talvez mais regularmente do que a classificação por "importância". Mas, em experiências alucinatórias e intuitivas, a informação detalhada tende a omitir-se, enquanto a classificação e a emoção surgem na consciência. Estas observações são simplesmente conjecturais ou impressões gerais que explicariam os fatos conforme observados, e não conclusões examinadas e comprovadas.

As discussões realizadas neste capítulo mostram que, em virtude de motivos vários, é difícil, senão impossível, identificar PES com toda a certeza conforme ocorre. É evidente desta apresentação de reações às experiências de PES que todos os graus de crença nelas se exibem. Mensagens há que nunca se consideram verdadeiras; em contraste, noutras se acredita independentemente da falta de lógica aparente no momento, e da forma de que se revista a experiência, e do volume de informações que entram na consciência.

De tal maneira, é possível notar a diferença entre a crença forte nas experiências de PES e a que acompanha as ilusões das moléstias mentais. Nas experiências de PES, o sentimento manifesta-se a pessoas sãs e normais; é simples, rápido, definido, aplicando-se a acontecimento específico; termina quando acaba a corroboração, e é inteiramente racional se levar em conta PES. Desse modo, é inteiramente diferente da ilusão mórbida, com a exceção de não ser possível conseguir-lhe confirmação no momento em que se dá.

Existe, contudo, motivo para isso acessível à percepção extra-sensorial, mas, no momento, não à percepção sensorial.

A crença forte, quando ocorre, parece elemento não somente significativo para a compreensão de PES, mas igualmente para o indivíduo que muita vez tem necessidade de reconhecer uma experiência de PES.

A fim de compreender melhor esta convicção, têm-se realizado tentativas especiais em laboratório para fixá-la. Indivíduos que experimentam identificar os símbolos de cartas ocultas em experiências de PES têm dito, por vezes, que "sentem" serem corretas certas respostas que dão, mas não terem a mesma certeza quanto a outras. Pediu-se a esses indivíduos que marcassem as cartas que estavam convencidas serem corretas. Mais tarde apuravam-se separadamente as cartas assim marcadas.

Os resultados, em experiências feitas por vários experimentadores e com inúmeros sujeitos, não se mostraram tão reveladoras conforme se esperavam. Em geral, as chamadas "certas" eram corretas maior número de vezes do que as outras, mas de maneira alguma nem todas elas eram certas. A margem da diferença a favor das chamadas marcadas não era bastante pronunciada de maneira a provar que o sentimento de certeza merecia confiança. Todavia, a diferença era bastante grande para indicar tender a convicção do sujeito, mesmo sob condições inevitáveis de experimentação, a perturbar de certo modo o processo de PES.

Estas experimentações, na maior parte, na verdade, não eram relativas a crises, situações de preocupação emocional ou pessoal quanto às pessoas em causa. Nenhuma experimentação, até hoje inventada, é capaz de repetir esse fator. Desse modo, as situações da experimentação são mais comparáveis aos casos como o do ovo disforme do que aos que trazem forte convicção. O melhor que se pode dizer neste estágio da pesquisa psi, à vista de quanto fica acima, é que ainda não se conhece maneira segura e certa para o reconhecimento antecipado de experiência de PES. A situação é tal

que depende, por enquanto, mais de percepção tardia do que de prospecção.

Nas experiências que importam em convicção, contudo, é possível discernir esboço de característica identificadora. É preciso lembrar sempre que ter certeza não é suficiente. Mas quando, além disso, uma pessoa que não é dada indevidamente a ansiedades ou a caprichos irracionais repentinos, tem tal sentimento em relação a certa impressão, será de bom senso notá-lo e utilizá-lo como aviso contra possível calamidade, mas, depois de assim fazer, é melhor esquecer. Talvez não seja genuíno e, em consideração ao ajustamento mental e emocional, convém não exagerar a importância da experiência. Até que se descubra meio firme, científico para identificação de PES, ninguém pode razoavelmente reprovar a si próprio porque não quer viver segundo sonhos, para achar tarde demais que teve um que deveria ser encarado seriamente. Não se deve criticá-lo, como não se podem criticar os que não faziam uso da assepsia antes da descoberta das bactérias.

5

Espaço e tempo em experiência de PES

PES traz informações de acontecimentos que estão ocorrendo perto ou longe ou mesmo que ainda não tenham ocorrido. Pela extensão das distâncias e dos intervalos de tempo que é capaz de abranger toma-se evidente que o espaço e o tempo não limitam PES, embora qualquer experiência confirme a ação recíproca deste processo mental ilimitado com o mundo do espaço-tempo dos objetos e acontecimentos: mundo em que as mensagens diretas provenientes dos sentidos limitam-se ao aqui e ao agora.

Como ocorre essa ação recíproca? Demorará sem dúvida bastante a resposta cabal, porquanto compreende a própria natureza de PES. Se, ao invés, se limita a pergunta à maneira por que se encaram espaço e tempo nas experiências de PES, aí se encontra a resposta. Para facilitar a exposição, tomaremos cada elemento separadamente, embora os dois sejam, naturalmente, inseparáveis.

Espaço

Quando os olhos ou os ouvidos nos transmitem qualquer mensagem, somos capazes de julgar da distância. Todavia, as ocorrências reveladas por PES podem estar do outro lado do mundo. Conforme vimos anteriormente, pode simplesmente acontecer que o espaço não apareça como distância a abranger. Pode não existir ou, pelo menos, não restringir, como nesta experiência que ocorreu certa noite de janeiro de 1918: uma senhora inglesa, da África do Sul, velava ao lado do leito do filho único, menino de cinco anos e meio,

que sofrera ataque repentino de pólio e ficara paralítico. Era somente a segunda noite da moléstia; ainda não tinham arranjado enfermeira. Verificaram que a criança também tinha meningite e haviam prevenido a mãe que, mesmo ficando boa, talvez a criança ficasse com o cérebro afetado. Enquanto lá estava sentada, resolveu repentinamente que não podia deixá-lo viver como imbecil paralítico. Foi buscar uma pistola, resolvida a meter-lhe uma bala nos miolos quando adormecesse e em seguida suicidar-se.

A meia-noite a criança adormeceu - alguma coisa, porém, deteve a mão dela. Não se sentia capaz de matá-lo. Guardou a arma e nada disse a ninguém.

Poucos dias depois recebeu uma carta desesperada da mãe, que vivia na Inglaterra, perguntando em que dificuldades se achavam. À meia-noite, na ocasião em que a filha ficou desesperada, a mãe disse que acordou repentinamente sabendo que a filha estava em alguma situação desesperada. Ajoelhou-se e rezou pedindo a Deus que socorresse a filha.

Posteriormente, a criança se restabeleceu e, embora fisicamente prejudicada, o cérebro nada sofreu. Casou-se bem e tem três filhos.

Que papéis representaram as milhas que separavam estas duas pessoas na experiência acima? Nenhum, como se não existissem. Nenhuma das duas pessoas teve qualquer idéia de ir ou vir. Fosse qual fosse o contacto entre as duas, não reconheceram de qualquer maneira a separação no espaço.

Deixar de levar em conta o espaço não caracteriza apenas a forma intuitiva da experiência. Mesmo em sonhos realistas com todos os detalhes, e independentemente de ser a distância grande ou pequena, a cena longínqua visualiza-se como se quem sonha e o ambiente do sonho estivessem dentro de distância sensorial ordinária. Cômodos de edifícios contíguos podem estar fora do alcance da visão, mas não de PES. E se a pessoa a que se refere o sonho estiver do outro lado do mundo, será vista num sonho realista como se estivesse dentro do mesmo aposento.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o noivo de uma moça residente em Nova York estacionava na Inglaterra. A moça não tinha recebido notícias dele em mais de uma semana. Uma noite viu-o em sonho, conforme diz, "escrevendo em uma máquina num escritório cheio de mesas não ocupadas parecendo perturbado, enquanto gotas de suor lhe caíam do rosto. Acordei chorando e sabendo que ele estava mal. No dia seguinte escrevi-lhe a respeito do sonho e a minha carta cruzou-se com a dele, em que me dizia que durante vários dias tinham-no mandado trabalhar no escritório e no dia do meu sonho haviam-lhe distribuído o trabalho de datilografar ordens secretas de movimento de tropas. Para isso mandaram que ficasse sozinho, não podendo deixar o escritório senão quando acabasse o trabalho. Trabalhou pela noite adentro, escreveu-me, embora estivesse com febre. Senti que devia terminar o trabalho de sorte que não disse a ninguém como se sentia mal. Quase teve pneumonia."

Não só abrangem distâncias independentemente de qualquer extensão, mas experiências que compreendem grandes distâncias são mais comuns do que no caso contrário. É possível que as pessoas que estão mais próximas, tendo contactos mais frequentes, desenvolvem menos provavelmente o forte sentimento de separação produzido pelas distâncias maiores. Talvez, por outro lado, a diferença não seja tão grande como se afigure: as experiências a longa distância são mais espetaculares e, portanto, mais provavelmente relatadas. Não se realizou até hoje qualquer contagem de casos reais nem qualquer uma que se fizesse mereceria crédito. Contudo, independentemente do número relativo de experiências a distâncias curtas e longas, são todas evidentemente semelhantes na forma geral e no carácter. A cena representada através do oceano e a que se refere à distância de um quarteirão transmitem igualmente mensagem verdadeira e detalhada, sem referência que medeia entre elas.

Contudo, em algumas experiências é possível dizer que existe certa indicação da distância. Por vezes nota-se certa referência

indireta que se pode considerar como reconhecimento da interferência de distância.

Um russo que atualmente reside nos Estados Unidos, e anteriormente vivia em Kharkov, recorda: De 1930 a 1933 prenderam-se muitas pessoas, acusadas de participação no movimento subterrâneo contra Stalin. Entre elas encontrava-se minha noiva, Helena. Gostávamos muito um do outro, havendo grande compreensão e simpatia mútua entre nós. Cerca de cinco meses depois de ter sido presa, tive um sonho extremamente nítido em que estava presente mas invisível na cela em que ela se encontrava presa em companhia de outra moça que eu não conhecia. Via claramente Helena e as companheiras, sentadas na cama e jogando uma espécie de xadrez que não me era possível distinguir bem. Via a posição exata das camas e uma pequena mesa no meio da cela. Via também a janela, meio fechada por uma folha de ferro. Subindo em uma cadeira vi a parte de cima da catedral da cidade, a uns cinco quilômetros de distância. Não houve qualquer comunicação entre nós durante os nove meses em que estive presa, porque a polícia secreta, a NKVD, não permitia que lhe enviassem presentes ou cartas visto como não se mostrava disposta a assinar declaração falsa de crimes que não cometera.

"Mais tarde, a NKVD, reconhecendo a impossibilidade de vencer-lhe a resistência, soltou-a e quando nos encontramos contou-me tudo o que lhe tinha acontecido. Durante a conversa, mencionou que, uns cinco meses antes, fora transferida da solitária para outra cela onde já estava outra moça. Ao ouvi-la, lembrei-me claramente do sonho e interrompi-a, descrevendo o meu sonho, a configuração da cela, e os objetos que aí estavam. Ficou completamente admirada, por ser tudo verdade. Helena disse que o jogo que eu não tinha podido entender era o xadrez que haviam organizado, utilizando um tabuleiro de papelão e peças do miolo de pão."

Como se alterou o ponto de referência da situação real de quem sonhou para ficar "presente na cela" de certo modo ficou reconhecida

à distância intermediária. Naturalmente, é necessário que a pessoa "lá" esteja se descreve a cena realisticamente. Reconhece-se indiretamente esta necessidade em casos como o que acabamos de relatar.

Em experiências não-realistas, seja que o indivíduo esteja dormindo ou acordado, a necessidade de situar-se a pessoa dentro do alcance sensorial da outra não é tão rigorosa, visto como sob esta forma a fantasia do sonho é mais fluida, sendo possível localizar-se o acontecimento conforme a fantasia o ditar. Por assim dizer, pode "vir" para a pessoa.

Em 1912 um rapaz do Texas, de 22 anos, trabalhava no turno da noite em uma fábrica que estava a uns 700 km da residência dos pais.

Conforme se lembra, mais ou menos às 11 da manhã de uma sexta-feira estava dormindo na casa de cômodos e minha mãe veio para mim em sonho. Vi-lhe o rosto muito distintamente e percebi pela expressão que estava em dificuldades. Nada havia que indicasse especificamente do que se tratava, mas era sério e acordei com um sentimento de perturbação iminente. Às oito horas da noite recebi um telegrama da minha irmã dizendo, Mamãe ferida gravemente. Venha já. Fiquei chocado mas não surpreso. Era como se estivesse à espera de tal notícia.

"Cheguei em casa muito tarde, mas soube que, naquela sexta-feira de manhã, enquanto meu pai estava em Denver, minha mãe resolvera ir buscar a minha irmã no carro puxado por uma parelha de animais a uns 10 km de distância, na escola onde ensinava. Mais ou menos às 11 horas a parelha soltou-se do carro, minha mãe caiu e uma das rodas traseiras atingiu-a, machucando-a mortalmente, vindo a falecer às 2 horas da madrugada."

Às vezes, quando a linha limite entre o sono e a vigília está mal definida, a pessoa conserva o sentimento da própria localização e visualiza o que está distante como se para ela tivesse vindo. Um dia, em Cincinnati uma mulher foi ao centro da cidade e disse à filha de 16 anos que voltaria as 5 e 45. Mas não chegou há esta hora. A filha

ficou preocupada. Conforme diz: Comecei a rezar pela segurança dela. Sentei-me em uma cadeira de balanço, donde podia ver o portão da frente.

De repente, quando rezava de olhos fechados ouvi o estalo do portão. Levantei os olhos e vi mamãe aproximando-se vagarosamente. Estava admiravelmente bela. Trazia um vestido de rendas brancas de seda. Quando saíra de manhã estava com uma blusa branca de linho e saia de lã. Levantei-me e fui-lhe ao encontro, admirando-lhe a beleza sobrenatural. Ia dizer, onde arranjou este belo vestido? Mas antes que uma palavra só deixasse-me os lábios, saiu do passeio em direção a um canteiro de flores e desapareceu. Olhei em roda e chamei-a. Fiquei assustada, soluzei e rezei. Sentando-me de novo na cadeira de balanço fixei o olhar no portão a pensar. Finalmente, cinco minutos depois das seis ela chegou. Corri pelo pátio e tomei-lhe a mão, contando-lhe nervosamente tudo quanto acontecera.

"Explicou-me então que sofrera um acidente no bonde a dois quarteirões da nossa casa. Naquela ocasião, nossa cidade tinha um tipo de bondes que se chamavam "de verão", muito parecidos com os carros para turistas, com os lados abertos e um estribo lateral corrido onde o cobrador andava para receber as passagens. Minha mãe tinha-se sentado na extremidade do banco, quando o carro guinou inesperadamente ao dar uma volta. Não contando com o solavanco, foi lançada para fora. Um senhor que estava sentado ao lado dela segurou-a pelo cinto. O cobrador deu um sinal de alarme e o motorneiro parou imediatamente. O cobrador pulou do carro e correu para ajudar a segurá-la. Os dois procuraram sustentar-lhe o peso e a pedido dela pousaram-na com cuidado sobre um monte de lixo para que não batesse contra o calçamento. Disse-me que os seus pensamentos correram para mim."

Outras vezes, o evento em sonho não-realista pode deixar de ser "aqui" ou "acolá" mas em lugar fornecido pela fantasia, ou talvez pela memória. Certa senhora do Minnesota tinha um conhecido

íntimo que fora trabalhar no Oregon. Algum tempo depois recebeu dele uma carta dizendo que estava doente. Ela, temendo que a moléstia se prolongasse, e sabendo que estava entre estranhos e provavelmente sem grandes recursos, escreveu imediatamente oferecendo auxílio e recomendando que procurasse um hospital. Depois, conforme diz: Passaram-se umas duas semanas. Ignorava inteiramente a situação. Mas, na terça-feira à noite, a 27 de julho, cerca de dez dias depois de ter recebido a carta, no que supus fosse sonho, vi-me no velho casarão da escola, onde nos tínhamos encontrado. A escuridão era completa e o edifício não tinha soalhos. As janelas eram simples aberturas nas paredes. A escuridão me cercava por todos os lados; então ouvi-lhe a voz vindo de algum ponto dizendo: Não se incomode demasiadamente, Helena.

"E o sonho se desvaneceu. A 2 de agosto recebi uma carta dele, escrita a 27 de julho. Dizia simplesmente: Acabo de sair de terrível ataque de febre tifóide. Se for possível mande socorros. A letra estava tão apagada que me foi difícil ler. Três dias depois recebi uma carta escrita por outra pessoa comunicando ter ele morrido à noite, a 29 de julho."

Algumas vezes uma cena não-realista, por igual à realista, apresenta-se na área em que a ação ou o evento está presumivelmente ocorrendo. Uma senhora de Nova York refere-se a uma amiga que, durante a Segunda Guerra Mundial, estava muito aflita porque não recebia notícias a muito tempo do filho, então no teatro da guerra. Conforme se lembra: Minha amiga chorava pode dizer-se dia e noite. Já haviam passado seis meses e nada de notícias. Dizíamos: A falta de notícias é a melhor notícia. Não fique assim enquanto não receber qualquer comunicação do governo, em um ou outro sentido. Mas não se conformava.

"Em três noites sucessivas de fevereiro de 1945, tive o mesmo sonho, com ligeiras diferenças. Na primeira noite procurava pelo filho da minha amiga entre os mortos e feridos. Indicaram-me um hospital e aí acordei. Na segunda noite estava no hospital indo de

leito em leito a procurá-lo. Havia tantos que não pude acabar de visitá-los e então acordei. Na terceira noite, no hospital indo de leito em leito a procurá-lo. Havia tantos que não pude acabar de visitá-los e então acordei. Na terceira noite, no hospital, achei-o afinal, com os olhos fechados, indiferente. Disseram que estava passando bem mas sofrera grandes choques acompanhando de abalo nervoso.

"Contei os sonhos à minha amiga e ela disse: Não se aflija. Não faltam membros ou órgãos. Esta somente muito doente e não se pode identificar.

"Quatro meses depois do sonho trouxeram-no para o hospital em Staten Island. A mãe soube que durante muito tempo não tinha sido possível identificá-lo. Tinham-se perdido os cartões e as roupas haviam desaparecido completamente. Meses depois começou a lembrar-se. Descobriram então que era oficial, mas dos GI, de sorte que o transferiram de hospital e desse modo afinal o descobriram."

A questão de saber-se quem está onde em sonhos de PES parece função da fantasia do próprio sonho. Como acontece no palco, pode montar-se a cena ora aqui ora ali e não necessariamente conforme a realidade. De fato, vez por outra se muda no espaço de um único episódio. Um casal da Filadélfia tinha ido morar na Califórnia. Certa noite, alguns anos depois, a jovem senhora teve um sonho que relata da seguinte maneira:

"Estava de volta à casa da família de meu marido e no quarto principal meu sogro estava de cama. Minha sogra estava no quarto. Ela não me ligava grande importância, ao contrário dele. Como chegara lá não constava do sonho. Estava sentada na beira do leito que era do tipo usado em hospitais. Ele olhou para mim, e mesmo não podendo falar, eu sabia que ele queria dizer: Queria falar-lhe mas não posso porque ela está aí. Ergueu-se um pouco, pôs os braços em torno a mim e soluçou. Neste ponto acordei; lá fiquei pensando porque tinha sonhado estar de volta em casa. Nesse momento uma voz de homem chamou-me: Florence. Quando me volvei para olhar pela janela, senti como se me estivessem derramando água gelada

pelo pescoço abaixo, e os cabelos ficaram de pé. Lá estava, de pé junto à minha cama o meu sogro. Vi-lhe distintamente as feições como se estivesse em carne e osso. Voltava-se para mim e bem junto dele, mas de perfil, estava Jesus segurando-lhe a mão. O sogro encarou-me e repetiu-me o nome. Disse: Florence, o Senhor é meu pastor e vamos em paz. Envolveu a visão luz azul pálido. Depois se dissolveu e desvaneceu-se. Não posso provar o que aí fica. Mas é a verdade, tão verdade como estar eu agora escrevendo esta carta.

No dia seguinte chegou um telegrama comunicando que o avô havia falecido. Não voltamos ao leste para o enterro, mas no devido tempo chegou uma carta de minha sogra descrevendo a morte dele. Dizia que haviam arranjado um leito no hospital, exatamente conforme havia visto no sonho. Quando ia morrer, ela estava junto ao leito e no último momento ele reviveu e disse: O Senhor é meu pastor e vamos em paz.

Em certos casos, excepcionais por serem pouco freqüentes, a proximidade exerce influência, embora externa ao teor da própria mensagem. Alguma ocorrência ordinária, bastante próxima à pessoa para que se apreenda pelos sentidos, "dispara" a experiência de PES. Certa senhora de Nova York tinha um filho casado que morava um pouco distante na mesma cidade. Num sábado, depois do trabalho, foi nadar. O dia estava muito quente e dissera à mulher que iria nadar um pouco antes do almoço.

A mãe dele nada sabia a esse respeito, e estava sentada na sala de estar em companhia de uma cunhada.

"Quando o trem passou pela ponte apitou. Até então nada se dera de semelhante e quando ouvi o apito senti como se me despedaçasse o coração. Desejava chorar e fiquei desnorteada. A cunhada me perguntou o que tinha acontecido e disse-lhe que como me estava sentindo, alguém muito chegado a mim tinha morrido.

"Por volta das sete horas da noite, minha nora chegou e disse que Jack não tinha voltado para casa. Dirigimo-nos ao ponto em que tinha ido nadar e lá encontramos o carro dele fechado. Ficamos sabendo

que tinha morrido afogado. Três dias mais tarde acharam o corpo, Tivera aquele sentimento terrível na mesma ocasião em que ele estava nadando, conforme disseram alguns companheiros de trabalho. Tinham-lhe falado poucos instantes antes de ter ele entrado na água. Sofrera um ataque cardíaco."

Algumas vezes a proximidade parece exercer influência de maneira diferente. Em tal caso um "alvo" de PES que se aproxima é recolhido somente quando é curta a distância à pessoa. Nessa situação, a proximidade física estabelece "percepção" inconsciente ou presteza, de sorte a sugerir facilmente a idéia de alvo, seja objeto ou pessoa. É como se PES, à semelhança de holofote a pesquisar o horizonte, concentre-se sobre o alvo quando a distância é curta. Um médico da Flórida, começando a trabalhar como interno numa escola de medicina da Pensilvânia, tivera no curso preparatório jovem instrutor favorito, o dr. F. Mas desde que passou a interno, tinha estado tão ocupado que, conforme diz: Acho que não me lembrei do dr. F. durante os primeiros meses. E ele não tinha qualquer motivo para pensar em mim.

"Certo dia do outono desse ano, quando trabalhava na enfermaria do quinto andar, ouvi o elevador parar no vestíbulo. Casualmente olhei para a porta envidraçada de entrada e quem havia eu de ver saindo do elevador senão o meu antigo instrutor, dr. F.?! Dirigi-me logo para a porta a fim de cumprimentá-lo, imaginando o que tinha vindo fazer em Filadélfia, especialmente durante o período escolar. O prazer de vê-lo, contudo, pouco durou, pois não era absolutamente ele e sim um dos funcionários que vinha fazer a visita regulamentar.

"Voltei ao trabalho, pensando no que me levava a imaginar que tinha visto através dos vidros da porta o dr. F., e depois de alguns minutos deixei a enfermaria e tomei o elevador para o vestíbulo principal. Quando saí do elevador, o dr. F. entrou pela porta da frente. Quase caí ao chão de surpresa e logo depois de tê-lo cumprimentado perguntei-lhe se não tinha estado no quinto andar. Disse-me que não, que chegara a pouco de trem à cidade e viera para o hospital de táxi.

Contei-lhe o que havia acontecido e ele não procurou explicar. Tinha vindo verificar certo trabalho de pós-graduação e, embora não o tivesse dito, duvido soubesse que eu estava em Filadélfia. O funcionário que eu vira através dos vidros de modo algum se parecia com ele. Estou firmemente convencido que não se trata de um caso de falsa identidade."

Por vezes a proximidade atua como sugestão na qual se baseia a fantasia de sonho não-realista. Uma senhora de Indiana, durante a Segunda Guerra Mundial, lembra-se que "minha irmã mais moça havia acompanhado o marido a Baltimore, onde começou o treinamento para oficial. Somente sabíamos que deveria lá passar dois anos. Uma noite acordei de sono pesado com alguém batendo à porta da frente. Não estando acostumada a receber visitas a essa hora da noite, tendo somente como companhia o filho de dez anos, resolvi investigar antes de acender qualquer luz. Olhei pela janela e vi que a visita era um homem bastante corpulento. Não lhe podia ver o rosto, mas nada via de familiar na aparência dele, de sorte que resolvi não abrir a porta. Finalmente virou as costas e foi-se embora. Voltei para a cama e dentro em pouco adormeci profundamente. Tanto quanto possa julgar, eram talvez três horas da madrugada quando acordei a primeira vez.

"Quando acordei mais tarde, já era dia claro. As lágrimas escorriam-me pelas faces devido ao sonho que tivera no qual vi Edite e Jack - minha irmã e o marido - chegar sem que os tivesse recebido. Estava acabrunhada. Ainda sob a influência do sonho, vesti o roupão e calcei os chinelos, fui até a porta, abri-a, e aí encontrei preso ao trinco um telegrama da Western Union. Era de Jack, comunicando que o tinham mandado para as manobras na Louisiana e que ia trazer Edite para ficar comigo.

"Chegaram naquela tarde. A ordem tinha sido tão repentina que não tivera tempo de escrever. Viajaram a noite e o dia inteiro para chegar à minha casa. O mais extraordinário para mim era tê-los relacionado de qualquer maneira com o mensageiro, porquanto há

pouco chegara uma carta deles e nela nada havia que me fizesse pensar que deixariam de viver onde estavam pelo resto dos dois anos."

Em tais casos, mais uma vez, a proximidade do alvo, neste caso provavelmente o telegrama, trouxe a situação à "atenção" de PES.

Em virtude dos efeitos ocasionais da proximidade, sugere-se outro risco para a informação de PES além dos que notamos anteriormente. É mui possível que, antes de cruzarem as barreiras para a consciência, às mensagens de PES tenham de concorrer pela atenção com todas as outras impressões do mundo exterior que o indivíduo está recebendo constantemente. Os itens que falham na competição naturalmente nunca estão "lá" para que se contem.

São exceções e não a regra os exemplos em que a proximidade, em qualquer desses casos torna acessível um alvo de PES. Se PES é holofote que examina constantemente o horizonte pessoal, o indivíduo raramente recebe qualquer indicação da possibilidade de limitação no seu alcance a alvos próximos em relação ao espaço. Sejam quais forem os motivos dessas ocorrências ocasionais - condição pessoal ou peculiaridade especial em cada situação - revelam, pelo menos, outra maneira mais, embora indireta, em que a distância ou a sua falta, afeta PES.

Em todos estes casos, vê-se o funcionamento de PES como "independente do espaço", mesmo quando implique em evento localizado no espaço e o apreenda pessoa cujos processos mentais estão engrenados à apreciação do espaço. Vemos também a fantasia utilizada, ou a falta dela, como questão da forma que a experiência toma, mas importando raramente em algo que não o "aqui" ou "lá" do ponto de vista.

Mas porque fica afastada em tão grande proporção à distância interposta em experiências de PES? Antes de discutir a razão possível, é conveniente considerar a maneira pela qual se trata o tempo em PES.

Tempo

As mensagens de PES, conforme vimos repetidamente, não se limitam a eventos do presente, como não se restringem a localizações próximas. Talvez na maior parte dos casos, os intervalos de tempo, por igual aos intervalos de distância, não constem simplesmente das mensagens de PES. Comparem-se, por exemplo, duas experiências típicas, compreendendo intervalos de tempo largamente diferentes: os sonhos de duas moças que não tendo nunca trabalhado antes, sonhavam com alguma ocupação futura. Uma vivia na Califórnia e sonhava que estava andando por uma rua que sabia ser de pequena cidade ocidental. Diz: "Os passeios eram de madeira e o primeiro andar dos prédios formava saliência, de maneira a constituir uma cobertura de madeira. Eu levava uma espécie de maleta para a noite e sabia que o nome da cidade era Tomb..."

Quando o emprego se concretizou, esta moça, com duas companheiras, foi viajar por vários estados do sudoeste apresentando vestidos como modelo. Pararam em Tombstone, no Arizona, uma noite para jantar e ela andou por passeios de madeira, como diz, "levando a inevitável caixa de modelos do tamanho aproximado de uma maleta", como no sonho.

A segunda moça, do Texas, sonhou que era criada trabalhando para um casal que tinha filhos e ficou particularmente impressionada no sonho com a mobília da sala de estar. Diz: "Vi um aparador alto de ébano com acabamento parecendo setim com ramos de flores brancas de cada lado. À parte de cima era toda em vidro com as portas fechadas. Dentro, viam-se nas prateleiras pequenos bibelôs verdes parecendo de jade e estatuetas chinesas esquisitas semelhantes a ídolos ou imagens com aspecto de dragões."

Mais tarde, em outra cidade, empregou-se como criada, em casa de um casal que tinha dois filhos pequenos. "Quando entrei na casa e

virei-me para colocar minhas malas no vestíbulo, vi-me diante do aparador chinês dos meus sonhos. Nas prateleiras de ébano vi figuras verdes, ídolos e dragões chineses colocados por trás das portas de vidro fechadas."

Caracteristicamente, os dois sonhos realistas representavam detalhes que mais tarde se revelaram verdadeiros. Antes que assim acontecesse, verificou-se uma série de acontecimentos mas não se aludiu ao tempo necessário para que ocorressem em qualquer dos dois casos.

A moça que foi para Tombstone diz: "Respondi a um anúncio para trabalhar no escritório de uma fábrica de tecidos. Não ocupei esse lugar, mas assinei um contrato para fazer uma viagem naquele verão com o gerente, a esposa e três outras moças. Devíamos percorrer a Califórnia do Sul, Arizona e Novo México e o gerente resolveu que parássemos em Tombstone para jantar."

E a moça do Texas escreve: "Passaram-se anos e no curso do tempo minha mãe faleceu e comecei a trabalhar fora, ora numa ocupação, ora noutra. Mudei-me finalmente para Houston, onde aceitei o emprego de criada com um casal que tinha dois filhos, isto a 26 de dezembro de 1952 - dezessete anos depois do sonho."

Todavia, cada experiência precognitiva ajusta-se a tempo futuro específico mesmo que não se leve em conta o intervalo de tempo. Pode ser momento mui exato e específico, como no caso da moça canadense que teve uma noite um sonho em que, conforme conta: estava em um quarto pequeno que tinha uma única lâmpada pendente do teto. Havia muitos cartazes ou quadros nas paredes, e em um canto via-se uma secretária antiga com um telefone antigo do tipo de pé. Um homem estava escrevendo na secretária quando o telefone tocou. Atendeu, dizendo: Sim, Ema, uma libra de dentes de alho e uma dúzia de laranjas - vou levar. Estavam neste mesmo quarto mais três moças, mas não me era possível dizer quem fossem. Uma a uma saíram e voltaram dentro de dez minutos. Quando chegou a minha vez, acordei.

"Dois dias depois eu tinha de submeter-se ao exame de motorista. Viam-se três outras moças que tomavam lições juntamente comigo. Tínhamos de sair uma de cada vez. Entramos em um pequeno escritório que era exatamente o que tinha visto no sonho. O velho estava enchendo os formulários quando o telefone tocou. Disse as mesmas palavras que eu o ouvira dizer. Fui à última a submeter-se ao exame e cada uma das moças tinha demorado fora uns dez minutos. Todas, naturalmente, estávamos nervosas. Eu estava muito agitada, vendo que tinha vivido antes esta cena."

Veza por outra, data ou intervalo de tempo aparece em experiência de PES; quando tal acontece, representa em geral mais um detalhe de informação. Certa moça de Brooklyn, casada, que morava um pouco distante da casa dos pais, não podia ver a mãe freqüentemente. Veio visitá-la num sábado um irmão mais moço. Perguntou-lhe notícias da mãe. Ele respondeu que estava passando perfeitamente bem.

"Fomos deitar-nos", lembra-se ela, mas exatamente nesse período de transição entre a vigília e o sono, fiquei repentinamente dominada por sentimento inexplicável. Não era sonho nem alguma voz que me falasse. Sinto dificuldade em explicar, exceto se disser que foi conhecimento súbito. Não era qualquer aviso de fantasma. Não me assaltou de maneira assustadora. Contudo, se acreditasse no que esse sentimento augurava, ficaria naturalmente muito assustada, tornando-me de fato muito apreensiva!

"Chamei meu irmão, acordando-o. Meio zangado, perguntou-me a razão. Disse-lhe que tivera repentino sentimento que mamãe iria para o hospital exatamente uma semana depois da manhã seguinte, isto é, no oitavo dia a partir daquela noite, e que estaria seriamente doente - muito doente mesmo. Ele ainda ficou mais zangado, dizendo-me que deixasse de fazer tolices e fosse dormir. A mamãe de nada sofria nem iria acontecer-lhe qualquer mal. Ficou admirado do que me havia levado a dizer tão grande tolice".

"Naturalmente, achei tudo aquilo bastante esquisito. Tal não havia acontecido nunca antes. Meu irmão convenceu-me que era

tolice o que eu estava dizendo. Adormeci novamente e não pensei mais nisso.

"No domingo de manhã uma semana depois, acordei com o toque da campainha da porta. Lá estava minha mãe. Enquanto se achava em minha casa, ficou seriamente doente e tive de chamar a ambulância, vendo-a sair para o hospital. Foi a última doença que teve."

Em certos casos a pessoa pode ter data futura específica de tal maneira assinalada, por sonho ou intuição, que sinta ser ocasião significativa. Se a data fica inteiramente isolada sem que importe em qualquer idéia do motivo por que lhe seja particularmente interessante, talvez não se trate de experiência de PES. Como qualquer acontecimento suficientemente notável que ocorra em tal dia pode considerar-se como a realização, não é possível desprezar a possibilidade de coincidência, mesmo quando ocorrer evento de significação mundial nesse dia.

Devido à maneira por que se encara o tempo em PES, surgem freqüentemente complicações causadas pela incapacidade do indivíduo em interpretar corretamente a experiência. Como em geral se desconhece esse "aspecto tempo", poucas pessoas percebem que em geral não se faz qualquer distinção de fantasia entre passado, presente e futuro. Além disso, em muitos casos, mesmo que a pessoa compreendesse, ainda seria incapaz de interpretar acertadamente certa impressão na ocasião.

Um dos efeitos mais comuns e, em geral, desconcertante, é o que a moça, anteriormente mencionada, referiu, ou seja, ao submeter-se ao exame para motorista, disse: "Fiquei grandemente abalada, sentindo que tinha vivido essa cena antes". O sonho realista que teve fora experimentado como se ocorresse na ocasião. Nesse sentido, a realização parecia exatamente à experiência anterior. Em muitos casos, esquece-se inteiramente o sonho, mas quando a cena real se desenvolve, a pessoa tem o sentimento de familiaridade e lembra-se do sonho. Um senhor de Filadélfia, que diz ter freqüentemente sonhado vislumbres de cenas e acontecimentos que mais tarde

observa na realidade, lembra-se especificamente de certo incidente quando estava no acampamento do exército na Califórnia. Conforme diz: "Um dia, num exercício de fogo, achei-me perto de uma choupana, contemplando um vale. De repente lembrei-me que já havia visto aquela cena em sonho. Este ocorrera meses antes quando nunca estivera além das Montanhas Rochosas."

Ainda mais, pode acontecer que a pessoa não se lembre nunca do sonho como tal, mas, além do sentimento de familiaridade, a pessoa conheça algo que dificilmente pode justificar, exceto como parte de um sonho. Uma moça do Minnesota tinha conhecido, quando na escola, um rapaz, por nome Dan Brown. Terminou o curso e ensinava longe de casa, mas uma vez voltou para um fim de semana. Quando se preparava para ir à escola dominical, conversou com a mãe como se segue:

- "Quem é atualmente o superintendente da escola dominical?"

- "O Sr. Brown."

- "O Sr. Brown casou de novo?"

"De novo? Que quer dizer?"

- "Ora, a mãe de Dan morreu há muito tempo. Sei que morreu, porque eu."

"Minha mãe replicou: Não! Não morreu. E então compreendi que jamais avistara a mãe de Dan e não sabia em que lugar havia morrido. Entretanto, era capaz de descrevê-lo para minha mãe da seguinte maneira: Era uma noite de verão e chuviscava. Eu me encontrava em uma casa na mata de pinheiros pequenos. Era uma cozinha inacabada em meia água, que tinha os vãos das janelas mas não as esquadrias. Ardia o fogo em um fogão de cozinha, vendo-se um caldeirão em que se fervia roupa, que depois se pendurava acima do fogão para secar. A irmã de Dan secava algumas peças com o ferro, e eu as carregava cuidadosamente passando por dois quartos para um quarto de dormir onde uma senhora de cabelos brancos estava muito mal, e a enfermeira recebia as peças de roupas e me entregava outras servidas, que levei para a cozinha exatamente quando Dan chegou à porta.

"Bem, disse minha mãe, deve ter sonhado, porque o sra. Brown está perfeitamente viva. Certamente estou contente por ter sido sonho, mas devo ter sonhado a algum tempo, porque agora estou me lembrando bem, respondi.

"Voltei para a escola e logo esqueci. Algum tempo depois encontrei a sra. Brown e estive uma vez na sala de estar da casa dela, mas em nenhuma outra parte, até que mais tarde, sabendo que estava muito doente, fui, conforme o costume local, prestar qualquer serviço e me pediram para ferver a roupa e depois levá-la para a enfermeira.

Tinha estado somente algumas horas em casa, pela manhã, quando soubemos que a sra. Brown falecera. Depois do enterro disse à minha mãe. Tenho a impressão estranha de que tudo isto aconteceu antes, ao que me lembrou ter-lhe eu dito Estava lá quando...(digamos de passagem que mais tarde esta moça casou-se com Dan Brown).

Ainda mais comuns do que as situações que apontam para um sonho mais ou menos esquecido, são as que consistem somente em um sentimento de familiaridade - de ter-se vivido de certo modo esse mesmo momento antes - mas em que aparentemente não é possível restabelecer qualquer impressão de sonho anterior: Desde quando me possa lembrar, escreve um senhor da Califórnia, tenho experimentado o que chamaria de retro-vislumbres quando, por alguns segundos, o local imediato e o que acaso estou vendo ou fazendo afigura-se como acontecendo uma segunda vez. Durante período muito curto, tenho a impressão que estou vivendo novamente período anterior em que a cena e os acontecimentos são idênticos aos do presente.

No outono último, por exemplo, tinha sido nomeado há pouco auditor com exercício em certo escritório de contabilidade. Fui destacado para uma viagem de três meses no estrangeiro com uma turma de auditores. Preparando o pedido de passaporte tudo me parecia que era pela segunda vez. Disse ao auditor que algum acontecimento desagradável estava para ocorrer e, dentro de poucos minutos recebemos comunicação de ter sido suprimido o financiamento da viagem - e assim não a realizei.

Tem-se reconhecido retro-vislumbres dessa natureza em psicologia sob a denominação em francês *déjà vu* - já visto.

Tem sido explicado de várias maneiras - como lembrança intuitiva (esquecida) de certo indício, como palpite arguto semiconsciente, ou como vaga semelhança da cena presente com alguma ocorrência passada só obscuramente parecida. Sabendo-se agora que muitas pessoas sonham precognitivamente, pode juntar-se PES à lista das explicações possíveis. Pelo menos em alguns casos é provável que tenha havido antes sonho precognitivo. Pode ter-se a certeza que não somente se esquecem muitos sonhos, mas também só é possível lembrá-los de maneira fugaz. Mesmo assim, deixam vestígio suficiente para produzir o sentimento de familiaridade quando se vive realmente o momento.

Como as impressões precognitivas não trazem qualquer indicação de tempo, surgem facilmente diversas confusões. Pode considerar-se como pertencente ao futuro certa mensagem de PES relativa a um acontecimento quando ocorre realmente na ocasião ou já ocorreu anteriormente.

Uma senhora de Massachusetts recolhera-se à maternidade. Três horas depois do filho nascer, ela acordou repentinamente, conforme conta, coberta de suor e em lágrimas por ter sonhado que seu irmão estava recolhido a um hospital em consequência de sério acidente de automóvel. Vi no sonho chegar um médico que comunicou a mim e ao meu marido que meu irmão não sobreviveria. Acordei nesse ponto e passei dois dias sem dormir. Pensei constantemente no sonho enquanto estive no hospital e mal pude esperar por minha mãe para contar-lhe o que sonhara e pedir-lhe que fosse mais carinhosa para com ele do que tinha sido no passado, visto ter compreendido pelo sonho como ficaríamos consternados se lhe acontecesse algum dia algo de sério.

"Quando deixei o hospital e fui para casa, à primeira coisa que fiz foi contar o sonho à minha mãe; e ao fazê-lo, as lágrimas lhe corriam pelas faces. Disse-lhe então: Ora essa, não chore, é somente sonho, e

aí me disseram que era verdade. Meu irmão sofrera sério acidente e estava no hospital há quase um mês, tendo tido comas sucessivas e ainda lá estava. O acidente tinha-lhe atingido o crânio, o pescoço e a coluna vertebral e ele delirava a maior parte do tempo, quase como louco. Não me haviam dito nada antes devido ao meu estado. (Viviam em cidades distantes 170km uma da outra.) Foi um dos fatos mais estranhos que até hoje se deu comigo."

Mesmo quando o acontecimento ocorreu em passado mais distante, a pessoa o imagina como ocorrendo então ou em vésperas de ocorrer. No verão de 1934, uma moça foi com um grupo de outras estudantes passar as férias à beira-mar. Foi para a casa de um médico e senhora, ambos estranhos, pois não estivera nunca nessa localidade. Lembra-se: "Quando me estava preparando para deitar, notei na mesa perto da cama a miniatura de bonita moça. Estudei-a por alguns momentos, impressionada com o aspecto espiritual verdadeiramente extraordinário do belo rosto. Dentro em pouco adormeci e foi pela madrugada que tive este sonho ou visão. Vi um trem que se adiantava sobre mim. Ouvi o ranger dos freios quando parou a pequena distância. Muitas pessoas vieram correndo e eu fiquei perto da locomotiva olhando para um rapaz que tinha parte do corpo presa debaixo das rodas. Estava calmo e olhei-lhe o rosto com grande simpatia e admiração pela sua coragem.

"De repente fiquei muito agitada e procurei dizer às pessoas que era preciso ir buscar a ambulância. Depois percebi que havia alguém do outro lado do trem; parecia que o sabia. Agitei os braços das pessoas e procurei dizer-lhes, mas ninguém me deu atenção. Enquanto assim fazia, bateram na porta e acordei. Era a mulher do médico que me trazia água quente, porque estava em uma fazenda.

"Ainda estava agitada e pensava mandar um telegrama imediatamente para saber se todos estavam bem em casa. Perguntei onde era o posto mais próximo da Western Union e, em seguida, passei a contar-lhe a causa da minha agitação, de que não me podia

livrar. Disse-lhe que acabava de ver terrível acidente, em que morrera um jovem e como a cena parecia real.

"Ela ficou muito séria e disse: Acaba de descrever o acidente em que minha filha e o namorado morreram perto daqui. O retrato dela está em cima desta mesa. Acharam primeiramente o rapaz e não sabiam que outra pessoa também morrera, até que encontraram o corpo da minha filha do outro lado da linha!

"Perguntei-lhe quem ocupava o quarto em que eu estava e ela me disse que era a filha. Teria eu lido a lembrança da natureza ou o pensamento da mãe a tinha imprimido em mim ou o quê?

Freqüentemente, não é possível interpretar correntemente uma experiência até a realização final, por estar combinado um elemento de PES à lembrança do passado. Por esse motivo, somente mais tarde é possível desembaraçar um do outro. A experiência seguinte ocorreu a uma senhora sueca na noite de 3 de março de 1954, a qual é conhecimento pessoal da autora. Sonhou com um acidente em um bonde elétrico, que registrou no diário conforme segue:

"Tive a impressão que meu marido e eu estávamos voando por cima de Estocolmo. Olhei para os arredores de Kungstradgarden e vi um acidente que estava se dando: vi um bonde azul comum como o n.º 4 e um trem verde precipitar-se sobre ele por trás, de sorte que os carros verdes ficaram em ângulo reto em relação ao bonde. Motivou o acidente um chofer de um automóvel, pouco hábil.

"Depois fui em sonho a um policial e disse-lhe que se quisesse uma testemunha estava disposta a declarar que o culpado pelo acidente era o chofer.

"Por ocasião do sonho a estrada de ferro cruzava nesse ponto a linha de bondes, mas todos os carros eram pintados em um tom de pardo. Contudo, pouco tempo depois introduziram carros verdes. A 4 de março de 1956, dois anos depois, verificou-se um choque entre um trem e um bonde n.º 4 nesse cruzamento. Um desenho feito por um policial mostra os carros depois do choque dispostos

perpendicularmente ao bonde, como no croqui que fiz em meu diário."

Aspecto curioso do sonho, e questão significativa para o contexto atual, está no oferecimento de quem sonhou para prestar esclarecimentos a respeito do acidente. Entre 1930 e 1932, em Londres, fora testemunha de um acidente do qual diz: "Uma noite, depois de um espetáculo, quando ia de carro para Hampton onde morávamos, viajei por muito tempo atrás de um motorista imprudente que finalmente virou com o carro. Estava bêbado e fui a um policial, dizendo-lhe que, se precisasse de testemunha, estava disposta a prestar declarações contra o chofer. Depois me convocaram para esse fim." Aparentemente estavam combinados neste sonho um acontecimento futuro e a lembrança de acontecimento passado.

Destes diversos exemplos, portanto, vê-se novamente que certas mensagens de PES aparentemente confusas e embaraçadas, têm, afinal de contas, base lógica, desde que se leve em conta a omissão do tempo em PES. Suponhamos que estão, por assim dizer, igualmente acessíveis de certo modo a PES, no inconsciente, elementos do passado, do presente e do futuro, sem os intervalos e a disposição em série que os separa na experiência consciente. A dificuldade de procurar ajustar "elementos" fora do tempo na experiência dentro do tempo da vida quotidiana torna-se compreensível, por esta maneira.

Vimos distâncias curtas ou longas cobertas por PES com igual facilidade aparente. Citam-se experiências em muito maior número, contudo, que compreendem grande distância mais do que aquelas em que intervém longo intervalo de tempo. Esta diferença de freqüência pode atribuir-se em parte à tendência natural para esquecer impressão que não se realize durante prazo muito longo. Todavia, outras causas, um tanto menos óbvias, poderiam vir acrescer o efeito.

Antes de tudo, as experiências de PES, exatamente como as de percepção sensorial, sofrem a influência dos interesses da pessoa, e estes talvez sejam ainda maiores pela pessoa ou acontecimento

quando muito longe. Mas, quando a pessoa ou o acontecimento estão fora de cogitação por muito tempo, o interesse do indivíduo decresce inevitavelmente. Ia perfeitamente possível supor também que o número de impressões PES que tenha a respeito venha a decrescer.

As observações de dois homens, o sr. G. F. DALTON da Inglaterra e o sr. J. C. M. KRUISINGA, da Holanda, servem para provar que os sonhos se preocupam pelo menos em grande parte com questões do período de tempo imediato mais do que remotos. Os dois fizeram separadamente comunicações em 1954 à "Revista da Sociedade de Pesquisa Psíquica", de Londres. Cada um deles tomou nota dos próprios sonhos. Depois compararam os sonhos com os acontecimentos mais parecidos e verificaram que o número de semelhanças era maior durante os dias que se seguiam imediatamente aos sonhos, decrescendo depois rapidamente.

Não se dispõe de meio algum para saber se os sonhos semelhantes aos acontecimentos do dia seguinte resultaram de PES ou são semelhantes por acaso. Segundo inúmeros relatos, os sonhos que se podem considerar precognitivos dizem respeito em geral a ocorrências que se salientam em relação à atividade diária esperada. Como dos relatórios desses homens não constava o teor dos respectivos sonhos, não é possível concluir se as observações que fizeram compreendem ou não PES. Todavia, mesmo que fosse possível mostrar que a "coincidência" dos sonhos era devida realmente a PES, à queda rápida seria naturalmente de esperar. É de supor que na maior parte das vezes as pessoas tendem a deixar que o futuro mais distante cuide de si mesmo, exatamente como fazemos em relação a acontecimentos vindouros, como a morte ou os impostos. Não é possível conceder-lhes a atenção permanente que dispensamos aos negócios do presente.

De qualquer maneira, a atuação atual de PES não fica afetada pela distância como tal, ou pelo tempo como tal. Em experiências de laboratório compreendendo longas distâncias, quando o sujeito e o experimentador estavam muito longe um do outro, aumentava a

motivação a favor do sucesso, e os resultados eram em geral tão elevados e às vezes ainda mais elevados do que quando os dois estavam perto um do outro. Em experiências de precognição, igualmente, quando se faziam variar os intervalos de tempo, os resultados não revelavam qualquer vantagem de prazos curtos sobre prazos longos, se o sujeito estivesse igualmente interessado no resultado quando em causa tempo mais longo. Em pesquisa recente, um sujeito marcou pontos consideravelmente mais elevados em experiências cobrindo um ano do que em outras realizadas da mesma forma cobrindo tão só cinco dias. A experiência relatada na "Revista de Parapsicologia" em 1959 compreendia igualmente longa distância (França aos Estados Unidos). Realizou-a a srta. Margaret Anderson, que então trabalhava no Laboratório de Parapsicologia, com uma moça que estava grandemente interessada nas conseqüências de precognição a longo termo. Tal interesse pode ter sido perfeitamente o fator decisivo no número mais elevado de pontos nas experiências realizadas durante um ano, embora outros aspectos da situação pudessem também ter tido o mesmo efeito.

Sem dúvida, o efeito de diferentes intervalos de tempo ainda exige muito mais investigação - em particular períodos de grande duração. É provável que estes não sejam favorecidos por sujeitos ou por experimentadores, uns e outros impacientes ante a grande demora a conhecimento dos resultados.

Vemos, desse modo, que os intervalos de espaço e tempo não se registram em experiências de PES. Por que será assim?

Pode muito bem ser porque exprimem PES espíritos voltados para impressões provenientes dos sentidos e estes são limitados pelo espaço e pelo tempo. Em sonhos realistas, por exemplo, é possível ver com facilidade efeitos que resultariam do hábito mental de manusear impressões sensoriais - neste caso as da vista. Porque tais sonhos fornecem as impressões semelhantes a quadros do que se vê, a inclusão indiscriminada de detalhes, a localização do ponto de vista, a obstrução de barreiras objetivas. Assim sendo, não se vê além das

esquinas ou por trás de portas fechadas justamente como acontece quando se vê realmente. Todavia, a percepção extra-sensorial de distâncias e tempos além do alcance da experiência dos sentidos ultrapassa os limites dos hábitos mentais. Não dispondo de precedentes para orientar-se, o que faz o fator inconsciente dos sonhos? Toma o caminho mais fácil - põe de lado estas dimensões mais amplas. Por mais que à distância e o tempo intervenham, focaliza dentro do alcance visual e como se fosse no presente. Embora o mecanismo das experiências em vigília difira do mecanismo dos sonhos, as alucinações e as intuições também são produtos de espíritos habituados ao espaço e ao tempo.

E assim vemos o maior alcance de PES reduzido ao tamanho do espírito, através do qual opera, e o alcance extrasensorial limitado às dimensões dos sentidos.

6

Alcance do tema

Toda experiência de PES traz informações, mensagem a respeito de algo do mundo exterior. Conforme vimos, pode ser a respeito dos pensamentos de alguém, ou a respeito de objetos, ou de acontecimentos ainda no futuro. Mas, dentro desse alcance que tudo abrange, cada mensagem é igualmente pessoal, provindo de certa pessoa. Será de esperar que as experiências pessoais de PES lhe reflitam as necessidades mais fortes de informações, os interesses mais profundos. Muitas o realizam claramente. Mas, por outro lado, muitas se referem a assuntos relativamente sem importância. Que é, então, que rege a seleção dos tópicos? Sugere-se a resposta examinando os valores pessoais dos tópicos.

Se alguém tivesse de relacionar os tópicos de conformidade com escala pessoal de valores, talvez avultassem em primeiro lugar em importância as crises de pessoas mais chegadas - dentro do círculo íntimo de parentes e amigos. Conforme vimos anteriormente, as experiências de PES se relacionam freqüentemente com a morte de parentes mais chegados. Embora tais notícias sejam desagradáveis, se tal acontecer, o conhecimento delas se reveste da maior importância.

Numa tarde de sábado, em junho de 1952, uma senhora do Oregon ficou de repente preocupada com a mãe, que vivia no Minnesota. "Enchia-me profundo sentimento de premência e pressentimento anunciando-me que algo estava errado," diz ela.

Procurei afastar a idéia; mas de tarde estava andando de um lado para o outro. Meu marido disse: Não acho que haja qualquer perigo iminente, senão já lhe teriam telefonado - mas, se acha que lhe alivia o espírito, será melhor telefonar-lhes.

"Liguei para minha irmã, com quem mamãe morava. Disse-me que mamãe estava um pouco enfraquecida, mas que o médico a

examinara e dissera ser bom o estado geral para a idade. Entretanto, a conversa que deveria tranqüilizar-me, não me alegrou e o meu desassossego aumentou. Às duas horas da tarde do dia seguinte corri para o sobrado e atirei-me na cama, presa de soluços incontroláveis. Assim fiquei durante uma hora ou mais, até que desci para me reunir à família.

"Quando estava no último degrau o telefone tocou; e conforme esperava, era minha irmã dizendo que mamãe havia falecido. Automaticamente disse:

"Às três horas pelo nosso tempo, cinco horas aí"

Sim, respondeu-me, juntando: Se tivesse pressentimento, teria dito para você vir ontem.

"O que me intriga é ter eu adivinhado, vivendo a 3.300 km de distância o que minha irmã que vivia lá mesmo não adivinhou."

A morte mesmo de um amigo casual também teria grande importância. Uma senhora do Kentucky tinha sido incapaz de manter a correspondência com as amigas depois do nascimento do segundo filho e sentia-se especialmente arrependida porque não escrevera a Betty, uma sua amiga, que estava tuberculosa. Assim diz: De manhã cedo, em abril, depois de ter estado no sobrado para dar a mamadeira ao recém-nascido, voltei para a cama. Enquanto estava deitada talvez meio acordada, ouvi abrir-se a porta de entrada do vestíbulo. Levantei-me para ver quem era; debruçando-me sobre a balaustrada, dei com o rosto da minha amiga Betty. Começou a subir a escada com firmeza, como se estivesse acostumada a fazê-lo; e não senti surpresa. Chegou ao vestíbulo superior onde eu estava, abraçou-me e disse:

"Não poderia ir embora sem ver as duas criancinhas maravilhosas de que me tem falado. Levei-a ao quarto onde dormiam, e ela foi de um berço a outro, debruçando-se e admirando-os, fazendo certas observações como, De que modo posso resolver qual é a mais bonita - a loira ou a morena? Depois disse: Agora tenho de ir embora. Levei-a ao alto da escada onde me disse: Não se dê ao trabalho de descer

comigo. Sei como sair. Fiquei contemplando-a quando desceu a escada e saiu pela porta.

"Naturalmente o incidente, que se afigurava mais claro do que os fatos reais das ocupações matutinas, fez com que me sentisse mais culpada do que nunca e, sem perder tempo, escrevia Betty a carta que há muito lhe devia. Em geral dentro de uma semana chegava à resposta - nos últimos tempos ditada à enfermeira - mas não veio resposta alguma. Sempre muito ocupada não me preocupei com Betty, de sorte que fiquei surpreendida quando um mês depois recebi uma carta da Inglaterra. Era do pai de Betty, que dirigia a filial de uma companhia americana naquele país, e nela observava que, quando escrevia Betty a respeito da visita que me fizera em sonho, eu dera a hora e a data, que de fato coincidiam muito estranhamente com toda exatidão com o momento exato em que faleceu. Não preciso dizer que fiquei profundamente abalada; mas com o tempo aceitei o que acreditava ser fato - Betty tinha vindo ver-nos quando se dirigia para o seu novo ambiente."

Grande número de experiências refletem também o perigo ou crise não-fatal de algum amigo íntimo. Em maio de 1941, jovem senhora estava no hospital em Iowa, em seguida ao nascimento do segundo filho, menina que chamaram de Nancy. O primeiro, um menino, Dennis, era um ano mais velho. Unia noite à mãe teve um pesadelo e a enfermeira veio acordá-la, por ouvi-la gritar. No sonho tinha visto Dennis ferir acidentalmente com uma faca uma menina de longos cachos loiros. Pensava que esta fosse Nancy. Embora não distinguisse perfeitamente o ferimento, sabia que era um corte no rosto. Via o sangue e os cachos loiros.

"Quando Nancy cresceu tinha cachos loiros. Um dia, já com quatro anos, saiu da casa correndo e aproximou-se do irmão, que estava cortando capim com uma faquinha. Ele voltou-se de repente e feriu-a acidentalmente em um dos olhos." A mãe viu de novo os cachos dourados e o sangue, que tinha visto há quatro anos.

Os eventos importantes destas experiências e de muitas outras em casos precedentemente descritos revestem-se de aspecto trágico ou quase trágico. Mas, nem sempre os eventos sérios que constituem tema de PES são trágicos. Uma experiência de PES pode também refletir alegre "crise".

Quase ao fim da Segunda Guerra Mundial uma senhora do Estado de Nova York soube que o marido estava retido em campo de concentração na Alemanha. Não tínhamos recebido qualquer carta dele durante os últimos meses do seu aprisionamento. Ao terminar a guerra na Europa, chegavam notícias quase diárias de campos liberados. Nunca se mencionou o campo em que estava meu marido e cada vez ficava mais preocupada com a segurança dele. Todos notavam como estava triste, e sentia-me realmente deprimida com esta aflição constante.

"Na noite de dezoito de abril tive de repente a impressão que meu marido estava salvo. O rádio referiu-se aos prisioneiros, mas não ao campo em que estava meu marido. Acho que foi o comunicado do rádio que me fez começar a pensar. De qualquer maneira, estava certa de que ele estava salvo. "No dia seguinte o patrão e as amigas me perguntaram se tinha recebido boas notícias, por me verem tão satisfeita. Respondi que não recebera uma palavra sequer, mas que tinha a certeza que meu marido estava salvo. Escrevi a data no caderno de notas que mantinha e, em seguida, Dia em que soube ter sido Henrique liberado. A 30 de abril recebi um telegrama dele, vindo da Inglaterra e quando chegou em casa contou como ele e um companheiro tinham fugido de um grupo de prisioneiros que iam transferidos para outro campo. Esconderam-se nas florestas durante vários dias até que viram, a 18 de abril surgir tanques ingleses pela estrada. Saíram da mata e os soldados lhes deram alimentos e providenciaram a volta para a Inglaterra."

Entre os tópicos mais decisivamente agradáveis compreendidos por PES encontra-se às vezes uma informação desejada. É como se a pessoa tomasse conhecimento do que deseja saber exatamente como

se ficasse sabendo de notícia pouco auspiciosa que tem mesmo de saber.

Um casal de Pensilvânia, que em vão tinha esperado um filho durante anos, resolveu finalmente pedir uma criança em uma agência de adoção. Depois de mais alguma espera, receberam um chamado para ir ver uma criança. Na véspera, a mulher disse: "Pedia Deus que nos mostrasse de certo modo se a criança que íamos ver era a que ele realmente tencionava que tivéssemos. De noite, em um sonho maravilhoso vi uma cabeça de cachos dourados repousando no ombro do meu marido. Não cheguei a ver o rosto da criança, mas sabia que devia ter mais ou menos dois anos. Fiquei admirada, porque esperávamos receber criança muito mais nova. No dia seguinte, na Agência, estávamos sendo levados a uma sala, quando vimos à ama tirando a touca de uma cabeça de cachos loiros. Antes que ela tivesse voltado o nosso pequeno Jimmy para que lhe víssemos os grandes olhos pardos e as faces rosadas, eu disse: É ele. Ficaram todos surpresos porque duvidavam que aceitássemos uma criança de vinte meses, por termos falado em uma criancinha de poucos meses. este sonho maravilhoso realizou-se e tornando-me a vida feliz e completa. Sou muito grata."

Entretanto, não se pode deixar de observar que o tema de grande número de experiências de PES é em geral muito sério, às vezes mesmo trágico. O motivo não é imediatamente evidente. Não pode ser porque a capacidade PES limita-se a temas trágicos, visto figurarem nas experiências de PES muitos eventos alegres. Se, portanto, não se deve à maneira pela qual PES obtém informações, teremos de nos voltar para algo de mais profundo, na própria natureza humana, que torna os perigos e tragédias da vida mais merecedoras de notícia do que as alegrias. Ninguém poderá negar quando lê os jornais, que essa tendência humana é verdadeiramente real.

Por outro lado, é preciso também reconhecer que as aparências são pelo menos em parte enganadoras nesta questão de predomínio da tragédia. Muitas experiências de PES que dizem respeito a

circunstâncias sérias ou ameaçadoras, terminam felizmente. Tome-se, por exemplo, experiências como esta de certa mulher do Wyoming. Uma tarde foi ao dentista, deixando os dois filhos de dois e três anos com uma ama. Então, conforme diz, quando estava sentada na cadeira e o dentista tinha começado a trabalhar, senti de repente que nem tudo estava bem em casa. Quisera sair a correr do consultório, mas era impossível devido ao trabalho do dentista. As lágrimas começaram a escorrer-me pelas faces e fiquei emocionalmente transtornada. O dentista, naturalmente, pensou que me estava magoando ou que eu estivesse doente. Assegurei-lhe que não mas pedi que se apressasse para que pudesse chegar em caia o mais breve possível. Era tudo quanto podia dizer. E era tudo quanto sabia.

"Quando cheguei em casa, à polícia estava trazendo o menino. Diariamente passava pela nossa casa um homem vendendo sorvetes. A ama deu ao menino cinco centavos e disse que podia ir comprar um sorvete. Depois entrou para ver alguma coisa dentro de casa. Quando o menino não voltou, ela foi até à frente do jardim mas não pôde vê-lo em parte alguma. Foi ao circo, examinou a fonte e andou na rua para cima e para baixo. Não telefonou para o escritório do meu marido nem para mim no dentista como lhe havia recomendado se acontecesse qualquer coisa.

A vizinha afinal chamou a polícia. Parece que uma mulher quase o atropelou na Rua de Grant. De sorte que o apanhou e levou-o para a delegacia. Foi tudo quanto pudemos saber a respeito dos lugares onde tinha estado. O menino disse que a polícia lhe deu finalmente um sorvete, porque ele não pôde alcançar o sorveteiro. Tinha atravessado várias avenidas."

As experiências precedentes dão uma idéia do alcance dos acontecimentos mais sérios e importantes que se observam em PES. Além disso, como vários exemplos já demonstraram, não faltam tópicos de nível mais baixo de significação pessoal. Alguns dentre eles também merecem a denominação de crise, embora não importantes.

Uma senhora da Flórida escreve: Que saiba, jamais o meu marido me deu causa para mostrar-me ciumenta, mas hoje de manhã acordei de um sonho. Vi-o de pé contra uma parede tendo em frente uma mulher a quem abraçava pela cintura, enquanto conversavam e riam.

"Quando ele chegou, eu já havia esquecido o sonho por algum tempo, quando de repente se apresentou ao espírito. Comecei a rir e disse, Querido, se você estivesse ontem à noite encostado a uma parede, tendo em frente uma mulher que abraçava pela cintura, quem poderia ser?"

"Começou a rir e disse: Querida, nada fiz de mal. Era Lois, a garçonete que trabalha das três às onze. Chegou perto de mim e disse: Como vai, queridinho? Você estava aqui?"

"Comecei a caçoar a respeito do meu sonho mas quando ele o confirmou não quis que soubesse, de sorte que disse ter ido em companhia do vizinho tomar uma xícara de café mas quando o vi não quis entrar. E ainda estou zangada."

Situações relativamente secundárias que ainda têm importância definida para as pessoas em causa também se tornam bastante comumente tópico de PES. Na Inglaterra, quando o transporte ainda era difícil depois da guerra, uma de minhas amigas, depois de uma série de contratempos em ônibus, chegou certo dia, cansada e quase doente, a uma parada onde saltou a pequena distância de casa. Era uma hora em que o marido, que ela pensava estivesse no clube de golfe, não tinha o mais leve motivo para pensar que ali estivesse. Mas ele parou o automóvel exatamente quando ela saltava do ônibus.

"Que coincidência extraordinária!" exclamou ela.

"De modo algum. Quando acabei o jogo senti que você precisava de mim, de sorte que recusei a bebida que o meu opositor me ofereceu dizendo que se me apressasse havia de encontrá-la e vim imediatamente. Sabia que você devia estar aqui."

Às vezes uma experiência pode dizer respeito a tópico de tão pequena importância que nem mesmo se possa chamar de crise secundária. Entretanto, pode ter certo aspecto ou novidade que lhe dê

ponto de vista interessante. Certa moça do Wyoming teve uma experiência destas. Diz ela:

"Vi-me sentada em uma pequena casa cheia de gente com a vizinha e uma moça desconhecida sentada em uma cadeira de balanço na minha frente. Eu comia macarrão ou spaghetti mal cozido quando a moça disse: Isto lhe vai muito bem. "Seis meses depois a nossa vizinha comprou uma casa de dois cômodos, há pouco construída, a uns cinco quilômetros da nossa; e fui visitá-la como igualmente o fazia uma sobrinha, a quem eu não tinha visto anteriormente.

"Eu tinha comprado um envelope de sopa de frango. Não sabia que existia ao tempo da premonição. Fiquei fascinada pela novidade de uma sopa em envelope de sorte que disse: Suponho que vou provar disto. Quando mastigava o talharim, a moça inclinou-se para frente na cadeira de balanço. Lembrei-me da premonição e sabia exatamente o que ia dizer-me antes que pronunciasse uma palavra.

" Isto lhe vai muito bem "

Torna-se evidente em muitas experiências registradas nesta obra que o novo, o estranho e o não-familiar - de pessoas a acontecimentos - surgem como tema nas experiências de PES. Merece, porém, um pouco de consideração. Quando chegamos aos acontecimentos de todas as manhãs, eles são novos, sem dúvida, entretanto, compõem-se principalmente de elementos familiares. Conhecemos a maior parte das pessoas de que nos ocuparemos, conhecemos em geral os negócios de que tratamos, e a série de alegrias e tristezas que encontraremos. A novidade estará principalmente nas combinações peculiares destes elementos familiares. Mas, às vezes, em mensagens de PES, apresenta-se algo ou alguém novo além desse nível de familiaridade comum. Sem dúvida, esse "algo" há de se tornar familiar para o futuro; é estranho ao tempo da experiência por estar ainda oculto ao contacto sensorial pela barreira do futuro. Como o futuro não é barreira para PES, não será de surpreender que elementos não-familiares apareçam em experiências de PES.

O elemento totalmente não-familiar não se limita necessariamente a mensagens não-importantes, naturalmente. Aparece igualmente em situações em que se vê facilmente que existe forte necessidade de informação. Em Seattle a cunhada de uma moça adoeceu e morreu quase repentinamente. Conforme conta: "Minha mãe chamou-me pedindo que me comunicasse com a minha irmã gêmea, que se mudara para outro apartamento e ainda não tinha telefone. Dissera-nos que a casa não tinha telefone geral, de sorte que, se quiséssemos nos comunicar com ela teríamos de chamar a proprietária, se fosse algum caso urgente. Disse-nos o nome da dona da casa, mas como não o escrevi tive de rememorar a cena da ocasião em que o disse. Assim mesmo não me foi possível recordar inteiramente, mas estava certa que o nome era curto e começava por "St", tendo significado comum.

"Tomei do catálogo e procurei os nomes que começavam por "St" até que cheguei ao de Stout. Entre os que tinham esse nome encontrei um com o endereço certo. Liguei e perguntei pela minha irmã. A senhora que respondeu mostrou-se muito aborrecida e perguntou como arranjava aquele número. Dei uma desculpa qualquer porque não queria envolver minha irmã.

"Quando minha irmã veio ao telefone, fez-me a mesma pergunta a respeito do número. Lembrei-lhe que me havia dado o nome da dona da casa. Isso mesmo, mas o nome dela é Mulligan e nem mesmo sabia o nome desta família.

"Desse modo, novos nomes, novos lugares e acontecimentos futuros podem tornar-se elementos em experiências não triviais no mesmo sentido que a sopa no envelope, nem sugeridas por forte necessidade. Muitas vezes o tema de sonhos realistas consiste de elementos dessa natureza, especialmente dos precognitivos.

No outono de 1951 certa senhora do estado de Washington teve um sonho extraordinário:

"Estava em um trem antiquado. O chefe do trem apareceu e anunciou um lugar de nome esquisito - como Polígapo - dizendo:

Todos os Polígapos, grandes ou pequenos, estão chegados. O trem parou em frente a uma casa branca toda cercada. Umas seis crianças saíram a correr do trem para o pátio gramado. Um pulou a cerca, outro correu até a porta, mais outro perseguiu um cachorro, a menina apanhou um jornal e correu para o alpendre. A moldura da cena era a janela do trem. Nesse ponto acordei.

"Raramente presto atenção a sonhos nem gosto de contá-los a outras pessoas, nem me preocupo com interpretações. Este, porém, era extremamente claro e tão agradável que o contei à minha mãe. Não podia pensar que tivesse qualquer significação ou que fosse profético, de sorte que depressa o esqueci.

"A 14 de junho de 1952, minha irmã mais moça e eu fizemos nossa primeira viagem de avião, voando de Seattle a Olympia, em Washington. Devíamos voltar de trem e perguntamos onde era a estação. Devido a um mal-entendido indicaram-nos outra estação e quase tomamos o trem para Portland. Já então tínhamos perdido o trem para casa, tendo-nos visto obrigadas a tomar, à tarde, um trem antiquado. Não fazia muito que estávamos nele quando veio o chefe e anunciou precisamente o lugar que eu ouvira anunciar no sonho.

"Senti-me um tanto esquisita nos primeiros segundos, como se tal tivesse ocorrido antes. Foi quando repentinamente voltou-me à mente o sonho inteiro. Deixei-me ficar sentada, observando, dizendo para mim mesmo: Agora aquele menino vai pular a cerca - e ele pulou; o outro vai perseguir o cachorro - e assim foi; a menina vai apanhar o jornal dirigindo-se ao alpendre e assim fez. Tudo se reproduziu exatamente como no sonho. As sombras, a luz do sol, o vento agitando o capim, os gestos das pessoas, as palavras pronunciadas, tudo igual.

"Sendo de natureza cética e suspeitosa, surgiram-me no espírito, por força de hábito, perguntas: se não era imaginação ou uma espécie de hipnose. Diante, porém, da perfeita convicção que sentia, a pergunta nada significava. Sabia ser exata realização do meu sonho.

"Fiquei atordoada, nem tinha coragem de pensar o que isto significava. Estaria predestinado não nos terem compreendido, perdêssemos o trem regular, nos sentássemos onde estávamos (nenhum outro lugar do trem nos faria ver exatamente a cena), o trem parasse exatamente no lugar próprio e todos praticassem os mesmos atos e dissessem as mesmas palavras?"

Quanto à pergunta, quem ousaria responder? Por enquanto ninguém. Será preciso estudar muito mais amplamente a precognição e as experiências precognitivas antes de resolver-lhes o enigma. Neste caso, a experiência importa em tema relativamente pouco importante. À proporção que diminui a importância do tema, começa-se a indagar até que ponto pode chegar à conexão de envolvimento. Encontram-se exemplos em que o conhecimento mútuo é a única conexão pessoal. Uma senhora do Oregon sonhou que visitava uma velha amiga, a Senhora Harker. Quando o sonho se desenvolveu, diz ela: "Víamos na nossa frente um armário de cortina, da qual saíam aterradoramente dois braços finos procurando agarrar o ar, enquanto a cortina se agitava violentamente. Eu sabia que por trás dela estava um louco. Fiquei aterrorizada e gritei no sonho: A senhora Mirelle está em situação desesperados. Afigurava-se-me saber que estávamos na casa dessa senhora mas na realidade não conhecia alguém com esse nome nem mesmo o tinha ouvido. No sonho sabia que era amiga da senhora Harker. Acordei, tremendo de medo e fiquei acordada o resto da noite, com a luz acesa.

"No dia seguinte pus-me a observar a meu marido: Supõe que haja alguma senhora Mirelle? Achava ridículo telefonar à Senhora Harker perguntando, mas alguns dias depois veio visitar-me e contei-lhe o sonho. Respondeu gravemente: Mas conheço uma Senhora Mirelle. Nestes últimos tempos não tive notícias dela. Pouco depois encontrei a Senhora Harker em uma reunião. Disse-me: A minha amiga, Senhora Mirelle enlouqueceu."

Embora se pense que o elo em casos como este seja tênue demais - em outros até mesmo a terceira parte interessada falta. Se existe qualquer envolvimento pessoal, terá de ser inteiramente inconsciente.

Conta um rapaz de Nova York: "Em certa noite de verão sonhei que me esgueirava pela vizinhança de três casas velhas desocupadas. Tinham-nas abandonado em uma depressão do terreno quando procederam ao nivelamento da rua. Quando elevaram o nível de duas ruas que se cruzavam na esquina da propriedade, as casas ficaram a pouco mais de três metros abaixo da rua".

"No sonho entrei na casa de madeira do meio com uma cesta cheia de cavacos e uma lata de querosene. Acendi os cavacos, derramei o querosene por cima da pilha e lembro-me que tive todo o cuidado de conservar as chamas baixas até sair da casa. Lembro-me de ter engatinhado pelo lado da rua, onde esperei um pouco até ver sair às chamas pelo telhado onde faltavam tabuinhas.

"Nesse momento vi um homem que reconheci, correndo em direção a casa e o corpo de bombeiros aproximar-se. Aí terminou o sonho.

"Não liguei a menor importância ao sonho até a manhã seguinte, quando um vizinho veio ver meu pai e disse que a casa velha de John Henry na esquina da Quarta Avenida com a rua Maple tinha pegado fogo durante a noite. Nada disse do sonho até ficar a sós com meu pai. Mais tarde fui até o local do incêndio e vi que a casa do meio tinha pegado fogo e que o telhado estava queimado exatamente no lugar que eu havia visto no sonho!"

Se tivéssemos de supor, em um caso como este, que certo impulso inconsciente por aventuras explicasse a escolha desse tema pela pessoa, então no caso seguinte sem dúvida algum outro impulso ou interesse oculto teria de supor-se. Às vezes, por exemplo, seria motivo humanitário, como se deu com certa senhora do Tennessee.

Uma noite teve um sonho, de que se lembrou no dia seguinte, o qual, conforme diz, exercia pressão tal sobre ela que dificilmente podia continuar a trabalhar. Referia-se a certa pessoa, inteiramente

desconhecida. Perseguiu-me até que fui ver o catálogo dos telefones e lá encontrei o nome dela. Segundo me lembro, acho que se chamava S. N. Bird.

Liguei para o número. A esposa atendeu. Expliquei-lhe como parecia ridículo contar-lhe o sonho que tivera na noite anterior a respeito do marido dela. Perguntou-me se o conhecia ao que respondi que não só não o conhecia como nunca ouvira falar dele. Disse-lhe em seguida que, conforme o sonho, ele deveria sofrer do coração.

"Isso mesmo, disse ela, mas como o soube? Respondi que não sabia, realmente, mas sonhara simplesmente.

"Falei-lhe depois de umas mudas de roseiras que ele comprara e tinha procurado alguém que as viesse plantar, mas o indivíduo que arranjou demorava a vir de sorte que quando saiu de manhã para o trabalho disse que se o tal indivíduo não viesse ele mesmo as plantaria.

"Ela disse, Tem razão, disse exatamente isso antes de sair para trabalhar hoje de manhã.

"De sorte que lhe disse para evitar que ele fosse plantá-las pois se o fizesse com o coração como estava, coma o risco de cair morto antes de acabar. Pedi-me que lhe descrevesse o marido conforme o havia visto no sonho o que fiz e ela disse: Bem, é ele mesmo exatamente, e pode ficar certa que não há de plantar essas roseiras quando chegar como ameaçou fazer ao sair pela manhã. Em seguida agradeceu-me exuberantemente pelo aviso."

Todavia, nem mesmo possível interesse no bem-estar de pessoa desconhecida explica todos os temas distantes que se refletem por vezes nas experiências de PES. Frequentemente tem-se de dizer que nada mais elevado do que a curiosidade os explicaria.

Uma mulher de Chicago sonhou, segundo diz, que ia em algum lugar no automóvel com o marido e um casal muito conhecido deles. Não me lembro porque paramos em uma fazenda, mas assim fizemos e a senhora que veio abrir a porta era idosa e nos convidou a entrar pela cozinha pedindo que esperássemos no cômodo vizinho, que era

combinação de sala de jantar e de estar. Disse que o filho chegaria dentro de alguns instantes, e que esperássemos onde estávamos. Enquanto estávamos aí sentados, meus olhos deram com a porta fechada do cômodo ao lado. Levantei-me e espiei para ver o que havia lá dentro e descobri um piano muito antigo. Nesse momento o filho da senhora entrou e nos cumprimentou. Estava vestido como padre. De nada mais posso lembrar-me.

"Uns seis meses depois pelo menos, amigos nossos, meu marido e eu projetávamos passar as férias no Wisconsin. Tendo-nos descuidado de reservar acomodações, com bastante antecedência, arriscamo-nos indo de qualquer maneira contando com alguma desistência. Ao chegarmos, disseram que não havia lugar onde fosse possível colocar-nos, todas as cabanas estavam tomadas. Depois de refletir à senhora disse: Porque não atravessam o lago para ir à fazenda, há uma cabana perto do lago que talvez esteja vazia.

"Assim fizemos e quando chegamos à fazenda pareceu-me muito familiar. A senhora que veio receber-nos era velha e nos convidou para entrar pela cozinha, pedindo que esperássemos no cômodo ao lado; logo que o filho chegasse diria se podia alugar a choupana. Enquanto esperávamos, disse ao marido que tinha sonhado com essa casa, juntando aposto o que quisesse que abrindo aquela porta veremos um piano antigo. Riu-se de mim de sorte que fui abrir a porta e lá estava o piano antigo. Alguns minutos depois a dona da casa veio pedir desculpas pela ausência do filho que estava demorando devido aos estudos para pastor. Não demorou muito que o rapaz chegou usando o colarinho redondo do clero."

Para ir mais além, contudo, mesmo a curiosidade não parece o fim dos temas de livre alcance de PES. Algumas vezes a experiência compreende tema de tão pouca importância que reflete somente simples fundo de cena - digamos a paisagem em torno - que acaso fique dentro de alcance no nível mais baixo possível de atenção.

Uma senhora de Dayton sonhou que estava sentada perto de uma janela cuja veneziana estava meio abaixada. De repente ouviu o ruído

de uma máquina de cortar grama. Olhando pela janela viu a grama que a máquina jogava para o ar e um par de botas andando de um lado para o outro. A veneziana escondia a pessoa.

Sem dúvida dentro em pouco esqueceria sonho tão insignificante, mas na tarde seguinte ele se realizou. Chegou um menino que se ofereceu para cortar a grama por dez centavos. Deu-lhe os dez centavos e ele foi buscar a máquina. Alguns minutos depois, tendo sentado perto da janela, ouviu o ruído da cortadora. Olhando por baixo da veneziana, o sonho tornou-se realidade. As lâminas da cortadora jogavam a grama para o ar e um par de botas que o menino usava a acompanhava.

Desse modo é possível verificar a seleção de temas de PES desde os que parecem escolhidos segundo forte necessidade ou interesse, passando pela espécie intermediária de crises, até os destituídos de importância. Encontramos seleção resultante de motivo não mais forte que a curiosidade (ou é a curiosidade força motivadora forte? Ela está na base da tendência humana para investigar e explorar, não só frivolidades como um piano antigo, mas a própria natureza do homem) e mesmo no nível de eventos estranhos percebidos tão só por fazerem parte do ambiente imediato do indivíduo.

Neste rápido exame do alcance do interesse pessoal compreendido pelos tópicos de PES depara-se com a sugestão da resposta à indagação com que começamos. Vimos os temas escolhidos em base muito mais ampla do que forte necessidade ou interesse consciente. A base da seleção atingia até as linhas inconscientes da motivação, e motivos demasiado leves para se dignificarem com uma denominação. Mas a ampla seleção de temas, se nos detivermos a pensar no assunto, não se dá somente com PES. Representam o alcance humano normal de interesses em assuntos quaisquer. O pensamento quotidiano de qualquer pessoa percorre toda a escala de itens da maior à menor importância. Portanto, o carácter de livre alcance de PES seria assim apenas indicação da atividade mental compreensiva do homem. A diferença está em que,

neste caso, tornam-se acessíveis áreas mais vastas por meio de canais ocultos; motivos e tendências que estão por baixo do nível consciente passam a ter campo de ação.

Homens, mulheres e PES

As mulheres têm a reputação de serem o sexo mais intuitivo. Serão elas mais psíquicas do que os homens ou, em termos modernos, farão uso de PES mais do que os homens? A interrogação faz parte de outra mais ampla: "Quem possui PES?" Respondê-la não é fácil. Naturalmente, nem todos passam por experiências de PES. Muitas pessoas nem mesmo conhecem alguém que admita ter tido qualquer uma. Entretanto, os casos citados neste livro provêm de pessoas de quase todos os estados da América do Norte e de alguns países estrangeiros. Estes últimos são, naturalmente, de países em que se fala a língua inglesa. Mas, esta circunstância não significa que as experiências de PES a eles se limitem.

É natural que se possa colecionar grande número de relatos de outros países revelando que as experiências de PES ocorrem por toda parte e realmente sob os mesmos tipos e formas em qualquer cultura. Tal relação demonstraria com toda certeza que nenhum grupo tem o monopólio da aptidão psi.

Nessas condições, quais são os indivíduos de qualquer país que têm experiências PES? Será verdade sejam na maior parte mulheres?

A suposição comum que as mulheres são mais "intuitivas" opõe-se a afirmação que os homens são mais "lógicos". Como PES ocorre em outras formas que não a intuitiva, não resultando muitas intuições de PES, a reputação feminina, seja qual for a sua justificação, não se baseia necessariamente em PES. Por outro lado, embora raramente se afirme serem os homens "psíquicos", eles têm palpites. Se os palpites forem acertados dirão provavelmente que são "mais uma dessas coincidências", mas palpites são, sem dúvida, inibições. PES poderia causar alguns deles. Desse modo aconteceria que a PES masculina seria subestimada.

Seja como for, a verdade é que as mulheres, em muito maior número que os homens, passam por experiências de PES. Entre os casos aqui citados e na coleção donde os extraímos, não seria elevada a estimativa de dez casos de mulheres para um de homens. Esta diferença talvez resultasse de causas superficiais, por serem as mulheres mais comunicativas ou menos inibidas neste assunto do que os homens. Os homens seriam menos prontos a reconhecer como extraordinária uma experiência quando venha a ocorrer. Talvez se vejam inibidas de admiti-la mesmo de si para si. Quase todas as experiências - por mais estranhas que sejam - podem explicar-se se a prevenção não impedir que o espírito lhes admita a natureza extraordinária. Se qualquer dessas inibições se aplicasse realmente mais a homens do que a mulher seria bem capaz de explicar a diferença.

De qualquer maneira, PES não depende do sexo, porquanto muitos homens passam por experiências de PES. Serão da mesma espécie e, em geral, sobre o mesmo gênero de temas? Sem dúvida, nos casos precedentes não é de notar-se qualquer diferença particular nos temas das experiências dos homens em relação às das mulheres. Talvez o caso mais afastado nesse gênero fosse o da criança ainda por nascer, que se poderia considerar como tema exclusivamente feminino. Diz uma senhora do Ohio: "Tanto eu como meu marido nos sentíamos extremamente felizes aguardando o acontecimento desejado há tanto tempo. Ambos tínhamos mais de trinta anos. Gozava de perfeita saúde e não estava absolutamente preocupada. Preferia uma menina e caçoava referindo-me ao nascituro como a menina de cabelos pretos porque nós dois assim os tínhamos.

"Alguns dias antes de ir para a maternidade, sonhei que alguém que não distinguia perfeitamente, aproximava-se do meu leito trazendo um recém-nascido, descobriu-o e me apresentou". Contemplei-lhe o rosto por algum tempo e, embora não tivéssemos pronunciado uma palavra só, sabia que era menino. O rosto era muito

diferente do que imaginara - muito bonito, cabelo loiro, queixo saliente sob faces rechonchudas.

"Durante o parto complicação inesperada acabou em tragédia. Quando recuperei os sentidos, os médicos e as enfermeiras esforçavam-se em vão por fazer o menino respirar. Perguntei: É meu filho? e um médico (naturalmente com o rosto meio encoberto) trouxe-o para perto de mim, descobriu-o e vi o rosto idêntico (e bem "individual"), exatamente como no sonho. Mais tarde, outras pessoas comentaram as feições que eu havia conservado do sonho. Portanto, a semelhança devia ser real e não imaginada por mim em estado semiconsciente."

Mas a experiência de um homem do Missouri iguala a esta. Explica ele: "Depois de 17 anos de casado, quando esperávamos o primeiro filho dentro de dois meses, sonhei que via a criança de olhos e cabelos muito pretos, sobre um fundo branco que me confundia. Era menina. Durante o almoço no dia seguinte contei o sonho à minha mulher. Ela e minha mãe achavam que não seria assim, tratava-se de um menino de cabelos ruivos. Nada mais se disse. No dia em que a criança nasceu, depois de ter estado alguns momentos com a minha esposa, o médico perguntou-me se não queria vê-la. Fui ao berçário e vi muitos recém-nascidos até que o médico e a enfermeira trouxeram o nosso por uma porta lateral. Logo que o vi lembrei-me do sonho. Era a reprodução exata da que tinha visto em sonho dois meses antes e o fundo branco que me confundira era o uniforme da enfermeira que a segurava.

A diferença essencial única entre experiências desta espécie não faz parte de qualquer relato. É a diferença de frequência. Maior número de mulheres do que de homens relatam experiências deste tema.

Voltemos agora à consideração da forma das experiências. As duas acima descritas são sonhos. Que dizer das alucinações?

Uma moça que vivia no Ohio visitava uma tia na Flórida. Certo dia, quando estava lavando pratos, ouviu chamar: "Betty Lou".

Parecia a voz do pai. Diz ela: "Corri à porta e abri, esperando ver meu pai, mas não vi ninguém. Achei muito estranho. Neste ponto minha tia entrou e contei-lhe o que acontecera. Ela disse: Vai já telefonar para a família. Pode acontecer que seu pai precise mesmo de você.

"Não estava preocupada com ele porque recebera uma carta alguns dias antes e todos estavam passando bem. Mas a tia insistiu e fiz a ligação.

"A mãe respondeu dizendo: Querida, é você! Seu pai a está chamando. O médico está agora aqui. Seu pai sofreu um ataque cardíaco."

Em comparação, considere-se o caso de um homem que costumava viajar muito. Estava na Flórida, enquanto a mulher visitava os pais no Ohio, quando, conforme conta: "Acordei uma noite ouvindo chamar-me duas vezes pelo nome e como parecia à voz de minha mulher fiquei preocupado e imediatamente telegrafei a Bucyrus para saber se havia alguma novidade. Verifiquei que, no momento em que lhe ouvia voz (tinha tomado nota da hora) adoecera e pouco antes de perder os sentidos chamou-me. Felizmente melhorou."

Comparem-se também estas alucinações visuais. Jovem senhora inglesa estava preparando a árvore de Natal. Não acabava de trepar sobre uma almofada que tinha colocado em cima da mesa para prender no alto da árvore a fada do Natal, quando percebeu repentinamente que não estava só! Viu de pé, na porta, Jim, pessoa conhecida que morrera um ano antes. Sorrindo lá estava ele apoiando a mão a uma bengala de castão branco.

Antes de pensar, pois ele parecia tão natural, disse que desceria em um instante. Foi quando se lembrou que ele não podia estar lá! E com toda certeza, lá não estava. Deu busca em toda a casa mas não achou explicação.

Vestiu um casaco e correu apressadamente até a casa em que morava a viúva de Jim, de nome Jean, amiga dela. Com o rosto

banhado em lágrimas e os olhos inchados de chorar, Jean disse como lhe agradecia ter-lhe vindo fazer companhia. Estivera pensando no marido, que ainda há um ano estava perto dela. As lembranças tinham-lhe voltado tão vividamente porque encontrara uma bengala feita pelo irmão de Jim antes deste morrer, que estava completamente esquecida. Apanhou-a para mostrar-lhe.

Tinha o castão branco!

E a experiência visual de um homem: "Passou-se comigo há doze anos. Era mais ou menos uma hora da tarde quando entrei no meu quarto no Bronx. À direita de quem entra está uma cômoda com espelho.

"Quando aí vi minha irmã de pé a pentear-se, não fiquei surpreso. Parecia-me tão natural à presença dela que a chamei pelo nome.

"Mas quando se voltou para olhar-me imaginei imediatamente que era impossível ali estivesse de pé no meu quarto - impossível de qualquer maneira em carne e osso. Minha irmã morava em Atlanta, na Geórgia naquela ocasião. "Senti um arrepio percorrer-me o corpo. Fiquei assustado. Porque, não sei. Talvez porque sabia que estava vendo alguém de quem gostava que ali não estivesse presente. Quase corri para a rua. Voltei algum tempo depois em companhia de um amigo. Naturalmente, a irmã não mais estava.

"No dia seguinte recebi uma carta dela. Custava muito a escrever. Dizia-me que estivera muito doente e estava passando momentos difíceis com o marido, que era mais um tirano do que companheiro. Dizia-me também que pensava em mim constantemente, desejando estivesse em minha companhia. Não acredito que soubesse ter-me feito uma visita."

Tipo diverso de experiência alucinatória é a "projeção simpática da dor" como se poderia denominar, com que estamos já familiarizados. Mais uma vez, considere-se em primeiro lugar a experiência de uma mulher, viúva, cujos parentes viviam na Pensilvânia. Emprega-se na Flórida durante o inverno.

"Em janeiro de 1956, às 11 horas da manhã, estava fiscalizando as empregadas. Sem que me curvasse ou movesse de qualquer maneira, senti terrível dor nas cadeiras, do lado direito. Era quase insuportável e fui-me arrastando até a secretária para sentar-me. Diversas moças presenciaram o fato, e eu não sabia qual a causa possível. Não havia posição que me aliviasse.

"Como trabalho no hotel, as minhas horas são geralmente de manhã e de tarde, com um período de descanso intermediário. Antes de anoitecer o médico da casa veio ver alguns doentes e eu o consultei. Aconselhou-me a ir ao consultório para bater uma chapa de raios-X se não me sentisse melhor na manhã seguinte. Como a dor era constante, procurei distrair-me indo ao salão de baile, onde uma vez por semana passavam uma fita às 9 da noite. Fiquei tão desassossegada que tive de deixar o salão de baile para arrastar-me até o escritório. Exatamente quando estava entrando disseram-me que me chamavam ao telefone. Comunicaram-me que minha mãe tinha caído às 11 horas da manhã e quebrado as cadeiras. Sofreu depois três operações que a deixaram aleijada.

"De manhã a dor desapareceu e senti-me perfeitamente bem. Conte a experiência ao médico da casa sem que ele comentasse muito. Disse-me que essa ocorrência era conhecida."

Em seguida vem a experiência de um rapaz de Indiana. Numa noite, quando estava jogando pôquer e, conforme diz. - "tendo extraordinária sorte com as cartas, senti repentinamente terrível choque acompanhado de dores no coração, como se fosse arrebentar. Pulei, joguei as cartas na mesa e fritei: Tenho de ir-me embora. Um homem de Louisville, no Kentucky, gritou para mim: Abandonar o jogo com a sorte que você está tendo só de louco.

"Sofrendo horivelmente, fui até o escritório na companhia, mas o empregado que dirigia o caminhão só estaria de volta às nove horas. Assim, apesar do sofrimento, andei cegamente quase um quilometro até o hospital.

"Tendo ouvido dois médicos a conversar, disse impulsivamente: Dê-me depressa um remédio qualquer. Estou morrendo. Acho que vou rebentar. Sangrem-me! Disseram Hoje não se usa mais sangrar. Levaram-me para um leito, deram-me uma injeção e um sedativo.

"Na manhã seguinte acordei sentindo-me bem e almocei na cama. Naquela tarde, quando outro médico veio examinar-me e disse que podia ir-me embora, pedi-lhe apresentasse as minhas desculpas aos dois médicos com quem falara na noite anterior devido à maneira desabrida com que lhes falara. Como o caminhão não me esperava, resolvi andar até o alojamento. Já estava a meio caminho quando um empregado da companhia veio no caminhão e gritou para mim: Olá, D., onde é que você se meteu? Procurei-o por toda parte. Chegou um telegrama para você.

Abri-o e li que meu pai tinha falecido. Tivera um ataque cardíaco na noite anterior as 8 e 30 da noite, exatamente na hora em que me senti mal. Morreu doze e meia horas, depois."

É natural que em nenhuma dessas formas alucinatórias as experiências dos homens sejam diferentes das mulheres; que dizer então das intuições? Até mesmo essa forma que se julga em geral caracterizar as mulheres, é comum entre as experiências de PES dos homens.

Uma senhora do Missouri relata a experiência do marido da seguinte maneira: "Na manhã de 5 de julho de 1937 meu marido não veio para a mesa do almoço com a disposição calma e alegre de costume. Pela maneira suave que lhe era habitual revelava extremo nervosismo e o resultado de noite de insônia. Afinal disse simplesmente: Há alguma circunstância que ameaça minha irmã Betty. Acho que vai morrer.

"No dia anterior tínhamos estado com a minha cunhada e o marido. Parecia gozar de excelente saúde, embora ainda não tivessem comunicado à família que ela parecia estar grávida, de sorte que nem mesmo eu o sabia.

"Sabendo que meu marido não era frívolo, fiquei assustada com o estado dele e nada disse quando foi ao telefone comunicar-se com a irmã para saber se estava passando bem.

"Antes que a telefonista atendesse, o cunhado de meu marido abriu a porta da frente e, entrando apressadamente, disse: Herbert, venha comigo; sua irmã está no hospital e parece que vai morrer. Não é preciso dizer que ficou assustado com a resposta do meu marido: Já sei.

"Minha cunhada passara mal a noite inteira tinha gravidez tubular; estive às portas da morte muitos dias mas meu marido sabia do perigo que ela corria antes que o marido viesse dizer-lhe. Não será preciso dizer que meu marido e esta irmã tinham sido muito amigos desde a infância."

Experiências intuitivas que consistem quase inteiramente de emoções - que pareceriam provavelmente restritas a mulheres - contam-se igualmente de homens.

Assim relata a experiência que teve certo jovem da Califórnia: "Certa noite de julho de 1951 tínhamos acabado a pouco de jantar, e meu cunhado se aprontava para ir a uma reunião em San José, distante uns três quilômetros e tanto de nossa casa. Sem qualquer motivo pus-me a chorar, eu que tinha 25 anos de idade! Supliquei-lhe que não fosse. Foi uma confusão enorme e fiquei muito perturbado. Mamãe só dizia: Não acontecerá nada. Como sabe, as palavras tranqüilizadoras que se pronunciam a pessoas transtornadas. Passaram-se assim uns quinze minutos. Afinal a impressão me deixou e disse: Agora Bob já pode ir.

"Há essa hora, o amigo que o levaria de automóvel esperara no ponto de encontro, mas partiu antes da chegada de Bob de sorte que este teve de ir no próprio carro. Só pode chegar ao cruzamento das ruas Bayshore e Charter, onde o tráfego começou a ficar difícil. Um desastre, o que aliás era comum nesse ponto. Mas quando Bob chegou à esquina, quase desmaiou. Estatelado no meio da estrada estava o indivíduo em cuja companhia devia ter vindo; a cabeça meio

decepada. O carro estava inteiramente perdido. Verificou-se depois que os freios tinham atuado de um lado só, o carro pulou no ar e caiu do outro lado da estrada, nele esbarrando outro carro."

Finalmente, os pais às vezes sabem intuitivamente quando os filhos estão em perigo. Diz um morador de Nova York, que se supõe homem de negócio são, conservador: "Sou presidente de um banco, possuo grande propriedade e um negócio de seguros; sou formado em economia pela Universidade de Pensilvânia.

"Foi durante a invasão da França e da Alemanha. Tinha um filho que partira dos Estados Unidos para frente de combate, visto ter-me comunicado em uma carta de poucas linhas quando seguiu da Inglaterra. Em setembro fiz uma excursão para pescar no Canadá e enquanto lá estava senti-me muito deprimido, e sentia ultimamente que Bill era a causa. Voltei ainda deprimido e conversei com minha mulher a respeito, porque nunca pude esconder dela qualquer assunto. Disse francamente que Bill estava em dificuldades. Alguns dias depois, recebemos um telegrama dizendo que estava seriamente ferido.

"Ficamos desesperados e procuramos por todos os meios obter informações, sem qualquer resultado. Meditei a respeito durante alguns dias, procurando imaginar que ferimentos seriam os dele. Uma noite, talvez uma semana depois, quando estava sentado à minha secretária, senti-me invadido por certa impressão. Quase podia ver um ferimento na cabeça, por trás da orelha direita, e outro ferimento menos grave em um dos braços. A impressão era tão forte que escrevi meus pensamentos em um pedaço de papel que meti por baixo do mata-borrão que cobria a mesa. Devo juntar, embora pareça inacreditável face à maneira por que termina a história, que sentia a vista afetada de certo modo pelo ferimento na cabeça dele.

"Três ou quatro meses depois recebemos comunicação que Bill se encontrava em um hospital de Nova York; corremos a vê-lo e aqui está o inexplicável: Bill tinha dois ferimentos". por estilhaços na cabeça, não exatamente por trás da orelha mas mais para a nuca, em

direção da orelha direita. Quase ficara cortado o nervo óptico, perdendo a vista e ficando parcialmente paralisado durante algumas semanas, mas quando o vi já estava recuperando a vista e o uso dos membros. Um estilhaço de granada entrara-lhe pelo ombro, percorreria o braço direito e saíra no cotovelo.

"Quando voltávamos para casa, falei à minha mulher do memorando debaixo do mata-borrão da secretária e ao chegarmos ela o leu grandemente impressionada."

Estes exemplos mostram que pelo menos alguns homens têm experiências de PES comparáveis às das mulheres. Temas, circunstâncias e situações são semelhantes, bem como a maneira por que se exprime a PES. Homens e mulheres impressionam-se, ficam profundamente convencidos, comovem-se em certas ocasiões por esses vislumbres de conhecimentos que lhes chegam por meio de canais de que não podem dar-se conta. A única diferença real nas experiências relatadas está simplesmente no número. É interessante observar o que a pesquisa de laboratório revela a respeito da aptidão comparada de PES de homens e mulheres.

Homens em comparação a mulheres em experiências de laboratório

Alguns indícios bastante fortes quanto à aptidão relativa de PES de homens e mulheres provêm do laboratório. Têm-se submetido a experiências de laboratório homens e mulheres em grande número, no curso de pesquisa de PES. Antes de tudo, é de interesse o sexo das pessoas que se salientaram como sujeitos bem sucedidos. O pesquisador psíquico inglês, dr. S. G. Soal, da Universidade de Londres e seus colegas tiveram até ultimamente dois sujeitos notáveis, um homem e uma mulher (o senhor Basil Shackleton e a senhora Glória Stewart). Há pouco tempo, vieram juntar-se a estes

dois rapazes. No laboratório de Duke salientaram-se, entre os primeiros, cinco homens e três mulheres. Contudo, durante os anos seguintes, desde que se registraram os trabalhos com estes sujeitos, provavelmente mais mulheres do que homens se salientaram. Mas a observação pouco significa, por não se ter registrado o número total de cada sexo que não deu resultados nas experiências. Pode fazer-se observação mais reveladora com relação a rapazes e moças que se submeteram a provas. Tanto os rapazes quanto as moças marcaram pontos no mesmo nível.

Nos anos de 1936-37, quando meus filhos ainda eram pequenos, realizei uma série de experiências de PES semelhantes a diversões, com três deles e mais treze da vizinhança. As idades iam de três a quinze anos, mas a maior parte estava entre 5 e 10. Ao todo, eram sete as meninas e nove os rapazes. O número médio de pontos das meninas elevou-se a 5,6; o dos meninos a 5,25 (quando a média esperada do puro acaso era de 5). O número de pontos das meninas era, portanto, ligeiramente mais elevado do que dos meninos, mas um dos meninos tinha o número mais elevado, 6,7 e outro o mais baixo, 3,8. Sem dúvida, os números de cada sexo bem como o número de provas a que cada um se submeteu eram muito pequenos para serem conclusivos. O alcance do número de pontos nesta pequena série de provas é, contudo, suficientemente característico, não chegando a fornecer indicação de diferença entre os sexos durante a infância.

A partir de 1953, experiências de PES em grande escala realizaram-se em escolas públicas, que a "Revista de Parapsicologia" publicou de tempos em tempos. Em geral, nessas experiências os dois sexos marcaram pontos quase igualmente bem. Se, contudo, se apresenta qualquer diferença, são em geral as moças que têm contagem ligeiramente mais elevada de pontos. Nota-se melhor a diferença entre adolescentes e alunos das escolas secundárias. Embora a aptidão inata de PES das crianças de ambos os sexos seja aproximadamente a mesma, pode acontecer que, ao crescerem, ficando expostas a influências sociais diferentes da cultura atual, os

rapazes tendam a tornarem-se mais objetivos do que as moças, mais realistas e racionais na maneira de encarar a vida. Não é preciso decidir a parte inata. De qualquer maneira, como depois dos anos de estudo os homens se deixam absorver pelos negócios e pela vida profissional, enquanto as mulheres se entregam às minúcias domésticas e à criação dos filhos, essas diferenças de ambiente e cultura só por si se juntam, imprimindo certo cunho diferente aos hábitos mentais respectivos; as diferenças vaticinadas na adolescência afetariam a possibilidade de exprimir a PES.

Quando homens e mulheres adultos - por exemplo, casais, submetem-se a experiências de PES em laboratório, o número de pontos das mulheres é provavelmente mais elevado do que o dos homens. Embora tal não seja invariavelmente verdadeiro, é verdade tão repetidamente que um jogador poderia sair ganhando se apostasse.

Juntamente com a diferença no nível do número de pontos - na realidade precedendo-a mesmo, observa-se em geral diferença na atitude em relação à prova. A moça encara a prova facilmente, quase com alegria, a ela se submete com espírito esportivo e aceita o resultado sem grande comentário. Para ela, trata-se simplesmente de experiência interessante, pouco importando o resultado. Um homem, especialmente mais idoso, além do nível da escola superior, provavelmente reage de maneira diversa. Em primeiro lugar mostra-se um pouco hesitante. Não tem certeza quanto à existência de PES, e não está inteiramente convencido da utilidade das provas. Não está seguro da matemática e ficaria surpreendido se "chegasse a algum resultado". Seja qual for o resultado, aceita-o com certa reserva. Poderia ter sido isto ou aquilo; precisa meditar sobre o assunto.

Assim sendo, se o número de pontos da mulher é superior ao do marido, não se segue necessariamente que ela possua maior aptidão psi do que ele. Pode significar que, devido à atitude diferente, a prova conforme se submeteu foi diferente da dele. A PES, conforme sabem hoje os parapsicólogos, é fugidia, espontânea, evanescente,

facilmente perturbada. Por igual ao humor, à redação de poesias ou pintura de quadros, funciona melhor se não se analisar demasiadamente quando a exprimem. De tal maneira, as provas a que se submetem marido e mulher, embora tecnicamente idênticas, diferirão psicologicamente para cada um deles. A atitude de um sujeito para com as provas de PES tem-se revelado parte tão crítica como os símbolos das próprias cartas.

Se a atitude exerce efeito crítico nas provas controladas de laboratório, também assim deveria ser nas situações da vida, e a diferença de atitude no laboratório reflete-se nas cartas em que maridos e mulheres relatam as respectivas experiências. Considerando-se centenas de cartas de indivíduos de cada sexo, notam-se dois tipos: um caracteristicamente feminino, o outro masculino. Embora se encontrem indivíduos de cada sexo que não se ajustam ao padrão, o comentário da maior parte das mulheres quando contam as experiências limita-se provavelmente à esperança de ser o que contam útil à pesquisa. Juntam às vezes que apreciariam alguma explicação a respeito. Muitos homens exprimem sentimentos semelhantes, mas em proporção muito maior tentam dar uma explicação ou formavam uma teoria. A diferença deve relacionar-se, pelo menos até certo ponto, aos padrões culturais ou de pensamento que têm origem nas influências ambientais, não exigindo diferença inerente à sensibilidade dos dois sexos.

Seria, portanto, de concluir que o sexo propriamente não explica porque maior número de mulheres do que de homens experimentam PES. Há o indício de que a atitude representa certo papel, e a atitude de cada um seria, pelo menos até certo ponto, o resultado do tipo geral de cultura, conforme discrimina entre rapazes e moças à proporção que crescem. Tal indício ainda nos deixa sem razão plausível para que somente algumas mulheres e homens em número ainda menor dentre a população inteira revelem aptidão psi. Todavia, haverá somente alguns? Tal pergunta exige exame, porque a

frequência ou raridade de característica humana é capaz de dar alguma indicação.

Sem dúvida alguma, não será de esperar resposta numérica precisa à indagação de quantas pessoas possuem PES. As próprias informações com relação a PES ainda são muito limitadas; e as pessoas que passam por experiências de PES são, como grupo, ainda quase tão imprecisas e irreconhecíveis como as ocorrências não-ortodoxas que comunicam. Na realidade, muitas pessoas podem ter experiências de PES sem as reconhecer, ou devido à falta de familiaridade do sujeito, ou porque as experiências ocorrem tão naturalmente que ficam despercebidas.

Por exemplo, estou inteiramente certa pela minha própria experiência que na década de 1930, se não me houvesse "casado" com PES não a teria nunca considerado mais do que coincidência esquisita terem muitas vezes meus filhos pequenos manifestado meus próprios pensamentos não pronunciados. Somente depois da observação repetida de coincidência entre as observações das crianças e meus próprios pensamentos bem como porque, como família, estávamos ficando conscientes de PES, comecei afinal a tomar notas de tais incidentes. Com o tempo tornou-se perfeitamente evidente que um dos meus quatro filhos apresentava tendências telepáticas.

Fora de qualquer dúvida, centenas de outras pessoas têm tido experiências que implicam em PES mas que deixam de lado como simples coincidência, como "ocorrência sem importância" ou esquisitice. Muito provavelmente o número de pessoas que reconhecem a PES quando ocorre será sempre menor que o número daquelas em que realmente atua.

Outro fator que torna impossível contar o número dos que têm tido experiências de PES manifesta-se em muitas cartas que as descrevem.

Tal fator é a atitude em relação às próprias experiências, que se reflete na carta de uma senhora que ouviu chamar-lhe o nome quando

o marido ausente sofreu um acidente. Diz ela: "Não tenho falado muito a este respeito por ter medo que me julguem supersticiosa ou maluca." Tantas outras pessoas têm tido esse temor que tais palavras se tornaram um estribilho.

"Caso se surpreenda devido a apresentar-lhes isto" diz uma senhora da Califórnia, "é porque, durante anos, ou diria durante toda a minha vida, senti-me tão só quando experimentei contar os meus sonhos. Ninguém compreenderia." Relata diversos sonhos telepáticos e algumas experiências intuitivas, ao despertar, suficientemente impressionantes para que não se deixem de citar.

Um senhor que era diretor de escola na Virgínia teve sonho precognitivo impressionante. Diz: "Não o tenho contado muito - porque o que conto parece cair em ouvidos moucos."

Jovem senhora da Flórida, que também tinha tido cunhos precognitivos excepcionais, observou: "Contei a muito poucas pessoas a minha experiência porque em sua maioria não seriam capazes de compreender."

"Muita gente desta cidade haveria de pensar que sou feiticeira, se discutisse tais assuntos", diz uma moça do Tennessee que trabalha em um escritório. Relata muitas experiências intuitivas.

Um senhor da Califórnia que perdeu a mulher recentemente, e que tinha tido experiência extraordinária que poderia ter sido "sinal" dela, escreveu: "Agradeço-lhe a oportunidade de tirar isto do espírito. Até agora não o tinha mencionado a ninguém."

Esta reticência, sem dúvida, tende a limitar o número total de pessoas que contem as próprias experiências. Contudo, dentro de poucos anos, o número dos que contaram as suas experiências, a despeito de semelhantes inibições, e o número ainda menor dos que escreveram ao Laboratório de Parapsicologia, foi suficientemente grande para contribuir para os milhares de casos que constituem a coleção em que se baseia este livro.

Não é nova esta questão de saber quantas pessoas têm PES. Pelo menos desde a década de 1880 realizam-se tentativas formais nesse

sentido. Naquela época alguns estudantes da Inglaterra da Sociedade de Pesquisa Psíquica, recentemente fundada, distribuíram um questionário para ter uma idéia da freqüência no seio da população do que então se chamava de experiências psíquicas. Naturalmente essa denominação não tinha então o mesmo significado das experiências de PES atuais. Naquele tempo referia-se principalmente a experiências que sugeriam transmissão de pensamentos, que hoje classificaríamos como telepatia; compreendia igualmente diversas espécies de "coincidências de morte", assombrações, fantasmas e aparições. Apesar de tudo, o resultado daquele primitivo questionário ainda apresenta interesse. Perto de 17.000 pessoas responderam dentre as quais número bastante grande respondeu "Sim" à pergunta se algum dia tinha tido alguma experiência psíquica de sorte a apurar-se grosseiramente uma percentagem de 1 em 10.

Depois de duas gerações, em 1925, o dr. Walter Franklin Prince, da então ativa Sociedade de Boston para Pesquisa Psíquica, na América do Norte, com objetivo semelhante, envio! um questionário a dez mil pessoas tirando os nomes de Who's Who. Recebeu menor número de respostas, mas proporção maior de "Sim". Das 2.290 pessoas que responderam 430 disseram "Sim" ou cerca de uma em cinco.

É natural que experiência desta ordem tenham somente interesse histórico atualmente, especialmente porque o progresso do conhecimento baseado em resultados experimentais alterou necessariamente as definições. Sabemos agora que as experiências de psi devem definir-se mais amplamente do que o eram em 1880 antes da demonstração que PES é aptidão humana. Desde então, acresceu-se nova dimensão ao conceito da que é psíquico. Assim sendo, certas ocorrências que antigamente se deixavam de lado são agora levadas em conta, e algumas que então se salientavam porque se afiguravam significativas e espetaculares (especialmente fantasmas e aparições) diminuíram agora tanto em percentagem do total como em significação, à proporção que começa a esclarecer-se a posição que

ocupam nas questões que dizem respeito à natureza. Em conseqüência, estas modificações da definição de psi tornam pouco adequadas as antigas estimativas da percentagem dos que tiveram experiências de psi contra os que não as tiveram.

De outro modo, também, sabemos agora que essas estimativas numéricas significam muito pouco. A pesquisa demonstrou claramente que o processo de PES é delicado. À semelhança de frágil semente, só germina em condições perfeitamente precisas. É tão fácil com ela interferir que pode aqui estar hoje e amanhã desaparecer por motivos tão obscuros que mesmo as pessoas experimentadas nem sempre as descobrem. Alguns estudantes, por exemplo, saem-se bem com um experimentador e mal com outro, e todos têm quase certeza de não se saírem bem antes de exames - ou mesmo antes de uma partida de futebol se são "fans" e têm os olhos ao menos pela metade "na bola". Daí é de deduzir que os fracassos em experiências de PES resultam de outras causas que não a falta de aptidão de PES. Em certa ocasião pensava-se que mais ou menos um estudante em cinco era bem "sucedido" em provas de PES, mas hoje se reconhece que essa relação pouco significa como indicação de quantos seriam capazes, sob outras condições, de mostrar PES. Se essa é a verdade em relação a estudantes, será sem dúvida também verdade, para outros, tanto em experiências espontâneas como de laboratório.

As diversas considerações que é preciso levar em conta quando se avalia quantas pessoas tem experiências de PES demonstram a impossibilidade de chegar a estimativas que inspirem confiança. Indicam também que c ; número de tais pessoas não é de modo algum de desprezar. É forte a sugestão que o número total deva ser muito maior do que se suspeita. Todavia a resposta à indagação "Quem tem PES?" continua a nos frustrar. Afinal de contas, não ocorre a todos, seja como experiência espontânea, seja em provas experimentais, e mesmo os que a demonstram claramente talvez não o façam com a firmeza necessária.

8

PES na infância e na velhice

Tantas experiências citadas anteriormente passam-se com adultos que se poderia supor limitar-se PES principalmente aos anos de maturidade. Se tal fosse o quadro completo do alcance da idade, poder-se-ia pensar que a capacidade psi não existe desde o princípio, somente se desenvolvendo quando o indivíduo atinge a maturidade. Contudo, o fato é que muitas crianças têm experiências de psi, por iguala muitas pessoas de idade. Tais experiências não são somente interessantes em si mesmas, mas as das crianças, especialmente, proporcionam indícios que contribuem para a compreensão da aptidão de psi e seu lugar na personalidade.

Na criança

Crianças, mesmo muito novas, surpreendem às vezes os pais com certas observações que revelam aparentemente conhecimento do que "não poderiam saber". Mais comumente, tais observações indicam telepatia com os pais, mais geralmente com a mãe.

Embora seja a criança quem realmente revela PES em tais casos, o relato provém naturalmente dos pais. Mas, como o próprio pensamento do progenitor é o elemento "lido", o relato não é propriamente de segunda mão. E, como ficou surpreendido e embaraçado com a observação, geralmente conta enquanto ainda está bem vivo na memória, de sorte que tais relatos merecem mais

confiança do que se dependessem de recordação pessoal em longo prazo.

Uma senhora da Pensilvânia observou várias vezes que uma filhinha parecia apanhar-lhe os pensamentos. Um dia, estava pensando em um trabalhador que havia começado a fazer escavação quando o chamaram, tendo deixado serviço por terminar. Passaram-se semanas. Estava aborrecida com a demora.

"Uma noite, à hora do jantar", diz ela, "ia sugerir ao meu marido que lhe telefonasse. Depois achei que era melhor não falar, porque meu marido também tinha uma série de problemas aos quais eu iria acrescentar mais um. Foi quando a minha filha, de três anos de idade, disse Arno Kraus nome do homem a quem eu pensava telefonar. Não me lembro de ter ela pronunciado em qualquer ocasião o nome dele."

A telepatia talvez seja a forma que mais comumente se verifica de PES em crianças porque somente com ela o adulto representa certo papel. O elemento convincente para muitos pais é inegavelmente a repetição do pensamento deles. Mas, mesmo assim, pais céticos não prestam atenção ou deixam passar despercebidos muitos exemplos de telepatia por estarem convencidos que somente os canais sensoriais transmitem informações.

Uma senhora de Cincinnati explica que quando a filhinha de quatro anos parecia ter conhecimento de algum pensamento que nem ela nem o marido tinham formulado, supunham simplesmente tê-lo indicado de qualquer maneira sem se aperceberem. Começaram, porém, a reparar quando o fato se repetiu.

"Por exemplo", escreve esta senhora, "uma tarde, por volta das quatro horas, estava na cozinha pensando no que faria para o jantar. Tal não me acontece geralmente. Ordinariamente planejo e começo os preparativos para o jantar à última hora, sabendo o dia inteiro o que vou fazer ou imaginando improvisar algum prato. Não havia, contudo, muito que fazer e era boa a oportunidade para começar cedo a tratar da refeição. Resolvi-me por spaghetti. Não o servimos muito amiúde, não sendo prato favorito da minha filha, mas logo depois de

ter assim resolvido, ela apareceu vindo do quarto e perguntou com naturalidade, Vamos ter spaghetti para o jantar?

"Estou certa que não tinha pronunciado uma palavra que ela pudesse ter ouvido. Vi que me ouvira o pensamento. Quando perguntei como sabia, ficou desconcertada.

"Hoje o mesmo aconteceu. Meu marido estava no porão preparando uma pintura que pretendia fazer. Tinha acabado de examinar o material e lastimava não ter pedido que lhe comprasse uma brocha ao visitar o mercado. Nesse momento, minha filha entrou pela porta do fundo, voltando comigo do mercado.

"Mamãe devia ter-lhe comprado uma brocha.

"Discutimos a questão e não encontramos explicação satisfatória. Raramente ele faz qualquer pintura, nem meu marido estava com algum pincel na mão ou à procura de brocha, quando ela entrou. Meu marido lembrara-se justamente poucos segundos antes. Não sabia que tínhamos voltado.

"São naturalmente acontecimentos secundários. Não somos dos que aceitam tais fenômenos, mas estes incidentes realmente nos impressionaram."

Como neste exemplo, se a ocorrência se repete, até mesmo pais relutantes reparam finalmente. Tal aconteceu também em minha família. Já mencionei anteriormente que eu e meu marido afastávamos a princípio como simples coincidência pronunciar uma das nossas filhas, então com três anos, meus pensamentos não formulados, no que afinal reparamos, levando-me a tomar nota, diariamente, de tais ocorrências. Com o tempo, acumulando-se as observações, tornou-se possível verificar certas características repetidas desses pequenos episódios. A primeira, conforme acontecia com as crianças nos casos acima, era a facilidade e falta de esforço na transferência aparente. Ocorreu exemplo típico quando a menina estava brincando satisfeita sentada no chão depois da refeição da manhã e eu começara a tirar a mesa. Sobrara uma torrada com

manteiga e senti vontade de comê-la. Depois pensei, "Não, estou engordando. Não devo comê-la."

Nesse momento, ouvi a vizinha que dizia à maneira de criança, sem qualquer lisonja: "A mamãe está agora mais gorda do que antes, não é?"

E logo em seguida voltou ao que estava fazendo - não continuou, como se não tivesse havido qualquer introdução ao pensamento dela. Por vários motivos fiquei realmente perturbada; ela, entretanto, estava inteiramente esquecida. Evidentemente a observação baseava-se em impressão recebida tão fácil e naturalmente que estava completamente despercebida da origem estranha, bem como que não tinha qualquer introdução racional ou relação com qualquer fato anterior ou posterior.

O episódio exemplifica também outra característica da telepatia que se observa nas experiências tanto de adultos como de crianças: a "plasticidade" das observações. As idéias da outra pessoa parecem reconstruídas e adaptadas a ponto de vista da criança, em lugar de serem repetidas exatamente.

Às vezes parece que a criança recebe impressão telepática de outra, embora seja mais difícil ter certeza da ocorrência do que no caso de adultos.

Um dia, a mãe de dois meninos de Illinois, Cris de ano e meio e Vic de três e meio, deixou o mais novo dormindo na casa da avó a pouco mais de um quarteirão de distância. "Dentro de uns 45 minutos", diz ela, "Vic correu à janela e olhando para a rua gritou para mim nervosamente dizendo que Cris estava chorando. Estava ocupada e eram somente duas e dez; só os esperava às três horas. Disse a Vic que estava enganado e continuei o meu trabalho. Ele teimou e pôs-se a chorar dizendo Cris quer você, Mamãe.

"Com uns cinco minutos mais minha mãe chegou com Cris em lágrimas, dizendo que tinha acordado chorando às duas e dez, pondo-se a andar pela casa chamando pela mãe."

Todas as experiências acima referidas ocorreram com crianças em idade pré-escolar. É de notar que, em muitos desses casos, observam-se episódios dessa natureza quando a criança tem menos de três anos, tornando-se freqüentes entre essa idade e quatro, depois passando a decrescer, para cessar inteiramente quando vai para a escola. Tal a verdade com a menina que disse "Arno Kraus", bem como com minha filha, não se observando mais outros exemplos depois que foram para a escola. Mais tarde, quando examinei minha filha em PES ela não excedeu em número de pontos aos irmãos. Como adulta não acusou qualquer experiência reconhecida de PES.

Começar a freqüentar a escola, sem dúvida acarreta grande mudança na vida da criança, mas é possível que a telepatia com os pais diminua em qualquer caso à proporção que se alargam os horizontes íntimos da família para a criança. É possível dizer, pelo menos, que decrescem quase simultaneamente a dependência íntima para com a mãe e o número de experiências telepáticas. Tal fato sugere a espécie de situação psicológica mais favorável à telepatia - talvez em adultos tanto quanto em crianças.

Um dos aspectos mais significativos em experiências de telepatia em relação a crianças pequenas é ocorrerem sem a menor intenção por parte de quem quer que seja. A criança esquece inteiramente donde provém a idéia; e o pai nem mesmo percebe a conexão da criança ao pensamento, e muito menos de "mandá-lo". Esta observação é importante para a compreensão da telepatia em qualquer idade.

Notam-se igualmente outros tipos de PES em crianças além da telepatia, embora, como se dá com adultos, não seja possível dizer sempre se a experiência implica em telepatia ou clarividência. Acontecimentos vindouros, tanto quanto acontecimentos presentes afetam as crianças, embora, se forem sonhos os episódios, seja particularmente difícil saber se algo mais do que um pesadelo está em causa.

Um menino do Michigan, de quatro anos e meio, sonhou várias vezes que uma serpente o havia apanhado e certo dia encontrou aterrorizado uma no pátio. Os pais pensaram que era simples coincidência, embora não mais o acordassem pesadelos de serpentes depois de terem matado a que apareceu.

Contudo, aos seis anos começou novamente a ter sonhos de pesadelos: dessa vez pensava que caía "em um buraco". Durante três semanas acordou quase todas as noites, suando e gritando aterrorizado.

Depois, conforme conta mãe, "um dia o menino brincava no pátio do vizinho onde ainda se via neve sobre o chão. Ouvi gritos terríveis que parecia virem de grande distância. Corri em direção ao porão do vizinho. Parecia que os gritos vinham do chão. Foi quando vi um buraco na tampa estragada de uma fossa e Steve com água até a cintura mergulhando rapidamente. Eu e o vizinho o retiramos, quando a água já lhe estava chegando aos ombros. Pensava que a realização dos sonhos nada mais era do que tolice até que isto se deu."

Às vezes a descrição que a criança faz do sonho é mais detalhada, menos parecida com pesadelo e, especialmente quando o evento se refere à outra pessoa, apresenta-se definidamente como precognitivo. Em uma casa de New Jersey, a 18 de novembro de 1950, um menino de nome Craig, de quatro anos, acordou gritando. O pai foi vê-lo e, com dificuldade, conseguiu acalmá-lo. Então contou o sonho que tivera.

"Sonhei que você tinha caído dentro d'água, papai. Estava cercado de plantas altas. Chamei-o muitas vezes e você procurava sair de dentro da água."

Sem dúvida, os pais esqueceram logo o episódio. O pai tinha combinado com o irmão ir caçar patos, partindo dois dias depois do sonho de Craig.

Os dois se esconderam no meio da vegetação alta durante a maior parte do dia. Antes de se prepararem para voltar para casa, atiraram

em dois patos que caíram dentro d'água. Entraram no bote para buscá-los. Dentro em pouco, sobreveio terrível vendaval que os afastou para longe. As águas estavam muito agitadas e o bote virou. O irmão se afogou e o pai de Craig pensou que não poderia chegar até a praia. Disse lembrar-se constantemente do sonho do filho.

Às vezes o adulto, quando observa uma criança, tem a impressão que esta tem "visões". Levando-se em conta a facilidade de imaginação e a distinção incerta entre real e fictício tantas vezes observada em crianças, torna-se difícil dizer exatamente em que importam na realidade tais experiências. Contudo, parece que as crianças estão sujeitas a terem experiências alucinatórias.

Certa senhora da Califórnia diz que um filhinho de uns dois anos começou a agir como se tivesse "visões". Por exemplo, recorda-se ela, "uma vez, quando estava sentado em uma caixa, ficou muito quieto parecendo estar olhando para algum objeto muito distante. Disse então, Papai de pé - muito tempo. Meu marido tinha ido licenciar o carro. Estava na fila, e teve de esperar algumas horas".

Naturalmente, quando a criança diz que viu evento distante, é impossível dizer se está empregando expressão bastante exata para significar que teve experiência alucinatória ou um pouco de imaginação realista. Uma família do Wisconsin voltava para casa de uma excursão quando um menino de quatro anos, que estava sentado atrás, se levantou e disse: "A tia Myrtle e o tio Charles sofreram um desastre de trem?"

O pai, mostrando-se aborrecido, perguntou: "De que é que você está falando?" O menino respondeu: "Eu vi o desastre."

No dia seguinte receberam a comunicação que o motor do carro em que iam a tia e o tio ficara afogado sobre a linha da estrada de ferro e que um trem destruía o cano pouco depois dos dois saírem. Tanto quanto foi possível avaliar, o fato se deu quando o menino falou.

Se, um caso como este, em que a criança pensou ter visto realmente, raramente se considera como sendo interessante, por outro

lado, se a pessoa que ele diz ter visto já moveu o efeito sobre os pais será, provavelmente, mui diverso. Neste último caso, o "ver" se considerará com toda certeza significativo.

Na cidade de Nova York uma menina de três anos tinha como companheira Ana de sete anos. Esta, sofrendo de diabetes, morreu. Disseram a mais nova que Ana fora viajar.

Alguns dias depois do enterro, diz a mãe, "mandei minha filha buscar uma vassoura no armário do vestíbulo mas voltou de mãos vazias. Perguntei-lhe porque. Disse que Ana não quis deixá-la apanhar. Perguntei o que queria dizer com isso e ela respondeu que Ana estava de pé no armário e não a deixava passar. Quando me convenci que não era caçoadada ou invenção, perguntei-lhe como Ana estava vestida. Disse que tinha bonito vestido branco e véu e que não podia sair por não ter casaco.

"Tinham enterrado Ana com o vestido da comunhão. Procurei não me mostrar perturbada, mas no dia seguinte, quando estava na sala de estar ouvi minha filha falando com alguém no vestíbulo e chamei-a. Repetiu-me a mesma história, que tinha visto Ana. Fui ao vestíbulo e perguntei onde. Apontou mas disse que Ana ia saindo. Levei-a para brincar na casa da vizinha, contando-lhe o que acontecera. Rezamos juntas e espargi água benta no apartamento, mas tive uma impressão de inquietação e tristeza. Dois dias depois minha filha adoeceu e duas semanas a contar do enterro de Ana morreu de pneumonia."

Foi diferente o processo mental nos dois casos que aí ficam? Ou foi somente o tema que impressionou a mãe no segundo caso? Tais ocorrências fornecem, pelo menos, certa prova de experimentarem as crianças a forma alucinatória de PES. Contudo, raramente referem que tenham tido sonhos não realistas de PES. Talvez fosse esperar demasiado que um adulto reconhecesse essa forma, se acaso ocorresse.

Exatamente como seria de esperar, experiências da infância, lembradas e contadas mais tarde pelo próprio indivíduo, e não por um

adulto na ocasião, não se estendem a ocorrências dos primeiros anos pré-escolares. Outra diferença manifesta a esperar consiste na falta de referência à telepatia com os pais. Afinal de contas, a própria criança esquece inteiramente tais experiências, e mesmo que tal não acontecesse, saber nessa idade o pensamento de alguém ou, reciprocamente, que alguém lhe conheça os pensamentos seria tanto de esperar como a luz do sol e a sombra.

Todavia, observa-se freqüentemente a recordação de experiências precognitivas da infância. Deixam impressão indelével, talvez por serem às vezes extraordinárias as ocorrências, mas, mais do que isso, por ser emocionante, mesmo para uma criança, a verificação de uma impressão dos primeiros anos. Uma senhora do Maine lembra-se de uma experiência que teve aos dez anos. Assim conta: "Acordei naquela manhã terrivelmente assustada de um sonho em que vi um homem de pé à minha frente no vestíbulo de entrada. Era moreno e as roupas estavam cobertas de lama. Acredito que o que mais me assustou foram os olhos - os mais maldosos que até então tinha visto. Conte o sonho à minha mãe e ela me animou dizendo que era simplesmente sonho e que fosse para a escola, esquecendo-me de tudo.

"Naquela noite, quando estávamos ceiando, bateram à porta da frente e meu pai foi ver. Ouvia-o falar e dentro de alguns minutos voltou para a sala de jantar e perguntou à minha mãe se era possível dar pousada a um estranho que estava coberto de lama. Não era nosso costume, mas como sabíamos que as estradas estavam quase intransitáveis concordamos que o homem passasse a noite em nossa casa. Meu pai foi com o estranho à estrebaria para acomodar o cavalo que parecia muito cansado e voltou para a casa acompanhado pelo homem. Quando o trouxe para a sala de jantar para cear, quase desmaiei. Era o homem que tinha visto no sonho daquela madrugada - olhos maus e roupa suja de lama. Não soubemos nunca quem era; saiu de manhã cedo depois de ter-se tirado o trole de um buraco coberto de neve."

Conforme seria de esperar, alucinações visuais, especialmente as que implicam em moribundos ou mortos, lembram-se provavelmente bem. Não inspirarão confiança as lembranças da infância mas quando a ocorrência lembrada é semelhante à que outros adultos referem como acontecimento recente, tais lembranças adquirem considerável apoio. Outra mulher do Maine lembra-se de uma experiência de quando tinha dez anos, a qual, se não foi sonho, era alucinatória. Sabia que o pai fora operado e estava no hospital, mas, conforme diz: "Nada sabia da morte, porque nunca tinha morrido ninguém que fosse chegado a mim. Mandaram-me passar a noite na casa vizinha com uma amiga. Acordei e vi aos pés da cama a luz mais bela que até então tinha visto. Lá estava meu pai com os braços abertos para mim e, enquanto o contemplava começou a elevar-se. Chamei a minha amiga, dizendo-lhe que meu pai morreria. Levantamo-nos e acendi a luz. Passavam exatamente dez minutos das quatro horas da manhã; dentro em pouco um tio veio dizer que meu pai havia falecido, tendo-me chamado quando morria. Eram exatamente quatro e dez quando morreu. Era criança que nada sabia da morte; mas sabia que ele havia desaparecido."

A idade precoce em que é possível inculcar uma idéia de fundo religioso ou cultural exemplifica-se neste caso, bem como a ocorrência provável de alucinações durante a infância. É fácil de ver que esta forma de experiência deixaria impressão particularmente indelével na pessoa. Conforme acontece, o número de lembranças de experiências da infância que parecem alucinatórias é proporcionalmente maior em relação a outras formas de PES do que o número referido por adultos.

Em famílias numerosas, se qualquer dos filhos revela tendências para PES, em geral é somente um que o faz. Em uma família da Califórnia, há uns dez anos, Joan, a menor dentre os filhos do casal, quando atingiu a idade de três anos começou a distinguir-se dos outros porque revelava conhecimentos que a mãe não era capaz de explicar. Por exemplo, "sabia" quais os presentes de Natal que ia

receber ("minha bolsinha azul", etc.). A mãe tinha certeza que não se quebrara o segredo e que os presentes não eram os que se esperavam. Começou também a dizer à mãe quando certos parentes viriam visitá-los, mesmo que a mãe julgasse impossível a vinda.

Depois, tendo-se os pais separado (o pai abandonou a família e mais tarde a mãe obteve o divórcio) Joan começou a dar notícias do pai, embora na realidade quase não o conhecesse. De fato, uma das visitas inesperadas que predissera fora o pai. Mais tarde ele adoeceu gravemente. Foi levado inconsciente para o hospital, com o nome na lista crítica, porque os médicos pensavam que não ficaria melhor. Joan, continuava a dizer que o pai ficaria bom e, apesar da opinião dos médicos, assim se deu. Disse exatamente à mãe quando cessaram as transfusões de sangue, quando lhe deram alimento pela primeira vez e quando começou a andar até a janela.

Já aí Joan estava quase com cinco anos e a mãe escreveu ao Laboratório de Parapsicologia para se aconselhar. Sugeriram-se algumas experiências de PES para decidir da proeminência da aptidão de Joan.

Nas condições não formais da casa e lançando mão de provas tão parecidas com um jogo quanto possível, a mãe de Joan conseguiu que ela "adivinhasse" algumas cartas. Utilizando a cobertura ordinária de PES, em que cinco é a probabilidade esperada, ela conseguiu atingir primeiramente 15, depois 11, em seguida 12 e por último somente 4, para o baralho de vinte e cinco cartas. Como número de acertos de PES estes eram muito elevados, exceto o último. Dificilmente se explicariam tão só por acaso. Quando chegou a 12, a mãe notou que Joan estava chupando despreocupadamente um pirulito. Quando atingiu onze, fazia desenhos com um pauzinho no pó. Quando completou os quatro, não tinha querido fazer a experiência.

É de compreender que em breve se desvanece a novidade de dar a denominação das cartas para uma criança de cinco anos. E novidade, entusiasmo, interesse - da infância à velhice - constituem condição psicológica necessária para acertos positivos em experiências de PES.

Joan, porém, revelara também por este meio mais formal que possuía PES.

Começou a criar-se um problema na família quando se viu que essa criança era capaz de adivinhar corretamente a denominação de muito maior número de cartas do que as outras, como acontece muitas vezes com uma característica única de uma só criança, e a mãe resolveu não fazer mais experiências. Antes de tudo, não queria que julgassem a menina diferente ou que ela mesmo assim se julgasse.

A mãe de Joan tinha também outro aborrecimento. A filha mais velha tivera febre reumática, mas estava em convalescença. Joan disse que a irmã iria dormir e não acordaria mais. Realizar-se-ia essa predição de Joan como as outras? Podia, contudo, apontar-se que nem todas as profecias anteriores tinham sido acertadas. Evidentemente nem tudo quanto dizia estava no mesmo nível, e mesmo as observações que implicavam em PES não se verificaram todas exatamente.

Por exemplo, na noite que precedeu a partida da família em uma excursão não planejada, Joan acordou a mãe gritando "Não me levem para a água. Vou afogar-me." O irmão mais velho e a mãe procuraram assegurar-lhe que não iam para perto de água e que ela não se afogaria. Acharam que nada mais era do que sonho. Contudo, no dia seguinte, chegaram a belo local de acampamento e resolveram ficar por alguns dias. Somente horas depois a mãe verificou que tinham acampado na margem de um rio. Nada disse mas acompanhou de perto os filhos enquanto nadaram. Passaram três semanas adoráveis perto do rio e ninguém se afogou. Joan também predisse que o pai viria para casa e penduraria de novo as roupas no armário, mas tal não se realizou.

Prestando atenção a estes erros, não mais pareceu à mãe de Joan que devia aborrecer-se particularmente com as predições dela, que assumiram aspecto diferente.

O caso de Joan é excepcional por ter sido um dos primeiros exemplos de criança com PES espontânea tão acentuada submetida à prova da chamada de cartas (em casa e sem formalidades) demonstrando capacidade de PES por esse modo, também. Mas o que se seguiu foi o que conhecemos já e mencionamos anteriormente. A PES que possuía - pelo menos como elemento observável - era evanescente. Aos cinco anos as manifestações diminuíram. Durante o último verão antes de entrar para a escola e depois de entrar, de acordo com o que consta a respeito, nem fez previsões nem deu qualquer outra demonstração de PES.

O fato geral interessante que resulta do estudo de PES em crianças é que as experiências, embora mais simples, ainda são semelhantes, tanto pela forma quanto pelo tipo, às de adultos. Parece que PES está presente mesmo na infância.

Na velhice

Embora os anos tragam mudanças, as aptidões humanas, em sua maior parte, persiste na idade avançada, adaptando-se convenientemente a respectiva expressão no correr dos anos. É possível igualmente acompanhar PES desde muito cedo até a idade adulta e na idade avançada sem que se observem linhas claras de demarcação. Contudo, talvez o número de experiências referidas pelos que têm mais de setenta anos seja menor do que o de indivíduos menos idosos. Muitas pessoas durante os últimos anos de vida escrevem a respeito das suas experiências - sentem a significação que decorre do material de que dispõem para contribuir e muitas vezes fazem grandes esforços para registrá-lo - mas quase sempre as experiências que relatam não são do presente, mas sim do passado, muita vez remoto. Recordar parece caracterizar a velhice, mas afigura-se também que a reflexão amadurecida sobre a significação

das experiências contribui para preservá-las na memória por longos intervalos.

Um pastor idoso que vive agora na Flórida escreve: "Estando com 85 anos, lembro-me de uma experiência quando tinha dezesseis. Era pobre, vivendo à minha custa e trabalhava, em setembro de 1886, para Sam H., na fazenda, a três milhas de uma cidade do Iowa. Sam comprava porcos e gado para o mercado de Chicago, e fazia uso de dois pôneis, um baio e outro ruão.

"Era um domingo de manhã. Estava me vestindo no meu quarto, depois do serviço. Era sujeito a sonhos em vigília. Enquanto me vestia vi o pônei de Sam jogá-lo ao chão, rolá-lo e esmagar-lhe uma das pernas. Ouvi a mulher dele dizer-me: Vem depressa, Vic. Sam está machucado.

"Vi-me montado no pônei a galopar quase uma légua até a cidade em busca do médico. Vi-me perto do canto da estrebaria conversando com o filho de Sam, rapaz da minha idade, dizendo-lhe como devíamos trabalhar. Vi Sam na cama e o médico junto dele.

"Depois, à mesma hora no sábado seguinte de manhã estava, como de costume, mudando de roupa no quarto, quando ouvi o chamado: Vic, vem depressa, Sam está machucado!

Lembro-me de ter dito para mim mesmo: Aí está e sei o que fazer. Montei logo no pônei e sai em disparada em busca do médico. Exatamente no mesmo lugar em que no sábado anterior tinha-me visto a falar com o filho, falei-lhe agora.

"A única diferença entre o sonho acordado e a realização consistiu em ter pensado que o pônei ruão jogara Sam ao chão. Ao invés foi o baio e nele fui para a cidade."

Todavia, pessoas idosas referem muitas vezes experiências atuais - freqüentemente a última de longa série. Em 1949 um homem da Flórida, então com 75 anos, que contou vários sonhos precognitivos de anos passados que lhe serviram de aviso de afogamento, incêndio e outros acidentes, escreveu a respeito do mais recente. "Em agosto

de 1945, fui de carro com a minha mulher a New Jersey, onde meus filhos então moravam.

"No dia 6, de manhã cedo, sentei-me na cama murmurando, Bay - Bayone - Bayone. Minha mulher disse: Que é que você está murmurando?"

"Respondi: Vai haver uma explosão de dois ou três milhões de galões de gasolina em Bayonne daqui a três semanas ou três meses - não posso dizer ao certo. Muitas vidas ficarão em perigo, mas se tomarem precauções não se dará a explosão.

"Repeti o nome da cidade à minha mulher, poderia esquecê-lo. Perguntei a meu a meu filho se ouvirá alguém falar de um lugar chamado Bayonne. E na margem do rio onde está Jersey e a Standard Oil tem lá uma refinaria. Por que quer saber?"

"Disse-lhe o motivo e ele, sabendo das minhas antigas premonições, encarou-a seriamente e mais tarde conseguiu que o comandante da base me fizesse contar-lhe o caso.

"Agradeceu-me e disse que faria afixar avisos.

"O acidente deu-se mesmo, como sabe. Pode ver nos jornais cerca dos dias 7 e 8 de novembro. Conforme disse minha filha ao escrever-me a esse respeito: "Muito bem, papai, você acertou mesmo na cabeça do prego no dia exato.

Tanto quanto possa lembrar-me, jamais ouvira o nome de Bayonne antes da manhã de 6 de agosto de 1945. O comandante preveniu a Standard Oil Company?"

As experiências precognitivas são as mais comuns neste grupo de idades, como em cada um dos outros, mas às vezes têm-se notícias de outros tipos. Pode ver-se que PES ocorre mesmo em pessoas de idade, embora os temas não tenham tão grande alcance como nos primeiros anos. Alguns dirão respeito a eventos de pequena importância, mas grande número vem sobrecarregado com as crises e tragédias da vida. Como o grande acontecimento que avulta para muitos nessa idade é a própria morte, tal o tema que se pode esperar apresentar-se mais comumente nas experiências das pessoas idosas.

No domingo 24 de agosto de 1941, um senhor de 78 anos da Carolina do Norte contou à mulher um sonho que tivera na noite anterior. Sonhou que estava em Butler's Crossing, a uns cinco quilômetros de casa, quando viu um veículo que se aproximava em grande velocidade em direção a ele; A luz era tão brilhante que o cegava. Gritou para o filho: "Davi! É o dia do Juízo Final!" Nesse momento o veículo colidiu com ele, fazendo-o passar à escuridão eterna.

A mulher disse que era terrível o sonho, mas não sabia então que também era precognitivo. O marido sofria na ocasião de alergia, da qual o tratava duas vezes por semana um médico de cidade vizinha. Três dias depois foi à cidade tomar a injeção. Ao voltar, tomou uma condução para Butler's Crossing onde saltou, parou alguns instantes para acender o cachimbo e depois tratou de atravessar a estrada. Estava no meio da faixa branca quando apareceu um carro em grande velocidade na curva. Ele voltou para trás, o carro desviou-se para a esquerda, colidiu com ele, jogando-o a uns 20 metros de distância. Quinze minutos depois estava morto.

Já vimos que, às vezes, o tema de alguma experiência precognitiva de PES pode ser evento que venha a realizar-se ao fim da vida do indivíduo. Casos em que assim se dá ocorrem mais provavelmente no grupo de idade avançada, que está muito mais próximo do fim.

No verão de 1953 uma mulher da Dakota do Sul recebeu chamado urgente da irmã para que fosse ver a mãe em Independence, no Kansas, que sofrera meses antes oclusão da coronária, sendo essa a terceira vez que lá ia. Quando chegou encontrou-a muito debilitada. Reconheceu a filha mas não perguntou pela família. Depois de alguns dias passou a estado de coma e souberam que o fim estava próximo. A 5 de julho, pela tarde, quando a moça entrou no quarto do hospital, a mãe estava falando com a enfermeira - travando mesmo conversa, embora parecesse confusa. Dizia: "Tenho duas filhas e um rapaz, também. Chama-se Franklin". Não tinha filho: o neto de 12 anos de

idade chamava-se Franklin. Então olhou para a filha parecendo reconhecê-la e perguntou: "Onde está meu filho? Onde está Franklin?" A filha tomou-lhe a mão e disse que Franklin estava em casa com o pai. "Está bem?", perguntou.

Algum tempo antes, a mãe tinha visitado o parque da igreja da cidade onde a filha morava e ficara encantada com a beleza rústica do local. Desde então sentia satisfação em saber que algum membro da família ia passar algum tempo nele, e era natural que a filha lhe dissesse agora que Franklin se preparava para ir lá. "Oh, não", gemeu a doente, "não quero que Frankie vá lá agora. Não deve ir de modo algum." E pôs-se a chorar. Procuraram acalmá-la, e dentro em pouco dormiu ou passou à inconsciência, continuando a segurar a mão da filha. Talvez meia hora depois, continuando a filha ao lado dela, abriu os olhos e olhou-a com expressão de grande temor. "Helena, Franklin também morreu?" A filha assegurou-lhe que Franklin estava perfeitamente são, e perguntou-lhe se tinha tido algum sonho mau. "Tive, e bastante terrível a respeito de Franklin", e as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces, fechou os olhos e não deu mais palavra. No dia seguinte, 6 de julho, morreu sem despertar.

A 21 de julho, segundo dia em que Franklin estava no parque, mergulhou no ribeirão e bateu em um tronco debaixo da água, deslocando o pescoço de tal maneira que quebrou a coluna vertebral. Os médicos deram pouca esperança de salvá-lo e durante semanas a luta foi árdua, mas sobreviveu, paraplégico, mas como diz a mãe: "O mesmo rapaz, cheio de alegria, corajoso e confiante no futuro."

Acabamos de ver que PES ocorre em todas as idades - em certas pessoas. O quadro complica-se, contudo, porque certas pessoas que têm PES quando adultas não a revelam na infância, embora algumas a apresentem durante a vida inteira. Por outro lado, certas crianças que dão provas dela quando muito novas, não mais a demonstram ao crescer. Talvez seja significativo tal acontecer quando as relações dos pais se ampliam. Entretanto não parece que a simples intimidade da mãe com os filhos pequenos seja mais do que explicação parcial, por

serem demasiado raros os filhos que revelam PES. Assim também, em famílias que têm vários filhos, demonstrá-la somente um indica pelo menos que não resulta de algo de intangível que se poderia chamar de "atmosfera da família". Mais do que isso, nenhuma das mães que indicaram tendências de PES de um dentre vários filhos declarou sentir-se mais perto emocionalmente deste do que dos outros. Se tal fosse o caso, havia de mencioná-lo pelo menos alguém.

De fato, cada na expressão de PES nos diversos grupos de idades dá qualquer indicação quanto a certos indivíduos experimentarem PES e outros não. Evidentemente, o motivo de a demonstrarem alguns adultos, e outros não, deve ser tal que se aplique igualmente às crianças - observação que deve aplicar-se à pergunta ainda não respondida: "Quem possui PES?"

9

PES e paz de espírito

Será salutar ter experiências de PES ou tê-las indica que o indivíduo é um tanto peculiar, senão de fato doente mentalmente? Às vezes o indivíduo sente-se muito perturbado, perguntando a si mesmo: "Como poderia tê-lo sabido? Serão anormais os meus processos mentais?" Não sabendo para onde voltar-se para se informar, e tendo amigos e parentes que desconfiam de qualquer tendência mental fora do comum, provavelmente reprime a inquietação e mantém-se em segredo talvez ainda maior por aquele motivo.

A inquietação pode retroceder até a infância, se os pais tomarem atitude decisiva contra qualquer manifestação fora do comum dessa espécie. Uma jovem de Nova York, agora com 25 anos, teve uma série de experiências incomuns quando criança. Uma delas, pelo menos, foi evidentemente de PES. Quando tinha 11 anos mandaram-na para fora durante o verão, porque a mãe estava muito doente devendo ser operada. Uma noite, depois de ter ganho um concurso de natação, foi deitar-se muito satisfeita. Quando estava adormecendo, viu a mãe caída inconsciente na rua, tendo ao lado a tia que a chamava pelo nome.

A impressão era tão cruel que chorou até adormecer finalmente. Quando recebeu aviso no dia seguinte que devia ir para casa, não mostrou inquietação. Já sabia que a mãe tinha morrido, antes que as circunstâncias fossem confirmadas conforme as tinha visto.

Talvez se esta fosse a única experiência incomum desta moça, seria mais fácil para ela. Outras, porém, evidentemente complicadas pela imaginação vívida, que as tornava confusas, continuaram a ocorrer. Finalmente, aos treze anos, falou ao pai a respeito. Deu-lhe uma surra - cura duvidosa para fantasia imaginativa ou PES.

Convenceu-a pelo menos não serem normais experiências dessa espécie, fazendo surgir perguntas tão mais inquietadoras quanto não ousava discuti-las, e para as quais somente encontrou resposta quando mais tarde soube o que era PES.

É provável que atualmente poucos pais tomassem medida tão extrema. Contudo, mesmo que os pais não reajam por meio de castigo direto, a atitude deles pode fazer com que o jovem se ache diferente ou esquisito. Outros, também, poderão ser tão sensíveis que, sem conhecer particularmente qual seria a atitude dos pais, conheçam intuitivamente que não convém contar as próprias experiências.

Há alguns anos, na Nova Escócia, uma menina de 9 anos teve um sonho que recordou como se segue, quando moça: “Via-se um caixão num canto da sala de estar. Aproximando-me vi que dentro dele estava meu querido avô. Acordei acabrunhada de dor. Não dormi mais naquela noite. Não tinha coragem de contar a qualquer pessoa o sonho que me perseguia - nem mesmo ao avô. Depois de alguns dias cobrei ânimo novamente e o sonho ficou quase inteiramente esquecido”.

"Dentro de quinze dias o avô morreu de um ataque cardíaco. No dia do enterro entrei no cômodo do sonho. Lá estava o caixão conforme o tinha visto. A diferença única estava no rosto tranqüilo e frio.

"Misturava-se agora à minha aflição receio estranho, sufocante, quase terror. Mas a ninguém falei ainda do sonho. No espírito de criança, tinha medo que mencionando o sonho de algum modo aumentasse a tristeza de uma família já angustiada. "Alguns anos depois do falecimento do meu avô, minha mãe me disse que no dia em que morreu ele lhe dissera de manhã: "Na noite passada sonhei que todos os moradores da cidade tinham morrido menos eu - só eu escapei." Olhou-me intensamente como se perguntasse se compreendia o que queria dizer. Depois saiu, dizendo adeus de maneira despreocupada de costume. Dentro de uma hora estava morto.

"Foi então que contei à minha mãe o sonho que tivera, quase vinte anos antes. Durante anos apertou-me o coração como se fosse mão gelada, e enquanto escrevo, trazem-me à lembrança antigas aflições como se fossem feridas de ontem".

Em vinte anos, a ferida deveria encontrar-se perfeitamente cicatrizada de tal maneira que repetir a narrativa não mais despertasse tão vividamente as antigas emoções. Sem dúvida o motivo para que assim ocorresse era ter ficado sem resposta durante tanto tempo a pergunta que me fazia formular. Se esta moça tivesse podido discutir normalmente o sonho com os pais, o mistério perturbador que o envolvia ter-se-ia dissipado, a tensão ter-se-ia aliviado e o espírito seria encarado pelo que valia: experiência precognitiva perfeitamente salutar, notável apenas por ter ocorrido a uma criança.

Todavia, nem sempre se devem culpar os pais pelos aborrecimentos que resultam mais tarde da realização de experiências de PES. As vezes a pessoa adquire idéias tão firmes dos limites da ação mental normal que uma experiência de PES, ultrapassando tais limites, confronta-os com dilema insolúvel. Conforme o exprime uma senhora da Califórnia, tais ocorrências afiguram-se tão fantásticas que não é de esperar venham outros a acreditar serem capazes de ocorrer exceto com alguém que "tenha perdido a cabeça!"

Uma das experiências dela, por exemplo, ocorreu um dia enquanto cozia um bolo. De repente teve um quadro mental (evidentemente um dos raros sonhos realistas em vigília) do marido em um acidente de automóvel. Veio-lhe a impressão com tal força e intensidade que desatou em pranto. Depois, compreendendo que estava a chorar pelo que era somente imaginário, ficou assustada e envergonhada, pensando que talvez a tivesse afetado o calor da cozinha.

Sete dias depois se deu o acidente. O marido estava de pé junto de um carro estacionado quando outro cano em grande velocidade apanhou-o de raspão. A posição do corpo quando jazia inconsciente no meio da estrada era exatamente a que vira. Mas, como poderia

esperar que alguém acreditasse tê-lo previsto quando lhe parecia impossível tal previsão?

Se as intuições perturbam a paz de espírito quando se realizam, as experiências alucinatórias com mais forte razão assim o fazem. Na Dakota do Norte, certa noite, uma mulher cujo filho estava em uma escola a quase 400 km de distância, dirigia-se para a sala de estar quando ouviu de repente o filho chamar "Mamãe" tão claramente que se voltou surpresa para verificar se ele estava atrás dela. Uma carta, chegada alguns dias depois, contava como havia quebrado o braço em jogo de basquete naquela tarde. Soube que no momento em que o ouviu chamar, a dor era tão intensa que o rapaz achou não poder suportá-la. A alucinação auditiva, forma da experiência, era tão pouco conhecida para ela, que diz: "Senti-me aterrorizada com a experiência e não gosto de contá-la a parentes ou amigos. De fato, nem mesmo contei a meu marido, senão depois de muito tempo."

Compreende-se que a pessoa sinta embaraço ou inquietação por ter tido uma experiência psi alucinatória, porque na vida mental corrente as alucinações são raras. No espírito público associam-se diretamente às moléstias mentais ou à ação de entorpecentes. Ainda se desconhece inteiramente possa psi ocorrer sob forma alucinatória em pessoas perfeitamente sãs. O próprio indivíduo, os pais, amigos, o médico e até mesmo um psiquiatra podem sentir-se inteiramente frustrados diante dela não imaginando de modo algum seja simplesmente uma das formas menos comuns de experiências de PES, não trais anormal do que o sonho.

Nas experiências acima descritas salientou-se o efeito infeliz sobre os indivíduos e a sua paz de espírito, resultante da experiência de PES. Felizmente, só uma minoria parece afetada dessa maneira contrária; adota-se freqüentemente atitude oposta.

Aparentemente, a reação do indivíduo à experiência de PES quando lhe é inteiramente inexplicável representa, em grande parte, a medida da confiança interior. Alguns, como os que mencionamos acima, parecem duvidar facilmente. Outros se mantêm na própria

convicção e dizem simplesmente, como uma senhora de Indiana: "Como explicar o impossível? Sei somente que aconteceu." Acordou certa noite de repente quando o marido, que servia no exército, estacionava a quase dois mil quilômetros de distância e não esperava uma licença nos meses mais próximos. Algo acontecera, mas não sabia o que fosse. Eram 4 e 10. Continuou:

"Comecei a dar voltas pela casa para ver se tudo estava em ordem. Dei busca. Não havia incêndio. Fui à porta da frente. Não se dera qualquer acidente de automóvel naquela noite para acordar-me. Finalmente fui até o quarto de minha mãe para ver como estava. Ela acordou e queria saber o que havia. Eu não sabia dizer. Acordara não sei como. Mas estava tudo em ordem, de sorte que voltei para a cama. Logo que me acomodei, a campainha da porta soou.

"Lá estava meu marido! "Tinham-lhe concedido licença extraordinária e viajara o dia inteiro e a noite inteira para chegar em casa e atingira os limites da cidade exatamente as 4 e 10. Não tinha avisado porque queria surpreender-me."

Revestida da mesma confiança em si, uma pessoa é capaz de considerar firmemente uma experiência desconcertante como significativa apesar de tudo, que se leve em conta seriamente e se explique se possível. Sentindo-se segura a respeito, pode dizer como outra mulher de Indiana: "Espero que a minha historieta lhe seja útil de algum modo para que chegue um pouco mais perto da verdade e do motivo de tais ocorrências estranhas. Não faço questão que utilizem dessa maneira a minha experiência. Nada há que envergonhe nela!

"Minha primeira experiência consistiu em um sonho quando tinha 17 anos. Minha irmã, Francês, de 19 anos, tinha desposado um músico admirável, talentoso. Gostavam-se muito e eram bastante felizes. Uma noite tive um sonho tão nítido que me lembrava de todos os detalhes. Eddy, meu cunhado, caçava em companhia de um rapaz cujo rosto não podia distinguir no sonho. De repente Eddy caiu ao chão, alvejado por um tiro da espingarda de chumbo do rapaz.

Tinha subido em uma cerca sem que o gatilho estivesse travado. Os grãos de chumbo atingiram Eddy nas cadeiras, perdendo sangue até morrer antes que se chamasse o médico.

"Depois sonhei que estava dormindo e os gritos de minha mãe me acordaram. Corri pelo vestíbulo até a cozinha e ela veio pela sala de estar e de jantar, encontrando-se comigo à porta. Ao mesmo tempo outra mulher, cujo rosto também não podia ver no sonho, aproximou-se. A mãe tinha um telegrama na mão relatando a tragédia.

"Fiquei preocupada, de sorte que escrevi a minha irmã contando tudo. Receberam a carta no sábado e zombaram dela. Más na segunda-feira pela manhã Eddy morreu exatamente como no meu sonho. O telegrama chegou exatamente como o tinha visto e minha mãe tinha a visita de uma amiga, que também estava na cozinha. Encontramo-nos nas duas portas que dão acesso à cozinha."

Algumas pessoas mais religiosas explicam as experiências em termos de respectiva fé. Ficam surpreendidos com as ocorrências, mas não se sentem em condições de explicá-las.

Conforme diz uma senhora: "O bom Deus prepara-me para certos choques que ainda estão por vir."

Muitas pessoas, talvez mesmo a maioria dos que acusam experiências de PES não fazem qualquer comentário exprimindo reação. Parece que não sentem qualquer autoconsciência forte a respeito. Dos comentários como ficam acima, resulta que a atitude individual depende da própria pessoa; e de fatores em cada um, como a intensidade da confiança em si mesmo.

Uma pessoa cuja paz de espírito ficou perturbada por ter passado por experiência de PES tranquiliza-se geralmente quando lhe informam que muitas outras também as tiveram. Uma mulher de Chicago, que tivera diversos sonhos precognitivos, quando lhe informaram que essa espécie de sonho era comum, exprimiu o alívio demonstrado por muitas outras em situação idêntica: "Fico tão satisfeita vendo que outras pessoas também têm tido essa espécie de sonho". Não pediu explicação de precognição ou de PES, mas queria

somente saber que não estava só nas suas experiências e, portanto, não era esquisita, diferente ou anormal.

Realmente não é de surpreender que essas preocupações quanto a ser normal e salutar o processo de PES se resolvam facilmente, porque, afinal de contas, o motivo para elas é, antes de tudo, a completa falta de familiaridade da pessoa com PES. As experiências de psi são relativamente raras, e como muitas pessoas se abstêm de relatar as que ocorrem, ainda parecem mais extraordinárias do que são. Afinal de contas, não é ao inexplicável mas à falta de familiaridade que o mistério se apega mais de perto. Neste particular, a preocupação desaparece desde que a pessoa sabe que não está só quando tem essa espécie de experiência.

Às vezes um médico, especialmente psiquiatra, encontra-se em dificuldade mais difícil de resolver. Precisar saber não só que PES ocorre às vezes, mas como diagnosticá-la quando ocorre. Durante a guerra, uma senhora que tinha estado algumas vezes entregue aos cuidados de um médico devido à tendência à ansiedade e excitação nervosa, acordou uma noite gritando histericamente: "Jack morreu. Jack morreu." Disse tê-lo visto cair em um avião incendiado. O filho dela, Jack, estava servindo no exército americano no Pacífico. Quando o marido não pôde acalmá-la, chamou o médico. Este lhe aplicou sedativos e mandou-a para o hospital. Nem o marido nem o médico encararam seriamente a idéia que Jack estivesse em um desastre de avião, visto como não pertencia à Força Aérea.

Receberam, contudo, uma comunicação dias depois que o rapaz se encontrava em um avião que caíra incendiado. Morrera aproximadamente no momento em que a mãe tivera a experiência.

Como o marido e o médico sabiam da tendência dela à ansiedade e excitação, consideraram-lhe a convicção como pura ilusão e, portanto, patológica. Mas, na realidade, o comportamento dela era a reação perfeitamente natural da mãe que tomara conhecimento há pouco de notícias terríveis e angustiosas e delas se convencera. Conforme o próprio médico reconheceu depois, a impossibilidade de

convencê-los da verdade somente aumentou-lhe a aflição, diminuindo a possibilidade de controle próprio. ele ficou, de fato, realmente preocupada, compreendendo a dificuldade de evitar diagnóstico errôneo em casos futuros. Como sabemos, o reconhecimento imediato e certo do elemento de PES em qualquer episódio é muitas vezes impossível, mesmo para os conhecedores. Felizmente, a combinação de instabilidade emocional e PES, como se dá neste caso, é rara, e o médico considera somente em tais condições a possibilidade de PES, suspendendo a decisão até que se proceda à verificação.

E de supor que, se PES fosse sintoma de moléstia, há muito teria sido reconhecida pelos psiquiatras como tal. Não terem nunca os psiquiatras encarado PES como sintoma pode, portanto, considerar-se como indicação de que não se relacionam necessariamente. Contudo, os psiquiatras têm dispensado atualmente maior atenção a PES do que os membros de qualquer outro ramo da medicina, ou da psicologia. Os psiquiatras ocupam-se dos aspectos ocultos do espírito que se tornam doentios. Tratam dos processos inconscientes da vida mental, e na qualidade de "psicólogos de profundidade" sondam-nos. As formas de expressão de PES sonhos, alucinações, compulsões e automatismos - formas perfeitamente saudáveis e normais de expressão - também as podem usar o espírito em estados mórbidos.

Na psicanálise, especialmente quando se registram e estudam os sonhos dos pacientes, observaram-se exemplos ocasionais de telepatia. Verificou-se que em geral o sonho do paciente se desenvolvia em torno dos pensamentos ou ações do analista de maneira a sugerir telepatia. Os analistas, porém, interpretaram tais ocorrências como resultando da relação íntima estabelecida pelo tratamento e não como sintoma da moléstia do paciente.

A maneira de analisar sonhos e a relação íntima entre o médico e o paciente animaria a troca telepática, mas o número e a freqüência dessas experiências telepáticas não é tão grande que conduza a

conclusão especial. Todavia, tais ocorrências tiveram o efeito de despertar o interesse de muitos psiquiatras pela aptidão de PES.

É possível igualmente observar a falta de conexão entre PES e estados mentais doentios nos relatos das pessoas cujas experiências pessoais constam deste livro. Tanto quanto se pode julgar por essas cartas, essas pessoas são todas sãs, bem equilibradas. Nada com relação às experiências e nada na maneira de relatá-las sugere de qualquer maneira estado patológico. Algumas, conforme acima indicamos, ficam a pensar se não existe semelhante conexão, dada a estranheza das experiências. Mas esta é mais de falta de familiaridade, conforme vimos; resulta da falta de informações a respeito de PES, e talvez também da falta de conhecimento em relação aos sintomas das moléstias mentais.

Ocorre, sem dúvida, às vezes que o indivíduo que teve algum desarranjo mental ou que venha a tê-lo subseqüentemente, passe por experiências de PES. Um homem da Geórgia, que mais tarde teve diagnóstico de esquizofrenia, ia de trem para a Califórnia em 1944, em busca de colocação. Um casal amigo ocupava o banco em frente ao dele, mas ao lado havia um lugar vago, que estivera ocupado por algum tempo, como ele pensava, por uma jovem senhora bem vestida.

Pensou que entabolava conversa com ela, pediu-lhe o nome e discutiram as futuras perspectivas que teria na Califórnia. "O senhor se sairá bem", disse ela. "Encontrará um homem, por nome João E. Estará em companhia da esposa. Mostrar-se-á seu amigo e lhe será útil na procura do emprego." Pouco tempo depois se referiu a esta jovem senhora aos amigos que estavam sentados em frente, mas estes disseram que ninguém tinha estado ali, de sorte que ele não contou a conversa. Quando na cidade a que se destinava foi procurar emprego em uma agência, a recepcionista era uma senhora E. e o marido, John E., ajudou-o a achar colocação.

A experiência, conforme ele próprio contou alguns anos antes de adoecer, baseia-se somente na palavra dele. Pode-se aceitá-la ou

rejeitá-la; mas, no primeiro caso, seria possível classificá-la conjuntamente como experiência precognitiva não-realista regular, seja que tivesse ocorrido como sonho dormindo ou acordado. Não é significativamente diferente de experiências precognitivas não-realistas ou de alucinações visuais referidas por pessoas que não têm qualquer tendência conhecida para doenças mentais.

Algumas pessoas que supõem estar relatando casos de PES estão na realidade muito seriamente doentes para perceber que sofrem de ilusões ou têm idéias enganosas. (Não se incluem estas experiências em uma coleção de PES por falta de prova do recebimento de informações verdadeiras.) A espécie de experiência relatada por indivíduos mentalmente perturbados é, evidentemente, como a que segue, inteiramente ilusória.

"Em agosto de 1955, sofri uma prostração nervosa. Aconteceu-me que era possível ler-se qualquer pensamento que me viesse à cabeça. Assim estive durante um ano. Dormindo ou acordada, qualquer pensamento que tivesse era ouvido por quase todos a quilômetros de distância..."

Poder-se-ia dizer que neste caso a moléstia se revelava, tão só pelo julgamento defeituoso que permitia à pessoa ficar convencida sem qualquer prova objetiva. A ilusão baseava-se na idéia fantástica da maneira por que atua a telepatia e no completo descaso da falta de provas que o espírito da pessoa estava sendo lido.

A idéia da possibilidade de ocorrência de telepatia ilimitada corresponde muita vez à necessidade de quem sofra da ilusão de estar sendo perseguido. "A 15 de dezembro de 1955 comecei a ouvir uma voz no meu espírito. Era a de Henrique W., que morava em um quarto ao lado do meu. Mentalmente admite que é ele mesmo, mas nega-o verbalmente. Embora eu agora esteja em um instituto, esse homem continua a perseguir-me e ninguém acredita."

Indivíduos que têm ilusões como este homem, quando submetidos a provas de telepatia, nunca demonstraram excepcional aptidão para PES. Na realidade, ilusões a respeito de telepatia nada

têm a ver com esta, como as que dizem respeito a NAPOLEÃO nada têm a ver com o famoso general.

A prova final e mais decisiva da falta de relação entre psi e as moléstias mentais resulta das provas de PES realizadas em hospícios. Não só os que tinham o "síndrome de pseudo-telepatia" conforme se poderia denominar a ilusão acima referida, deixaram de revelar aptidão especial para PES, mas os grupos que sofriam de outras formas de moléstias mentais não chegaram a demonstrar PES fora do comum.

Daí não se deduza não se encontrar PES entre doentes mentais. Alguns provaram tê-la, mas tal prova não caracteriza qualquer grupo particular conforme a espécie de moléstia em foco. Em certas investigações, os pacientes que sofriam de desordens do humor obtiveram maior número de pontos em PES do que outros. Mas, pelo menos em uma pesquisa, revelou-se o que havia de mais significativo quando se compararam os resultados de PES com os assentamentos do hospício quanto ao grau de cooperação do paciente: os que cooperavam melhor apresentaram números mais elevados nas provas de PES do que os grupos menos cooperadores.

Tais resultados apontam na mesma direção que os de certas provas com estudantes normais de faculdades. Nestas procedeu-se a medidas quanto ao "ajustamento" do estudante e os que melhor se ajustavam marcaram pontos em número ligeiramente mais elevado do que os outros.

Ainda aqui, como nas diferenças que se encontraram entre homens e mulheres nas provas de PES, os resultados, neste particular, se relacionam com a atitude da pessoa para com a prova. Nos estudos em hospícios, em classes e no laboratório, os resultados das provas ficam afetados pelas diferenças em atitude, mais do que por diferenças em volume de PES. Talvez as diferenças sejam análogas ao contraste entre a obra de um artista produzida quando está à vontade e quando está sob tensão. Neste último caso, a produção não lhe mediria a capacidade natural, tanto quanto havia de medi-la a

maneira por que sentisse o próprio ambiente. Se interpretarem assim as provas realizadas no hospício, a PES por elas reveladas mediria as tendências normais restantes dos pacientes, mais do que seria indicação da moléstia. De tal maneira, a conclusão final fornecida por todos os meios de prova importa em ser o processo de PES normal e salutar, ninguém precisando se preocupar com a sua atuação. Sejam quais forem os fatores que distinguem os que têm PES dos que não a têm, as moléstias mentais não se contam entre eles.

10

O cunho da personalidade

Quem tem PES? As pessoas que a experimentam serão de tipo distinto de personalidade? Possuirão características definidoras distintivas? Se fosse fácil responder a estas perguntas, as respostas seriam evidentes.

Não é fácil respondê-las. Ainda é obscura a diferença entre os que dão provas de PES e os que não as dão, mesmo para os que mais conhecimento têm de psi e da maneira por que atua. Se fosse possível estudar cuidadosamente grande número de pessoas que têm experiências de PES para compará-las a número igual das que não as têm, seria possível formular generalizações a respeito dos dois grupos. Tal estudo, contudo, nunca foi praticável de sorte que se torna necessário tirar as conclusões possíveis das próprias experiências. Pela observação de aspectos especiais verifica-se ser possível atingir a um primeiro estágio de respostas, ou pelo menos sugestão da resposta à pergunta quanto a quem possui PES.

Observando-se grande grupo de pessoas, como as que comunicaram experiências nas páginas precedentes, a observação mais óbvia é que não revelam características semelhantes, em comparação com as que as revelam. Nem mesmo possuem PES no mesmo grau: poucos comunicam ter tido muitas experiências, enquanto muitos comunicam poucas; e muitas vezes uma pessoa diz que só teve uma experiência em toda a vida. Todavia, as experiências comunicadas e as circunstâncias sob as quais ocorrem são tão variadas e complexas que não é fácil conseguir impressões claras e decisivas. Todavia, estudando-se as diferentes espécies e números indicados por pessoas diferentes, é possível começar a distinguir contornos mais amplos e a direção para a qual apontam.

Quando alguém diz, como certa mulher de Nova York: "Nunca até agora tive premonição como esta" fica-se desde logo a pensar se implica em alguma grande crise pessoal, e qual a forma que a experiência assumiu. A mesma mulher continua dizendo: "Ocorreu na noite de 27 de outubro de 1948. Estava repousando um pouco, deitada e lendo. Meu marido realizava uma preleção em uma escola a alguns quilômetros de distância. Finalmente apaguei a luz e estava começando a adormecer quando voltei à plena consciência ao principiar o coração a bater como se fosse um malho. Acendi a luz. Passavam alguns minutos das onze. Deitei-me outra vez mas senti o coração novamente a bater com maior fúria. Parecia que queria pular para fora do corpo. Não podia imaginar o que estava acontecendo e fiquei muito assustada. Contudo, depois de pouco tempo o coração deixou de bater intensamente e adormeci.

"Às onze e trinta a campainha da porta tocou. Dois policiais vieram dizer-me que meu marido havia falecido de hemorragia cerebral às onze e pouco."

O evento era, de fato, altamente crítico e importante, e a forma da experiência longe de comum. Provavelmente foi experiência alucinatória induzida telepaticamente, sendo a dor ou os sintomas corpóreos gerais moldados até certo ponto pelos do moribundo. Desde que idéia alguma, ou qualquer acompanhamento racional de qualquer espécie entrou na consciência, sugere-se a expressão difícil, quase inibida de elemento fornecido por PES.

E de presumir que cada indivíduo exprima a respectiva PES pela forma que lhe é mais fácil ou mais conveniente; então, quando ocorre o efeito incomum semelhante ao que acima se descreve, supõe-se que era a única expressão de PES ou a maneira mais fácil de exprimi-la de que a pessoa dispunha, a qual provavelmente só uma crise extrema poderia induzir.

Contudo, muitas experiências "solitárias" apresentam-se sob formas mais familiares, e às vezes uma experiência "única" pode deixar de ter qualquer aspecto pessoal. A mulher de um tenente da

Força Aérea que declara sonhar raramente, ou pelo menos lembrar-se raramente de ter sonhado, experimentou certa noite sonho lúcido e aterrador. Foi em 1927, quando o casal estava no Japão, para onde o marido fora recentemente removido. Chegaram algumas semanas antes a Nagasáqui e tomaram um trem para Tóquio, onde viviam por ocasião do sonho. Neste ela se viu num ponto elevado da encosta de uma montanha que dominava uma baía com forma de meia-lua. Uma estrada de ferro passava ao longo da praia rochosa bem perto do mar. Enquanto observava, apareceu um trem longo e pesado vindo do Sul que deu a volta à baía e desapareceu para o Norte. Logo depois veio um trem de passageiros viajando na mesma direção.

Pareceu-lhe saber o que ia acontecer. O trem pesado prejudicara a linha que estava a ponto de romper-se. Quando o trem de passageiros estava exatamente por baixo da posição que ela ocupava, a linha cedeu e muitos carros viraram e caíram ao mar. O lugar parecia raso e ela pôde ver os passageiros saindo como formigas pelas janelas dos carros, enquanto as ondas quebravam contra eles. Acordou horrorizada.

Por ocasião do almoço no hotel para o qual tinham sido convidados naquele dia ela e o marido, sentou-se do lado esquerdo do sr. S., um dos sub-secretários da Embaixada dos Estados Unidos. Ouviu uma senhora que estava à direita dele perguntar se havia americanos no trem do desastre. Ao ouvir falar em desastre, perguntou onde ocorrera. Era na linha em que os dois tinham viajado para chegara Tóquio.

Antes que ele entrasse em detalhes, ela contou o sonho; e o desastre deste coincidia exatamente com o desastre real. As fotografias publicadas concordavam em todos os detalhes com o sonho. Para ela o que havia de extraordinário é que lhe parecia ter estado lá realmente, presenciando a ocorrência! Não conhecia ninguém que estivesse no trem. E foi a primeira e, até hoje, a última experiência dessa natureza pela qual passou.

Não é possível formular generalizações a partir de casos tão diferentes como estes dois. Este, embora importasse em grande calamidade, quase não tinha significação pessoal; longe de revestir forma rara ou difícil, era realista, sob a forma que mais se encontra e, portanto, presumivelmente a mais fácil. Todavia, o evento representou grande crise para muita gente, embora não para quem sonhou.

Às vezes nem mesmo isso acontece. O evento pode deixar de representar crise para qualquer pessoa, não tendo mesmo qualquer significação particular. Em 1943 uma senhora que agora vive na Califórnia, mas que então se encontrava no Oregon, sonhou, conforme conta, que "ajudava meu tio e tia a fazer a mudança, no mesmo edifício, de um pavimento inferior para outro superior. Eu e o tio encontrávamo-nos em uma escada estreita em grande dificuldade para transportar duas peças grandes da mobília - primeiro uma depois outra. Afigurava-se tarefa difícil, quase impossível, e houve dois episódios de peças diferentes da mobília, mas com o mesmo problema.

"O sonho foi tão claro e engraçado que contei à dona da casa. E escrevi a respeito à tia que morava em San Diego. Ela e o tio moravam em casa própria nessa cidade e não pretendiam mudar-se. Como acontece com sonhos tais, esqueci-o e a guerra continuou. Quando meu marido foi para o teatro da guerra, mudei-me para San Diego. Meus tios tinham vendida a casa e moravam em um apartamento térreo. Minha tia me garantiu que ficariam nele até mudar para cima, porque não lhe agradava estar por baixo em um prédio de apartamentos. Foi somente quando ajudava a transportar o divã pela escada dos fundos - estreita, com corrimão de madeira - que me lembrei de repente do sonho. Pousei a extremidade do divã e quase desmaiei. Meu tio perguntou o que acontecera. Entretanto, não confiei em mim mesmo até perguntar à tia: Qual foi o sonho de que lhe escrevi do Oregon?

"Acho que foi a experiência mais profunda - embora na aparência completamente sem significação - que poderia ter tido: verificar a realização de tal sonho."

Nada na experiência acima referida nem na do desastre de trem sugere qualquer motivo para que tais eventos fossem escolhidos para tema da única experiência de PES que a pessoa tenha tido. Presumivelmente alguma corrente subconsciente incerta e obscura as motivou, mas não é possível ter qualquer idéia do que foi ou porque.

Nota-se, porém, ao considerar em conjunto todas essas experiências "solitárias" que revelam pouca regularidade. Cada qual é diferente. Os eventos a que se referem percorrem toda a escala desde o envolvimento pessoal forte à frivolidade, variando por igual amplamente as formas com que se apresentam.

Sabemos, contudo, que as pessoas também eram diferentes. Cada uma era indivíduo único, possuindo conjunto especial próprio de características pessoais. Pode acontecer que as circunstâncias necessárias para permitir a experiência de PES sejam diferentes em pessoas diferentes, exatamente como as formas disponíveis variam de pessoa a pessoa. Desde que os indivíduos, os eventos e a forma preferida variam todos, não seria de esperar que o produto final fosse igualmente variado?

Que dizer das experiências sucessivas das pessoas que têm mais de uma? Será visível certo cunho de personalidade pelo menos na forma da experiência? Nota-se a segunda experiência como a primeira, mesmo quando são diferentes as ocasiões e os eventos?

Entre as pessoas que referem duas experiências, uma senhora do Minnesota caracteriza muitas, visto a segunda ser reconhecidamente igual à primeira. Nesta ia tomar um elevador num edifício de escritórios do centro da cidade, para realizar um encontro que de fato estava marcado para o dia seguinte. Tinha estado no edifício anteriormente, de sorte que é bastante explicável ter sonhado com a situação real. Mas observou especialmente no sonho os dois elevadores do vestíbulo, sendo um hidráulico e o outro comum, de

cabo. Viu este descer com o cabineiro de luto. Abriu a porta para algumas pessoas entrarem e depois disse com voz sepulcral que a arrepiou: "Estão prontos?" E aí o sonho acabou.

Naquela manhã, durante o café contou o sonho. Os filhos queriam saber o que era elevador hidráulico. Na conversa que se seguiu o sonho ficou inteiramente esquecido, embora o marido tivesse dito quando partia de automóvel: "Não se esqueça de tomar o elevador hidráulico".

Quando chegou ao vestíbulo o elevador de cabo desceu. O cabineiro trazia o uniforme de costume e não o traje de luto do sonho. Diversas pessoas entraram e ela começara a dirigir-se para ele quando, conforme diz, "lembrei-me daquele sonho tolo, de sorte que parei e o cabineiro perguntou com voz agradável perfeitamente natural: Não quer vir?"

"Respondi: Não e dirigi-me para a portaria do vestíbulo. Quando o outro elevador desceu, entrei. Ao subirmos, passamos pelo outro retido entre dois andares. Foi preciso algum tempo para remediar a dificuldade. Ninguém se machucou mas fiquei satisfeita em não tê-lo tomado."

O traje de luto e a voz sepulcral mostram, ao que parece, espírito pronto a transformar qualquer material disponível em algo de interessante, talvez um tanto mórbido. O incidente pendia para aspecto trivial, devendo acontecer no dia seguinte.

Na segunda experiência, lembra-se: "Sonhei que estava dirigindo o carro por uma estrada da zona rural quando vi um homem caído em um valo. Tinha somente as calças esfarrapadas. No sonho pensei que devia estar morto, pois não havia razão para estar ali deitado daquela maneira. Mas nesse momento levantou-se, voltou-se e olhou para mim. Aí acordei.

"Algum tempo depois saí de automóvel e depois de uma ponte, em um lugar bastante úmido vi um homem caído dentro de um valo exatamente com as mesmas calças do sonho. Levantou-se, voltou-se e olhou para mim.

"Viam-se alguns trabalhadores no campo a pequena distância e provavelmente era um deles que estava repousando. O dia estava muito quente, de sorte que o valo era fresco, convidativo. A questão não tinha a menor importância, exceto por ter sonhado a cena exatamente antes de acordar".

Ainda uma vez, um sonho realista precognitivo, embora lhe falte o traço de fantasia do anterior. Entretanto quem o sonhou "pensou que o homem estivesse morto" - idéia mais excitante do que estar realmente um simples trabalhador repousando. E, conforme diz, era tudo destituído de importância. Como o outro exemplo, também este era ocorrência ligeira, colhida nas atividades do dia seguinte. Os dois sonhos são suficientemente parecidos para sugerir aspecto "personalizado".

Exatamente, como certos indivíduos têm constantemente as experiências como sonhos, outros somente as têm quando acordados. No verão de 1934, uma mulher de St. Louis teve impressão repentina, intuitiva e irracional. Estava passando de ônibus por um parque quando sentiu de repente que devia deixá-lo. Levantou-se e saltou na parada próxima e aí ficou de pé sentindo-se ridícula, por ter de esperar algum tempo o ônibus seguinte. Quando o tomou ainda sentia certo mal-estar. Quando o segundo ônibus deixou o parque, um grupo tinha-se formado na rua. Os bombeiros lá estavam e o primeiro ônibus estava se incendiando.

A segunda experiência desta mulher também foi intuitiva e igualmente repentina, embora a ocorrência fosse mui diversa as circunstâncias tais que a ação compulsiva, como no primeiro caso, não era possível. Deu-se no Dia de Ação de Graças de 1941. Visitava nesse dia, agradável casa de campo e estava cercada de pessoas felizes. Entretanto, mais ou menos às 11 e 30, quando a conversa consistia simplesmente em futilidade a respeito do jantar do comemorativo Dia, conheceu de repente que a mãe, que vivia na Califórnia, estava em situação angustiada. Procurou não perturbar os convivas, catorze ao todo, e terminou a refeição. Já então seus

pensamentos eram perfeitamente claros. Sabia que a mãe tinha falecido. Desculpou-se e foi para casa.

Pendurada na porta estava à comunicação do falecimento. A mãe havia morrido mais ou menos as 9 e 30 da manhã, ocasião em que a filha sofrera a reação. A mãe era idosa, mas não estava doente e a filha não tinha motivos de esperar que a progenitora morresse.

As alucinações visuais mostram-se também, embora raramente, sob forma característica. Uma senhora que vivia na Flórida mas estava trabalhando e morando em Washington, veio para casa, nos princípios de dezembro de 1944, muito cansada e já tarde, indo meter-se logo na cama.

"Estando assim deitada", lembra-se, "minha mãe apareceu aos pés da cama, com os cabelos soltos conforme costumava usar quando eu era criança. Lá ficou com o rosto banhado em lágrimas. Não tenho qualquer idéia do tempo em que ali ficou, mas afinal adormeci. Na manhã seguinte considerei o fato como simples sonho, embora dele me lembrasse com grande clareza."

A segunda experiência seguiu-se quase imediatamente à primeira sendo aproximadamente idêntica. Continua a mulher: "Naquela tarde, por volta das seis cheguei em casa, fui para o quarto e levei para o banheiro uma muda de roupas. Tomei um banho, vesti-me e pus-me a voltar para o quarto em busca do casaco e da bolsa.

"Minha mãe estava de pé na porta. Podia vê-la claramente. Tinha a mesma aparência da noite anterior, até mesmo o vestido. Não é preciso dizer que telefonei para ela em Miami. Tinha recebido um telegrama do Departamento da Guerra dizendo que meu irmão, que servia no exército de além-mar desaparecera em combate. Perguntei-lhe se havia estado a pensar em mim e ela respondeu: Não mais do que de costume.

"Não tive nunca qualquer experiência semelhante até então ou depois."

Duas experiências semelhantes como as anteriores aos pares, sugerem em cada caso padrão de personalidade. A forma da segunda

é muito semelhante à da primeira, e muitas vezes a segunda assemelha-se à primeira em outros detalhes além da forma. Mas nem todas as pessoas obedecem a padrões semelhantes a estes. Se assim acontecesse, seria mais evidente a impressão da personalidade própria na experiência de maneira característica. Em certas pessoas, a forma da experiência mais recente pode ser inteiramente diferente da primeira. Em março de 1944, uma senhora estando solicitando um emprego, tendo o espírito inteiramente absorvido no preenchimento de um questionário, quando por uma intuição repentina, soube, conforme diz: "que algo de terrível ocorrera a alguém da família."

Soube-o repentinamente e não foi capaz de afastar o terrível sentimento que a dominou. Mais tarde, nesse mesmo dia, recebeu um telegrama de Detroit comunicando que a irmã mais moça fora atropelada por um automóvel de manhã cedo e estava em condições graves no hospital. Soube depois que o acidente ocorrera aproximadamente na mesma hora em que tivera a estranha intuição, a respeito da qual assim se exprime: "Não foi como um relâmpago, mas assemelhava-se mais a uma mensagem proveniente de algum lugar." (A irmã escapou mas ficou impossibilitada de andar durante alguns meses.)

Esta experiência, intuição em vigília que ocorreu exatamente na ocasião em que se dava acidente remoto, foi a única que esta senhora teve durante dez anos. Depois, a 4 de março de 1954, sonhou que o pai estava morto, vendo-o dentro do caixão. Observou como parecia môço apesar dos 73 anos de idade, acordando aterrorizada com a realidade do sonho. Ficou tão preocupada que escreveu à mãe. Mas a 7 de março, antes da resposta à carta, recebeu um telegrama comunicando que o pai escorregara no gelo e estava gravemente ferido. Morreu uma semana depois, e tinha no caixão a mesma aparência que revelara no sonho.

Tendo tido duas experiências tão diferentes, pareceria que esta personalidade não revelasse qualquer padrão. Contudo, a observação que a personalidade imprime cunho característico ainda é válida, se

supusermos que neste caso a personalidade, em lugar de impor padrão rígido, não é restritiva, sendo capaz de exprimir PES sob formas diferentes.

A suposição que o padrão da personalidade imprime certo cunho às experiências do indivíduo é corroborada pelo exame das experiências sucessivas de certos indivíduos que as têm em grande número. Em exemplos semelhantes ao caso da mulher de Nova York, o encaminhamento um tanto rígido da primeira e da segunda experiências parece constituir característica de outras subseqüentes. A primeira ocorreu logo depois de diplomar-se e antes de ter conseguido o primeiro emprego. Sonhou que se encontrava em um cômodo estranho entre estranhos, vendo pessoas a trabalhar com aparelhamento estranho. Viu a disposição do cômodo tão claramente que alguns meses depois, ao entrar no laboratório da fábrica Du Pont no qual se empregara, sentiu ter lá estado antes, vindo-lhe então o sonho ao espírito. "Era exatamente o sonho, muito embora não tivesse conhecido nenhuma das pessoas que lá trabalhavam, nem me houvessem feito qualquer descrição do laboratório antes de ter entrado nele."

Na segunda:

"Uns três anos depois sonhei que estava em um grande edifício, de pé na escada falando a três homens: meu marido, o sogro e outro cujas feições não distinguia. Conversávamos muito preocupados com certo assunto. Acordei chorando e disse a meu marido que minha irmã precisava de uma transfusão de sangue. Disse, contudo, antes de estar completamente acordada.

"Cerca de um ano depois, encontrava-me de pé na escada de um hospital conversando com meu marido, o sogro e meu cunhado a respeito da grave moléstia de minha cunhada. Estávamos nas posições que tinha visto. Meu marido tinha sido chamado ao hospital para fazer a transfusão. Ela morreu alguns dias depois."

E agora a terceira:

"Há treze meses sonhei com a morte de bom vizinho e amigo íntimo, de 34 anos e pai de quatro filhos menores. Vi-o no sonho dentro do caixão na sala de estar. Os filhos entravam e saíam e perguntavam à mãe se eu não os podia levar para casa.

"Quando acordei, contei a meu marido porque ele sabia dos outros sonhos e este me atemorizava. Disse que me esforçasse por esquecê-lo e não falasse a respeito.

"Três meses depois o vizinho sofreu um ataque cardíaco muito sério. Trouxe comigo as crianças para casa.

"Tenho tido outros sonhos menos importantes que se realizaram mais tarde, as vezes uma semana depois, outras alguns meses."

As outras experiências desta pessoa obedecem de perto ao mesmo padrão, sendo todas elas sonhos realistas precognitivos.

Entre as pessoas que têm muitas experiências, as de algumas revelam certo grau de variação. Nestas, embora seja mais difícil distinguir o cunho da personalidade, ainda se observam semelhanças.

Outra mulher, de New Jersey, refere longa série de experiências. Eram todas iguais sob dois aspectos: todas ocorreram quando estava acordada e todas foram precognitivas. Aí acaba, porém, a semelhança rigorosa. Algumas experiências, que começaram na infância, eram intuições. No primeiro exemplo, "sabia simplesmente" que ficaria machucada em uma expedição ao longo da costa. Acabou com uma perna quebrada. Outras experiências posteriores afastam-se mais do que seria de esperar.

Uma vez viu uma mulher andando em segurança por um passeio. "Certo sentimento interior diziam-me que ela seria atropelada por um carro." Poucos quarteirões adiante estava caída ao chão, a gemer, com uma perna quebrada. Um carro a atropelara quando desceu do meio-fio.

Alguns anos depois sobreveio experiência de forma um tanto diferente. Diz ela: "Dirigia-me certa manhã para o trabalho quando me vi, com o maior horror, entrando no quarto de um hospital. Alguém estava deitado na cama, com a cabeça em ataduras. Era o

meu namorado. Depois, tão repentinamente como ocorrera, estava de novo no passeio.

"Mais alguns quarteirões adiante encontrei-o vivo e bem disposto e ri comigo mesmo da visão ridícula que tivera. No dia seguinte machucou-se gravemente no trabalho, morrendo pouco depois de múltiplas fraturas do crânio."

O tipo de "visão representativa em experiência em vigília" não se tornou, contudo, padrão exclusivo, visto ocorrer alguns anos depois outro tipo intuitivo, ao qual assim se refere: "Um dia minha tia chamou-me quando estava passando por uma rua. Conversamos alguns momentos e logo depois a mesma voz interior me disse que nunca mais havia de vê-la. No dia seguinte morreu de um ataque cardíaco."

A última experiência até hoje é do tipo representativo, descrevendo-a ela da seguinte maneira:

"Há um ano, em setembro" (escrito em 1955), "ao vir de carro para casa numa tarde agradável, vi-me repentinamente com o carro destroçado, uma ambulância junto à margem da estrada, enquanto me punham em uma maca atravessada na estrada.

"Uns quatro minutos depois um carro a grande velocidade, desgovernado, bateu em cheio no meu. Fiquei muito machucada. Meu carro ficou espatifado e a maca ocupou o mesmo ângulo na estrada que havia visto no sonho."

As experiências sucessivas de muitas pessoas são como as desta mulher, tanto nas semelhanças quanto nas dissemelhanças. Encontra-se o cunho da personalidade, mas a personalidade parece, por assim dizer, um tanto flexível.

Chegamos depois a um grupo final, pequeno mas definido, de pessoas, cujas inúmeras experiências não se ajustam a padrão reconhecível de semelhança. Conforme a ocasião, parece terem utilizado todas as formas relacionadas. Certa senhora de Illinois dá-nos exemplo característico em tão grande número de casos durante os anos que somente poderemos citar aqui alguns exemplos, escolhidos

para mostrar as formas que diferem mais amplamente. Começaremos por episódio aparentemente telepático que se revestiu de forma alucinatória.

Uma noite um filho de dez anos saiu com alguns meninos da vizinhança, conforme conta, "num calhambeque para ver os preparativos de Natal das lojas. Tinha ido para o quarto e adormecera quando acordei com um estouro e o grito "Mãe!"

"Levantei-me e andei pela casa. A filha estava preparando os deveres para a escola e disse que nada ouvira. Soube depois que os meninos tinham sofrido um acidente. Depois do primeiro choque senti que estavam bem e resolvi não ir à procura deles. Voltaram dentro em pouco. Um pneu rebentara e tinham caído num valo, mas nada sofreram. Meu filho tinha ficado muito assustado e pensou em mim quando foram jogados."

As experiências de clarividência destas pessoas sobrevêm como impressões em vigília não espontaneamente mas por esforço. Por exemplo, diz ela: "Fiquei tão aborrecida quando meu filho perdeu um capacete forrado que fiquei a pensar profundamente. Vi-o pendurado em um gancho. Vi uma porção de ganchos em altura um tanto grande. Pensei, uma escola? Os ganchos estavam muito em cima. Vi um vestíbulo e pensei, uma igreja? Mas tínhamos indagado e lá não estava. Todavia, mandei meu filho procurar uma fileira de ganchos que estivesse bem alto em um vestíbulo onde adultos pendurassem sobretudos. E lá estava o capacete."

Teve outras experiências em vigília, por outro lado, inteiramente espontâneas e intuitivas. Escreve a respeito de uma: "Pouco depois de 17 de fevereiro de 1944, comunicaram à vizinha que um filho, por nome James, que servia no exército, desaparecera em combate. Não recebeu mais qualquer notícia mas sabia que tinha combatido na Itália. Escreveu pedindo informações para diversos lugares sem resultado.

"Alguns dias depois de Finados, em 1945, apanhei um jornal que trazia fotografias de cerimônias realizadas em um cemitério perto do

campo de batalha da cabeça de ponte de Anzio, do Quinto Exército. Contemplei atentamente a fotografia de centenas de cruzeiros e comecei a chorar. Apoderou-se de mim certo sentimento de certeza: "Jimmy está enterrado aqui".

"Contra a vontade de meu marido (porque parecia absurdo), escrevi ao Comandante da localidade mencionada, perguntando se poderia verificar se Jimmy lá estava enterrado.

"A 10 de julho de 1945 recebi a resposta, que entreguei à mãe do rapaz falecido - dizendo que mandara dar busca e verificara que James A. C. lá estava enterrado e que mandaria fotografias da cruz com o nome dele." Investigações posteriores revelaram os erros das anotações que impediram chegassem aos pais as notícias do falecimento e do lugar em que estava enterrado.

Descobriu-se realmente o túmulo por meio de intuição clarividente.

Vêm em seguida às experiências precognitivas dessa senhora. Um dos exemplos mais simples consistia em sonho repetido que chamava "sonho agradável". "Costumava dizer a meus filhos que tinha tido mais uma vez um sonho agradável. Meu maior desejo era ter um piano, tão difícil de realizar como possuir um iate. O sonho: enorme espaço no ar dividido em compartimentos, cada um com um piano. Corria de um a outro, tocando em todos, encantada por me ver tocando depois de dezessete anos. Afinal vi um especial. este tinha de ser meu. Nenhum outro me satisfaria!"

(Teve estes sonhos antes de 1948 quando a família ainda não estava em Illinois.)

"Em Illinois, a 15 de outubro de 1948 minha filha foi trabalhar num projeto da escola secundária aos sábados, no Conservatório Musical. Lá fui encontrá-la depois do trabalho. Neste local, a 1200km do lugar onde tivera os sonhos, encontra-se enorme espaço no ar, um segundo andar inteiro. Aí se encontram nove estúdios para piano, canto e dança - cada um com um piano. Experimentei-os todos. Gostaria imenso de ter um certo entre eles. Era um Wurlitzer. O dono

da escola vai comprar um por preço de atacado para mim como favor especial."

A relação das experiências desta senhora, como o exemplificam as experiências acima, compreende praticamente a série inteira de formas e tipos de PES. Revelam padrão de personalidade representado não por qualquer forma preferida de experiência, mas por diversas formas na aparência igualmente fáceis e características.

Concluiu-se de todas estas observações que as personalidades variam - algumas são limitadas na maneira de exprimir PES, restritas por lindes fixas e rígidas, de sorte que somente uma forma é possível; outras, mais versáteis e adaptáveis neste particular, utilizam praticamente qualquer espécie. Afinal de contas, cada indivíduo possui características físicas próprias, tipo peculiar de espírito, combinação especial de capacidades e inclinações gerais. Porque a PES que lhe é peculiar não seria também "personalizada"?

Mas, é preciso lembrar que as experiências de PES são combinações. Além da personalidade que as exprime, a natureza do evento em causa e as circunstâncias sob as quais ocorre têm também algo a ver com o resultado. Certa combinação do tipo de personalidade com a ocorrência talvez seja necessário para algumas pessoas. Pode acontecer que para as pessoas que tiveram tão só uma experiência, só se realizasse a combinação necessária uma única vez. Quanto aos que se encontram na extremidade oposta, tendo tido muitas experiências, pode-se supor que a situação da vida forneça mais facilmente a combinação necessária de fatores.

Se tais hipóteses forem seguras, levando-as um pouco mais longe apresenta resposta conjectural a pergunta: "Que dizer das pessoas que nunca tiveram experiências de PES?" Talvez não seja nítida e definida a diferença entre elas e as que só tiveram uma. Talvez para as primeiras a combinação da personalidade com as circunstâncias necessárias para a expressão de PES seja tão rara que nunca chegue a preencher-se. Afinal de contas, aptidão claramente presente em certos membros da raça humana dificilmente faltará no resto. Todo ser

humano possui certas aptidões e potencialidade inatas. Mas, qual delas se desenvolverá ou não, varia com a situação da vida de cada um, bem como com a intensidade da aptidão inata.

Que é que existe nos indivíduos que determina a espécie de experiência PES que podem ter ou se terão poucas, muitas ou nenhuma? Tal pergunta tem preocupado os pesquisadores desde que a pesquisa em PES começou a tornar-se convincente. Ainda aguarda resposta mas não por falta de tentativas experimentais para respondê-la, para fixar um tipo específico de personalidade e ligá-lo à aptidão de fazer uso de PES. A princípio afigura-se problema bastante simples, podendo-se formular bastante simplesmente um plano de pesquisa para a solução: separar os que dão provas de PES dos que não dão e depois submeter cada um a provas de personalidade determinando-lhes as diferenças. Infelizmente, a simplicidade desta idéia foi enganadora. Nas experiências realizadas, empregaram-se repetidamente, na sua maior parte, as medidas psicológicas importantes já consagradas a fim de verificar se separariam os que tinham número elevado de acertos em provas de PES dos que deixavam de acertar acima da expectativa do acaso. O resultado não conduziu a separação nítida, embora se encontrassem algumas diferenças.

Uma das mais pronunciadas dentre elas, embora pequena, relaciona-se à distinção psicológica familiar entre introversão e extroversão. De maneira muito geral, sujeita a muitas distinções em que não podemos entrar aqui, os extrovertidos mais sociáveis acertam maior número de vezes do que os introvertidos, mais reservados e menos expressivos. Contudo, a margem de diferença foi pequena, longe de ser tão decisiva que se pudesse predizer com segurança os resultados quando se submetem a prova de PES dois amigos, um mais extroverso do que o outro.

Determinou-se um critério que distingue até certo ponto entre sujeitos de PES que acertam muito ou pouco embora não seja exatamente medida de personalidade. Consiste em saber se o sujeito

"acredita" ou não em PES. Em uma série de experiências realizadas pela dra. Gertrude SCHMIEDLER do Colégio da Cidade de Nova York, os que acreditaram tiveram maior número de acertos, na média, do que os que não acreditavam. Contudo, a diferença não era bastante grande para permitir predizer que tal ou qual "crente" tivesse maior número de pontos do que o "não-crente". E dessa maneira, as provas realizadas até agora não revelaram tipo específico de personalidade que tenha PES. A complicação inesperada foi a seguinte: em todas as pesquisas anteriores de PES às vezes tinham-se encontrado sujeitos que não só eram incapazes de dar provas evidentes de PES, mas que alcançavam menos que a probabilidade. Em outras palavras, apresentavam contagens negativas. Se cinco era a expectativa certa da probabilidade; estes, em lugar de terem média de cinco ou mais, tinham-na menor. Quando tal acontece constantemente, torna-se significativo, como qualquer estatístico o sabe. Neste caso, queria dizer que PES atuava para evitar os acertos. As leis da probabilidade produzem resultados prováveis, nem mais nem menos.

Quando se separaram os sujeitos na base de extroversão contra introversão, verificou-se que muitos dos introvertidos não tinham atingido nem mesmo o nível da probabilidade, mas mantinham-se constantemente abaixo. Em outras palavras, "eram negativos" como grupo, deixando de acertar no alvo tão amiudadamente que só se poderia atribuir a PES. Compreendeu-se então que as diferenças de PES entre grupos que acertam como estes não significa que o grupo positivo tenha e o negativo não tenha PES. Ao invés, parece que as duas espécies de personalidades tendem a ter maneiras diferentes de orientar a própria PES. Os de um grupo são capazes, até certo ponto, de orientá-la conforme desejam, acertando os alvos e produzindo resultados positivos; os outros, ao contrário, tendem inconscientemente a orientá-la para evitar os alvos, donde resultarem acertos negativos.

A pesquisa do assunto ainda se encontra nessa situação. A separação dos sujeitos na base de diferenças de personalidade é capaz

de proporcionar alguma indicação quanto a acertar ou não o sujeito, mas não demonstra necessariamente qual o volume de PES que possua ou se tem ou não aptidão psi. Se, contudo, todos têm psi, tal será o resultado de esperar-se. Certos aspectos da personalidade tendem a favorecer-lhe a expressão, enquanto outros lhe são contrários, ou a invertem. Poderá acontecer que outras medidas da personalidade diferentes das que se aplicam até agora revelem outras relações, como por exemplo o motivo da variação das formas de expressão, certas pessoas tendo sonhos, outras intuições, etc. Afinal de contas, as medidas da personalidade utilizadas até agora foram criadas pelos psicólogos para fins diferentes da realização de discriminações como relação a PES. São sapatos feitos para pés diferentes, e não para os de PES ainda não medidos. O trabalho de medir ainda está um pouco longe.

Até que a medida ultrapasse o estágio atual, a resposta à pergunta que há tanto tempo formulamos - "Quem tem PES?" - só poderá ser conjectural. Seria - "Potencialmente todo o mundo". Mas tal resposta naturalmente ainda não está provada. Terá somente de aguardar confirmação ou rejeição que o futuro traga, quando se tiver deslindado a medida embaraçada de fatores que atuam em cada personalidade e especialmente quando se desembaraçarem melhor os que atuam sobre o inconsciente.

Será possível evitar perigo pré-conhecido?

Desde que se reconheça que sob certas condições é possível conhecer de antemão o futuro, apresenta-se logo uma pergunta ao espírito. Será possível evitar perigo previsto? A resposta é particularmente importante para quem quer que tenha uma experiência suscetível de ser visão prévia de catástrofe por vir. Se a impressão consiste em genuíno exemplo de precognição, a calamidade terá de ocorrer independentemente do que fizer o indivíduo? As pessoas e as circunstâncias diferem e somente pela consideração de grande número será possível imaginar o que realmente acontece.

Há pessoas que nada poderão fazer para evitar uma catástrofe. Esquecerão talvez o aviso, como aconteceu com o homem do Maine. Tinha um filho de catorze anos, por nome Walter, que estava passando o verão com um amigo que vivia a menos de dois quilômetros da loja do pai. Walter sabia nadar e ia muitas vezes com os amigos ao rio próximo.

Certa noite o pai teve um sonho. Imaginou que Walter tinha ido nadar acima da barragem onde havia uma grande árvore e perecera afogado. Sonhou que, quando lá chegou, ainda não tinham encontrado o corpo, mas que John Mcc. . . estava mergulhando a procurá-lo.

Acordou muito assustado, chorando e quase sem poder controlar-se. A esposa procurou acalmá-lo, dizendo que os sonhos não se realizam, mas por segurança devia dizer a Walter, quando voltasse no dia seguinte, que não nadasse mais.

Na manhã seguinte o pai foi para a loja e estava muito atarefado, quando Walter entrou a correr e disse que ia nadar. Naquele momento

o pai não pensou no sonho. Logo depois veio alguém a correr e disse: "Venha depressa! Walter estava mergulhando e desapareceu."

Foi quando o sonho lhe voltou à mente com toda intensidade. Saiu a correr para o poço do rio; ainda não tinham encontrado o corpo mas John MCC... estava mergulhando a procurá-lo. Era exatamente no mesmo lugar do sonho, exatamente com as mesmas circunstâncias. O pensamento que depois torturava o pai era: "Se tivesse atendido ao sonho, Walter estaria vivo agora."

Em outros casos são infrutíferos os esforços para evitar o perigo, como no caso de certa senhora de New Jersey. Em uma noite de julho de 1952, estava repousando em um quarto meio escuro, enquanto esperava o marido que trabalhava no primeiro turno noturno. Enquanto aí estava sentada, não adormecida mas não inteiramente desperta, teve uma visão. Imaginou ter havido terrível acidente. Uma criança morrera, estando agora no chão inteiramente coberta. Não era possível dizer se era menino ou menina, mas pelo tamanho do corpo supôs que tivesse uns 5 ou 6 anos. Coberta como estava, não lhe era possível saber quem era.

Não podia esquecer a experiência. Pela manhã contou-a a vizinha e recomendou que prestasse atenção ao filho de cinco anos.

Depois telefonou a um filho que morava no centro da cidade. Recomendou-lhe que vigiasse os dois filhinhos. Tinha outro filho que morava no interior, mas não se comunicou com ele porque o terreno era todo cercado. A menina, de nome Kathy, parecia segura. Mas naquele dia estava brincando na estrada quando um caminhão da cidade entrou de marcha à ré pela estrada e matou-a.

A julgar somente por experiências como estas duas, sem dúvida se decidiria que não vale a pena procurar evitar catástrofe prevista. "O que for soará" e nenhuma tentativa para evitar o acontecimento vindouro é capaz de dar resultado: atitude verdadeiramente fatalista. O dicionário define o fatalismo como "a opinião de que todos os acontecimentos resultam da própria natureza das coisas ou do decreto fixo e inevitável dos árbitros do destino". Adotou-se largamente o

fatalismo em certas épocas e certos lugares. A idéia que "estava destinado a ser assim" afigurou-se a certos grupamentos religiosos como o meio de evitar "o destino".

Tal opinião seria justificada se todas as experiências registradas se verificassem como as que citamos acima. Felizmente nem sempre é assim. Quando se examina cena mais ampla, vê-se que não é tão austera nem tão desagradável. Teorias filosóficas e religiosas procuram saber se o universo é fixo e imutável. Todavia, o que procuramos aqui entende somente com o que realmente ocorre: se é ou não possível evitar perigos previstos. Como é possível evitá-los às vezes, voltemo-nos primeiramente para estes casos.

Calamidades previstas evitadas

A idéia que é possível prever um acontecimento que depois não ocorre, afigura-se uma contradição nos termos. As situações da vida não são acontecimentos simples de um único elemento, mas se constituem de uma combinação de elementos. O que acontece realmente é não ocorrer certa parte de acontecimento complexo previsto. Ação de certa espécie o impede. Pode haver diversos motivos para a ação. Às vezes é quase intuitiva, realizando-se sem deliberação ou reconhecimento de ser verdadeira a impressão que a ela conduziu.

No Estado de Washington uma jovem senhora ficou tão assustada com um sonho aterrador que teve, que se viu obrigada a acordar o marido para contar-lhe. Sonhara que um grande candelabro ornamental que estava pendurado sobre o berço de um filhinho no quarto ao lado caíra sobre o berço e esmagara a criancinha matando-a. Pôde ver no sonho a si própria e ao marido contemplando o desastre. O relógio que estava sobre a cômoda no quarto da criança

indicava 4 e 35. Ouvia à distância a chuva batendo na janela envidraçada e o vento soprando.

Mas o marido riu do sonho. Disse que era tolice, que o esquecesse e fosse dormir novamente; e o mesmo fez em alguns minutos mais. Ela, porém, não pôde conciliar o sono.

Finalmente, ainda assustada, levantou-se, foi ao quarto da criança e a trouxe para perto de si. Ao voltar parou para olhar pela janela e viu a lua cheia, o tempo calmo e inteiramente diferente do sonho. Depois, embora se sentindo um pouco ridícula, voltou para a cama com a criança.

Duas horas depois acordaram com um barulho tremendo. Ela pulou da cama, seguida pelo marido, ambos correndo ao quarto vizinho. Lá estava o candelabro em cima do leito, onde a criancinha estaria dormindo. Entreolharam-se e depois procuraram ver o relógio. Eram 4 e 35. Ainda um pouco céticos escutaram - era o ruído da chuva contra os vidros e o vento zumbindo lá fora.

Em outras situações, reconhece-se a verdade possível da impressão e a ação que se realiza em consequência é inteiramente refletida. Uma senhora de Maryland sonhou que o filhinho, que dava os primeiros passos, acompanhava dois escoteiros, cujos rostos viu claramente no sonho, até a margem de um riacho próximo. A criancinha caiu no riacho e afogou-se. Na manhã seguinte os mesmos escoteiros com quem sonhara, e que não conhecia nem vira nunca, estavam sentados no meio-fio do gramado da frente da casa. Que fez ela? A solução foi muito simples. Disse: "Meu filho não saiu de casa naquele dia."

Às vezes uma pessoa que teve impressão de perigo vindouro acredita nele com tal convicção que realiza ação preventiva quase compulsivamente.

Durante a Primeira Guerra Mundial o marido de uma senhora da Califórnia era primeiro maquinista de uma companhia de vapores. Tinha viajado durante quase três meses, quando ela recebeu comunicação que devia ir a Filadélfia para encontrá-lo. Partiu e,

conforme se lembra, "- ao chegar a Filadélfia visitei o escritório da companhia. Disseram-me que deveria estar no molhe 101 na manhã seguinte às 4 horas. Tomei um banho, lavei o cabelo com xampu e meti-me na cama as 9 e meia da noite. Sonhei que o navio entrou, descarregou e carregou novamente sem que eu soubesse e seguiu para a Índia; e a umas trinta horas da Índia um torpedo atingiu-o e afundou-o, e meu marido foi o único a morrer. Quando acordei eram três horas e 40 minutos da madrugada. Amarrei um lenço na cabeça e vesti-me em cinco minutos. Nesse ínterim pedi ao porteiro que me arranjasse um táxi. Levou-me ao molhe 101 quando estavam acabando de pôr as amarras. Dei ao chofer uma nota de 10 dólares, pedi-lhe que esperasse. Passei a correr pelo guarda no portão e subi ao navio, histérica e a chorar, enquanto o guarda me perseguia. Meu marido estava na coberta e caí-lhe nos braços dizendo: Não vá, não vá, o navio vai afundar.

"Quando me mostrei resolvida a tirá-lo de bordo, pediu permissão para desembarcar. A companhia concedeu-a. O navio partiu com destino à Índia. Foi torpedado e afundou. Todos os tripulantes ficaram em uma jangada durante 16 dias, flutuando até que os recolheram.

"Quando meu marido foi ao escritório três semanas depois, contaram-lhe o que tinha acontecido."

Nestes diversos casos, diferentes medidas de prevenção deram resultado para evitar calamidade prevista, apesar da dificuldade sempre presente de reconhecer-se à impressão PES. Em cada caso a ação foi conveniente à situação e, portanto, evitou-se o perigo, embora a parte restante do evento ocorresse exatamente conforme preconhecido.

As tentativas para evitar a calamidade são, porém, freqüentemente frívolas. Os motivos do fracasso podem ser tão reveladores como os do sucesso.

Perigos previstos, não evitados

Seria dizer o evidente observar que os esforços para evitar acontecimento previsto falham porque as medidas tomadas não são adequadas.

O motivo mais freqüente é simplesmente ter sido incompleta a impressão de PES; a informação recebida era insuficiente para orientar o indivíduo para a ação conveniente. A avó que não pôde salvara neta do atropelamento pelo caminhão falhou porque não sabia qual a criança em perigo ou onde se daria o acidente. A falta de conhecimento do lugar onde importa em toda a diferença entre o ato bem ou mal sucedido de intervenção.

Certa manhã, um menino de dez anos, enquanto a mãe o aprontava com outros dois para ir ao colégio, disse: "Ah! mamãe, tive um sonho terrível de noite. Um carro me atropelou. Foi terrível!"

Conforme diz a mãe: "Meu primeiro pensamento foi não deixá-lo ir. Compreendi que devia ficar calma, embora o coração batesse de medo. Disse que era impossível viver conforme os sonhos porque então viveríamos constantemente aterrorizados.

"Quando saíram, rezei em silêncio e recomendei-lhes que não saísse do passeio, o que fizeram porque eram muito obedientes. Uns três, minutos depois veio uma pessoa a correr. Um caminhão subira no passeio e vitimara-o. Morreu setenta minutos depois, não tendo recobrado os sentidos."

Às vezes falta o elemento tempo.

Uma senhora do Estado de Nova York sonhou que viu o filho de quatro anos de idade coberto de sangue por tê-lo mordido um cão que também viu mentalmente.

Preocupada com o sonho, durante os três dias seguintes conservou a criança dentro de casa. No quarto dia o menino correu para o armazém ao lado. Segundo conta: "Antes de poder chegar lá ouvi gritos agudos. Soube que entrara correndo no armazém,

esbarrara em um cão que estava machucado. O cão voltou-se e mordeu o menino nos olhos. Fêz-lhe um corte mesmo por baixo de um dos olhos. Pensei que estivesse cego e desmaiei. Era o mesmo cão que vira em sonho."

Algumas tentativas para evitar certa situação falham por falta de cuidado ou por esquecimento. Num estado ocidental, depois que um ciclone destruiu alguns edifícios pertencentes a uma companhia, chamaram todos os trabalhadores disponíveis para ajudar a reconstruir. Um dos homens que não era carpinteiro, ajudava nesse serviço. Lembra-se: "Cedo, certa manhã, duas semanas depois de ter começado a trabalhar, subi por uma escada até o terceiro nível dos andaimes e quando pisava nas tábuas veio-me ao espírito um quadro nítido que me intrigou durante alguns minutos. Todos os detalhes eram tão claros que fiquei fulminado. Parecia que tinha estado antes neste mesmo lugar. Até mesmo o desenho da parede e o motivo dos painéis eram idênticos. Fiquei intrigado durante alguns minutos, porque nunca estivera lá antes nem executara essa espécie de trabalho. Finalmente compreendi. Sonhara alguns meses antes. Naturalmente lembrou-se em detalhe do sonho daí por diante e nele caiu, machucou-se e foi para o hospital em ambulância. Desci imediatamente a escada para o andar inferior, procurei o mestre e disse-lhe que não me sentia disposto a trabalhar lá em cima, de sorte que me deu a tarefa de preparar uma porta corrediça numa extremidade do edifício.

"Daqui em diante contarei o que aconteceu, porque foi como se estivesse obedecendo a um documento escrito. Por volta das onze horas, tendo esquecido o sonho, subi no andaime do primeiro andar para pregar alguns blocos. Ao atravessar o andaime, uma tábua quebrou-se de repente em três pedaços e caí de uns dois metros batendo com as costas numa soleira de concreto. A pancada nos rins paralisou-me temporariamente das cadeiras para baixo. Puseram-me em um lençol até chegar a ambulância. Estive 15 dias no hospital.

O motivo mais comum de malogro, depois da informação insuficiente ou do esquecimento, é não ter a pessoa controle completo da situação e, portanto, a despeito de esforços, não realizar a ação necessária. Um motivo para a falta de controle se verifica quando é necessária a cooperação de terceiro, que entretanto não a presta.

O Reverendo D. da Austrália, escreve:

"Meu pai tinha uma amiga de nome T. com o qual costumava sair para caçar. Certo ano combinaram fazer uma caçada na sexta-feira Santa. Minha mãe e a sra. T. não gostaram da combinação, achando que não estava de acordo com esse dia sagrado. Contudo, os dois teimaram, recusando adiar o divertimento.

"Às sete e meia da manhã, hora em que o sr. T. devia chegar à nossa casa, não apareceu, de sorte que mandaram meu irmão indagar o motivo. Ao chegar na casa de T. encontrou a sra. T. suplicando ao marido que não fosse. Na noite anterior tivera um sonho em que viu, quando estava à porta da casa, uma carroça puxada por um cavalo branco e dentro dela o marido.

"O sr. T., quando viu meu irmão, desprezou o pedido dela e os dois partiram para a excursão. Ao meio-dia pararam perto de um riacho. Depois de ter comido os sanduíches, o sr. T. inclinou-se para beber um pouco de água. Ao fazê-lo, empurrou a espingarda e o gatilho bateu em uma pedra e a arma disparou. Pulou para trás gritando: "Estou ferido!" Meu pai deitou-o de costas com todo o cuidado indo logo buscar auxílio. Encontrou perto um homem com uma carroça puxada por um cavalo branco. Puseram o ferido dentro da carroça e dirigiram-se para a cidade. Quando se aproximavam dos arrabaldos, meu pai pediu ao cocheiro que não passasse pela rua em que morava o sr. T. Contudo, enganou-se no caminho e entrou por essa rua. Quando se aproximava da casa, a sra. T. estava na porta. Vendo a carroça desmaiou. O sr. T. morreu no hospital naquela noite."

Muitas experiências precognitivas relacionam-se a situações complicadas compreendendo pessoas e acontecimentos que o sujeito

difícilmente esperaria controlar. Assim acontece particularmente quando o acontecimento é de interesse público mais do que puramente pessoal.

Certa senhora de Nova York acordou pela manhã sentindo-se muito deprimida com um sonho mau. "Tinha visto claramente um avião despedaçar-se na praia de um lago e a terceira casa na beira da estrada pegando fogo. Dentro dela estava somente um homem que pereceu queimado. Tentei escrever naquela manhã duas cartas que estavam para responder, mas só sabia contar o desastre e que a bomba contra incêndios iria pelo canal, chegando tarde perto do avião. O sonho era tão claro que eu tinha consciência de todos os aviões que levantaram vôo naquele dia. De tarde estava perto do fogão elétrico preparando um prato para o jantar, quando disse: É este o avião - o que vai cair! Roberto, avisa os bombeiros antes que tomem pelo canal; têm de ir pela estrada da Bacia e não o sabem.

"Meu marido saiu para escutar, mas chegou à porta para dizer: Não há nada com aquele avião o que me fez gritar: Há sim! Dentro de alguns segundos o avião caiu ao solo, os bombeiros entraram pelo canal em lugar da estrada, o piloto ficou inteiramente queimado e a cabana sofreu pequenos danos... e fiquei prostrada durante semanas pensando que podia ter evitado tudo."

Ainda mais fora do alcance da intervenção humana estão os elementos. Todavia, embora um cataclismo natural ocorra independentemente dos desejos de qualquer ser humano, o indivíduo pode agir de maneira a proteger-se - até certo ponto - contra os efeitos.

Um homem da Geórgia adquirira um edifício para expor automóveis, instalando ampla vitrina e grande tabuleta iluminada.

Uma noite a esposa sonhou que um vendaval e tinha arrancado a tabuleta jogando-a contra a vitrina que ficou em estilhaços. Viu também "uma velha que ficou ferida e à qual ela dava amônia a cheirar. Na manhã seguinte contou o sonho ao marido.

"Disse-me então: não tenho seguro contra furacões nem para a vitrina. Vou tomar uma apólice, o que fez naquele mesmo dia." Depois, diz ela: Não demorou muito sobreveio um furacão que jogou a tabuleta contra a vitrina, exatamente como havia sonhado. Uma mulher que tinha ao lado pequeno negócio de doces e pipoca ficou ferida pelos estilhaços de vidro e inconsciente. Fui buscar amônia e dei-lhe para cheirar."

Todas estas pessoas deixaram de impedir que o acontecimento previsto ocorresse. Mas em algumas dessas situações a ação preventiva era menos possível do que em outras: a mulher tinha menos probabilidade de evitar que o avião se despedaçasse no solo do que o carpinteiro em evitar o acidente no andaime; tudo quanto o homem da Geórgia podia fazer era segurar a vitrina. Embora sejam evitáveis certos perigos, vislumbra-se um limite a tal possibilidade no fundo do quadro. A velha questão do livre arbítrio, contudo, não implicou nunca na vontade de afetar elementos do universo tão inabaláveis como a morte, o tempo, o clima, terremotos, inundações ou os corpos celestes. O homem nunca aspirou a alterar o curso das estrelas. Mas almejou sentir-se livre para dizer sim ou não em relação à própria conduta. Nas reações anteriormente mencionadas aos eventos preconhecidos, vemo-lo assim fazer - dentro de certos limites.

Variações sobre o tema

As impressões de PES relativas a perigos vindouros não de tal ordem que se considerem como exemplos de precognição. A necessidade de evitar o perigo é a mesma, mas o aspecto teórico é diferente. Para um exemplo único, poderá ser impossível afirmar que certa situação futura ou uma que exista o momento é a causa da experiência. Na última hipótese, seria caso de clarividência mais do

que de precognição. Por exemplo, o palhaço de um circo teve uma vez impressão de perigo que, sentia, havia de ocorrer no dia seguinte. Contudo, um defeito da estrutura do aparelho poderia já existir, e este, mais do que o acidente do dia seguinte, poderia ter sido à base do palpite.

"Um dos números do circo é conhecido como "Escadas Aéreas", diz ele, "Neste número, doze moças sobem escadas diferentes e os palhaços balançam-nas ao som da música. Elevam-se as escadas à maior altura possível e durante o movimento as moças realizam acrobacias. As escadas estão penduradas em anéis metálicos nas travessas da armação do circo.

Na noite de 20 de abril de 1955, enquanto realizávamos a representação, na qual balançava uma moça, por nome Nina, vi de repente em um quadro mental a escada desprender-se dos anéis e senti que haveria um acidente com a minha escada no dia seguinte. Era quadro mental bastante nítido.

“Não desejando que me julgassem maluco ou que me ridicularizassem, nada disse a ninguém a respeito, mas não esqueci o aviso e, quando no dia seguinte, durante a matinê Nina subiu na escada, preveni-me para o que desse e viesse”.

“Não a tinha balançado para frente e para trás durante mais de um minuto quando todos os que estavam por perto ouviram um estalo que provinha da travessa no alto. Um dos anéis cedeu e logo depois a escada volteou loucamente em uma corda só em minha direção”.

"Estando prevenido, puxei com toda a força a rede que se usa por baixo das escadas, mantendo a moça distante do mastro à retaguarda até que se amortecesse um pouco o impulso, para evitar que esbarrasse nele violentamente, morrendo ou ficando seriamente machucada. Ajudamo-la a descer e nada sofreu senão ligeiras escoriações no peito.

"Mas tenho a certeza de ter salvo essa moça de sério acidente, seja qual for o motivo de ter recebido o aviso."

Espécie comum de experiência de PES entende com moléstia futura ou ameaça de doença. Em geral não é possível saber quais os sintomas ocultos já existentes, de sorte que, em tais casos, não é possível dizer ter sido a experiência precognitiva. Pode-se simplesmente justificá-la como exemplo de PES geral ou indeterminada (PESG). Por vezes também estas experiências implicam em ameaça ou diagnóstico de moléstia, mais do que na própria moléstia, e como tal não é possível evitá-la, embora possam considerar-se como aviso, evitando-se a moléstia ou preparando-se para ela.

Uma família que vivia em região afastada da Austrália, compreendia três meninas e dois meninos gêmeos, de dois anos e meio de idade.

Diz o pai: "Trabalhava das duas horas da tarde até depois da meia-noite, e às vezes mais uma hora até uma da madrugada. Uma noite encontrei a mulher sentada com um dos gêmeos no colo, ninando-o. Estava com um pouco de febre. Achamos que era um princípio de malária. A malária era comum e estávamos sempre preparados para tratá-la, geralmente com resultado, sem ter de chamar médico. (O que estava mais perto morava a 36 km de distância.) Fiquei tranqüilo e fui deitar-me.

"Ao amanhecer, ou um pouco antes, sonhei que o médico da família tinha vindo examinar o menino e dissera ter ele difteria. Acordei assustado e fui nas pontas dos pés até onde minha mulher estava com o filho. Ela ainda estava acordada e o menino dormia em paz, respirava naturalmente e a temperatura era normal. Voltei para o quarto mas não para dormir. A lembrança do sonho continuava a importunar-me. Raciocinei comigo mesmo que isolados como estávamos, sem que os nossos filhos tivessem contacto com outras crianças, sem que houvesse qualquer caso de difteria dentro de muitos quilômetros de raio, era ridículo que me afligisse por causa do sonho.

"Depois de algum tempo não pude mais me conter, mas não queria confessar o motivo devido à consideração por minha mulher. Voltei ao quarto e perguntei se a criança tinha sentido dor na garganta. Não. Não sentia dor alguma. Apesar disso, quis examiná-lo a garganta. Levantou-o e acendendo uma lâmpada elétrica portátil, procedemos a minucioso exame da garganta, descobrindo um pontinho branco tamanho da cabeça de um alfinete. Telefonei ao médico perguntando se era possível dado o nosso isolamento, que o menino tivesse difteria. Respondeu que às vezes acontece aparecer um caso não se sabe como e visto ser grande a distância e o pontinho branco na garganta dar motivo a suspeitas, viria trazendo bastante antitoxinas para todos.

"Passaram-se três horas depois da descoberta do ponto branco até o médico chegar. Já então o menino tinha febre novamente e o pontinho branco tinha-se tornado uma placa de ambos os lados da garganta. O médico convenceu-se que era difteria e injetou a antitoxina nas cinco crianças. O menino passou mal durante dois ou três dias. O outro menino e uma das meninas tiveram uma forma branda e as outras duas só apresentaram os sintomas da reação comum à antitoxina. Disse-me o médico que se tivessem passado mais algumas horas teria sido muito tarde para salvar-lhe a vida."

Pode também acontecer que uma cena pré-conhecida não represente realmente um desastre, mas se associe intimamente com algum. Na realidade, impede uma catástrofe chamando a atenção para o perigo. Há uns vinte e cinco anos, uma professora de escola normal tinha acabado de aprender a dirigir o seu primeiro carro, antigo sedan modelo T. Planejava-se uma excursão a uns 150km de distância, a um lago. Iam diversos carros e pediram à moça que levasse quatro passageiros. Embora um pouco nervosa por assumir tal responsabilidade, consentiu e ficou resolvido que acompanharia a amiga Ana, que sabia o caminho. Na véspera do piquenique a moça acordou de um sonho aterrador. Pensou que estivesse acompanhando o carro de Ana por uma estrada do interior que se tornava cada vez

mais difícil. De repente a estrada começou a descer para uma ravina, tornando-se a descida cada vez mais íngreme, podendo ela ver na base da montanha uma curva apertada diretamente em frente de um paredão de rocha. No sonho parecia-lhe cheirar alguma substância a queimar-se. Os freios não funcionavam. Foi quando acordou.

Antes do café pela manhã contou o sonho aos outros e apesar da zombaria, disse que não tomaria o café senão quando descobrisse o que fazer em tal situação. Foi procurar um vizinho que lhe disse se os freios queimassem devia dar marcha ré.

Tudo correu bem na viagem durante uma hora mais ou menos, acompanhando ela o carro de Ana, conforme tinham combinado. Em certo ponto Ana fez sinal que ia dar uma volta e depois a estrada começou a ficar mais difícil mas continuaram até não haver mais possibilidade de voltar para trás; começaram a descer um morro íngreme tendo em frente uma parede de rocha e uma curva apertada. Repentinamente, sentiu-se cheiro de borracha queimada e os freios não funcionaram. Depois de hesitar um segundo, ela deu marcha à ré e fizeram a curva temida na base do morro em segurança.

Aconteceu que Ana tinha errado na curva, tomando antiga estrada abandonada. Devido ao sonho e à precaução que provocou, evitou-se provavelmente um desastre.

Quem reconhece o cenário de impressão pré-conhecida - mesmo que não seja ocorrência indesejável - pode procurar ver que não se realize, simplesmente para examinar a possibilidade. Às vezes parece que "o sonho ganha".

O ajudante do chofer de um caminhão das lojas Sears Roebuck tinha a obrigação de ajudar, todas as manhãs, o chofer a carregar o caminhão para as entregas do dia. Mas, conforme explica, "o chofer tinha o costume de chegar sempre quando metade do carro já estava carregada. Certa manhã de 1945 o chefe, como de costume, veio distribuir as entregas do dia, lembrando-me logo de um sonho que tivera na noite precedente. Nele, acabara naquele instante de carregar o carro. Embora estivesse somente pela metade, era o que havia para

o dia. À direita estava um aquecedor num engradado. O chofer ainda não havia chegado. Aconteceu então que um dos ajudantes parou um momento perto do meu caminhão. Sabendo que eu não podia dirigir, caçoou com acento afrancesado que eu seria obrigado a levar o carro sozinho, porque o chofer não estava.

"Por simples curiosidade fui examinar os recibos para verificar se devia levar algum aquecedor. De fato, a agenda para o dia indicava um. Lançando um olhar ao meu depósito fiquei satisfeito ao ver que o aquecedor que lá estava não tinha engradado. Contudo, quando chegou à ocasião de colocá-lo no caminhão, verifiquei que os números não correspondiam: este não era o meu. O meu documento tinha o mesmo número que outro que se achava em outro depósito. Dos quatro que deviam sair naquele dia, somente este tinha engradado. Para quebrar o encantamento carreguei-o do lado esquerdo e não do lado direito do caminhão. Dentro em pouco o último artigo estava dentro do caminhão e o chofer ainda não tinha chegado. Ocorreu-me então que tinha me enganado pensando ter contrariado o sonho colocando o aquecedor conforme o fizera. Afinal de contas, o lado esquerdo para quem está do lado de fora do caminhão é o lado direito para quem está dentro. Nesse momento, ouvi uma voz no tom afrancesado da Luisiana - era a mesma voz que ouvira no sonho - Bem, Vic, parece que você terá de sair sozinho com o caminhão; o chofer ainda não está aí! "

Resumindo, o que nos dizem essas tentativas para evitar um evento vindouro? Está claro que qualquer experiência de PES, precognitiva ou não, que alerte alguém de um perigo pode utilizar-se como aviso de qualquer outra origem; e se tomarem medidas preventivas apropriadas, estas darão resultado. A dificuldade consiste em que muita vez a impressão de PES não é suficientemente clara e completa para servir de base a contra-medidas inteligentes; em tais casos, se tomarem medidas, poderão ser inadequadas. Segunda dificuldade é o controle. Mesmo quando a mensagem é explícita, o indivíduo talvez não possa exercer controle suficiente sobre a

situação. E a idéia de inevitabilidade gira em torno deste fato. Se a situação tem horizonte mais vasto do que a pessoa, seus esforços talvez sejam fúteis, embora dependa do indivíduo até onde se aplica o termo "vasto".

É bastante complicado o aspecto teórico de acontecimentos previstos e evitados. Mesmo quando se consideram casos que se afiguram decisivamente precognitivos, não é possível dizer com toda certeza que qualquer acontecimento tivesse ocorrido mas a vontade humana o evitara. Talvez não tivesse ocorrido de modo algum. Talvez o cenário, a estrutura das circunstâncias que se desenvolveram fosse previsto por meio de precognição, mas à parte evitada tivesse origem diversa. Por exemplo, talvez o candelabro ao cair não tivesse matado o menino se este permanecesse no berço. Talvez o menino não se afogasse se tivesse acompanhado os escoteiros. Talvez à parte do sonho que indicou fim trágico em cada um desses eventos fosse elaboração imaginosa de cenários antevistos. Tudo isso é teoricamente possível, mesmo quando as experiências não têm a aparência de se constituírem de componentes mentais de duas espécies.

Ninguém poderá dizer se esta alternativa ou qualquer outra exista para a idéia que os acontecimentos não precisam ocorrer mesmo quando genuinamente pré-conhecidos. Tirou-se a criança do berço. Impediu-se que a criança fosse ao rio. De tal maneira não dispomos de qualquer prova que nos mostre o que teria acontecido sem essas intervenções, e não é possível aduzir qualquer prova final que indique ter sido o evento evitado, genuinamente pré-conhecido.

Em 1939 uma mulher de Detroit teve um sonho a respeito do irmão que vivia em East Orange, New Jersey. Sonhou que ele tinha feito uma excursão às montanhas, e que o carro tinha virado, prendendo-o em baixo. O sonho era tão nítido que telefonou-lhe às cinco da manhã.

Ele atendeu e como não parecia que tivesse levantado da cama naquele momento, ela perguntou porque se levantara tão cedo. Disse

que ia com a mulher dar um passeio em Jersey Turnpike. Contou-lhe o sonho e ele desistiu do passeio.

O que revela um caso como este? Sem dúvida o sonho evitou desastre provável, mas não ficou qualquer prova que demonstre nada mais ter sido do que "sonho mau". O único detalhe suscetível de verificação é ter-se projetado uma excursão. Terem ocorrido o sonho e a excursão quase ao mesmo tempo poderia ter coincidência devida tão só ao acaso.

Este caso representa a dificuldade própria aparente que impede a realização de experimentações para provar que é possível evitar qualquer evento pré-conhecido. Da mesma forma que não é possível provar qualquer questão em direito quando se destroem as provas, assim também não se pode provar ter ocorrido a precognição se interfere com o elemento pré-conhecido ou se destrói. Provas formais de precognição realizam-se em geral fazendo com que os sujeitos declarem por escrito a ordem em que julgam ficarem as cartas de um baralho depois de terem sido baralhadas de qualquer maneira.

O registro desta ordem é então o alvo, e a relação das chamadas do sujeito deve com ele coincidir para revelar precognição até um ponto significativamente acima da probabilidade. Seria necessário interferir com a relação alvo se pretendesse desviar os acertos. Se assim acontecesse, não seria possível dizer se as chamadas do sujeito foram ou não corretas. Em outras palavras, ninguém poderá dizer se as predições revelam precognição ou se são simplesmente palpites. Até agora, ainda não se descobriu meio de evitar este impasse na estruturação de experimentação conveniente para provar esta questão.

Contudo, até que se tornem possíveis provas experimentais, as sugestões fornecidas pelas experiências atuais são da grande interesse. Não nos proporcionam a prova final, mas fornecem as melhores indicações de que se possa dispor atualmente. Tais indicações não sugerem futuro fixo e imutável; pelo menos não no nível prático. Enquanto o universo é firme, não o podendo alterar a vontade humana, e as pequenas ações dos homens bruxuleiam e

deslocam-se contra esse fundo estável e de certa maneira tão ainda inexplicável como contraditória, à vontade dele, embora minúscula, parece capaz, em certas ocasiões, de defendê-lo e o que lhe pertence contra perigos ainda ocultos no futuro.

Se desenvolver e orientar a aptidão precognitiva, como em tempo será razoável esperar se dê, a sua atuação, mesmo dentro de certos limites, será evidentemente de indizível valor para a humanidade - especialmente se encontrar, por meio de maior compreensão dos processos de PES, a maneira de melhor focalizá-la, por assim dizer. Se, por meio das atuais indicações fosse possível esclarecer as impressões imperfeitas de PES, especialmente as que sugerem perigos vindouros, seria possível conseguir ação preventiva inteligente com indizível vantagem para a humanidade.

O problema do controle

As pessoas que passaram por experiências de PES notam freqüentemente que não lhes é dado tê-las à vontade; não podem "produzi-las" mas somente recebê-las quando se apresentam. Dir-se-ia que na sua maior parte as pessoas que se viram envolvidas nos casos anteriormente expostos ficaram mais ou menos surpreendidas com as experiências. Que a mensagem importasse em algo que precisassem ou desejassem conhecer ou que fosse simplesmente casual, parecia simplesmente vir, não resultando de intenção para obter a informação por esse meio.

Em certos casos, um indivíduo terá experiência de PES que lhe faz conhecer algum acontecimento que não o interessa diretamente; em seguida talvez não tenha qualquer aviso quando lhe está assomando à frente grande crise pessoal. Tal indivíduo quase perguntará com certeza: "Por que? Se me foi possível conhecer o outro acontecimento, por que não soube deste, que me interessa tão mais profundamente?"

Por exemplo, considere-se o caso de uma senhora de Minnesota que teve várias experiências de PES em temas que não lhe apresentam interesse imediato. Uma delas ocorreu às duas horas da madrugada e, embora sonho, era tão real, diz ela, "que fiquei tremendo de medo. Levantei-me, desci as escadas e fui examinar a secretária de meu pai, perto das escadas. De fato, era simplesmente uma secretária, mas minha visão a transformara de um lado em pequeno painel de telefones e eu estivera procurando histericamente despertar famílias na região norte do nosso estado que fossem em socorro de uma família de lavradores cuja casa estava pegando fogo. A princípio tinha visto a fumaça e enquanto observava as chamas irromperam pelas janelas. A família estava presa. Um homem tinha

pulado do segundo andar quebrando a perna e arrastava-se pela neve para pedir socorros num tempo de 30 graus abaixo de zero. Ninguém atendia ao telefone e eu não dispunha de meios para socorrê-la.

"Alguns dias depois os jornais deram a notícia. A família morreu queimada antes que chegassem socorros e o homem que pulou morreu de queimaduras e do rigor do tempo."

Depois de dar este exemplo, ela pergunta: "Por que não tive um aviso do que estava para acontecer a dois anos quando meu marido se despediu de mim e foi embora para suicidar-se?"

Se PES fosse processo consciente como ver ou ouvir, seria possível orientá-la e utilizá-la quando necessário, colhendo as vantagens indizíveis resultantes. Todavia, sabemos que se origina no profundo inconsciente e a informação somente chega à consciência que escapa ou vence inúmeros riscos que o indivíduo não percebe conscientemente. Devido à falta de controle deste processo inconsciente a PES nunca se revelou como meio fidedigno de conhecer.

Sempre existiu, sem dúvida alguma, o desejo de ter conhecimento a respeito de eventos quaisquer além do alcance dos sentidos. Devido a tal desejo, desenvolveram-se os processos de buena-dicha, mediunidade, profecia e adivinhação e com eles as respectivas técnicas, desde o emprego de bolas de cristal e cartas de jogar até galhos em forquilha e folhas de chá. Apesar destas tentativas para a prática de PES serem velhas como o tempo, e a despeito de qualquer sucesso local que tais tentativas tenham tido ou pareçam ter tido, não se desenvolveu confiança geral nos resultados. Em atividades como a medicina, a engenharia e mesmo a agricultura criaram-se maneiras de proceder comparativamente seguras e fidedignas, mas tal não se deu em qualquer setor que dependa de psi espontânea, esquiva. A situação tem sido sempre como se um indivíduo, sem entender de máquinas, fizesse funcionar complicado mecanismo. Entretanto, empurrando esta alavanca e puxando aquela tem conseguido por

vezes sucessos limitados, mas é provável que não se consiga controle completo sem compreender os princípios em causa.

Sem dúvida, muitas experiências de PES conforme o leitor já deve ter percebido - têm certa utilidade: o indivíduo é capaz de utilizar a informação de PES quando ela vem. Assemelha-se ao lampejo de um farol para quem vagueia na escuridão. Por exemplo, uma mulher de Oklahoma verificou que a experiência que teve ajudou-a a superar período de grande ansiedade. Esperava dar à luz em janeiro de 1952. Na noite de 30 de outubro de 1951 sonhou, conforme conta, "que estava do lado de fora da janela de uma maternidade, em companhia de meu marido, dos pais e de alguns amigos vendo dentro de uma incubadora uma menina nascida prematuramente, pesando quilo e meio. Era nossa filha e embora tão pequenina tinha olhos vivos, era muito ativa e bem conformada, e éramos todos de opinião que uma criança tão viva havia de criar-se perfeitamente apesar de ser tão pequenina e prematura. Quando sonhei, a criança tinha abundantes cabelos pretos, olhos grandes e brilhantes, um narizinho que parecia botão de rosa e a boquinha menorzinha que até então tinha visto. A cabeça extremamente pequena tinha grande abundância de cabelos pretos que vinham até os ombros, e unhas perfeitas nos dedos das mãos e dos pés que pareciam fósforos. Era uma criança em miniatura, perfeitamente formada. Agitava os braços e batia com as pernas como qualquer criança normal ativa, chegando mesmo a virar-se na cama.

"De manhã contei o sonho a meu marido, aos pais e a uma parente que estava de visita na ocasião. O sonho era extremamente nítido e nunca esquecerei como contemplei aquela criancinha, observando-a nos menores detalhes como somente a mãe o faria."

A família e os amigos rejeitaram-no como sendo um dos muitos sonhos esquisitos que se atribuem a senhoras grávidas. Contudo, exatamente dezesseis dias depois encontrávamo-nos diante da janela olhando para uma incubadora onde estava a minha filhinha de um quilo... Criança perfeitamente bem formada em miniatura e, quanto à

vida, réplica exata do sonho, com uma pequena diferença: embora muito ativa, decorreu algum tempo antes que ficasse bastante forte para se virar.

"Se não tivesse contado antes o meu sonho, estou certa que achariam difícil acreditar nele depois de ter nascido à criança. Assim também, da mesma forma que o sonho, ouvi muitas pessoas fazer a observação que criança tão viva, agindo tão normalmente havia de criar-se perfeitamente bem. E assim foi. Em pouco tempo tornou-se criança normal rechonchuda. Estou certa que o sonho ajudou-me a passar os primeiros dias ansiosos depois do nascimento."

Às vezes, alguém que teve muitas experiências de PES passa a considerá-las como hábito, utilizando-as de maneira bastante apropriada. Mesmo quando houver a tendência de esquecer os fracassos e lembrar somente os sucessos, é possível perfeitamente considerar a impressão que têm do sucesso com certa seriedade. Nem todos chegam mesmo a imaginar que fizeram uso de PES.

Uma mulher de Massachusetts escreve que em numerosas ocasiões ela e o marido "conheceram" o pensamento um do outro: "Moramos a uns 46km da cidade e meu marido faz a viagem freqüentemente de trem. Custa 25 centavos o telefonema para dizer-me qual o trem que devo esperar. Costuma tomar o das seis mas, às vezes, consegue pegar o das cinco e meia.

"De sorte que um dia lhe disse: Experimente transmitir-me o pensamento e eu o apanho e vou encontrá-lo. Assim temos feito a muitos meses e é compensação suficiente ver-lhe o sorriso quando lhe vou ao encontro no trem mais cedo, para não falar da economia que fazemos nas chamadas telefônicas.

"Não se sabe de antemão quando toma um ou outro trem. É raro que venha no primeiro. Contudo, mui raramente tenho errado quando me manda a mensagem. As poucas vezes que tal aconteceu estava muito cansada ou tinha o espírito preocupado com outras pessoas. Apesar de tudo, em certas ocasiões tenho deixado às pessoas com

quem estou, dizendo que devo esperar meu marido que vem no trem das cinco e meia.

"As únicas outras vezes em que erro são as em que procuro fazer uso de raciocínio, desprezando o sentimento que é mais infalível. Por exemplo, certa tarde estava chovendo realmente às bátegas. Estava sentada no divã quando recebi o aviso de esperar o trem das 5 e 30. Quase comecei a obedecer. Depois, disse comigo mesma: Numa tarde destas ele não viria cedo sem telefonar antes, porque havia de molhar-se muito. Disse também, antes de sair, que teria muitos encontros de sorte que seria difícil apanhar o primeiro trem. Sentei-me então de novo, pondo de lado o casaco para esperar o trem das seis. Foi quando telefonou da estação perguntando porque não o tinha ido esperar, visto ter-me transmitido muitas vezes o pensamento. De sorte que fiquei sabendo que devia obedecer sem discutir, sem tentar fazer uso de raciocínio, porque este nada tem a ver no caso."

Todavia, é claro que o valor de PES como instrumento para a obtenção de informações necessárias seria imensamente maior se fosse possível transformá-la em aptidão mais controlável. Se fosse possível descobrir meio de utilizá-la à vontade, os benefícios práticos seriam enormes, e a pesquisa respectiva seria coroada de êxito com maior facilidade e rapidez. Por este motivo, um dos principais objetivos da pesquisa parapsicológica atual é descobrir a maneira de "controlar" PES, a fim de diminuir os riscos que corre para chegar ao estado consciente.

Certas experiências de PES fornecem indicações animadoras para esta pesquisa. Embora não seja possível atualmente a produção de PES à vontade, certas experiências ocasionais e espontâneas são de tal ordem que sugerem a possibilidade de existência de uma ligação, embora imperfeita, entre a necessidade ou desejo consciente de saber e a experiência PES. Tais experiências indicam que o inconsciente talvez não esteja inteiramente fora do alcance do objetivo consciente. Considere-se, por exemplo, o caso de um senhor de certo estado ocidental, atualmente importante homem de negócios. Quando muito

jovem sofrera pena de prisão por um ano. Era filho único e sabia que a mãe viúva tinha sofrido muito por isso. Três meses depois de ter começado a cumprir a pena, ela morreu, tendo-lhe um tio comunicado o falecimento.

Como os parentes moravam num estado muito distante, ele só poderia comparecer ao enterro acompanhado por um guarda mediante autorização de cada um dos estados que tivesse de atravessar. Sendo a viagem tão impraticável, passou as horas mais miseráveis da vida sozinho na cela, sentindo-se de certo modo responsável pela morte da progenitora.

Exausto, enfim, adormeceu e sonhou que tinha ido para casa. Viu-a na casa do tio, e não na própria, onde havia iodo motivo para esperar que se realizasse o enterro. Viu-a num caixão cor de cinza, com um vestido de crepe de cor creme e a mãe dela sentada ao lado chorando.

Alguns dias depois chegou uma carta do tio descrevendo o enterro. Todos os detalhes coincidiam com o sonho, inclusive ter estado o corpo na casa do tio. Sentiu que de certo modo tinha ido ao encontro da mãe, apesar dos obstáculos físicos. Foi como se de algum modo inconsciente o desejo intenso dele fosse atendido, dando em resultado uma experiência de PES.

O efeito de forte necessidade para a produção de experiência de PES também se revela por vezes quando a necessidade é de outrem, mais do que do próprio indivíduo. A secretária de um senador pela Flórida contava entre os seus deveres o de fazer a folha semanal de pagamento do pessoal do escritório. Entre os funcionários contava-se o velho porteiro negro, que era também pastor. Tirava-se e entregava-se regularmente o cheque aos sábados ao meio-dia.

Conta ela: "Durante três anos nunca lhe fiz o pagamento senão nessa ocasião. Há duas semanas estava trabalhando em minha mesa em uma sexta-feira pela manhã quando de repente fui ao cofre, tirei o livro de cheques, escrevi o nome de Jack e levei ao senador para assinar. Nada me perguntou, pois era encarregada desse trabalho e,

francamente, não tive consciência do que fizera até que me achei de volta no escritório com o cheque assinado nas mãos.

"Foi quando verifiquei que era sexta-feira e que havia feito o que até então nunca fizera. Abri a secretária e guardei o cheque. Uma hora depois Jack entrou no escritório. Disse: Não queria incomodá-la mas desejava pedir-lhe que me fizesse o favor de arranjar-me hoje o cheque. Abri a secretária e entreguei-lhe o cheque assinado. Ele ficou muito quieto. Ouviu-me hoje de manhã? Ouviu-me? perguntou. Se o ouvi? indaguei. Sim, senhora. Tenho de ir à conferência de minha igreja em Winter Park amanhã de manhã às quatro horas e não tínhamos dinheiro e quando tomávamos o café pela manhã, minha mulher perguntou-me o que ia fazer e eu lhe disse que pediria a Deus para que a srta. G preparasse meu cheque hoje. Rezamos e foi isso que pedimos. Imagino que deve saber como me senti quando abriu a secretária e tirou o cheque para mim."

Neste caso particular, a necessidade exprimiu-se na forma definida de oração. Todavia a necessidade de outrem, especialmente se é muito forte e real, é às vezes eficaz, muito embora assuma qualquer outra forma. Uma senhora inglesa que ia regularmente trabalhar no mesmo escritório que o marido, ficou em casa certa manhã, ligeiramente indisposta com um resfriado; ficou, porém, extremamente mal dentro de algumas horas com um ataque de pneumonia, que tem, entre os sintomas, sede insaciável. Como não dispunha de telefone e sabia que o marido só voltaria à tarde, começou a concentrar-se para auxílio na mãe, que morava perto. Embora esta não tivesse qualquer motivo para imaginar que a filha não estava bem de saúde, tinham tido antes experiências telepáticas e esta supunha que "na aflição em que se achava" talvez pudesse comunicar-se com ela. Dentro de meia hora a mãe chegou - trazendo dois limões. Concordou não saber porque os havia trazido nem mesmo porque tinha vindo, dizendo: "Na verdade, devia estar trabalhando".

A impressão de que PES às vezes atende, embora imperfeitamente, a necessidade ou motivo forte sugerem-no não só experiências espontâneas como estas, mas igualmente as provas em laboratório. De fato, uma das condições entre as que hoje se julgam necessárias para provar PES em laboratório é que a pessoa submetida à prova tenha forte motivo para ser bem sucedida.

Contudo, a dificuldade consiste em reproduzir sob as condições controladas do laboratório os fortes impulsos emocionais das situações da vida real. Em conseqüência, adota-se agora a "motivação" - conforme dizem os pesquisadores - da pessoa que atua como sujeito. Para esse fim, têm-se experimentado diversos meios: louvor e aprovação e, às vezes, competição, com prêmios e recompensas escolhidos de acordo com os interesses do sujeito.

Uma experimentadora de PES, jovem psicóloga, a sra. Olívia Rivers, foi capaz de submeter a provas o poder de motivação de maneira um tanto impressionante. A situação em que se encontrava não lhe permitia obedecer às condições rígidas do laboratório, mas demonstrou resultar em efeito dramático certa necessidade forte.

Tinha um sobrinho, de nome Franklin, de onze anos de idade, sendo forte a amizade que os ligava. Quando esteve passando uns dias em casa dele, "este" tinha "adivinhado" para ela várias vezes em baralhos de PES. Tinha acertado bastante bem, embora não espetacularmente, tendo tido 9 acertos em 25 (a probabilidade é 5). Como estivesse, porém, convencida de que ele seria capaz de sair-se muito melhor, fez esforços para prová-lo e relata o resultado conforme segue:

"Estava resolvida que havia de proporcionar-me número elevado de acertos. Se havia duas pessoas que podiam trabalhar juntas, estava certa que seríamos eu e ele. Assim sendo, quando o levei para o quarto na quarta-feira à noite, em outubro de 1948, tive com ele uma conversa para animá-lo. Fiz-lhe sentir que era a única pessoa no mundo capaz de ajudar-me nessa questão. Conversamos durante algum tempo. Convenci-o que era capaz de ver as cartas, se

esforçasse realmente, dizendo dar-lhe-ia belo presente se acertasse bem.

"Interessei-o: chegou o momento. Ele disse: Vamos, estou pronto. Atravessei o quarto e sentei-me em uma cadeira perto da parede. ele sentou-se calmo no leito. Estávamos inteiramente satisfeitos. Sabíamos que éramos extraordinários! Ninguém mais no mundo o imaginaria, mas o sabíamos e ali estávamos para prová-lo. Nada estava entre nós quando começamos.

"Na primeira série alcançou onze. Disse perceber que era capaz de acertar melhor se experimentasse. Afirmei que o sabia perfeitamente capaz disso. Logo depois fez dezessete. Fiquei espantada; supus que o tivesse assegurado de algo de que eu mesma duvidava. Seria capaz de dizer exclamou, que podia vê-las!

"Estava muito excitado, ofegante, ruborizado, com a testa molhada de suor.

"Disse-lhe então desejar alcançasse a contagem de vinte. Pareceu-me esmagado. Vinte?

" Isso mesmo, chegue a vinte e dar-lhe-ei um prêmio muito bonito

" Se chegar a vinte ganho alguns desvios de trem? Nada sabia de desvios de trens, mas concordei imediatamente. Meu marido disse depois que foi bom não ter ele pedido a Estrada de Ferro B & O. . .

Com certeza tê-la-ia prometido. Olhou-me por alguns momentos, depois disse:

" Vou dar-lhe os vinte. E respondi: E eu lhe arranjarei os tais desvios.

"Depois, no momento em que começou a dar o nome das cartas ficou uma vez mais excitado e tenso. Dentro em pouco arquejava de excitação. Mordia os lábios, torcia as mãos, fazia caretas. No fim correu para mim para verificar se alcançara os vinte. Tinha chegado a 19. Quando viu que havia falhado por um, correu para a cama e pediu para fazer de novo, depressa. Era como se tivesse imaginado por um instante ter medo de perder, perdendo também os desvios.

"Procedeu muito rapidamente, fazendo os mesmos trejeitos anteriores. Eu estava sentada na beira da cadeira "fazendo" com que atingisse os vinte.

"Chegou a 22!

"Correu para dizer ao irmão. Os dois pularam de um lado para o outro. (Soube que os desvios custavam 20 dólares! Teria de comprá-los para ele)"

É de observar-se outra condição além da vontade ou desejo intenso de conseguir número elevado de pontos. Nesta experiência é natural que o menino tenha chegado a estado muito especial de espírito, difícil de definir. A parte visível era a inteira concentração na tarefa de "saber" os símbolos das cartas.

Todavia, há muitas indicações de que no laboratório o esforço, a tensão a motivação forte para conseguir contagens elevadas mais inibem do que favorecem PES. A tensão de qualquer espécie, compreendendo mesmo forte necessidade, é capaz de introduzir inibições ao invés de concentração. Além disso, é muito possível que igualmente em situações espontâneas, tensões semelhantes à ansiedade pessoal inibam experiências extra-sensoriais. Certas pessoas capazes de experimentar PES em assunto que não lhes seja propriamente importante poderão ficar inibidas quando for maior o envolvimento pessoal. Assim se explicariam os casos semelhantes ao da senhora que teve experiência de PES que compreendia crises de estranhos e, entretanto, não teve qualquer aviso do suicídio do marido. É evidente não ser bastante tão só a necessidade, não havendo garantia de resultar experiência de PES. É necessário também certo estado de espírito, desprendimento do que é alheio, de sorte a permitir a concentração somente no evento em causa.

Assim sendo, dispositivos diferentes por vezes parece darem resultado com pessoas diversas.. Certa senhora da Califórnia, quando criança, tinha facilidade em achar objetos perdidos, de sorte que a família geralmente a ela recorria quando não encontrava algum objeto. Diz ela: "Com o correr do tempo, verifiquei que se perdesse

tempo em raciocinar quanto à localização provável do objeto não me saía melhor do que minhas irmãs. Mas se ficasse quieta e pensasse intensamente no próprio objeto, sem relacioná-lo a qualquer localização, dizendo para mim mesma: Acha-lo-ei em um momento e depois passasse a ocupar-me de outro assunto qualquer, interrompendo qualquer pensamento sobre o objeto, dirigir-me-ia repentinamente para ele, encontrando-o. Era importante interromper todo pensamento consciente a respeito."

Uma vez quando a mãe perdeu os óculos de manhã, a menina achou-os no canteiro de amoras silvestres, por essa maneira, sem saber que a mãe se levantara cedo para colher amoras para a primeira refeição.

A maneira descrita por esta senhora, de não se concentrar conscientemente, parece de acordo com a idéia da mulher que ia encontrar o marido no trem, que mencionamos anteriormente quando dizia: "O raciocínio nada tem a ver com isso." Ao mesmo tempo, porém, parece em contradição com o processo por meio do qual o menino ganhou os desvios. Acertou nas cartas mediante concentração. Vistes outros parece terem conseguido os seus objetivos pondo de lado o esforço consciente. Contudo, a contradição é simplesmente superficial. Em nenhum desses casos o indivíduo procurou raciocinar, lembrar-se ou perceber sensorialmente. Com efeito, cada um e por maneiras diferentes, procurou impedir que o pensamento consciente obstruísse o surto de impressões que provinham do subconsciente. Parece que é possível dar origem ao mesmo efeito por maneiras diversas em pessoas diferentes.

Em algumas, conforme vimos anteriormente, chega-se ao estado mental conveniente por meio da oração que, seja lá como for, constitui maneira de conseguir concentração com um mínimo de esforço consciente. Certa moça, funcionária de uma tinturaria, experimentou esse processo: "Tínhamos uma cripta de depósito, da altura de dois andares, com gavetas de arquivamento até o teto, que continham faturas, pedidos, cartas, assentamentos pessoais, etc. Aí

nunca estivera até então. O gerente do escritório tinha sofrido um ataque, de sorte que estava ausente. Um dos motores desarranjou-se e o engenheiro em companhia do ajudante, veio às pressas de New Jersey para consertá-lo. Mas, antes de começar, tinham de conhecer detalhes do motor. O tempo apagara todas as indicações menos o nome. Ninguém sabia quando o tinham comprado, qual o preço, a garantia, quais as peças, nomes ou números para pedi-las, etc. Tive ordem para deixar tudo quanto estava fazendo para descobrir essas informações, mesmo que levasse duas semanas. Fiquei aflita. O trabalho regular do escritório tomava-me todo o tempo. Não havia quem me substituísse enquanto examinasse pilhas de documentos.

"Nessas condições, dirigi-me ao arquivo pequeno e rezei: Espírito Santo, não tenho qualquer direito de fazer-lhe este pedido, mas tenho de fazê-lo. Mostre-me, por favor, onde está esta informação. Depois, sem grande otimismo, fui pelo corredor até o grande arquivo, hesitei, pus a vontade inteiramente nas mãos de Deus, e movi-me intencionalmente mas como se fosse delicadamente impelida. Subir pelas escadas de ferro até a plataforma do segundo andar onde estavam empilhadas muitas gavetas de arquivamento. Andei ao longo até parar. Abri uma gaveta das mais elevadas que podia alcançar. Deixei-a para procurar um caixote em que subisse. Fechei os olhos e levantei uma pasta. Abri-a - e quase caí ao chão.

"Depois de cinco minutos de ter recebido as instruções, o chefe tinha nas mãos as informações completas, da maior importância."

Às vezes consegue-se estado mental conducente sob condições inesperadas, como em uma reunião. Desprevenido, pronto a recolher qualquer impressão de passagem, um adivinho amador é capaz às vezes de ter PES.

Certa moça de um estado ocidental teve experiência destas. O marido era construtor de pontes. Um vizinho os convidou para uma reunião à noite. Estavam presentes vários rapazes que trabalhavam na ponte, inclusive um de nome Davi. Depois de algum tempo alguém sugeriu a buena-dicha e pediram-lhe que a realizasse. Conta então:

"Senti-me cercada de pessoas interessadas. Pensei: Por que não diverti-las um pouco? e como conhecia todos os presentes não me foi difícil criar situação divertida, embora por vezes a adivinhação se transforme em predição.

"Tinha chegado quase ao fim das leituras quando me achei diante de Davi. No momento em que me tomou as cartas das mãos soube que algo de extraordinário estava para acontecer. Fiquei com as mãos geladas e senti o corpo inteiro tenso. Todo o sangue parecia ter-me subido à cabeça e o rosto queimava como fogo. Disse-lhe: Aonde vai? A San Francisco dentro de duas semanas. Disse-lhe: Não, não vá a Frisco, (*) partirá dentro de vinte e quatro horas para uma viagem longa por trem e por água. Davi respondeu que só acabaria o que estava fazendo dentro de duas semanas e ao acabar iria para Frisco. Repeti o que tinha dito e sabia que ele faria aquela longa viagem.

(*) Abreviação usual de S. Francisco. (N. do T.)

"Nesse momento toda alegria se havia dissipado. Parecia sentissem todos alguma ameaça pesando sobre a sala. Depois de tomar parte em uma refeição leve, voltamos para casa. Mal entramos minha filha me perguntou porque tinha dito aquilo a Davi. Respondi-lhe não saber porque mas tinha certeza que ele iria, e dentro do prazo que anunciara.

"Na manhã seguinte vi Davi seguir para o trabalho pouco depois de meu marido. Ainda não tinha passado meia hora que o vi voltar, em breve seguido pelo meu marido, que me disse: Jack morreu hoje de manhã na ponte pouco depois de começar o trabalho e Davi parte hoje de noite para Nova Escócia com o corpo.

"O tio de Jack era superintendente de uma seção da obra e a casa de Jack distava uns cinquenta e poucos quilômetros do lugar onde morava a mãe de Davi. ele tinha perguntado ao tio de Jack se gostaria que acompanhasse o corpo até em casa. A resposta foi imediata e dentro de 24 horas Davi estava fazendo a longa viagem por estrada de ferro e por água."

Nestes dois casos diferentes o menino que ganhou os desvios e a adivinha amadora - vemos PES como se fosse alguma mola situada

em grande profundidade. A origem está oculta, a passagem para fora às vezes obstruída, mas a correnteza flui logo se removam os empecilhos. No capítulo anterior mencionamos alguns desses empecilhos em nível consciente inferior. Aqui deparamos com a sugestão da possibilidade de "liberação" de PES, até certo ponto, por meio de estado mental que tende a evitar as distrações ordinárias do ambiente imediato, introduzidas pelos olhos e ouvidos bem como a ação do espírito raciocinados.

De tudo isso se fica com a impressão de que PES não se assemelha ao produto de glândula ou órgão especial, que se libere por meio de estímulo específico para certo fim fixo e limitado. As experiências de PES, quando consideradas em geral, sugerem capacidade sotoposta, cujo funcionamento favorável depende de múltiplos fatores e circunstâncias, freqüentemente sutis. Esta idéia de PES como aptidão básica, juntamente com sugestões provenientes do reino animal, conduziu à conjectura mencionada no Capítulo I com relação a ter servido PES em épocas evolutivas como processo protetor. Quando a sobrevivência dependia da percepção do perigo antes de tomar-se real, o animal prevenido antecipadamente poderia viver mais do que os menos sensíveis.

À proporção que essas condições mudaram com o correr dos séculos, essa aptidão para ver além do presente não se conservou tão necessária. Os órgãos dos sentidos, mais limitados mas mais dignos de confiança tornaram-se cada vez mais suficientes; portanto é provável que durante o longo e vagaroso processo evolutivo a aptidão extra-sensorial tenha deixado de usar-se. Agora talvez seja, para muitas pessoas, simples lampejo de dote anterior, funcionando esporadicamente quando a ocasião o permite. Substituindo-a desenvolveram-se os sentidos. Dão-nos o presente, o imediato, com segurança comparável. Em nossa época, os sentidos, auxiliados por instrumentos, tornam a percepção extra-sensorial de eventos distantes ou futuros grandemente desnecessária para a existência humana.

Por mais verdadeira que seja esta conjectura evolutiva, as duas maneiras de conhecer o mundo - sensorial e extrasensorial - são semelhante sob certo aspecto, embora diferentes sob outro; os olhos e os ouvidos na percepção sensorial registram elementos ocasionais tanto quanto significativos, e vimos o mesmo alcance nos temas de PES. A diferença está em que é possível controlar a percepção sensorial em grande extensão, mas tal não acontece ainda com a percepção extrasensorial. Podemos abrir ou fechar os olhos, prestar ou não atenção aos sons em torno de nós, mas somente pequena minoria pode decidir quando ter ou não experiência PES.

Assim sendo, PES ocorre esporadicamente e espontaneamente, servindo às vezes, outras deixando de servir a fins desejados. Pode funcionar imperfeitamente, ficando-lhe reduzido o valor; por vezes atuará aparentemente sem objetivo, como seria de esperar de processo involuntário. O problema de achar a maneira de trazê-la sob controle consciente e voluntário consistirá em descobrir a maneira de drenar o inconsciente profundo, evitando que o conteúdo fique "contaminado".

Um processo que foi já empregado e que se julgou eficiente é a hipnose. Com efeito, esta concentra a atenção do sujeito de maneira a excluir em grande parte a experiência consciente que geralmente a absorve. Talvez fosse o meio, de permitir a PES contornar alguns dos obstáculos e riscos. Mas, em geral, tal não se verificou.

Embora tenha contribuído para afastar obstruções conscientes e induzir impulso mais intenso em certos assuntos, muitos indivíduos não atuam melhor quando hipnotizados do que quando não o estão.

Ou a hipnose não é capaz de remover os obstáculos para eles ou então a estrutura da respectiva personalidade é tal que exija técnica especial e diferente de hipnose. Ainda não se sabe ao certo qual será essa técnica. A compreensão de uma incógnita, como PES, não se conseguirá nela trabalhando por meio de outra incógnita, a hipnose. Todavia, pesquisa apropriada talvez derrame nova luz sobre as duas. Esta pesquisa afigura-se longa e difícil aos parapsicológicos. Até

agora, o homem teve maior sucesso em resolver o enigma da energia nuclear do que em compreender a própria natureza íntima. Quando, porém, dispensar a esta última a atenção combinada que aquela já obteve, os resultados serão comparativamente espetaculares. Todavia, por enquanto a utilidade de PES limita-se às manifestações espontâneas, e aos efeitos semi-espontâneos captados em pesquisa experimental.

13

O impasse da telepatia

Provavelmente a telepatia é o tipo mais comum de PES, o que mais captou o interesse e a imaginação popular; entretanto o processo mental que a produz é ainda o mais discutido de todos. Tem complicação especial que não se encontra na clarividência ou na precognição. Tal se deve à fonte excepcional das mensagens telepáticas. Cada um dos três tipos de PES proporciona informações de fonte própria, específica; mas as mensagens telepáticas são as únicas que provêm de outros seres vivos, que também pensam e às vezes procuram “enviar” o pensamento.

Que efeito tem esse pensamento e envio? Pergunta-se se o envio ativo de um pensamento representa papel necessário iniciador em transferências telepáticas. Se assim for, o processo telepático possui aspecto que falta na clarividência ou na precognição. Em cada uma destas, a única pessoa em causa é a que tem a experiência. A iniciativa tem, portanto, de provir dele. Somente na telepatia a situação se complica com uma segunda pessoa que também poderia representar papel ativo.

Contentamo-nos até agora em descrever a telepatia muito superficialmente, dizendo Somente que parece simples contacto entre dois espíritos. Poderia caracterizar-se de tal maneira porque não há qualquer indicação visível de algum processo que intervenha entre os espíritos das duas pessoas. Em muitos casos anteriormente citados, uma das pessoas recebe um pensamento quando a outra não teve intenção de enviá-lo. Tal fato se observou especialmente em alguns exemplos de telepatia infantil.

A amiga de jovem senhora indagou-lhe certa vez a respeito da filha de quatro anos. A mãe tirou da bolsa um retratinho, que a outra

contemplou com interesse e depois observou: "Deve-se ensinar música a esta criança. Seria para ela um livro de ouro com as notas de prata."

Surpreendida pela seriedade da amiga, a mãe pensou várias vezes sobre a sugestão. Quando chegou em casa a filha dormia, mas, ao acordar pela manhã, sentou-se na cama, virou o travesseiro e procurou no meio das cobertas. Depois saía da cama e aproximou-se da penteadeira, onde mexeu nos objetos procurando.

A mãe perguntou-lhe o que estava procurando.

"Quero o livro de ouro que tem alguma coisa para mim".

Estamos agora preparados para indagar o que se passa realmente quando se transferem idéias. Poder-se-á dizer ter-se efetuado contacto de espírito a espírito, mas realmente esta expressão nada significa. Afinal de contas, o que vem a ser espírito? Os psicólogos têm experimentado sérias dificuldades procurando defini-lo; muitos preferem não empregar essa palavra. De qualquer maneira, não só no uso popular como no técnico a sua significação está mudando. Conforme o dicionário de Webster, outrora significou "entidade que reside dentro do indivíduo" mas atualmente o significado popular coincide mais aproximadamente com a definição psicológica, "a totalidade organizada da experiência consciente". O uso tanto comum como técnico, entretanto, acabou por incluir na definição tanto as atividades conscientes como as atividades inconscientes.

Aqui se trata propriamente da relação do pensamento para com o cérebro. Mas, semelhante relação representa grande ponto de interrogação no conhecimento científico. Atualmente alguns pensam que se encontrará a resposta na correlação dos impulsos nervosos com o pensamento - mas não parece provável que esta explicação seja algum dia definitiva, especialmente porque teria de justificar a precognição bem como todas as outras categorias de pensamento. A brecha no conhecimento da relação entre o pensamento e o cérebro é tão larga atualmente que deixa a idéia de espírito fundamentalmente sem explicação; assim sendo, a expressão contacto de espírito a

espírito não possui significação precisa. Até que neurologistas e psicólogos possam transpor esta brecha o enigma da telepatia permanecerá. Entrementes, o mais que se pode dizer a respeito com segurança, pouco importando o que venha a ser esta relação, é que a telepatia representa contacto de pessoa a pessoa. Tal idéia, porém, não contribui para que se compreenda o processo.

Conforme acontece, na longa história da telepatia, formularam-se pressuposições quanto ao papel que representa cada uma das duas pessoas em causa e, antes de ter-se provado cientificamente a PES, tinha-se atribuído a cada uma nome distinto. Deram-se esses nomes segundo a suposição que a pessoa que tinha o pensamento enviava-o em primeiro lugar à outra. De tal maneira, chamava-se à primeira de emitente ou agente; a segunda de recipiente ou percipiente. Quando se atribuíram essas denominações, supunha-se que o pensamento se transferia porque o emitente o enviava - espécie de transferência de supor em casos como o do jovem da Califórnia. Certo fim de semana planejara sábado movimentado. Não compreendia viagem a Richmond para ver as irmãs. Tinha de fazer consertos no carro, visitar um homem a negócio, e um encontro com uma moça. Viu-se, porém, a pensar nas irmãs em Richmond e ficou com a impressão que devia ir até lá para vê-las. Procurou afastar a idéia mas não era possível. Finalmente, tendo partido para visitar o tal homem a negócios, verificou que estava na direção de Richmond sem ter pensado.

Aborrecido consigo mesmo, resolveu apesar de tudo prosseguir para tirar o assunto da cabeça. Chegando a Richmond foi primeiro à casa da irmã Shirley mas sentiu imediatamente que não era lá que devia ir. Recusou mesmo sentar e depois de conversar alguns minutos atravessou a cidade para ver a irmã Sally. Abriu a porta e disse: "Que diabo quer você?"

Sally disse que nunca ficou tão satisfeita por ver alguém. Esperava que ele viesse, porque o filhinho estava doente e estavam inteiramente "quebrados" no fim da semana. Lembrou-se que a mãe

tivera trocas telepáticas de sorte que experimentou mandar-lhe uma mensagem para que viesse.

Se examinarmos, porém, outros exemplos de transferência telepática, verificaremos que ocorrem por vezes em situações em que o agente não envia deliberadamente o pensamento. Em alguns casos, contudo, o agente pode precisar da outra pessoa ou desejá-la, chegando mesmo a chamá-la em voz alta, sem a idéia definida de realizar transferência telepática.

Em um hospital da Califórnia a uns 18 km da residência, um homem estava gravemente doente. A mulher que lhe fizera companhia constantemente, deixou-se persuadir que devia ir para casa naquela noite, e pediu à irmã que a acompanhasse. Exausta de preocupação e ansiedade, tinha-se deitado, e estava cochilando quando ouviu a voz do marido chamando-a "Irene, Irene". Perguntou à irmã se tinha ouvido, mas esta disse que não. Dentro de alguns minutos o telefone tocou. Era o hospital chamando-a para comunicar que o marido estava morrendo e pronunciando-lhe o nome.

Acontece também que às vezes as pessoas respondem à forte necessidade de outra para mandar uma mensagem, embora mal articulada. Uma senhora de New Brunswick, no Canadá, tinha ido à cidade em companhia de uma amiga para passar a tarde fazendo compras para o Natal. De repente e muito antes de ter acabado percebeu que devia voltar para casa e assim o fez imediatamente apesar do aborrecimento da amiga.

Ao chegar em casa, encontrou o marido caído inconsciente dentro do carro, com o rosto cor de púrpura. Tinha carregado de novo o acumulador e estava colocando-o no carro. Veio um pé de vento e ele fechou a porta da garagem, pensando que tivesse bastante ar lá dentro, mas os vapores de monóxido de carbono o dominaram. Quando tentou ajustar uma peça qualquer, as mãos não se moveram. Pensou na mulher; a última idéia que teve foi chamá-la urgentemente em auxílio. Embora pesasse mais de oitenta quilos, ela procurou tirá-lo do carro e pô-lo sobre a neve no chão, chamando um vizinho e um

médico e levando-o para dentro de casa, onde quatro horas depois voltou a si.

A forte necessidade que o emitente sente em tal caso, bem como no precedente, talvez seja fator tão eficaz (e necessário) como a tentativa consciente de enviar um pensamento, conforme o caso de Sally. Mas é preciso lembrar os casos semelhantes ao da menina que procurava o livro de ouro. A mãe teve simplesmente a idéia, mas não a de enviá-la.

Um fator em todos estes casos que pode parecer importante é a existência de relação emocional íntima e positiva. Em contraste com situações de relações "positivas", entretanto, encontram-se às vezes transferências telepáticas de pensamento que ocorrem quando a relação é negativa. Uma senhora da Califórnia assim escreve: "Ficou provado que meu marido tivera relações íntimas com uma mulher que julgava fosse minha amiga. Quando soube da verdade disse que a perdoaria mas nunca mais a aceitaria na minha vida como amiga. Mais tarde casou-se com outro. Perdoei meu marido e estávamos vivendo perfeitamente bem quando, cinco ou seis anos depois deste incidente, sonhei certa noite que ela me telefonava dizendo que estava bem casada agora e porque não seríamos novamente amigas, passeando todos juntos como fazíamos outrora com ela e o marido. Na manhã seguinte as nove o telefone tocou e realizou-se a mesma conversa, palavra por palavra, exatamente como no sonho. Eu disse: Effie, não estou surpreendida com esta conversa, porque a sonhei exatamente assim, palavra por palavra. Ela respondeu: Também eu não estou surpreendida, porque tenho pensado muito em você e quando ia telefonar-lhe imaginava que não me respondesse, mas hoje de manhã senti-me compelida a falar-lhe. Não será preciso dizer que não a admiti nunca à minha amizade, mas foi exatamente isso o que se deu."

Contudo, gostem-se ou não as pessoas, pode-se dizer que se interessam uma pela outra, ficando emocionalmente combinadas até certo ponto. Todavia, têm-se relatado numerosas experiências entre

peças ligeiramente ligadas por laços emocionais ou mesmo sem ligação alguma. Por este motivo, há a tendência acentuada de considerar tais ocorrências somente como coincidências esquisitas quando poderiam ser perfeitamente exemplos de telepatia.

Um homem de negócios de Illinois voltava depois do almoço para o escritório. Observou um conhecido, político estadual, de pé na porta de outro escritório, aparentemente mergulhado em profunda concentração. "Então", diz o homem de negócios, "quando levantou a cabeça e me reconheceu entrou-me no espírito um pensamento, atravessei o vestíbulo e contei-lhe uma historietta, como visitara quando moço New Hampshire e tinham-me mostrado uma árvore em cuja casca o guia disse terem cortado as iniciais de Daniel Webster, talvez nos fins da década de 1830. Lá estavam de fato as iniciais D. W., profundamente entalhadas na casca e evidentemente muito antigas. Quando rapaz e mais tarde lembrei-me muitas vezes desta experiência, mas já a havia esquecido completamente até esta ocasião. O legislador do Illinois olhou-me e disse: Deve ser um caso de telepatia! Depois, apanhando um cartão recitou as palavras de Daniel Webster pronunciadas há muitos anos que ele estava procurando decorar para citar em uma reunião democrática naquele dia."

Experiências semelhantes podem empreender pessoas inteiramente estranhas. Levando-se em conta a impossibilidade de ser a ocorrência organizada, referem-se mais exemplos quando tal é o caso do que seria de esperar. Sugerem fortemente transferência telepática.

Um senhor, que atualmente vive no Ohio, estava servindo em 1944 na base do exército na Zona do Canal. Tomou o avião à uma hora da madrugada. A aeromoça disse aos passageiros que o avião não tinha proteção contra incêndios, de sorte que recolheu os isqueiros e os cigarros para entregá-los quando chegassem a Colon. Em breve todos tinham dormido e esse homem sonhou, conforme diz, o desejo de fumar era tão grande que olhou em roda e, tendo certeza

que todos estavam dormindo, tirou do bolso um cigarro que não tinha entregue e acendeu-o. "O embaraço por assim ter procedido e o temor que de repente me invadiu acordaram-me. Não será preciso dizer que não estava fumando mas a horrível impressão de crime que me invadiu fez-me dar busca pelo chão, sem que encontrasse qualquer ponta de cigano ou palito de fósforo.

"Depois de termos desembarcado em Colon, no Panamá, devolveram-nos os nossos objetos e procurei a plataforma onde os passageiros esperavam condução para atravessarem o istmo até a Cidade do Panamá. No avião, ocupava o assento do outro lado do meu uma senhora que agora se encontrava ao meu lado oferecendo-me um cigano, sorrindo e dizendo: Sonhei com o senhor esta noite. Não a tendo conhecido antes, cumprimentando-a somente pela maneira que usam os viajantes no Mar das Caraíbas, suponho que revelei surpresa no rosto, porque ela então juntou: Sonhei que o sr. estava fumando um cigarro e quando acordei tive de verificar se não havia sinais de cigano ou fósforos. "

Verificamos assim que as pessoas "recebem" pensamentos de outrem mediante grande variedade de relações emocionais, necessidades ou impulsos para transferir pensamentos. Em todos os exemplos acima a transferência foi ocorrência em um sentido único. Às vezes, porém, referem-se casos, embora raros, em que a transferência é recíproca. Nestes dificilmente pode dizer-se qual das duas pessoas é responsável pelo início da transmissão.

Uma senhora de Michigan sonhou uma noite que estava sentada nos galhos de enorme pinheiro. Ouviu então o ruído de alguém que se aproximava pela floresta. Dentro em pouco viu que era um homem e pelo modo por que andava e pelo comportamento em geral percebeu imediatamente que estava cursando universidade distante. Tinha o rosto arranhado e as roupas rasgadas. Num ímpeto de compaixão gritou-lhe: "Clarence, vá por este caminho. É esta a trilha que deve tomar." Voltou para ela o rosto pálido, sorriu e tomou o caminho indicado.

No fim da semana recebeu uma carta do filho contando um sonho que lhe havia causado grande impressão. Sonhou que estava perdido, confuso, vagueando em uma floresta tomada por arbustos que o dilaceravam por todos os lados. Quando já receava que não acharia nunca o caminho para sair ouviu de repente uma voz mas não pôde ver ninguém. Dizia-lhe: Clarence, vá por este caminho. Parecia vir de um ponto alto acima dele. Tomou o caminho indicado e em breve conseguiu sair da floresta. Quando pouco depois chegou em casa para passar as férias, as primeiras palavras que a mãe lhe dirigiu saudando-o foram: "Clarence, era eu. Estava lá em cima numa árvore".

Seja qual for o significado destes exemplos de ação mental recíproca, não contribuem para a solução do enigma da telepatia. Ao contrário, aumentam a dificuldade.

Devemos também lembrar que muitos casos de clarividência (em que não é possível existir emitente) têm grande semelhança com alguns de telepatia. Esta se apresenta em experiências em que um emitente tem grande urgência de enviar qualquer mensagem ao recipiente, e este parece recebê-la, pois age de acordo. Em alguns destes casos de clarividência, existe certo perigo e o recipiente reage quando ninguém tem conhecimento dele, e, portanto, não seria possível enviar qualquer mensagem. O impulso resultante do recipiente poderá ser exatamente o mesmo que uma mensagem telepática causasse, entretanto, a informação só poderia ter provindo de clarividência.

Uma senhora de New Jersey foi à cidade fazer compras, deixando em casa o marido e uma filha de dois anos. Então, conforme conta, "estava quase no centro de Patterson quando soube - mas não posso explicar como - que devia voltar para casa muito depressa. Senti-me presa de pânico. Saí do ônibus em que estava e tomei outro para voltar para casa. Verifiquei que meu marido resolvera repousar um pouco em companhia da menina e a casa estava cheia de gás. Minha filha tinha brincado com o fogão e abrira as torneiras enquanto o pai

dormia. Depois foi deitar-se perto dele adormecendo. Só me lembro do sentimento de pânico e da necessidade de voltar para casa deixando de lado as compras."

O ponto inevitável de comparação entre esta experiência e o caso de telepatia descrito anteriormente que também se referia a escapamento de gás é que as mensagens são idênticas, embora a situação do emissor seja significativamente diferente. Um percebeu o perigo e "chamou", enquanto o outro nada sabia. Os recipientes, porém, nos dois casos receberam a mensagem. Não fez diferença apreciável serem as situações telepáticas ou clarividentes.

Que dizer dos recipientes em todos esses casos? O papel deles era, naturalmente, receber a mensagem. Todavia, o grau de interesse, a necessidade da mensagem, variavam. Em certos casos eram muito mais fortes do que em outros. Quando as relações eram íntimas, os recipientes mostravam-se muito mais preocupados com as necessidades e crises do parente ou amigo em causa. Quando as relações eram casuais, os recipientes estavam também presumivelmente tão preocupados como os emissores. É possível, portanto, dizer que as mensagens recebidas eram todas de certo interesse para os recipientes.

Se PES, conforme se sugeriu, examina o horizonte dos interesses de cada pessoa como um holofote, cabe à capacidade de PES destes recipientes perceber as situações independentemente de qualquer ação ou iniciativa que o agente tome ou deixe de tomar para enviar a mensagem. Nos casos de telepatia em crianças, era evidente a falta de iniciativa por parte dos emissores adultos. A criança "conhecia" simplesmente o pensamento.

Dessa maneira vemo-nos forçados, por assim dizer, a transferir a importância do emissor para o recipiente. Não quer dizer necessariamente que o emissor jamais represente papel essencial. Não é possível afirmá-lo. Significa que vemos ocorrer à telepatia independentemente da iniciativa de ação do emissor. Ninguém pode dizer quais os efeitos que exerce, se a sua atuação facilita a

transferência (ou pelo menos assim o faz para certas pessoas) e se tal se dá até que ponto.

Ainda esperamos que a pesquisa experimental forneça provas que indiquem exatamente o papel do emitente. Na maior parte das experiências telepáticas realizadas até agora, o emitente se concentrava para que a outra pessoa recebesse o pensamento (como no caso de Sally com o irmão); ou, se não se concentra realmente em "enviar", é de supor pelo menos que mantenha o pensamento no espírito (como a amiga afastada que deu a telefonada). Os resultados das experiências não foram particularmente diferentes, apesar da diferença em situação mental. E ainda não se descobriu qualquer processo experimental que demonstre poder o recipiente receber o pensamento do emitente quando este não se apercebia da experiência, nem enviava ou mesmo trazia no espírito o pensamento. A experiência teria de ser de "telepatia pura" excluindo-se qualquer possibilidade de clarividência, o que seria bastante difícil de conseguir. Afigura-se, porém, que somente uma experiência destas diria exatamente qual o papel que o emitente representa.

É necessário dispensar atenção minuciosa ao possível papel do emitente em telepatia, não só para melhor compreensão do processo, mas também porque certa sutileza da história reveste de interesse especial os "emitentes" telepáticos.

Desde a década de 1880 formulava-se de maneira mais ou menos expressa na Inglaterra uma idéia do processo telepático, já mencionada como hipótese, isto é, que o emitente é parte ativadora necessária na troca de pensamentos. Essa época era bem anterior ao reconhecimento da ocorrência da clarividência ou mesmo ao pensamento que tivesse qualquer relação com a telepatia, e mais anterior ainda ao reconhecimento da precognição. Nesse período começavam a prevalecer maneiras materialistas de pensar, e os que eram contrários procuravam provar que os seres humanos não são simplesmente sistemas mecânicos. A transferência do pensamento por meios não sensoriais apresentava-se como prova. Se a

transferência se iniciasse pelo esforço mental do eminente, o argumento seria particularmente eficaz, porque em alguns dos casos mais impressionantes a pessoa que se comunicava com outra, mandando mensagem ou pensamento de prevenção, não se contava mais entre os vivos. Tais ocorrências implicam não só em aspecto não-materialista da vida, mas sugeriam também a sobrevivência do espírito depois da morte, com a possibilidade de comunicar-se com os vivos. Tal possibilidade prometia vibrar golpe final no materialismo, satisfazendo ao mesmo tempo a grande necessidade da humanidade de conhecer com toda certeza a realidade da vida futura.

Assim sendo, a telepatia, especialmente quando se faz a transferência, porque uma pessoa manda a outra o pensamento, era de importância transcendente. O emitente tinha importância especialmente porque lhe incumbia provar que o morto se comunicava com os vivos: se a iniciativa dele causava a experiência, enquanto o recipiente era tão só mais ou menos passivo, a prova da telepatia vinha em apoio, bastante razoavelmente, da crença na sobrevivência do espírito.

A eficácia geral da argumentação era tanto mais forte porque a forma da experiência telepática mais convincente era a que denominamos neste livro de alucinatória. As experiências alucinatórias pareciam indicar evidentemente que o emitente lá estivesse conforme se via ou ouvia. Experiências telepáticas sob outras formas sem que implicassem em provir à mensagem de mortos, não despertavam interesse. Dessa maneira, se "via" ou "ouvia" um moribundo em certa ocasião significativa, ninguém duvidava que essa pessoa aí tivesse estado realmente sob certa forma espiritual; supunha-se estivesse comunicando a partida e despedindo-se. Atualmente, como sabemos que PES pode dar informações a respeito de eventos distantes, tal experiência não precisa necessariamente significar ter o moribundo trazido à mensagem. Nem tê-lo "visto" ou "ouvido" implica necessariamente em que lá

estivesse, por isso que agora sabemos que uma das maneiras de exprimir informações recebidas por PES é o efeito alucinatório.

As experiências que se referiam aos mortos, em lugar de moribundos, eram ainda mais convincentes. Quando se via ou ouvia pessoa que se sabia ter morrido, a interpretação razoável era que realmente ele aí estivesse; às vezes informando ou avisando os vivos de alguma ameaça ou perigo. Tal teria sido a interpretação de uma experiência como a que teve certa mulher de Nova York. Acordou uma noite ouvindo a avó já falecida chamá-la. Lembra-se do ocorrido da seguinte maneira: "A avó falecera já há alguns pares de anos. Pulei da cama e nem mesmo olhei para a criança que dormia perto em duas cadeiras. Precipitei-me pelo corredor até o quarto onde minha mãe dormia.

"Mamãe me chamou? Alguém me chamou. Parecia a avó. Minha mãe respondeu sonolenta: Não, não chamei.

"Voltei para o quarto. Aí descobri horrorizada que a criança com o travesseiro e as cobertas escorregara das cadeiras e estava no chão debaixo de um monte de roupas. Dentro de mais alguns minutos estaria sufocada."

A explicação, que anteriormente parecia tão convincente, não se pode considerar hoje em dia tão concludente. Mesmo que parecesse estar a avó enviando o aviso, sabemos agora que esta explicação não é a única. Sabemos que a pessoa viva poderia ter tido conhecimento do perigo por meio de clarividência, exprimindo-o sob a forma de sonho não realista ou alucinação auditiva. Ninguém pode dizer com absoluta certeza ser esta a explicação, visto não se excluir a interpretação mais antiga. Agora sabemos somente que devemos olhar mais à frente antes de ter certeza da resposta. E possível apreciar a grande importância que outrora se atribuía ao emitente na troca telepática bem como que, sendo hoje maior o conhecimento, ampliou-se à perspectiva possível do alcance de PES. O progresso do conhecimento deste campo assemelha-se um tanto à exploração de uma cordilheira. A importância de um contraforte no primeiro plano

pode desprezar-se devido aos picos que se enxergam no fundo. Neste caso, sem dúvida, o pico mais alto dentre todos diz respeito à natureza fundamental de psi, bem como o lugar que ocupa e a significação que tem para a personalidade. O espetáculo que se descobre lá do alto ainda está distante, em distância enevoadada. E o enigma da telepatia é um dos obstáculos restantes dessa perspectiva.

Efeitos físicos enigmáticos

Chegou afinal à ocasião de voltar para os que deixamos de parte, isto é, os que não se ajustavam a qualquer das três categorias de PES. O leitor deve estar lembrado que não se ajustavam porque antes de tudo se relacionavam com acontecimentos físicos, e não, conforme se dá com PES, com idéias ou pelo menos efeitos cognitivos de certa espécie.

Estes casos "apartados" poderiam chamar-se tradicionalmente de "sinais" visto compreenderem efeitos tais como relógios que param e quadros que caem, quando alguém morre. Em cada caso ocorre evento objetivo para o qual os observadores não encontram causa ordinária, e que, em conseqüência, interpretam como a tendo oculta.

Raramente encaram com seriedade relatos de tais ocorrências pessoas instruídas e ainda menos os cientistas. Têm-se considerado em geral histórias de "sinais" como bobagens em que os crédulos se comprazem, explicáveis como má observação ou coincidência.

Neste ponto podemos deter-nos e examinar um pouco a prova antes de formular o julgamento. Assim procederemos porque se encontrou vislumbre de efeito de "espírito sobre matéria" pelo mesmo processo de pesquisa cuidadosamente controlada em laboratório que serviu para a prova de PES. Tal efeito denomina-se geralmente de psicocinese ou, abreviadamente, PC. Como todos nós sabemos, velhas crenças e superstições tem-se verificado por vezes terem certo fundo de verdade, embora profundamente embutido em acréscimos estranhos. este pensamento nos leva a indagar se qualquer dessas ocorrências enigmáticas não poderia resultar de PC atuando espontaneamente nas situações da vida.

Voltando-nos para as "provas" verificamos que conforme as interpretações que as ocorrências tiveram, consideraram-se algumas como provenientes de moribundos, outras de pessoas já falecidas e ainda outras de indivíduos ainda vivos.

Dos moribundos

Entre as diversas ocorrências objetivas que os observadores têm interpretado como trazendo mensagem de um moribundo, a mais comum é fazer parar um relógio. As circunstâncias, porém, variam. Algumas vezes dizem "para não andar mais" como se defeito irreparável (geralmente de natureza não especificada) tivesse ocorrido. Um grupo de estudantes da Universidade de Duke estava sentado uma noite em roda de uma fogueira quando a conversa passou a experiências esquisitas. Uma moça de New England disse entre tranqüila e séria: "Não pude nunca explicar o seguinte. Quando meu pai faleceu verificamos que o relógio parou exatamente no mesmo instante. Mais tarde quando o levei ao relojoeiro, porque não andava, disse ser impossível consertá-lo. Era de fabricação suíça, presente de núpcias a meus pais; papai tinha-o conservado sempre andando, mas nós não conseguimos fazer com que andasse novamente." Contudo, nos casos referidos nem sempre se menciona dano permanente, de sorte a supor-se que em outros casos o relógio continua a trabalhar.

Às vezes assinala-se que o relógio não parou simplesmente. Um dos irmãos deu a um senhor canadense um relógio de ouro e, vários anos depois, quando o irmão estava à morte de câncer, chamaram-no para vê-lo. Conforme conta, pedi licença no emprego e fui ajudar minha cunhada durante os dois últimos dias do meu irmão. Faleceu as seis e vinte e cinco minutos da manhã. Chamei imediatamente a família e telefonamos ao médico e ao empresário. Por volta das sete e

meia sentamo-nos para um almoço às pressas - meus dois irmãos, a viúva e a enfermeira.

"Tínhamos combinado anteriormente chegar à sala do empresário as nove e trinta, de sorte que quando o relógio da parede marcou nove horas lembrei que era tempo de se aprontarem para o enterro a viúva e meus dois irmãos. Alguém perguntou de quanto tempo dispúnhamos e tirei do bolso o relógio acima citado, quando verifiquei que havia parado exatamente no instante em que meu irmão morrera. Chamei a atenção dos que estavam em torno da mesa para o fato e, com o intuito de mostrar que a ocorrência não era comum, pedi a meu irmão que desse corda para ter certeza que não estava inteiramente sem corda. Tinha quase toda a corda."

Pode acontecer que o fato se dê com mais de um relógio. Um homem do Wisconsin diz que o pai morreu em uma espreguiçadeira na sala de estar. Pararam ao mesmo tempo o relógio que trazia no bolso do colete e o grande relógio de parede, ambos pouco depois da meia-noite, quando se deu o falecimento. Com o abalo e os movimentos e mudanças que se seguiram, não se prestou atenção a qualquer dos dois durante um ano; mas quando lhes deram corda, puseram-se novamente a funcionar.

Nem sempre se encontram no próprio cômodo onde se dá a morte os relógios que deixam de andar. Um indivíduo pode morrer a quilômetros de distância, talvez em um hospital, tendo deixado o relógio em casa. Geralmente, mas não sempre, tem especial significação para o morto ou a ele está ligado.

A 3 de outubro de 1953, as 9 e 35 da noite, morreu um homem em um hospital da Indiana a uns 12km de casa. Escreve a filha: "Chegamos em casa vindo do hospital e começamos a tomar providências, passando telegramas, telefonando e quando olhamos para o relógio favorito de papai, um cuco, que mamãe lhe havia dado de presente naquele ano, estava parado exatamente as 9 e 35, hora em que meu pai morreu. Sentimo-nos todos fulminados e passou-se

muito tempo até que um de nós teve coragem para pô-lo de novo em movimento."

Em certas ocasiões tem-se referido o caso de bater um relógio desordenadamente as horas (relógios que batem as horas não são comuns, o que explica serem menos freqüentes estes casos em comparação com a parada injustificável.) Uma senhora do Estado de Nova York lembra-se: "Há uns 28 anos, em uma tarde da primavera, em nossa casa no Massachusetts, papai, mamãe e eu estávamos lendo em voz alta quando as sete e vinte o relógio bateu uma só vez - somente batia as horas. Era tão esquisito que todos nós o notamos. Cinco minutos depois soubemos por um telefonema que a irmã favorita de minha mãe morrera repentinamente de um ataque do coração as 7 e 20. Nunca mais o relógio bateu irregularmente."

Relatos dessa natureza revelam pouca uniformidade de detalhes. O relógio pode estar perto do moribundo ou distante; geralmente ou é de propriedade do indivíduo ou estava aos cuidados dele, mas às vezes nada significa, podendo mesmo pertencer à outra pessoa qualquer. Em todos os casos as pessoas que observam a ocorrência são amigos íntimos ou parentes do falecido; pessoas que a morte afeta. Parece-lhes mensagem a parada do relógio.

Embora sem a freqüência dos relógios, quadros também figuram em ocorrências que se interpretam como mensagens de falecimentos. Um senhor de Nova York, por exemplo, tinha o retrato de um colega, que então vivia em Honolulu, com moldura de prata sobre a penteadeira. Depois da meia-noite, a 28 de janeiro de 1949, ouviu cair um objeto qualquer. Quando foi ver encontrou o retrato no chão. Surpreendido porque não notara qualquer aragem ou vibração capaz de fazê-lo cair, apanhou-o e pô-lo de novo no lugar, dizendo em voz alta para si mesmo: "Espero que nada tenha acontecido a John." Dentro de dois dias recebeu um telegrama comunicando que o amigo tinha morrido quando dormia naquela mesma noite.

Outros objetos, em geral insignificantes, figuram às vezes. Em uma casa de Detroit, na noite de 13 de agosto de 1957, uma senhora

estava só quando se assustou com a queda de um objeto. Um crucifixo que durante anos estivera pendurado na parede, caiu ao chão. Recebera-o de um padre, o reverendo F., particular amigo com quem se associara uma vez em certa obra relativa à paróquia. Transferiram-no mais tarde para outra paróquia e durante os nove anos seguintes, vira-o raramente. O crucifixo, entretanto, tinha ficado pendurado durante todo esse tempo. O prego estava intacto e o arame por trás da imagem era exatamente o mesmo. O jornal do dia seguinte trouxe a notícia da morte do reverendo F. naquela noite as 10 e 30, na paróquia do outro lado da cidade. Havia discordância na hora, porquanto o crucifixo caiu as 6 e 15 da tarde. Morreu de um ataque cardíaco. Não se sabe se teve o ataque horas antes de falecer.

Às vezes é a quebra de objeto frágil que transmite a mensagem. Uma senhora de Nevada conta uma experiência que gira em torno do irmão mais velho, Frank. Era particularmente ponderado e tudo fazia para agradar a mãe a quem era muito dedicado. Diz aquela senhora: "Um dia chegou em casa trazendo lindo prato de cristal talhado. Mamãe achou que era acontecimento maravilhoso e colocou-o em cima do aparador.

"Quando tivemos catapora, mamãe mandou Frank para a casa da avó em Grand Haven, Michigan, a uns 70km do lugar em que morávamos, embora relutasse em fazê-lo. Dois dias depois de ter ele seguido viagem mamãe e a vizinha estavam tomando o café pela manhã e ela nos recomendou que ficássemos quietos. Repentinamente o prato de cristal estalou quebrando-se pelo meio. Minha mãe gritou e disse: Meu Deus! Frank morreu. Todos procuraram tranquilizá-la, ela, porém, dizia que bem o sabia.

"Uma hora depois, recebemos um telegrama de vovô dizendo que fôssemos imediatamente porque algo acontecera a Frank. Mamãe disse: Bem sei. Chorou durante toda a viagem até Grand Haven e vovô veio ao nosso encontro na estação. Antes que nos pudesse dizer o que acontecera, mamãe perguntou: Em que salão funerário está ele? ele ficou boquiaberto e mamãe correu pela rua até chegar ao lugar em

que estava o corpo de Frank sem que ninguém lhe dissesse. Não queriam deixar que ela o visse porque algo de terrível tinha acontecido.

O menino da casa vizinha tinha voltado da escola e, na ausência dos pais, pôs-se a brincar com a espingarda do pai e saiu de casa para mostrá-la a Frank. O menino, ignorando que a alma estava carregada puxou o gatilho e matou meu irmão. E o que é estranho - Frank morreu no mesmo instante em que o prato se quebrou."

Além de ocorrências como estas, que são decisivamente materiais, diversos sons, mais freqüentemente batidas nas portas, referem-se como coincidindo com a ocasião da morte. Em 1944 um membro de certa família de New Jersey combatia na Holanda. Antes de partir tinha o hábito, quando visitava a tia que vivia nas vizinhanças, de dar três pancadas na porta de sorte que ela soubesse quem era.

Certa noite, ela e duas irmãs dele estavam sentadas na sala de visitas e a irmã dela estava no banheiro. Todas estavam falando quando ouviram três pancadas na porta. Sabiam que ele não podia estar em casa de sorte que ficaram sentadas assombradas. A que estava no banheiro disse: "Vou em um minuto". Ouvira as pancadas e pensara que eram de uma das pessoas que estavam na sala.

Não havia ninguém na porta. Pouco depois, os pais receberam a notícia que ele morrera em combate no dia em que se ouviram as pancadas.

Todos os casos semelhantes a este, em que o efeito é auditivo, levam a indagar se o efeito foi realmente material ou provavelmente psicológico, ou, em outras palavras, alucinação. Serem tais sons ouvidos por todos os presentes (como no exemplo anterior) constitui argumento contra esta última possibilidade, embora não a exclua finalmente.

Desta relação incompleta mas variada de sons estranhos e efeitos materiais, pode ver-se que a associação com o moribundo se fez em parte porque não parecia existir qualquer causa material ordinária. Os

relógios pararam ainda tendo corda. O quadro caiu sem causa óbvia. E, além disso, todos os efeitos ocorreram em ocasiões que pareciam significativas. Seria a hora significativa ou coincidente? Resultaria a ocorrência de força incomum ou de força comum despercebida?

Por parte dos mortos

Qualquer pessoa que perdeu parente ou amigo íntimo depara provavelmente com certas ocasiões que lhe fazem lembrar intensamente a pessoa ou que se associam muito de perto com a lembrança dela. Em tais ocasiões, alguns indivíduos têm percebido a ocorrência de certo efeito físico para o qual não encontram explicação ordinária. Também neste caso os relógios ficam freqüentemente afetados, mas nesta associação refere-se menor número de vezes que tenham simplesmente parado. Dir-se-á mais provavelmente que um relógio parado começou a andar ou um que bate as horas passou a batê-las desordenadamente.

Um senhor da Flórida foi com a mulher e a filha em viagem de negócios a uma cidade que distava uns 180km do lugar em que residia. Sentiu-se muito mal repentinamente, levaram-no para o hospital às onze da noite e no dia seguinte morreu às 10 e 20. "Depois", escreve a mulher, minha filha me acompanhou de volta à nossa casa. Na manhã seguinte, quando estávamos arrumando a casa, percebemos repentinamente que um relógio velho (parado há anos) estava trabalhando barulhentosamente. Não tínhamos estado perto dele nem qualquer pessoa estranha nos tinha visitado.

"Fomos apressadamente para perto dele, não acreditando ser possível. Enquanto lá estávamos com as lágrimas correndo pelas faces, o pêndulo movia-se de um lado para o outro. Lá ficamos imóveis pelo menos durante dois minutos, incapazes de nos movermos. Olhei para o relógio de pulso. Eram 10 e 20, a hora exata

em que ele morrera no dia anterior. Quando vi a hora, compreendi o que queria dizer. Até esta ocorrência alimentava dúvidas a respeito de tais fatos, mas agora sabia que o meu querido nos assegurava estar presente.

"Ergui o braço devagar e fiz parar o pêndulo. Tinha oscilado durante quatro ou cinco minutos."

Além do comportamento injustificável de relógios e outros objetos em ocasiões significativas, relata-se miscelânea de ocorrências. Nestes efeitos físicos esquisitos, o fenômeno específico pode ser incomum por diferir de outros referidos por outras pessoas, mas ocorre no momento apropriado de sorte que corresponde aos efeitos dos relógios, dos objetos que caem, etc.

Certa senhora do Massachusetts lembra-se: "Nos fins de novembro de 1952, estava começando a minha segunda gravidez e achava-me bastante mal. Um dia ao cair da tarde estava na cama no meu quarto que era muito perto da cozinha; estava só; meu marido e um filho pequeno estavam no sobrado nos cômodos da minha irmã.

"Na ocasião, estava arriscada a perder o filho, que havia desejado grandemente, e me sentia muito aflita. Comecei a rezar para salvá-lo. Depois passei a rezar por meu pai, já falecido. Disse-lhe: Por favor, papai, interceda por mim junto a Deus para salvar o meu filho porque desejo muito dar-lhe o seu nome, por favor, salve-o. Quando as palavras deixaram os meus lábios, ouvi um ruído na cozinha e olhando para lá vi as duas bicas da pia abertas jorrando água. Como não podia abandonar o leito devido à recomendação do médico, deixei-me ficar a olhar. Cinco minutos depois meu marido apareceu e viu também. Perguntou-me porque tinha feito aquilo. Respondi que não tinha deixado a cama. O resultado da história é que nada tive durante a gravidez, nascendo-me uma criança bonita e saudável a quem dei o nome de meu pai, conforme prometera.

"As bicas são de modelo moderno, tendo-se de abri-las ou fechá-las girando com a mão uma peça. Abriram-se de uma só vez, na capacidade total. Tinha vivido nesta casa a três anos. Era a primeira

vez que tal acontecia. Estavam em boas condições, não gotejavam e as junções eram perfeitas tanto quanto era possível ver."

A ocorrência de sons também se associa às comunicações de alguma pessoa falecida. Entre estes, como nos casos em que há coincidência com o falecimento, pancadas inexplicáveis referem-se mais freqüentemente, mas também se observam muitos outros sons. Mesmo quando esta presente fonte física potencial, não é de excluir-se a possibilidade de alucinação auditiva. Mas, às vezes, não está presente qualquer objeto do qual proviesse o som. Dificilmente se duvidará, portanto, que tenha origem psicológica. Uma senhora da Flórida foi avisada de maneira estranha na noite seguinte ao falecimento do pai. Explica-o da seguinte maneira: "Para compreender o que vou contar, quase que é preciso escutar por meio de algum aparelho auditivo. Meu pai usava um em que a bateria fica pendurada contra o peito. Tem uma alavanca para controlar o volume e ele costumava aumentá-lo ou diminuí-lo para divertir as crianças com o ruído esquisito que produz. O som era tão distinto como de violino ou piano. Não se podia tomá-lo por qualquer outro. Sofrera uma operação e ainda estava no hospital, passando aliás bem. Morreu tão repentinamente que nem mesmo reconheci o que se estava passando, estando com ele na ocasião. Meus pais eram muito unidos e para minha mãe foi terrível golpe. Fiquei com ela nessa noite.

"Fiquei deitada muito quieta, esperando que ela chorasse até dormir e pensando se devia chamar o médico para dar-lhe uma injeção. Devia ter sido por volta da meia-noite que ouvi o tal som. Pensei que com certeza era fruto de minha imaginação, de sorte que nem mesmo olhei para minha mãe mas dentro de instantes deixou de chorar. Ouvi de novo o som, desta vez mais alto e mamãe disse: Você está ouvindo o que estou fazendo? Respondi: Estou sim. Disse ela: É o aparelho auditivo de seu pai e o som tornou-se cada vez mais alto até encher o quarto e parecia linguagem de código, como se procurasse transmitir-nos alguma mensagem. Extraordinário era que não parasse. Continuou por uma hora ou mais até que adormecemos.

Acalmou minha mãe como nenhum outro meio conseguiria. Nunca mais o ouvi. Na ocasião o aparelho não estava em nossa casa. Conteí ao meu irmão e ele caçoou, dizendo que devia ter sido o vento, mas era uma noite clara e calma de julho, nem se via uma folha mover-se. Se alguém me houvesse contado não teria acreditado mas de fato aconteceu."

Observam-se estes efeitos em ocasiões em que parece se apliquem a certa pessoa já falecida. Não se trata de qualquer crise para o morto, como os acidentes associados ao moribundo, mas de um que tem significação para o observador vivo.

Nas experiências acima citadas, as pessoas eram bem conhecidas uma da outra. Efeitos incomuns, em geral sons mais do que outras manifestações materiais mais definidas, associam-se por vezes a algum morto desconhecido; em outras palavras, a alguma pessoa falecida a quem o indivíduo vivo não conheceu nunca ou de quem nunca ouvira mesmo falar. Tais sons em grande parte embora nem todos (compreendendo pancadas, ruído de passos, etc.) repetem-se não sendo episódios singulares como os de que tratamos aqui. São efeitos que em geral se incluem na denominação geral de "assombração". Constituem só por si tema de discussão e investigação, que não podemos empreender neste ponto.

Por parte dos vivos

Exemplos em que certa ocorrência inexplicável no ambiente se associa com alguém vivo referem-se menos freqüentemente do que os que se interpretam como interessando a moribundos ou mortos. Talvez se note menos essa associação ou não se julgue significativa. As ocorrências relativas a este grupo são familiares, contudo, porque muitas se assemelham às que se reportam a moribundos ou mortos. Também neste caso aparecem os relógios, variando igualmente os

efeitos. Pouco depois de uma hora da madrugada de 16 de março de 1958 uma senhora do Connecticut acordou sobressaltada. Segundo se lembra, "não sei bem o que me despertou. Saí da cama e fui ao quarto onde dormiam meus dois filhos, e fiquei surpreendida por ver que não estavam deitados. Tinham saído juntos. Voltavam sempre cedo. Olhei para o relógio do quarto. Tinha parado em uma e dez. Fui à cozinha e verifiquei que eram uma e vinte. Pensei então que a súbita parada do relógio me houvesse despertado.

"Então o telefone tocou. Era uma enfermeira do hospital pedindo permissão para encarregar-se do tratamento de meu filho. Explicou-me que só um dos rapazes lá estava, ferido mas não gravemente. Descobri depois que o outro estava em outro hospital, com ferimentos graves, precisando de intervenção cirúrgica. Conforme a polícia e os rapazes sabiam, o acidente se dera a uma e dez da madrugada.

"Quando observei que o relógio tinha parado segurei-o e pôs-se novamente a andar. Não foi preciso dar corda, porquanto já o tinha feito à noite. Este mesmo relógio, despertador barato, ainda trabalha perfeitamente e desde então não parou nunca. Dou-lhe corda sempre na mesma ocasião, quando vou deitar-me."

Em oposição aos que param, há outros que se põem a andar. Durante a Primeira Guerra Mundial um relógio que pertencia a um soldado do exército do general Pershing na França estava em uma prateleira na sala de jantar da casa em New Jersey. Em outubro de 1918 terrível explosão em uma fábrica de pólvora das vizinhanças jogou-o ao chão, ficando desde então parado. A mulher do soldado conta da seguinte maneira a história do relógio:

"Mudamo-nos dessa casa em fevereiro e coloquei o relógio na prateleira da cozinha. A 8 de abril estava sentada em companhia de minha irmã quando o pequeno despertador começou a andar. Minha irmã empalideceu e disse: Aconteceu alguma coisa a Leon.

"Sabíamos então que tinha passado à Alemanha com o exército de ocupação. Um mês depois chegou em casa com os documentos

peçoais datados de 8 de abril de 1919, na Alemanha. Partiu no mesmo instante em que o relógio pôs-se a trabalhar."

Em outros casos é possível que um prato caia ou se quebre, de maneira inteiramente idêntica aos efeitos associados freqüentemente com a morte. Em setembro de 1953, uma senhora do Ohio estava muito absorvida com a lavagem e arrumação de novo aparelho de jantar que tinha recebido. Sabia que a cunhada ia submeter-se a uma operação naquela manhã, mas não havia razão de assustar-se, porque, segundo diz: "A cunhada gozava de boa saúde, tinha uns quarenta e dois anos e estava com a enfermeira, meu irmão e o médico. A operação não era complicada. Lembro-me de ter pensado que devia ser a hora em que Ruth iria para a sala de operações.

"Nessa ocasião chegou o aparelho e fiquei tão encantada como se fosse um chapéu novo. Comecei a arrumá-lo na prateleira perto da pia. Arrumei primeiro as peças menores. Só faltavam os oito pratos grandes que estavam exatamente por baixo do armário. De repente um prato que estava na penúltima prateleira caiu sobre o resto do aparelho. Era um prato antigo de que muito gostava. Tinha estado na prateleira durante quase dez anos. Não costumava usá-lo muito por ser a prateleira alta demais e não costumava utilizar qualquer outro objeto que aí estivesse.

"Observei que tinha lascado dois pratos. Apoderou-se então de mim a impressão mais estranha. Fraquejaram-me os joelhos. Apoei-me a pia e Ruth passou-me pelo espírito. Comecei a chorar, de pé sozinha e depois rezei. Lembro-me de ter dito: Deus, não pode levá-la. Os filhos precisam muito dela. O que lhes acontecerá? Observei que eram quase onze horas.

Fiquei com as mãos na água da pia, chorando e rezando. Lavei os pratos e arrumei-os. Tinha de preparar o almoço para as crianças e levá-los à escola.

"Mais ou menos a uma e quinze o telefone tocou. Era a minha irmã Grace falando do hospital.

"Achei que devia telefonar para dizer que Ruth está bem.

" Fico muito contente porque estava preocupada com ela.

"Depois a irmã disse com a voz entrecortada. Era-lhe difícil prosseguir

"Quase a perdemos. Foi preciso levá-la novamente para a sala de operações e estava quase morrendo. Eram - ‘

"Aí interrompi: Posso dizer-lhe as horas. Eram quase onze horas.

"Grace ficou admirada que eu soubesse. Tinha lançado os olhos ao relógio quando levavam Ruth pelo corredor.

"Ruth tinha sofrido uma cesariana seguida de hemorragia. Na ocasião em que descobriram que estava em estado de choque o pulso estava muito fraco e a pressão baixa. O médico tinha ido para o clube de golfe, meu irmão voltara para o escritório a mais de 25km de distância; e não havia sangue no hospital para transfusão do tipo de Ruth. Por acaso o de jovem ajudante de enfermeira era do mesmo tipo. Deu a transfusão."

Ainda outras ocorrências inexplicáveis trazem mensagens. Uma noite em Arkansas explodiu a lâmpada do quarto em que um casal dormia. Diz a mulher: "..com um barulho que nos acordou sobressaltados. Tinha feito bastante frio e não víamos qualquer motivo para o fato. Disse: Deve ter acontecido algum acidente a alguém de casa. Tinha absoluta certeza. Minha irmã morava em frente e quando a vi contei-lhe o que tinha acontecido. Nesse dia de nada soubemos. Nem no dia seguinte - de sorte que meu marido e ela começaram a zombar de mim. Também me pus a duvidar. Depois soubemos. Naquela noite, naquela hora, a grande casa da fazenda do meu irmão fora consumida pelo fogo. A família escapou por um triz. A causa do incêndio foi instalação elétrica defeituosa. Tinham ficado demasiadamente consternados para dizer-nos."

Como seria de esperar, mesmo os efeitos elétricos variam. Jovem senhora, esposa de um juiz "de linha", estava com os filhos em uma noite de 1945. O marido estava fora da cidade. "Os filhos já estavam dormindo há muitas horas", diz ela. Depois de algum tempo também resolvi deitar-me. Estava na cama há poucos minutos quando a

lâmpada do cômodo da frente acendeu. Naturalmente fiquei petrificada, imaginando que alguém tivesse se introduzido na casa sem que eu percebesse. Examinei toda a casa. As crianças ainda dormiam e não encontrei pessoa alguma. Fui então examinar a lâmpada para verificar se tinha algum defeito. Sacudi-a, bem como o fio e o globo, mas nada aconteceu. E a única maneira de apagá-la era girar a chave da maneira que fizera quando fui deitar-me. Repeti várias vezes o processo, sempre com o mesmo resultado. Comecei então a preocupar-me com o que talvez tivesse acontecido a meu marido ou a minha mãe. Como não dispunha de qualquer meio de verificação, vi-me forçada a convencer-me que nada havia a fazer senão esperar.

"Não foi preciso esperar muito, porque às cinco da manhã a campainha da porta tocou e lá estava meu marido com todo o equipamento de "juiz de linha", mas sem carro. Vinha para casa quando os freios deixaram de funcionar e esbarrara em outro carro. Andara a noite inteira, procurando tomar passagem em algum carro até que entrou num bonde.

"Digamos de passagem, a lâmpada ainda está em uso, e nunca mais aconteceu o que contei. Tudo está nas mesmas condições, exceto naturalmente a mudança de abajur ou do bulbo. Explique se puder. Tem-me preocupado até hoje."

Também figuram nestes grupos pancadas inexplicáveis. A 25 de maio de, 1952, uma senhora soube que um cunhado fora gravemente machucado em um acidente de automóvel, estando num hospital. Conforme conta: Durante um ou dois dias eu e o marido estivemos no hospital o tempo que pudemos.

"Meu marido ficou durante a primeira noite e eu em parte do dia seguinte. Ele teve de ir para casa mais cedo para repousar um pouco. Cheguei de noite e acordei-o. Ele foi ao banheiro fazer a barba. Fui diretamente para a cama. Dentro de poucos instantes ouvi três pancadas que me assustaram. Levantei-me e corri para perto de meu

marido, que me perguntou do que se tratava e disse-lhe. Eram cerca de 10 horas da noite.

“Assegurou-me que não havia nada de mais, que talvez estivesse uma telha solta no telhado ou eu tivesse dormido e sonhado. Isto me satisfez e estando muito cansada voltei para a cama e adormeci. As dez e quinze ele foi para o hospital. Só me disse quando voltou que também ouvira as pancadas na porta entre uma e duas horas. Quando estava diante do espelho fazendo a barba ouviu três pancadas na janela do banheiro”.

"Quando chegou ao hospital mais ou menos as 10 e 20 a enfermeira disse-lhe que o irmão piorara, uns 15 ou 20 minutos antes, exatamente no momento em que ouviu as três pancadas. O irmão faleceu na noite seguinte às dez horas.

“A casa tem um alpendre nos fundos e o telhado deste cobre também o banheiro, de sorte que não era possível ter o vento jogado qualquer objeto contra a janela. A casa era isolada, ouvindo-se mal qualquer ruído do primeiro para o segundo andar, de sorte que acho difícil termos ouvido as mesmas pancadas”.

“Se somente eu tivesse ouvido as pancadas, não teria prestado atenção por estar tão cansada e talvez cochilando, mas meu marido estava bem acordado e teve a mesma experiência”.

"Meu cunhado não recuperou perfeitamente os sentidos desde o acidente, sendo incapaz de manter uma conversa. Rezava, chamava pela mulher ou murmurava. Na ocasião em que ouvimos as pancadas ele não estava consciente, talvez mais em delírio do que em coma, penso eu."

Quando se passam em revista estes três grupos, não se encontra linha nítida de separação entre os casos que se relacionam com moribundos e mortos por um lado e com os vivos por outro. Ao contrário, é possível encontrar para todos um denominador comum: isto é, uma crise. Mais do que isto, uma linha de diferenças nas circunstâncias das crises nos três grupos separa os mortos dos vivos e moribundos ao invés dos moribundos e mortos dos vivos. Nos grupos

de moribundos e dos vivos a crise, seja morte ou outra qualquer, é partilhada por pessoas ligadas emocionalmente. Embora uma pessoa fique afetada em primeiro lugar, é preciso não esquecer que o observador se encontra também bastante afetado. A crise da outra pessoa é também dele.

No grupo dos mortos, contudo, conforme observamos, o evento ocorre em momento crítico para o observador vivo que se encontra ainda emocionalmente ligado àquele. Ignora-se, sem dúvida, que o momento é crítico para o falecido, ou que ainda persista a relação emocional anterior com o observador vivo. O denominador comum de que se pode ter certeza, portanto, não é só a crise, mas uma crise do observador.

Naturalmente é o observador que associa o evento à outra pessoa, que em geral é alguém que pertence ao círculo de suas relações pessoais íntimas. Conforme observamos anteriormente, assim faz por dois motivos. Primeiro porque não encontra qualquer explicação comum para a ocorrência: o relógio não estava sem corda, o prego não saiu da parede quando o quadro caiu. Em segundo lugar, deu-se em ocasião que se lhe afigurava significativa.

A maneira cética de encarar é que havia uma causa ordinária que não se percebeu, acontecendo que a ocorrência coincidiu com a hora da crise distante. Contudo, se fosse real a falta de causas familiares e comuns, as ocorrências seriam causadas por alguma outra força ou influência. Se esta atuasse significativamente de sorte a trazer certa mensagem, a ocorrência contribuiria para que o indivíduo adquirisse informações significativas a respeito do mundo. Conforme esta hipótese, as ocorrências trariam informações, exatamente como acontece com experiências de PES, sendo que aquelas ocorreriam de maneira objetiva, enquanto estas obedecem a processos subjetivos.

Até que ponto, a pesquisa mencionada anteriormente quanto ao "espírito sobre a matéria" ou PC, vem em apoio dessa possibilidade? É sugestiva, mas ainda se encontra em estágio demasiadamente primário para ir mais longe do que isto. Até agora somente se

observou PC em objetos já em movimento. Têm-se utilizado quase sempre cubos (em geral dados) mas em diversas pesquisas conseguiram-se resultados empregando discos ou esferas (moedas e bolinhas de vidro).

Em geral os resultados revelaram que a "vontade" do indivíduo pode produzir efeito sobre estes objetos quando em movimento. Quanto à energia total em causa os resultados foram reduzidos, mas passíveis de medida definida. Quanta a isso, as centelhas do aparelho de Franklin também eram pequenas comparadas à energia elétrica das trovoadas. Atualmente, as experiências de PC podem comparar-se às de Franklin, mas têm-se realizado tantas pesquisas diferentes que se pode considerar firmada a realidade do efeito.

Não é fácil ver exatamente como PC pode ser a causa dos efeitos observados nos casos de relógios que param ou quadros que caem nas ocasiões de crise. Todavia, sabemos pelo menos que em experiências de PC não se produz somente efeito material objetivo. Está também em causa influência mental subjetiva, ou, pelo menos, o efeito reveste-se de aspecto subjetivo. No mundo material, todas as faces do dado são iguais. E simplesmente um cubo, e os cubos não conhecem os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Números são conceitos mentais e no processo de PC o mental e o físico devem ter-se combinado de certa forma para produzirem o resultado desejado, como quando se tratava de fazer com que certa face aparecesse virada para cima. De igual maneira, para a produção de qualquer dos efeitos físicos que coincidem com as crises, quando consideradas conforme relatadas, seria necessária certa combinação de força material com inteligência.

Impõe-se a necessidade de muito mais pesquisa de maior alcance quanto a PC. Até agora, por exemplo, não se conhece o efeito da distância sobre PC. Sabemos que a distância não limita PES (e PC e PES são fenômenos intimamente relacionados). Realizaram-se muitas experiências de PC até distâncias de quase 25 metros, sugerindo, dessa forma, que tal distância não é inibidora, mas será necessário proceder à investigação muito mais ampla para ter certeza.

Igualmente se ignora se PC ocorre sem a volição consciente da pessoa que a exerce. Embora se saiba que PES é operação inconsciente, em todas as experiências de PC realizadas até agora o sujeito ou pessoa responsável pelo efeito não só percebe a queda do dado mas dispõe-se resolutamente a querer que caia por certo modo. Embora não percebe se o esforço foi bem sucedido até ser possível observar o resultado, ninguém sabe se produziria qualquer efeito independentemente da vontade dele.

Nos casos que estamos considerando, surge pergunta comparável à que ficou sem resposta quanto à telepatia. Aqui também duas pessoas estão em causa. Trata-se de saber, caso exista PC, qual a pessoa que a exerce: a que observa a ocorrência e está relativamente perto ou a que está distante, sofrendo em geral a crise? É esta que tradicionalmente se supõe ser o agente. Contudo, a priori, qualquer das duas ou ambas poderiam exercer o efeito PC.

Como neste caso o observador tem geralmente maior importância do que a outra pessoa, é de notar que, se a ele cabe a iniciativa, representa o papel sem ter absolutamente consciência ou sem que suspeite. Se o evento coincide com uma crise na experiência de alguém vivo ou moribundo, em geral o observador somente poderia ter conhecimento da crise por meio de PES. Contudo, conforme sabemos, as crises de amigos e parentes são recolhidas especialmente por meio de PES, embora nos casos de PES se expressem em sonhos, intuições e alucinações. Chegamos assim à sugestão que estes efeitos materiais ou motores seriam simplesmente outra maneira de exprimir-se ou registrar-se mensagem de psi.

Suposições tão exageradas como estas se afiguram a princípio quase fantásticas; ultrapassam os fatos estabelecidos. Mas somente o tempo pode dizer se vão longe demais. Somente será possível conseguir o conhecimento que lhes venha em apoio mediante experimentação cuidadosa, fidedigna, repetida e confirmada como se deu com os fatos agora firmados a respeito de PES.

15

Comunicações do além?

Algumas experiências de psi renovam repetidamente uma das perguntas mais antigas e mais relevantes para o homem. Consiste em saber qual o destino da personalidade humana. Viverá depois da morte alguma parte do homem? Certas experiências de psi sugerem resposta afirmativa. Realmente, a idéia de vida post mortem viu-se reforçada pelas ocorrências "psíquicas" que sugerem atuação de pessoas desaparecidas. Atualmente a idéia é mais comum como parte da religião: a doutrina da imortalidade.

Como doutrina religiosa, aceitou-se amplamente a imortalidade baseada tão só na autoridade. Pouco atenção lhe tem dispensado, comparativamente, o espírito científico, apesar do progresso do conhecimento em outros setores dos negócios humanos. Nesta época moderna de maneiras de pensar e padrões científicos, será preciso ponderar cuidadosa e criticamente as provas em apoio desta questão, exatamente como tem acontecido com outros temas importantes para a humanidade. Dentre os diversos aspectos dessas provas, somente uma aqui nos interessa - a que se compõe de experiências de PES.

Inúmeras experiências pessoais, contudo, que têm sido consideradas como implicando em sobrevivência da personalidade após a morte, não permitem prova objetiva, única que é possível utilizar como dado em investigação científica. Tais experiências podem ser muito claras e convincentes para o indivíduo a quem ocorrem, mas não mostram ser impossível explicá-las segundo os processos psicológicos do próprio indivíduo. Sob a tensão da privação e da necessidade pessoal, um indivíduo pode sentir a presença do morto, sonhar claramente com ele ou vê-lo em "visão". Mas, se a experiência não lhe proporciona qualquer informação

objetiva; em outras palavras, se não se apresenta como compreendendo psi, não terá interesse para a questão em foco.

As experiências de psi que se revestem de importância neste caso são aquelas em que o morto proporciona informações objetivas. A pergunta que tais casos levam a formular é se as mensagens são o que parecem: comunicações de um mundo do além. A resposta afirmativa seria também afirmativa para a pergunta mais ampla da sobrevivência após a morte. A resposta negativa não satisfaria necessariamente.

Jovem americano da Força Aérea na Segunda Guerra Mundial teve certa experiência que lhe proporcionou prova objetiva. Tinha entrado para o serviço alguns anos depois do falecimento da progenitora, sendo agora artilheiro da cauda de um B-29. Tinha voado em missões sobre a Europa e, certa noite voltava para a base depois de terminar uma missão de bombardeio. Toda a tripulação estava dormindo, menos os pilotos quando viu a mãe de pé na extremidade de uma asa do avião. Trazia um vestido branco flutuante e chamava-o pelo nome, avisando-o de perigo. Pedia-lhe que acordasse pois o perigo estava muito próximo. A voz parecia vir de longe e ecoava no sonho - entretanto era tão realista que acordou para ver um avião alemão de combate voando diretamente por cima do B-29 e fora da visão dos dois pilotos. Como o resto da tripulação estava dormindo, ninguém sabia que o inimigo ali estava. O artilheiro acordou os companheiros e fizeram bater em retirada o avião inimigo, sem que causasse qualquer dano. Ficou convencido que se não fosse o aviso por parte da mãe, nem ele nem os membros da tripulação teriam escapado.

Experiências desta natureza, quando consideradas seriamente, significam que o morto, de certa maneira "lá" estava. Mas a descoberta da capacidade de psi complicou a interpretação dessas experiências. Prejudicou igualmente parte da prova que anteriormente se julgava ter importância para a questão. Tal prova compreende experiências que ocorrem antes ou na ocasião da morte, como no caso de certa mulher da Pensilvânia. Acordou certa noite de sonho

simples mas perturbador. Eram quatro horas da madrugada quando acordou, mas o sonho era tão claro e perturbou-a de tal maneira que não pôde mais conciliar o sono. O sonho, diz ela, consistia simplesmente em ter-lhe aparecido à prima Lucile que lhe dizia ter de ir embora.

" Como, Lucile, você diz que vai abandonar o marido e os filhos?

"Disse que sim. Perguntei-lhe para onde ia, mas desapareceu da porta. Era como se alguém me houvesse acordado e levantei-me, perfeitamente desperta.

"Mais tarde, nesse mesmo dia, chamaram-me para dizer que Lucile que, tanto quanto podia eu saber, gozava de perfeita saúde, tinha tido um ataque e estava inconsciente. Assim ficou até morrer naquele mesmo dia.

"Senti como se estivesse falando com os mortos. Fiquei consternada. Estou certa que a prima queria comunicar-me que estava para morrer."

Por mais significativas que sejam experiências dessa natureza, tem-se de reconhecer que não nos dizem o que acontece depois da morte, porque a pessoa, mesmo quando na crise final, ainda estava com vida. É necessário, portanto, para ter prova definitiva, procurar casos que compreendam mortos.

Experiências em que apareça alguém já falecido são comparativamente raras, mas referem-se bastante freqüentemente para que formem dados para estudo. Verificam-se sob formas diversas. São talvez as mais freqüentes os sonhos não realistas como o do artilheiro acima referido. Conforme vimos no capítulo precedente, às vezes ocorrências materiais se associam à pessoa morta. A forma alucinatória também por vezes se apresenta, como experiência auditiva ou visual. Embora a primeira seja mais freqüente, a última (nos últimos tempos muito raramente referida) é entretanto a que se menciona mais.

Possível exemplo de alucinação visual ocorreu em certa família do Ohio há alguns anos. As filhas de um casal dormiam em um único

quarto em camas diferentes. Uma noite, Mary, de dez anos de idade, acordou a mãe no quarto vizinho queixando-se que a irmã mais velha, Nancy, estava de pé ao lado do leito dela sem querer afastar-se. A mãe foi ao quarto das filhas e viu Nancy dormindo na própria cama, e pensou que Mary estava inventando histórias. Dentro de algum tempo Mary voltou a acordar a mãe. Nancy estava de pé junto ao leito dela e não respondia quando lhe dirigia a palavra. De novo a mãe foi ao quarto e viu Nancy adormecida. Durante toda a noite Mary ficou falando com Nancy pedindo-lhe que fosse para a cama.

Na manhã seguinte, como era costume, todos se levantaram, deixando Nancy dormir porque era fraca e precisava de um pouco mais de descanso. Mais tarde, quando chegou à ocasião de fazer as camas, a mãe chamou-a e como não obteve resposta, aproximou-se e descobriu que a filha estava morta. U médico achou que ela devia ter morrido pouco depois de deitar-se.

Com o passar dos anos tornaram notórias as alucinações visuais em relação aos mortos. Sob as denominações de fantasmas, espectros ou aparições revestiram de aura misteriosa muito exagerada. Tanto se tem discutido a sua origem psicológica e a ciência por sua vez tem relegado tanto para o reino de pura imaginação ou superstição, que se tomaram tema de ficções exageradas e confusas. Nas mãos de autores imaginosos, a idéia de fantasmas e aparições tem conduzido a tais vôos desenfreados de imaginação que esses vocábulos tomaram significados que não se ajustam bem à discussão objetiva e realista como a que estamos fazendo. Ao contrário dos fantasmas sombrios da ficção, as figuras "vistas" em alucinações visuais de psi são, como nos casos acima citados, inteiramente realistas. Raramente demonstram a fantasia ou a dramatização que caracteriza em geral as experiências dos sonhos. O morto aparece como o conheceram em vida e trazendo vestes como seria de esperar usasse.

Sem levar em conta a forma pela qual se apresentam os mortos nestes casos, elas não diferem das que não implicam em sobrevivência do espírito. Neste particular, é evidente que as formas,

como tais, não distinguem nem indicam se o morto realmente representou certo papel. Quanto à questão de forma, o vivo poderia presumivelmente tê-la produzido, exatamente como em qualquer outra experiência de PES.

Se, portanto, a forma não é a resposta, será preciso considerar vários outros aspectos das experiências por meio dos quais fosse possível conseguir elementos para formular o julgamento. Um deles talvez fosse a fantasia utilizada. Em algumas formas - especialmente em sonhos - é detalhada e abundante. Poder-se-ia encontrar aí prova da influência dos desencarnados?

Todos os sonhos significativos para esta investigação encontram-se na categoria dos não realistas porquanto alguém que morreu neles aparece, não fazendo mais parte da "vida real". Verifica-se, contudo, que a fantasia utilizada varia exatamente como em outros sonhos não realistas. Em alguns casos é irreal e semelhante à fantasia, como no caso do artilheiro cuja mãe lhe apareceu na ponta da asa do avião em vestes brancas flutuantes. Em outras experiências, pode encontrar-se forma muito mais mundana e realista de fantasia, que ainda não é, sem dúvida, verdadeiro realismo. Certa senhora da Pensilvânia teve experiência destas. O pai morrera cinco anos antes ao visitar um parente de nome Howard, de quem era muito amigo. Uma noite ela sonhou que o telefone tocava e que pulava da cama para atender. Diz: "Uma voz que reconheci imediatamente como a de meu pai disse: Alô, é você, Alice?"

" Sim, papai! Onde é que está?"

"Respondeu com voz feliz e alegre: Aqui. Chamei para dizer-lhe que estamos esperando Howard a cada momento. Ficaremos satisfeitos em vê-lo, mas tristes pelos que deixou lá.

"Depois, mudando de tom, disse: Como estão Billie e Jane? (Meus dois filhos.) Interrompeu-se a ligação, mas acordei e fiquei grandemente perturbada. Não parecia sonho. De sorte que escrevi ao meu irmão contando, e quando ele e a mulher estavam lendo a minha

carta, receberam um telefonema comunicando que Howard falecera em um hospital de Pittsburgh. Não sabia que estivesse doente."

Entre os sonhos de PES não realistas não é incomum que o indivíduo fique dramatizado como se estivesse presente, sendo freqüentes conversas que dão informações a quem está sonhando.

Contudo, quando a pessoa representada como presente está viva, é inconfundível a dramatização do sonho, e a pessoa não participa realmente, apesar da experiência parecer convincente a quem sonhou.

Certa senhora de Londres sabia que o marido, artilheiro, estava gravemente doente em um hospital da Itália. Conforme conta: "Uma noite tinha ido deitar-me, em companhia de minha irmã, e meu último pensamento foi uma oração pelo meu querido. Não sei dizer quanto tempo dormi, mas de repente pareceu-me estar inteiramente acordada, vendo, espantada, meu marido sentado ao lado de minha cama. Parecia extremamente doente mas balançava o corpo como se estivesse em um ônibus ou em algum veículo que se movesse rapidamente. Tinha o chapéu na cabeça, um pouco inclinado para um lado, como se não tivesse podido colocá-lo direito, tendo-se vestido às pressas. Olhou-me de tal maneira que não há palavras para descrever e chamou-me por um nome carinhoso que costumava usar. Disse para minha irmã: Eva, Eva, Artur morreu. Eu o vi.

"Procurou consolar-me e alguns dias depois recebemos comunicação que tinha sido removido para a França sem que houvesse esperança de salvá-lo. Salvou-se, porém. Quando chegou em casa perguntei-lhe em que momento tinha sido transferido e se estava vestido conforme descrevi. Disse: Isso mesmo. Exatamente. Tinham sofrido pesado bombardeio e viram-se forçados a abandonar o acampamento apressadamente. Eu disse então: Em que você estava pensando? Respondeu: Agradei a Deus porque ficaria mais perto de você. À proporção que formulava estes pensamentos, vi-o realmente como estivera até mesmo tendo um só botão na camisa e sem gravata. Também isto ele disse que estava certo. Minha irmã pode confirmá-lo."

De concluir, portanto, que a fantasia variada em que se exprimem os papéis dos mortos nesses sonhos não realistas não ultrapassa os limites da fantasia comum dos sonhos, quando não participam deles os mortos. Não se pode, só por isso, supor que os mortos tenham participado, seja o sonho não realista, como no caso do artilheiro, seja realismo simulado, como na conversa pelo telefone.

Todavia, por outro lado, não é possível dizer que o morto não tomou parte nessas experiências. Talvez por algum meio obscuro provocou o sonho. Afinal de contas, seria de presumir desejasse tornar conhecido a quem teve o sonho o teor respectivo.

Quando prestamos especialmente atenção ao teor dessas experiências, sejam sonhos, sejam quaisquer outras formas, verificamos que é de diversas espécies. Uma das mais comuns poderia chamar-se de informação geral. Tal a mensagem da conversa pelo telefone, acima referida. Neste caso, a informação não foi solicitada, como se poderia dizer, mas mesmo que viesse como em resposta a pedido ou necessidade direta, nem por isso o morto deixa de representar papel ativo. Um rapaz de Los Angeles, depois do falecimento da mãe, achou que herdara não só o que lhe pertencia mas também algumas das obrigações humanas. Entre estas contava-se uma conhecida dipsomaníaca a quem ela havia dado ajuda e conselhos. Conforme ele diz: "Inúmeras vezes, já tinha perdido a paciência porque bebia e tinha outras fraquezas mais. Agora havia desaparecido depois de ter sido despedida da casa de uma família rica para a qual trabalhava.

"Tarde da noite, depois de ter notificado a polícia, estava sem saber o que fazer repousando por alguns instantes apoiado à balaustrada em torno do gramado do City Hall. Sem pensar, disse em voz alta: Bem, mamãe, fiz o que pude para encontrá-la e agora já não sei onde procurá-la. Tenho muito receio que ela se suicide, pensando que todas as amigas a abandonaram agora que você se foi. Logo depois ouvi muito distintamente minha mãe dizer: Como, Dick?! Ela está ali mesmo naquele pequeno hotel.

"Não fiquei impressionado ou com medo. Levantando os olhos, vi o pequeno hotel a um quarteirão de distância. Perguntei na portaria pela Sra. B. Estava registrada lá e veio imediatamente, pálida, mostrando ainda ter estado a chorar. Vi que estava resolvida a matar-se. Dick, como foi que conseguiu descobrir-me ainda a tempo? perguntou. Disse-lhe que minha mãe tinha indicado e ela sorriu e bateu com a cabeça, como se o soubesse. Tinha procurado desaparecer das vistas de todos e ninguém poderia saber onde se havia metido depois de ter sido despedida da casa onde trabalhava."

As mensagens dos mortos trazem muitas vezes aviso de perigos e informações para os vivos, como no caso da mãe do artilheiro. Comumente a presença do morto parece muito real, e observam-se detalhes que, longe de serem elementos do consciente, se encontram no nível mental das "lembranças esquecidas". Uma senhora, da Califórnia, comerciante e dona de casa, sentindo-se exausta, viu certa noite que precisava de um lugar tranqüilo de refúgio, longe das interrupções e confusões de casa. Diz ela:

"Tinha um bom livro e voltei para o escritório na fábrica em busca de paz e tranqüilidade. Depois de mais ou menos uma hora senti de repente intensamente a proximidade de meu pai, embora tivesse morrido há dez anos. Cheguei mesmo a ver-lhe as mãos expressivas e, acima de tudo, o relógio de corrente curta, - à moda antiga, que não usara muitos anos antes de morrer. Ouvi-lhe também a voz empregando o meu apelido de criança dizendo: Girlie, sai daqui depressa. Saí rapidamente e estava no carro de volta para casa quando imaginei com que obediência imediata tinha agido.

"Na manhã seguinte, quando abrimos a fábrica vimos que alguém havia entrado e com um machado pesado, dos que se usam para abrir as carcaças dos bois, fizera uma série de aberturas em lugares onde seria possível encontrar dinheiro, estando tudo também muito danificado. Conforme disse o guarda noturno, que me havia visto entrar e sair, o assaltante devia ter entrado entre a minha saída e a

volta seguinte que ele deu, quando viu um carro partir da entrada dos fundos.

"Recapitulando, não podia lembrar-se de coisa alguma que me trouxesse ao espírito meu pai naquela noite, nem justificar o sentimento bastante positivo que tive de estar ele avisando-me em pessoa."

E digno de nota que tais avisos provêm geralmente de um morto como o pai, a quem o vivo procurou no passado pedindo auxílio ou proteção. É bastante possível que a antiga orientação persista em níveis inconscientes, que essa pessoa autoritária seja símbolo dramático de impressão clarividente ou precognitiva, mais do que comunicação do morto.

Lembrei-me recentemente desta possibilidade devido a uma experiência própria, que não implicava em psi. Na aflição de um pesadelo, - evidentemente próximo do estado de vigília - defrontei-me com terrível ameaça e lutei pedindo auxílio. Afinal achei a voz e despertei gritando o meu apelido de infância para meu pai que morreu há quinze anos e de cuja presença protetora já estou privada há quarenta anos. O velho hábito, agora muito abaixo do nível consciente, ainda se afirmava.

Contudo, se em tais casos percebesse o perigo extrasensorialmente a própria pessoa viva, a maneira de projetá-los como provindo de protetor morto afigura-se extremamente indireta. Se, por outro lado, o morto ainda percebesse a situação de vida, seria quem desse o aviso, e assim a explicação seria mais direta. Tais questões, contudo, não se podem resolver formulando hipóteses. Tem-se de reconhecer que em estimativas semelhantes do que parece ou mais ou menos direto pode acontecer que se sofra a influência do remanescente cultural dos dias que precederam PES. Por enquanto é demasiado cedo para dizer se o aspecto aparentemente indireto de uma interpretação constitui argumento contra ela.

Assemelham-se grandemente aos casos de avisos aqueles em que parece vir o morto em auxílio de certo modo a alguém por quem em

vida sentia responsabilidade. Na Califórnia, em 1947, um rapaz morreu de repente de pneumonia, sete semanas depois do casamento. A jovem esposa ficou inteiramente prostrada, não só devido ao choque mas também por causa das preocupações financeiras de que não tinha bastante experiência para tratar. Entre outras questões, a morte ocorrera tão subitamente que ele não tivera tempo para fazer a transferência do seguro para ela; estava preocupada com as despesas de hospital e de enterro e ignorava se a mãe dele, que receberia os seguros avultados de duas apólices, pagaria ou não as contas.

Depois do enterro arrumou e guardou todos os objetos caseiros. Durante a arrumação encontrou pequeno saco preto que não havia visto antes. Achou que devia examiná-lo quando tivesse mais tempo.

Seis semanas depois acordou muito cedo certa manhã - o suficiente para ouvir vagamente o ruído do tráfego na rua. De repente pensou que estava de pé na porta da frente. O marido apoiava-se ao tronco de uma árvore a alguns metros de distância. Sem dizer palavra, apontou para o primeiro degrau: lá estava o saquinho preto. Nisso ficou o sonho.

Tentou esquecê-lo mas ficou-lhe no espírito até que resolveu procurá-lo. Achou-o cheio de apólices de seguro de vida todas tendo caducado há uns cinco anos. Eram talvez umas doze. Punha-as de lado, à proporção que as examinava até que chegou a uma. No instante em que a segurou soube que seria importante. Tinham decorrido cinco anos desde que vencera o último pagamento, mas achou que devia continuar a investigar. Telefonou para o escritório da companhia e soube que era possível pagar o prêmio mesmo depois da morte e como não indicava o beneficiário, ela receberia a importância do seguro. Recebeu-o com juro. Se a morte tivesse ocorrido 18 dias depois, a apólice não teria mais valor. Se não fosse o sonho, talvez decorressem meses até que descobrisse esta apólice, porque passou quase um ano sem mexer no que tinha guardado. Em tais casos, como acontece nos avisos, a relação entre o morto e o vivo é recíproca: o

morto teria desejado ajudar o vivo, e era aquela uma das pessoas para quem este se voltaria em ocasiões de necessidade.

Vamos passar a considerar agora um grupo de casos em que as mensagens são inteiramente diferentes. Em lugar de avisos ou auxílio aos vivos, o morto parece estar assegurando que continua a existir. Poder-se-ia denominá-los de "mensagens de identificação". Uma mulher da Pensilvânia conta-nos o que lhe aconteceu na noite que se seguiu à morte do avô. Assim o relata: "Era fanático pelo café. Vivia de café. Quando chegava à casa de qualquer pessoa, sabia-se que era preciso esquentar o café, senão ele o esquentaria.

"Em nossa casa reunimo-nos na cozinha porque gostamos de sentar em roda da mesa para tagarelar. Naquela noite algumas pessoas entravam e saíam, mas os filhos estavam reunidos em roda da mesa da cozinha com as xícaras de café. Automaticamente a tia Lois começou a preparar o café. Durante anos meu pai tinha feito café naquele bule; era um coador com o fundo de louça. Quando derramou a água fervendo por cima, o coador separou-se num pulo da parte inferior e caiu longe estrepitosamente. Ficaram todos pasmos. Lois juntou novamente as duas peças, mas o mesmo aconteceu outra vez. Não foi possível preparar café nesse bule até enterrar-se o avô."

Em casos como este se tem de interpretar que o morto está indicando ao vivo ter sobrevivido. Mas, se implicar em algum elemento de psi, neste caso PC, ter-se-ia de saber se o vivo ou o morto a exerceu. Sabemos que, embora o morto se interesse por assegurar ao vivo que sobreviveu, o vivo tem também interesse nessa afirmação.

Em qualquer caso, independentemente do teor da experiência, não se encontram indicações indiscutíveis quanto ao papel que o morto representou nessas experiências. Dir-se-ia ainda que o vivo deu certamente forma à experiência de acordo com a respectiva capacidade para PES, e que por enquanto não podemos dizer se o vivo foi o único autor dela. Mas, se um ou outro fosse responsável, ainda seria de perguntar qual dos dois. Será preciso, portanto,

examinar os motivos de cada parte interessada. Motivos fornecem indícios. Os detetives os utilizam constantemente quando procuram decidir entre suspeitos. Vejamos o que revelam em tal mistério.

De quem o motivo?

Os detetives têm de estabelecer um motivo nos suspeitos, ou mostrar que o motivo de um foi mais forte do que o de outro. Neste caso trata-se do seguinte: teria a própria pessoa viva produzido a experiência? Em muitos exemplos, pode supor-se para começar, que os dois, tanto o vivo como o morto teriam algum interesse na mensagem. Trata-se de saber se realmente o interesse do vivo pode presumir-se bastante forte para justificar a experiência. Sem dúvida, a ninguém é dado fazer uso de hipóteses a respeito do morto como argumento, visto ser necessário estabelecer qual o papel que este representa.

Conforme vimos, muitas experiências dessa espécie compreendem duas pessoas intimamente relacionadas, que seria de presumir estivessem igualmente interessadas na questão da sobrevivência do falecido. Certa moça do estado de Nova York viu-se envolvida num caso destes, em experiência na qual as explicações comuns não satisfaziam, e que, portanto, afigurava-se mensagem do falecido pai, experiência de PC. A história é a seguinte:

"Meu pai morreu em 1946, com setenta anos de idade. Sempre esperei que houvesse vida após a morte, mas sentia certa dúvida no espírito quando a mim mesma perguntava como poderia ser. Contudo o que se passou há dois anos no último verão não me deixa agora qualquer dúvida no espírito, quanto à vida eterna.

"Vivo em companhia de minha mãe desde a morte de meu pai, e alugamos quartos para aumentar um pouco a nossa renda. Certa manhã eu e mamãe estávamos sós em casa, sentadas à mesa da cozinha. A porta da adega, que dá para uma pequena entrada entre a cozinha e o vestíbulo da frente, estava completamente aberta em direção ao vestíbulo. As janelas do primeiro pavimento na frente da casa estavam fechadas bem como a porta da frente.

"Discutíamos problema sério de uma das irmãs mais velhas na ocasião e eu tinha em mente dizer, Se papai fosse vivo, o que diria neste caso? Pronunciei a primeira parte da frase mas antes de completá-la, a porta da adega bateu com tal estrondo que nós duas pulamos das cadeiras.

"A princípio ficamos muito assustadas, porque é preciso empurrar com bastante força a porta da adega para fechá-la no verão, quando tudo fica muito úmido. Não ventava naquele dia, e teria sido necessário verdadeiramente um furacão para fechar a porta, entrando pelas janelas do andar superior que estavam abertas, porque a escada se encontra à direita do vestíbulo e a ele paralela. A escada, a meio caminho tem uma volta, subindo em direção contrária, mas fechada por uma parede do vestíbulo. Qualquer vento que viesse da copa ou da adega, cujas janelas estavam abertas, impeliriam a porta para abrir e não para fechar. Na ausência de qualquer corrente de vento, era impossível imaginar como a porta se fechara. Depois lembrei-me das palavras que havia pronunciado em relação a meu pai e nós duas sentimos que devia estar perto e não mais ficamos assustadas.

"Alguns minutos depois, começamos a falar novamente a respeito de minha irmã e inadvertidamente, sem imaginá-lo conscientemente, pus-me a repetir a mesma frase. Um segundo depois de ter dito Se papai estivesse vivo caiu à cortina da cozinha. Sem dúvida, a cortina podia ter caído por si, mas tal se deu exatamente depois de ter batido a porta, e em seguida às mesmas palavras a respeito de meu pai. Acho que era a maneira que ele tinha de dizer que estava vivo."

Evidentemente, quando são recíprocas as relações, não se pode julgara motivação de ambos como decisivamente diferente. Às vezes são mesmo idênticas, quando as duas pessoas são conhecidas casuais: se têm, por exemplo, interesses semelhantes. Tal a situação de certo inglês, minha amizade pessoal. Tinha um amigo, o Sr. D., que se interessava igualmente por assuntos científicos e às vezes trocavam livros entre si. O meu conhecido, o sr. W., emprestou ao sr. D. uma obra de pesquisa psíquica. Nele se encontrava a história de dois

amigos que combinaram quem morresse primeiro procuraria comunicá-lo ao outro de qualquer maneira. Na história um dos amigos observou uma noite que o lustre por cima da secretária estava oscilando e depois lhe informaram que o outro havia morrido naquela ocasião.

Conforme o sr. W. conta: "No domingo, 29 de maio de 1932, fui à igreja pela manhã e ao sair meu amigo chegou e disse: Vim trazer-lhe o livro, Herbert. Perguntei-lhe o que pensava do volume. Respondeu: Achei-o bem bom. Ao que respondi: Sim, mas aquela história a respeito do lustre que oscilou é um pouco difícil de engolir, porque, embora me interessasse pela ciência psíquica, sentia dificuldade em acreditar que forças psíquicas movessem objetos materiais.

O sr. D. morreu de repente dentro das 24 horas seguintes. O sr. W. recebera comunicação do falecimento somente uma hora antes, quando, na noite de 30 de maio.

"Estava de pé diante da penteadeira (mais ou menos às 6 horas da manhã) quando ouvi um estalo e, olhando em roda, vi os dois interruptores em forma de pêra que pendiam do teto sobre a cama oscilando de um lado para o outro e encontrando-se dando o estalo.

Em repouso os dois ficam a uns 15cm de distância um do outro. Tentei uma explicação natural batendo portas, etc., mas nada que fizesse provocava neles mais do que tremor imperceptível. Tenho grande prevenção com explicações psíquicas, mas parece-me que seria a maneira única de explicar os fatos desta ocorrência."

Que dizer dos motivos comparáveis ou interesse dos dois, em ter algum sinal do "além"? Neste caso deve supor-se o interesse do vivo não menor do que o do morto.

Às vezes implica em terceira pessoa, manifestamente o mais diretamente interessado na mensagem. Poderá estar igualmente relacionada às outras duas ou, mais significativamente em nossa investigação atual, alguém mais íntimo do morto do que o observador vivo.

Larry e Violet, jovem casal de Nova York, tinham-se namorado durante alguns anos. Larry adoeceu e morreu. Não houve compromisso formal e embora a mãe de Larry tivesse encontrado Violet no enterro, estava absorvida pela própria dor e só veio a ouvir falar da moça certa noite, três meses depois quando passou por estranha experiência.

Às 3 da madrugada de um domingo pensou que o filho estivesse na porta do quarto pedindo-lhe que ajudasse Violet, que estava em dificuldades.

A sra. M., muita aflita, esperou até que amanhecesse, telefonando à moça às sete horas, dizendo quem era e perguntando se estava bem. Violet não respondeu, de sorte que a sra. M. disse que lhe comunicasse se tivesse alguma necessidade e, achando estranho não ter tido resposta, desligou.

Algumas semanas depois a mãe de Violet telefonou dizendo que ela e a filha gostariam de visitá-la. Vieram e disseram o que acontecera. Violet desmaiara quando atendeu ao telefone naquela manhã.

Quando Larry lhe fazia corte, sempre a acompanhava até a porta do apartamento, mas, depois que ele morreu, ela começou a chegar tarde em casa, mesmo depois de parar o elevador (meia-noite).

Na noite da inquietação, chegou em casa às 3 da madrugada, hora em que Larry apareceu à mãe. O elevador não funcionava e ela teve de subir pelas escadas. Atacaram-na no segundo andar e a violentaram. Não pôde suportar o telefonema, da sra. M. de manhã e desmaiou. Mas não disse aos pais o que lhe havia acontecido. Agora, muito mais tarde, que o resultado era certo, contou à mãe. Fizeram a visita porque Violet precisava de quem a auxiliasse e não sabia a quem recorrer. A sra. M. sentiu que era impossível deixar de atender ao pedido do falecido. Levou Violeta uma parteira. E assim ajudou-a conforme o filho tinha pedido.

Naturalmente, é difícil resolver quanto à origem da mensagem em casos tais. O peso do motivo parece estar fortemente do lado do

morto. Mas o vivo também teria com certeza interesse até certo ponto. Seria bastante forte?

Às vezes a relação é tal que o receptor vivo não tem qualquer relação com uma terceira pessoa a quem a mensagem se dirige. Esta vem, portanto, de maneira indireta, na qual qualquer motivação que a pessoa viva tivesse não seria evidentemente de ligação emocional.

Um senhor que era estudante de Direito na Universidade de Columbia em 1912 diz: "Estava praticamente quebrado. Escrevi a meu pai pedindo um empréstimo. Estava ampliando o negócio e, no momento, não tinha recursos. Mandou-me, entretanto, uma coleção de moedas antigas que herdara do pai, dizendo que talvez eu fosse capaz de levantar dinheiro sobre elas.

"Precisava de 35 dólares e procurei antiga loja de moedas no centro. Mostrei a caixa de moedas, que o dono da casa examinou por duas vezes, emprestando-me o dinheiro. ele embrulhou e lacrou a caixa, mas não me deu qualquer recibo e separei-me dele e das moedas para todo o sempre. Quando voltei para resgatar as moedas, não estava mais lá, ninguém o conhecia e minhas cartas foram devolvidas.

"Meu pai escreveu-me recomendando que não mencionasse a perda à família, dizendo também que nada dissera. Casei-me, exercia a profissão e não discuti este assunto com pessoa alguma. Mas estava profundamente preocupado e imaginava fazer um fundo para distribuir às minhas irmãs, quando ele falecesse, o que ocorreu em 1924.

"Pouco depois do enterro recebi uma carta de uma senhora do Estado de Washington que tinha servido temporariamente como estenografa em meu escritório alguns meses antes. Dizia não compreender mas queria contar-me um incidente. Na noite precedente, apareceu-lhe em sonho um senhor idoso, dizendo-se meu pai. Era baixo e reforçado, calvo, tinha bigodes longos e parecia-se muito comigo. Pediu-lhe que ouvisse, dizendo que tinha procurado enviar-me uma mensagem e não podia. Sabia que ela me conhecia e

pedia-lhe que me dissesse da parte dele: Não se preocupe com as moedas, que eu havia de compreender”.

"Meu pai sempre trouxe bigodes longos, tinha só 1,60m de altura, era espadaúdo e forte. A mensagem dele significava muito para mim na obrigação que tinha em relação à minha mãe e irmãs, em problema que não sabia como resolver, mas que era preciso resolver para ter tranqüilidade de espírito e de consciência.

"Como podia esta senhora ter descrito meu pai, transmitindo o aviso para que não me preocupasse com as moedas? O único assentamento que eu tinha era o nome e o endereço do lugar onde as tinha deixado."

Continuando a discutir este assunto, às vezes acontece que a relação ainda é mais remota, porque a pessoa que recebe a mensagem talvez nem mesmo tenha qualquer ligação direta com o morto.

Uma senhora da Califórnia que possuía um casal de cachorros de puro sangue mandava às vezes as crias a um canil situado a certa distância na parte sul do estado. Embora tivesse trocado correspondência várias vezes com os donos do canil, não os tinha nunca encontrado. Certa noite, contudo, sonhou, conforme diz que: "Estava andando no meio de pessoas que pareciam muito felizes quando um homem se aproximou e segurou-me a mão. Ria e mostrava-se muito satisfeito por ver-me. Disse: Sempre desejei encontrá-la, porque aprecio muito as suas cartas. Disse-lhe: Não o conheço, parece-me. Respondeu: Conhece sim, por causa dos cachorrinhos. Lembra-se? Os cachorrinhos. Disse-lhe: Não sei o que quer dizer com os cachorrinhos. Respondeu-me: Lembra-se dos cachorrinhos e deve dizer-lhe que me viu, porque ficará consolada.

Quando acordei contei o sonho a várias pessoas, inclusive meu marido. O sonho era tão claro que não podia esquecê-lo, de sorte que o contei várias vezes. Depois de duas semanas recebi uma carta da mulher do dono do canil contando que quando o marido tinha ido buscar as crias tinha morrido de um ataque cardíaco, enquanto estava na estação. Antes de sair de casa não se sentira bem, mas dissera ser

preciso ir buscá-los. Escrevi-lhe a respeito do meu sonho, descrevendo o homem que falo comigo. Tanto ela como o filho me responderam dizendo que o homem do meu sonho era o marido e o pai, sem dúvida alguma."

Sem dúvida alguma, também, o falecido neste caso teria motivo mais imediato e mais forte para transmitir a mensagem do que quem teve o sonho. Contudo, teria sido o motivo dela bastante forte para fazer com que tivesse esse sonho não realista?

Nos casos precedentes, vê-se que a força dos motivos pessoais dos vivos varia grandemente. Quase nunca é possível dizer que o indivíduo não teve motivo para a experiência, embora em alguns casos seja evidente que o motivo não era forte. Mas se nos lembrarmos da tendência a "alcance livre" de alguns espíritos para receberem informações de PES, torna-se evidente que pelo menos certas pessoas passam por experiências de PES sem forte motivação, bem como em certas ocasiões são capazes de colher informações de série praticamente ilimitada de fontes. Nesse sentido, nos casos de motivo evidentemente fraco por parte da pessoa viva, ainda não é possível dizer finalmente se seria ou não capaz de obter essa informação e dramatizá-la sob a forma que assumiu na experiência. Não precisava ter um fator e a influência do falecido poderia ter sido esse fator. Mas - embora em certos casos a atuação do espírito se afigure ter sido o fator importante - a comparação dos motivos deixa a questão sem solução, porque não é possível, em experiência alguma, dizer que somente o morto tivesse tido qualquer motivo para transferir a informação.

Têm-se referido alguns casos em que certa circunstância especial parece vir em apoio da possibilidade de ter sido o morto parte ativa. Um caso desses ocorreu a uma senhora canadense de minhas relações e ao filho Ned, de vinte e um anos, que morreu repentinamente em um acidente. Durante algum tempo depois da morte, a mãe teve sonhos em que ele aparecia. Depois a irmã Ethel começou a vê-lo como se vivo estivesse em sonhos. Uma noite, a mãe que estava

deitada, mas acordada, pensava nele e na possibilidade de mandar-lhe uma mensagem por meio de "telepatia" conforme pensava que ele estivesse fazendo para com elas. Procurava imaginar qual a mensagem a mandar que fosse bastante importante de sorte a penetrar no "grande silêncio".

De repente soube exatamente como deveria ser. Desejara dizer-lhe depois que se fora como lastimava não ter podido despedir-se dele beijando-o.

"Resolvi concentrar-me nisto e mandar-lhe um último beijo, de sorte que excluindo do espírito qualquer outro pensamento procurei formular a mensagem. Em seguida, num momento de entusiasmo esperançoso pedi-lhe que me mandasse um beijo se recebesse o meu.

"Logo que assim o fiz, achei que era pedido bastante tolo. A maneira única de que dispunha para mandar-me um beijo seria em um sonho e então eu pensaria que o tinha preparado no meu próprio subconsciente. Pedira o impossível, de sorte que o afastei do espírito pensando: É isso mesmo.

"Alguns dias depois, mas dentro da semana, Ethel veio procurar-me para dizer que tivera outro sonho da série. Por acaso, não tinha contado a ninguém a minha experiência e na realidade não tinha mais pensado nela. Imagine-se a minha surpresa quando Ethel disse: E muito engraçado. Sempre que tenho sonhado com Ned ele aparece, abraça-me e beija-me. Mas desta vez voltou-me às costas e a beijou. Fiquei sentida e disse: Como, Ned, não vai beijar-me? Ele riu loucamente, chegou perto de mim e me beijou também.

"Naturalmente, fiquei forçosamente impressionada com esta resposta que me vinha assim por maneira indireta. Era meio hábil de contornar a dificuldade. Ela não sabia que recebia mensagem especial para mim, e, além disso, o intervalo de vários dias fazia supor que não tivesse recebido a mensagem telepaticamente de minha parte, mas viajara por algum caminho indireto através de outros intermediários.

Notava-se também outro fato interessante. Ethel mencionara ter ficado intrigada com a risada de Ned, tendo-se ressentido, porque nada via de engraçado em ter ele deixado de cumprimentá-la. Para mim, a risada dele referia-se à parte mais acentuada do sonho. Se tivesse recebido do meu espírito o material para o sonho, a parte que era tão clara para mim não seria tão obscura para ela, o que parece bastante evidente. Além disso, ela reconheceu o sonho como sendo um da série porque a tranqüilizava quanto a problema imediato de interesse dela. Não lhe ocorreu conter qualquer comunicação especial para mim até que lho disse. Nunca mais tentei qualquer outra experiência semelhante, por ter transmitido a única mensagem que sentia necessidade real de levar a termo."

Neste caso, embora não seja possível distinguir entre a intensidade do motivo da mãe e do filho, ou da filha e do filho, o processo por meio do qual os vivos poderiam ter produzido o efeito complica-se com a introdução de terceira pessoa, a irmã do falecido. Desse modo inclina-se à balança a favor dele, sem excluir em absoluto os vivos.

Outra circunstância capaz de inclinar a balança de situação equilibrada consiste na introdução na mensagem de algum elemento com que o vivo não está ou pensa não estar ou pensa não estar familiarizado. Tais elementos, se suficientemente "bons" acresceriam outro aspecto por meio do qual seria possível procurar distinguir entre os papéis representados pelos vivos e pelo morto.

Uma senhora do Connecticut teve sonho muito realista a respeito do pai, que falecera uma semana antes. De fato, foi tão real que depois não podia acreditar fosse sonho. Pelo menos, quando acabou, estava sentada na cama e sentia-se toda fria. Pensava que estivera a subir e descer escadas e que o pai se encontrava na casa. Conforme se lembra:

"Parecia que eu tinha chegado de pouco. Acordei meu marido e perguntei: Acha que saí da cama? Respondeu Não sei. Então eu disse: O pai veio e me deu um recado para minha mãe mas disse-lhe que o

esqueceria antes de amanhecer. Estou com medo de esquecer, será que você se lembrará dela para mim? Nunca ouvi palavra tal. Pedi-me que dissesse à minha mãe qualquer coisa a respeito do forno e se procurasse acharia um... em cima do tubo. Não esqueça, porque seria terrível se não me lembrasse para dizer à minha mãe." Meu marido repetiu a palavra mas de manhã já a havia esquecido como eu também. A palavra é o objeto em cima do tubo mas eis o que aconteceu no sonho.

"Sonhei que tinha estado na cozinha, no pavimento térreo. Era de noite; fazia muito frio e estava com as costas para o fogão, que estava abafado e desprendia pouco calor. Estava tremendo. Ouvi um barulho vindo em direção à porta da frente como correntes sacudidas e pés arrastados. Abri a porta e meu pai entrou. Tinha sobre os ombros o sobretudo grande que usava quando trabalhava e fazia frio. Fiquei aterrorizada mas procurei não demonstrá-lo. Disse-lhe: Assustei-me mas estou contente por vê-lo. Parece que está com frio. Esta se sentindo bem? Desculpe-me se tive medo. Olhou-me de certa maneira triste mas aborrecida e disse: Tenho procurado transmitir um recado para sua mãe mas ainda não consegui de sorte que vim procurá-la. Ela está tendo dificuldades com o forno. Quero mandar-lhe um recado e não esqueça. Há de dizer-lhe que fiz uma montagem de... por trás do tubo. Disse uma palavra como gerador ou outra qualquer com a qual não estou familiarizada. Disse-lhe: Como poderia esquecer o que me veio dizer vindo do outro lado? Respondeu: Ora, você vai esquecer. Você está sempre esquecendo, largando a bolsa em qualquer lugar, nunca se lembrando de nada. Depois disse: Não posso demorar-me. Deixaram-me vir aqui para dizer-lhe isto e tenho de ir embora.

"De manhã procuramos, eu e meu marido, lembrar-nos da palavra, mas não foi possível. Não me sentia disposta a dizer à minha mãe com receio que ela não ligasse importância, mas na noite seguinte fui vê-la e contei-lhe o que tinha acontecido. Ela disse: "Não é mesmo estranho? Ontem de noite quase incendiei a casa. Você sabe

que seu pai sempre cuidou do forno e tinha montado um dispositivo qualquer no tubo que nunca me explicou como era. O forno aqueceu demais e já estava quase chamando os bombeiros quando afinal tirei seu irmão da cama telefonando-lhe. Pensei que não atendesse ao telefone. Descobrimos no momento oportuno a bugiganga que seu pai montou. "

Se ela se lembrasse da palavra e verificasse não tê-la ouvido nunca em relação à aplicação especial conforme o pai a empregava, o caso serviria de exemplo de conhecimento que mais provavelmente teria provindo do falecido. Infelizmente a filha não se lembrou. Talvez não fosse, afinal de contas, palavra tão incomum; que somente se usasse raramente em casos tais ou que a pessoa não houvesse ouvido algum dia. Sem ter certeza, portanto, que a palavra omitida era dado real, não é possível se a filha teve - em lugar de "mensagem do além" - sonho não realista, estimulado pelo conhecimento de PES da crise relativa ao forno. Contudo, termo técnico dessa espécie seria a favor da atuação do falecido.

Poucos incidentes, muito poucos mesmo, registram-se de crianças que tenham recebido mensagem de algum morto. Se, contudo, a criança em causa é muito nova, será necessário supor a atuação do morto pelas ações dela. Fazê-lo prejudica a certeza da interpretação do episódio. Uma senhora de Nova York relata situação desta espécie. No verão de 1945 o casal arrendou por intermédio de um agente uma casa perto da praia na costa de New Jersey.

Depois de chegarem puseram o filho de dois anos em um dos quartos para dormir de tarde. A mãe ouviu o menino dizendo: Vejo homem, vejo homem. Ela espiou para o quarto e viu o menino de pé no berço sorrindo e apontando para cima. Nos dias seguintes o fato repetiu-se, chamando o menino às vezes os pais com grande insistência. Saía do quarto, segurava alguém pela mãe e voltava, apontando a sorrir ao reconhecer: "Vejo homem." Às vezes espiavam para dentro do quarto sem que o filho percebesse e viam-no sorrir, oferecer brinquedos, etc. ao homem invisível. Anteriormente o

menino não tinha visto nunca o que outro não pudessem ver, e desta vez não foi possível descobrir qualquer sombra móvel ou objeto que parecesse remotamente com um homem no ponto para o qual apontava.

Assim aconteceu durante o mês inteiro em que estiveram na casa. No dia em que ia embora, a dona a respeito da qual nada sabiam, veio visitá-los. Quando entrou ficou muito perturbada, quase chorando. Explicou que era a primeira vez que vinha à casa desde a morte do marido ele gostava do lugar e tinha morrido no quarto onde o menino estivera.

Quando viu o menino observou que o marido teria gostado "daquela adorável criança. Gostava muito de crianças".

Em alguns exemplos, um incidente que compreende pessoa jovem capaz de lembrar-se e relatá-lo, causa impressão porque o teor ou a implicação do episódio deveria ter ultrapassado a compreensão da pessoa na ocasião.

Em Oklahoma, em 1919, uma rapariga de quinze anos teve um sonho em que o padrasto lhe deu uma mensagem de aviso em relação à mãe dela. A mocinha e o padrasto tinham sido muito unidos. Conforme conta: "Mamãe era muito gentil, cristã que sempre trilhara a senda estreita e direita. Depois da morte de meu pai alugamos uma casa pequena que pertencia a um casal ideal, tanto quanto até então eu podia saber.

"Uma noite estava dormindo com minha mãe e não tinha quase me lembrado de papai durante o dia, quando de repente, uns dez minutos depois de termos ido para a cama, ainda não tendo adormecido,... ouvia voz de papai tão clara como algum dia ouvira quando estava vivo. Parecia vir do outro lado das montanhas e dizia: Sis (meu apelido) sua mãe está ameaçada de séria dificuldade. Vão falar muito dela, mas fique sempre junto dela; é muito boa e aprecia-a muito.

Acordei mamãe logo que a voz parou e repeti palavra por palavra o que papai dissera. Ela respondeu não saber de coisa alguma que o

fizesse falar como tinha feito e que provavelmente eu estava sonhando.

"A voz também disse: Há um abismo entre nós, de sorte que você tem de ficar com ela enquanto se passar o que vai acontecer, porque não posso vir para ela. Assim dizendo a voz extinguiu-se.

"Em menos de um ano o homem de quem alugáramos a casa tinha convencido minha mãe que não vivia com a esposa há seis anos e queria casar-se com mamãe. Na realidade ainda vivia com a primeira mulher, mas obrigou-a a pedir divórcio. Houve um escândalo e até hoje minha pobre mãe está pagando pelo erro que cometeu. As relações dele com ela mostraram-se más de toda maneira. Porque deu tal passo trazendo para si tantas dificuldades, perdendo o bom nome e quase a vida?

"Porque aquela voz se dirigiu a mim? Na ocasião nada sabia a respeito daquele homem. Mas tudo aconteceu conforme papai disse. Fiquei em companhia dela conforme ele me pedira e nunca me arrependi."

Admitindo-se que a mocinha tivesse forte motivo para ajudara mãe, poderia ter compreendido suficientemente a situação aos quinze anos de idade para prever as conseqüências e reconhecer o perigo? Sem dúvida o falecido teria compreendido perfeitamente.

Nestes diversos casos, podem ver-se as soluções e parte das dificuldades de julgamento que oferecem. Em alguns exemplos os motivos são desiguais e decisivamente mais fracos por parte dos vivos, do que dos mortos. Em alguns outros, mais outro fator ou complicação vem aumentar ainda mais a possibilidade de não ser o vivo o autor não ajudado da experiência. Mas em cada caso separadamente podem juntar-se fraquezas individuais, conforme acontece praticamente com qualquer experiência de PES, se considerada isoladamente. Conforme assinalamos no começo, a força das experiências de PES na vida, conforme expostas neste livro, reside no grande número, contra o fundo de experiências de psi em laboratório. Quanto à influência do morto, um e outro elemento

faltam. Em primeiro lugar, o número de experiências relativas ao tema é comparativamente pequeno. Em contraste com a grande quantidade de casos que confirmam a telepatia ou a precognição, quase se podem deixar estes de lado. Somente o interesse especial do problema que apresentam e não o peso pela abundância, os assinala à atenção.

Em segundo lugar, faltam os resultados experimentais que provem a sobrevivência de algum elemento da personalidade. A tentativa que mais se aproximou de tratamento experimental da questão da sobrevivência realizou-se no estudo de médiuns, indivíduos que se diz transmitirem comunicações dos mortos por meio de escrita automática, por pronunciamento em transe ou outros mais. Realizaram-se estudos de diversos médiuns sob controle rigoroso que merecem a denominação de experimentais, por terem sido conduzidos de tal maneira que se tornou possível excluir o conhecimento sensorial do médium, a agudeza de raciocínio e a possibilidade de revelação desprevenida por parte da pessoa que procura comunicação. Entretanto, as pessoas a quem esse material se destina, recebido em tais condições, teriam de julgá-lo certo ou não e nesse julgamento estaria possível fonte de erro.

Em um estudo na Universidade de Duke, realizado por J. B. Rhine e J. G. Pratt, fez-se uso pela primeira vez de mais uma precaução, que consistiu em fazer com que a pessoa a quem se destinava o material ignorasse qual dos pronunciamentos do médium - apresentados datilografados para o interessado verificar - a ele cabia. Dessa maneira mostrou-se que o médium submetido à experiência (a senhora Eileen Garrett) dera informações certas em grau estatisticamente significativo.

Apesar de todo este apuro de técnica, contudo, a experiência ainda deixou sem resposta a pergunta importante. A informação que o médium provém dos mortos que tinham significado proporcioná-la ou o médium a produziu pela própria aptidão PES (bem documentada), dramatizada inconscientemente sob a forma de

mensagem do morto? A investigação ainda está neste ponto, com a mesma pergunta sem resposta que paira sem solução sobre as experiências individuais.

O desenvolvimento científico de qualquer ramo de investigação procede geralmente da observação de ocorrências naturais espontâneas para a fixação por meio de experiência. Neste assunto está ainda por fazer a experimentação decisiva. O processo para ela seria sem dúvida estimulado por maior número de experiências relatadas cujo alcance fosse tão grande como algumas anteriormente citadas. Não se precisa necessariamente de enorme número, mas somente do suficiente que sejam realmente dados exigindo investigação. Pode muito bem acontecer que se encontrem experiências em número muito maior se chegar a apreciar-lhes melhor o valor e significação. É razoável supor que, se existam personalidades desencarnadas capazes de influir sobre os vivos e com eles manter comunicação, assim o farão com certo grau de freqüência. É possível que a prova esteja à mão, sendo necessário tão só abrir os olhos para vê-la.

Obedecendo a esta orientação de raciocínio, é preciso também não perder de vista a orientação oposta. Ao realizar o presente estudo, vimos a interpretação diferente que é possível atribuir a muitas experiências que dizem respeito a mortos, simplesmente devido a ter-se estabelecido PES. Certo número de ocorrências, com especialidade muitas das "coincidências de morte" que outrora se consideravam muito razoavelmente como prova de sobrevivência, perderam a importância porque podem ser perfeitamente indicação das faculdades de psi dos vivos.

Tendo em mente este pensamento equilibrado, ainda é possível reconhecer a significação do estabelecimento de psi sobre a questão de sobrevivência. Psi, seja quando expresso em experiências pessoais ou em ocorrências nos limites das experiências de laboratório, revela o ser humano dotado de aptidões que transcendem as da constituição puramente material e sensorial. Essas aptidões ou qualidades, em si

mesmas, são de ordem espiritual, se com este termo exprimirmos o extrafísico. Talvez sejam a primeira prova evidente produzida pela idade científica.

A maneira científica de encarar este grande setor - isto é, as aptidões incomuns do ser humano e o destino final da personalidade - é relativamente nova. Seja qual for o valor da maneira antiga de encarar este assunto - e devemos ser gratos por tudo quanto nos trouxe e conservou para a civilização - introduziu-se agora esta maneira científica de encará-la, a qual se revelou maneira fecunda para aquisição de conhecimentos mais vastos e melhor compreensão da natureza íntima do homem. Embora ainda nos seus primeiros estádios, promete patentear novos horizontes se o mundo desejar bastante as respostas de sorte a fazer o esforço para encontrá-las.

A perspectiva mais ampla

Acabamos de fazer o levantamento do campo das experiências espontâneas que resultam de psi. Embora os casos provenham de muitas pessoas diferentes largamente separadas por espaço e tempo, vislumbram-se semelhanças que sugerem, no fundo, a atuação de processos legítimos, por maiores que se afigurem as diferenças superficiais.

Em todas estas ocorrências distintas, vemos pessoas fazendo descobertas do mundo que lhes é peculiar, obtendo informações de fontes não exploradas pelos canais sensoriais, fontes tão diversas e aparentemente tão inacessíveis como pensamentos, objetos, e o futuro. Além disso, as informações provêm não só dessas diversas fontes separadamente mas também de todas elas combinadas. Vimos confusas a linha de separação entre telepatia e clarividência. Muitas vezes em experiências assinaladas como de PES não é possível distinguir o próprio acontecimento, por faltarem informações, mas também porque a fonte da experiência compreende tanto o pensamento quanto o objeto. No setor de precognição, igualmente, as distinções nem sempre são nítidas. A separação entre presente e futuro é muita vez confusa; percebem-se o passado e o futuro como se fossem o presente. A percepção extra-sensorial dessas várias situações parece compreendê-las todas, como em campo de ação sem tempo e sem espaço.

Na realidade, é tal a perspectiva que os limites de distinção entre os tipos se afiguram simplesmente marcos superficiais necessários, de início, para fazer "sentido". Agora se verifica serem somente sinais de giz, como os sinais preliminares para levantamento de mapas, que não indicam forçosamente as divisões fundamentais da realidade.

Qual será o significado de tudo isso em relação ao universo dilatado, o mundo que é a fonte de todas as nossas informações, venham elas por meio dos sentidos ou mediante canais ocultos?

Significa talvez fundamentalmente que as diferentes dimensões da realidade não se distinguem segundo indicam os sentidos. Tem-se a impressão que a percepção pelos sentidos sobrepõe estas distinções à realidade, sendo tais diferenças, de algum modo final, entre o pensamento e objeto, perto e longe, presente e futuro, simplesmente superficiais, criações do espírito humano. Os estudiosos que procuram compreender o mundo reconheceram que por trás dele, como o conhecemos, deve existir realidade inteiramente diversa do conceito psicológico que nos é familiar. As implicações das experiências de psi ajustam-se à idéia de realidade menos limitada, juntando-lhe os dados da observação. Seria então de concluir que a realidade vislumbrada através de psi fosse representação mais verdadeira do que a que nos fornecem os sentidos.

Conceito da realidade sem as distinções familiares, contudo, é quase incompreensível para os mortais que somos, condicionados pelos sentidos. Alguns dentre nós serão talvez capazes de fugir até certo ponto aos antolhos de tal condicionamento. Mas a grande maioria é incapaz de fazê-lo e ficará, sem dúvida, por muito tempo sem compreender em face do mistério da realidade sugerida por psi. Continuaremos incapazes de conceber como será possível conhecer os pensamentos de outrem ou perceber evento oculto ou futuro; incapazes de imaginar como a precognição, a intervenção e o livre arbítrio poderão ser fatos, se é que são. Esta incapacidade de "imaginar" é e será a nossa limitação - da mesma sorte que é limitação para muitos dentre nós a incapacidade de sentir a realidade da estrutura atômica, de sorte que a mesa continua mesa; a pedra, pedra; e nem uma nem outra se toma sistema de partículas diminutas dentro de vasto espaço, independentemente da maneira segundo a qual saibamos a teoria física.

Apesar de tudo, chegamos finalmente a aceitar a teoria da estrutura atômica como idéia, muito embora não nos pareça real nunca. De igual maneira, em tempo, quando dispusermos de informações quanto ao conceito e com ele nos familiarizarmos, chegaremos igualmente a reconhecer o universo conforme vislumbrado por PES. Chegaremos a sabê-lo, sejamos ou não capazes de reconciliá-lo com o universo que os nossos sentidos nos apresentam.

De qualquer maneira o mundo continuará exatamente o mesmo. Não teremos nem mais nem menos liberdade quando soubermos que alguns sonhos se tornam realidade, que por vezes o distante está mais perto do que o próximo, e que o futuro vez por outra é possível. Viveremos com estes elementos desconhecidos e, queiramos ou não, os utilizaremos, para que nos tornem mais suave à senda ou a fim de evitar calamidades pessoais.

À proporção que compreendemos ser o mundo mais vasto do que parece, e que somos mais do que os mortais acorrentados aos sentidos que o estádio mecanicista da ciência pretende nos convencer que somos, apreciaremos o universo expandido. Veremos que, se dispomos desse potencial, o universo será maior do que se afigura. Compreenderemos que, pelo menos logicamente, há espaço bastante para a continuação de parte da personalidade depois de terem cessado de funcionar os sentidos. Seja ou não real semelhante continuação, ou seja qual for à maneira de operar que lhe caiba, é atualmente questão sem solução e assim talvez continue por muito tempo. Mas pelo menos deste ponto de vista, é de ver que assim poderia ser.

Este vislumbre de universo mais vasto é o ponto culminante do exame das experiências de psi. Realmente, é ponto culminante que ultrapassa o tema da sobrevivência da personalidade. É ponto culminante que somente se pode alcançar atualmente com certo grau de objetividade pela maneira especial de explorar apresentada neste volume - uma excursão "escoteira". Grande parte da área é ainda território inexplorado. Todavia, o estudo das experiências em bruto, à

guisa de exploração preliminar, poderá proporcionar perspectiva ainda não acessível, utilizando caminhos firmemente assinalados. Mesmo desta posição vantajosa, é possível verificar que muitos esboços e padrões percebidos ainda não estão coordenados. Veremos que ainda é muito cedo para corrigir todas as direções errôneas iniciais, inevitáveis em exploração pioneira. Apesar de tudo, tais experiências, conjugadas aos fatos estabelecidos experimentalmente, concorrem para indicar distintamente que o espírito humano não pode limitar-se à região simplesmente sensorial. Esta parte maior do projeto de exploração do alcance mais amplo da personalidade encontra-se agora em terreno sólido e firme.

FIM